

REVISTA DOS CRIADORES

55 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Setembro de 1985 - Ano LV - N.º 667 - Cr\$ 32.000

Órgão oficial da ABC

ÍNDIA

MADRAS

PARTICIPANTES

(NELORE)

LÚCIO E SÉRGIO COSTA
CLÁUDIO GARCIA DE SOUZA
FERNANDO BRASILEIRO
IVAN DE BARROS MACIEL
JOAQUIM VICENTE PRATA CUNHA
JOSÉ OLAVO BORGES MENDES

(NELORE MOCHO)

NENEN COSTA
GERALDO RIBEIRO DE SOUZA
PAULO MACHADO BORGES

12 DE OUTUBRO - 85 - 17 HS - CAMPO GRANDE-MS

C-A MARCA CERTA

2º LEILÃO

NOVA ÍNDIA

FAZENDA NOVA ÍNDIA

DE MADRAS (ÍNDIA) A CAMPO GRANDE-MS,

NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO DO REBANHO NACIONAL

O MAIS FORTE

AGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto - com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade.

AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos.

A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.


SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA



A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Redator: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcântara, Dácio de Moraes Junior, Eng.º Agr.º Luiz Antonio Pinazza e Eng.º Agr.º Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho

Contatos: Laercio Noronha, Jacqueline N. Bomfim e Beatriz Carvalho de Andrade Silva.

Fotografia: Francisco Sciacca.

Ao fazer alguma publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceite autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque cruzado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade — Com direito a 1 AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da ABC: 7 ORTN. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor, não aceite recibo em "xerox" e pague somente com cheque nominal cruzado. Números atrasados: ao preço da última edição em banca.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685
CEP: 05024 — São Paulo - SP.

Unico Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrepel Ltda. — Edições Agropecuárias, Rua Caralibes, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo - SP.
Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Estados

Bahia: J.S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 — Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alcor de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraná:** Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2. andar - Cx. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinos - Rua 9, esquina da Pedro Ivo - Recife. **Rio de Janeiro:** Só de Ler - Aeroporto - Recife. **Rio de Janeiro:** Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.



SUMÁRIO

Agosto de 1985 — Ano LV — N.º 667

7

Pela ABC
Grande Reunião de
criadores do
Controle Leiteiro

8

Desde 1944 instituído
o Serviço de Controle
Leiteiro

11

Confraternização de
Criadores

15

Troféu
Balde de Ouro

17

Um novo serviço da
Associação Brasileira
de Criadores —
Serviço Auxiliar

19

O controle da
alimentação da vaca
leiteira no
Controle Leiteiro

20

Análise sobre o
custo da produção
do leite "B"

32

Produção de Leite "A"
e seleção de
Pardo Suíço em
Jundiá-SP, no
plantel sob controle

35

O fazendeiro do mês:
Fortaleza: uma
fazenda modelo

39

Negócios Rurais

52

Alimentação de
ruminantes

59

Alimentação racional
de bezerras

60

O Nelorista
Fazenda São João
produzindo campeões
há 25 anos

111

RRZ — Tipo, produção
e longevidade em
gado leiteiro.
Revisão — Programa
de pastagens tropicais
— Seminário da
CIAT (1977-1983)

131

6.ª pesquisa de
progenie — 2.ª série
— Filhos de
Gigante JO

SEÇÕES

- 3 .. Ponto de Vista
- 4 Reforma Agrária
- 27 ... ABC - Rio de Janeiro
- 59 Gente
- 81 Mangalargan... do brasa
- 126 ... Mecanização
- 128 Registro
- 140 .. Crônica Minas
- 143 Serviço
- 144 Direito Trabalhista Rural
- 145 Leilões e Exposições
- 148 ... Das Empresas



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional

58 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brumero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José de Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapchap
Lúlio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior
Antonio Tadeu Jallad

Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Laila Veiga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantusio
Honorato Rodrigues da Cunha
James Galvão Bresciani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Brito
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Pericelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço
Ponderal de Controle de Peso
e Pré-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos



São Paulo: Rua Jaguaribó, 634 - fone: 826-3033, Caixa Postal 9194.
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberto até às 22 horas. S. J. Boa Vista - Rua Gabriel Ferreira 83 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3. São Cristóvão. Fones: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-2307.

A agricultura precisa de condições para produzir

De um país "celeiro do mundo", o Brasil, por inépcia dos seus dirigentes, transformou sua agricultura e a produção de alimentos numa vergonha nacional: grandes áreas de terras ociosas e lavas de ex-lavradores nas cidades, vivendo em condições sub-humanas. O culpado por essa situação não são os grandes e nem os médios ou pequenos fazendeiros, como querem fazer crer algumas correntes políticas. O curso normal da agricultura, que sofreu um progresso qualitativo extraordinário, foi bloqueado por decisões equivocadas do Governo — preocupado em direcionar seus investimentos apenas nos setores urbanos. E, como se revelou, uma política verga — capaz de colocar o país na posição de 8.ª economia do mundo e também produzir um contingente nada desprezível de miseráveis, cuja qualidade de vida se assemelha a dos países de desenvolvimento incipiente.

E o êxodo rural, levado a extremo nas últimas duas décadas, continua despejando mão-de-obra desqualificada nas cidades onde rareiam os empregos e ao mesmo tempo vem desfalecendo a agricultura de braços para lavar e produzir alimentos. Porém, atribuir, como se tem feito, a anomalia aos grandes fazendeiros é um equívoco e uma injustiça. Os

fazendeiros, aqueles que amam e vivem da terra, mantêm-se como podem, mesmo que as condições lhes sejam adversas. Produzem alimentos, mesmo a custa de prejuízos. E são justamente eles que formaram um dique que impediu a derrocada no fornecimento de alimentos.

O êxodo rural é fruto exclusivamente da insensibilidade política dos nossos governos. São homens que, dos seus gabinetes, decidiram minuar os recursos da agricultura e tiraram até o oxigênio que poderia fazer o setor de alimentos progredir espontaneamente. Tirou, assim, instrumentos mínimos para se produzir alimentos. O Japão, por exemplo, que, sem poupança e com grande contingente de braços para trabalhar, resolveu extrair dessa desventura a riqueza que hoje ostenta, usando um raciocínio elementar: a agricultura exige poucos recursos e a mão-de-obra é abundante e barata.

No Brasil, as condições eram e são semelhantes: não tínhamos poupança e dispúnhamos de braços em excesso. Porém, resolvemos desprezar essas condições e sobretudo contrariar a generosidade oferecida pela natureza — abundância de terras cultiváveis, solo, inverno pouco rigoroso e uma grande diversidade de clima.

E, mais do que isso, homens criados, em sua maioria, lavrando o solo. Sem poupança, resolvemos endividar e construir verdadeiros elefantes brancos. O mal, nessa política, não reside na decisão de industrializar o país e sim no desprezo dispensado ao setor primário — colocado no pelourinho nos últimos anos. Era possível não só desenvolver a indústria como a agricultura simultaneamente. Porém, a vesguice da decisão de privilegiar apenas um setor levou o país para uma mescla de uma Suíça e uma Biafra convivendo sob o mesmo teto.

Sempre que há trocas de governo a esperança emerge. Porém, apesar de atitudes louváveis do novo governo, como a decisão de comprar a quase totalidade da safra passada, o Governo da Nova República tomou uma decisão equivocada logo a seguir, colocando os carros diante dos bois, ao anunciar a reforma agrária. Não que a mudança do perfil fundiário não seja necessária. E, mais do que mudar a estrutura fundiária, necessário oferecer instrumentos para produzir e a reforma agrária deveria ser apenas um item de uma nova e ampla política para a agropecuária. Reforma agrária, sem a necessária condição para produzir, está fadada ao fracasso.

É necessário, antes de implementar a reforma agrária, que se decida oferecer os instrumentos necessários para produzir recursos para investimentos e custeio, política de preços, seguro rural, serviço de extensão e programa de estocagem. Os empresários rurais não se opõem a uma reforma agrária, porém, clamam por condições para fazer suas terras cumprir sua função social, qual seja produzir. É necessário ouvi-los e com eles decidir toda a política para a agropecuária — e que ela não seja efêmera. Só falta instrumentos que dêem garantia à produção — o resto virá espontaneamente: temos tecnologia avançada, clima favorável, mão-de-obra em abundância, solo e empresários capazes e dispostos em investir na agropecuária. A agricultura, dispondo de condições, contribuirá, com certeza, com o desenvolvimento do país. Mesmo sem essas condições, o setor tem contribuído com mais de 50% das divisas ingressadas no país e tem alimentado, dentro do possível, uma população de 130 milhões de bocas. E é um setor que exige menos importação e nossas indústrias de insumos atingiram um estágio de modernização invejável, mas, por causa da falta de estímulo à agricultura, estão trabalhando com capacidade ociosa. FEIN.

REFORMA AGRÁRIA

O problema da Reforma Agrária, que não deveria ser uma questão polêmica a que provocou controvérsia por erros embutidos no Plano Nacional de Reforma Agrária, continua em debate. Por causa de equívocos do PNRA, a reforma agrária, como foi colocada pelo Governo, trouxe intranquilidade para a classe rural e uma das primeiras consequências negativas pode ser a redução da produção da próxima safra.

A Editora dos Criadores está atenta à questão e acredita que os proprietários rurais precisam continuar unidos para que não sejam surpreendidos com resoluções governamentais, como a que gerou intranquilidade na região de Londrina, colocada sob intervenção para efeito de reforma agrária. Publicamos, por considerar pertinentes, três trabalhos sobre a reforma agrária recebidos dos nossos leitores.

O DIREITO DA PROPRIEDADE NO CAMPO

A.A.R. Neto, presidente da Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina (FAESC).

Tem este por objetivo apresentar a V.S. os mais sinceros cumprimentos dos criadores de Charolês das Américas pelos excelentes artigos em torno da Reforma Agrária que aparecem em sua edição de Junho do ano em curso. Parece-nos ser este o assunto de maior importância para os empresários rurais em qualquer país do nosso continente.

São notórias as dificuldades pelas quais têm passado os empresários rurais em países como Chile, Nicarágua e El Salvador. Todos eles experimentaram na própria carne experiências de Reforma Agrária que os deixaram literalmente sangrando.

O que aconteceu nesses infelizes países pode acontecer igualmente aqui se os ruralistas não se unirem e tomarem conhecimento da realidade Brasileira.

De fato, discutir técnicas agropecuárias neste momento, quando as forças da subversão estão às portas, é quase o mesmo que discutir o sexo dos anjos.

O que precisamos, com urgência e acima de tudo, é defender o direi-

to de propriedade no campo que é para todos uma questão de sobrevivência.

Por isso, ao felicitar V.S. pelos artigos que publicou, desejamos incentivá-lo para que continue abrigo nas páginas de sua excelente revista, que figura sempre nas mesas desta Confederação, artigos e estudos objetivando dar características racionais que a tornem aceitável para o ruralismo.

Tomamos a liberdade de anexar os 7 pontos da Reforma Agrária apresentados pela FAESC, que V.S. poderá publicar, se assim lhe parecer.

De qualquer forma, representa apenas a confirmação do que dissemos aqui, todos devemos contribuir, na medida do que sabemos, para evitar que o desastre de uma Reforma Agrária confiscatória caia também sobre o Brasil.

SUGESTÕES PARA A REFORMA AGRÁRIA

1. Todo e qualquer Plano de Reforma Agrária deverá ser precedido de mapeamento e recadastramento globais que permitam o zoneamento de todo o território nacional de forma a identificar os tipos de solo e outras características ecológicas, e com base nesses elementos de informação permitam a organização e racionalização da produção agropecuária do país.

2. Nenhuma desapropriação será realizada sem que seja aprovado antes o projeto para a utilização do imóvel em termos recomendáveis técnica e economicamente.

3. Estão excluídas de qualquer desapropriação por interesse social as empresas rurais, assim classificadas pelo INCRA, bem como as propriedades reconhecidamente produtivas, qualquer que seja seu tamanho ou localização.

4. Para que se caracterize uma área como sendo de "tensão social" é preciso que a evidência de agitação ou revolta, inclusive invasão de terras, seja comprovável por um período mínimo de um ano e não apenas um acontecimento isolado e esporádico ocorrido recentemente. A simples invasão de terras não caracteriza uma área como de "tensão social".

5. Somente serão outorgados gle-

bas a candidatos que provem possuir experiência de no mínimo um ano na agropecuária e possuam as condições pessoais mínimas para tornar a terra produtiva. Glebas recebidas não poderão ser alienadas durante o prazo mínimo de cinco anos, a contar da data em que forem entregues.

6. O Plano Nacional de Reforma Agrária será supervisionado por um CONSELHO NACIONAL do qual fa-

rão parte, obrigatoriamente, um representante do Executivo, um do Legislativo, um do Judiciário, um das entidades patronais e um dos trabalhadores rurais.

7. Os objetivos finais da Reforma Agrária são a maior e melhor produção de alimentos, o aproveitamento racional dos recursos naturais com especial atenção à conservação do solo e o assentamento dos agricultores sem terra.

DAS REFORMAS AGRÁRIA E AGRÍCOLA

por Rubens Malta Campos
Dirigente Sindical

Presenciei o debate entre os Dr. José Gomes da Silva, Diretor do Incra e Flávio Teles de Menezes, Presidente da Sociedade Rural Brasileira, no dia 29 de julho p. passado, no Maksoud Plaza, em São Paulo, promovido pelo Rotary Club de São Paulo-Itaim. Como ambos são muito cultos e inteligentes, o debate travou-se em alto nível. Claro que remanescem posições conflitantes, mas, parece-me, que o Diretor do Incra recebeu como positivo uma série de argumentos e dados apresentados pelos produtores rurais, devendo, então, ser modificado, e bastante, o conteúdo do último Plano Nacional de Reforma Agrária, conforme proposto pelo Governo Federal. Segundo declarou Gomes da Silva, o principal temor que nutria era que os agropecuaristas rejeitassem por completo a idéia da reforma agrária em si mesma ou a aplicação do Estatuto da Terra. Como isso não se verificou, entende que as maiores críticas feitas ao PNRA, das muitas serão absorvidas pelo Governo que deverá reformular o Plano, pois o objetivo era que a sociedade discutisse, debatesse o PNRA visando o seu aperfeiçoamento. Entende Gomes da Silva que o Governo tem que se preocupar com o aspecto social do problema e referindo-se ao caso dos brasileiros, é de opinião que a absorção desses brasileiros, pelo Brasil, é questão de dignidade nacional, com o que, aliás, todos concordamos. Enfim, disse que não pode haver uma sociedade justa em que uns poucos tenham grandes extensões de terras ociosas, meramente como reserva de valor, e uma grande maioria de brasileiros sem terra. Há que se dar uma oportunidade para que esses sem terra possam se incorporar aos produtores geradores de alimentos e riquezas. Nesse aspecto da questão, concordo com o Diretor do Incra.

Entretanto, no último PNRA proposto, foram incorporados uma série de tópicos inaceitáveis, quer por divergirem do texto base que é o Estatuto da Terra,

quer do texto constitucional. Afora isso, pelas declarações de alguns representantes do próprio Incra, de que as desapropriações de terras para o assentamento de famílias, se fariam nas regiões já desenvolvidas do País, por terem estradas asfaltadas, rede de armazéns para estocagem de produtos agrícolas, etc., gerou um indistigável mal-estar, porquanto seriam desapropriadas também terras produtivas, em função dos termos genéricos constantes do PNRA referentemente ao conceito do latifúndio por dimensão e por exploração.

Flávio Teles de Menezes, reportando-se a Tancredo Neves, lembrou que ele pretendia modificar a estrutura fundiária apenas onde isso fosse necessário e não pretendia generalizar a questão para todo o Brasil como parecia estar sendo feito.

José Gomes da Silva terminou sua participação declarando que as críticas justas que foram feitas serão levadas em consideração pelo Governo.

De minha parte, espero que o Governo Federal, na sua ação de assentar os sem terra, lembrando-se da existência de terras públicas e da Igreja, reforme também os critérios da sua atuação perante a agropecuária, para implementar efetivamente uma política agrícola que dê amparo a todos aqueles que estão labutando no campo, sejam grandes, médios ou pequenos agricultores, proprietários, meeiros ou arrendatários, pois, no geral, somos todos desassistidos em nossas necessidades básicas, por falta de critérios seguros por parte do Governo, que ora fixa valores básicos de custeio por baixo; ora reduz em mais de 55% o volume real de recursos concedidos ao setor agrícola, nos últimos anos; ora oferece financiamento de custeio com juros insuportáveis; ora mantém determinados produtos de primeira necessidade a preços aviltantes, como no caso do leite especial; ora impõe preços de garantia abaixo do custo de produção, como no caso do café, etc., etc.

REFORMA AGRÁRIA E CONSTITUINTE

Marius Arantes Rathsam

Os pecuaristas e agricultores devem cerrar fileiras em torno da liderança da Associação Brasileira de Criadores, com objetivo de defender uma classe que produz, paga impostos e está cansada de sustentar uma oligarquia de altos funcionários, cercados de escandalosas mordomias, que desejam manter os privilégios de autênticos marajás a custa do suor daqueles que alimentam o Brasil e exportam inclusive para os países socialistas, incompetentes de se alimentarem a si mesmos. O Brasil precisa de mudanças já, é isto mesmo, não podemos aceitar os trens da alegria nas esferas federais, estaduais e municipais.

A reforma agrária, pretendendo começar pelo município de Londri-

na, demonstrou que está imbuída de má fé e já está desmoralizada, cumpre-nos combatê-la com lucidez, tenacidade e constância, sobretudo constância, para desmascarar seus verdadeiros desígnios.

A nossa classe deverá ser atuante em todos os estados brasileiros, para que sejamos condignamente representados na Constituinte, ou vamos entregar o trabalho de gerações a mãos inescrupulosas?

Dirijo um apelo veemente a nossa classe: está na hora de nos unirmos, chegou mesmo o último grande momento de nos fazermos ouvir, o Brasil precisa de nós, não podemos ficar indiferentes, que o nosso baluarte seja a Associação Brasileira de Criadores.

Produza leite agora.

Você não pode perder. Ordenhadeiras Westfalia Separator em 6 vezes sem acréscimo: uma entrada e mais 5 pagamentos. É a grande promoção da Westfalia Separator para as instalações Balde ao Pé e Westmóvel. Ambas já consagradas pela maioria dos produtores de leite devido a grande eficiência.

Novo Lançamento: a instalação Westmóvel 200 garante maior rapidez na ordenha e aumenta a produtividade, porque possui maior capacidade de vácuo. E permite a ligação de mais um conjunto de ordenha quando fixada. Isso possibilita

atender até 40 animais. Aproveite. E comece a produzir leite desde já. Com a Westfalia Separator, é claro!

E pague em 6 vezes sem acréscimo.

**WESTFALIA
SEPARATOR**



Promção válida
até 30/09

PABX (0192) 42.1555 - Telex 019-1078 - Caixa Postal 975 - 13100 - Campinas - SP

Grande reunião dos criadores do Controle Leiteiro

No dia 26 de junho, a Associação Brasileira dos Criadores (ABC), através do Serviço de Controle Leiteiro, promoveu uma reunião para entrega de diversos prêmios a criadores. Com a presença de aproximadamente 250 criadores, familiares, autoridades e convidados especiais, a ABC entregou cinco troféus de posse transitória e 584 diplomas a 96 criadores que se destacaram no Serviço de Controle Leiteiro. Entre os troféus, estão os "Balde de Ouro", às recordistas por raça e a "Vaca de Ouro", na categoria Longevidade e também os diplomas de Reprodutoras Eméritas.

O presidente da ABC, o engenheiro agrônomo Joaquim Barros Alcântara Filho, no discurso, falou sobre a entidade que é presidente e detalhou, sucintamente, o que é o Serviço de Controle Leiteiro, mantido há mais de 50 anos e sua contribuição para o melhoramento genético da pecuária leiteira do país. O discurso do presidente, que abordou com precisão todos os pontos da pecuária leiteira e que publicamos a seguir, vale pela reportagem que teríamos que escrever sobre o assunto. Completando o discurso, publicamos, também, nas páginas seguintes uma ampla reportagem fotográfica que documenta a beleza da solenidade e em outras páginas os "ex" e os novos detentores dos Troféus "Balde de Ouro" e "Vaca de Ouro" e também das Reprodutoras Eméritas. A festa da ABC foi prestigiada por diversas entidades, entre elas o BCN (dr. Pedro Conde), o Banco Real (dr. Aloysio Faria), Chemitec (dr. Geralcino Dias da Silva) e Editora dos Criadores (sr. Luiz de Almeida Penna).

A seguir a esta reportagem, publicamos importantes artigos sobre os novos serviços oferecidos pela ABC: "Controle Auxiliar", de autoria do dr. Fidelis Alves Neto e "Controle de Alimentação da Vaca Leiteira no Controle Auxiliar" e "Análise sobre Custo de Produção de Leite B", ambos de autoria do dr. Manoel José Alcântara, gerente do Departamento Técnico da ABC e a palestra do médico-veterinário da ABC, Paulo Fernando Athaydes, sobre mastites, apresentada durante a solenidade.

Terminada esta introdução, não podemos deixar de assinalar que esta edição da Revista dos Criadores marcará época pela publicação de resultados tão expressivos que engrandecem não só os que dela participam com seus plantéis como aqueles que dirigem e executam o trabalho e também pelo lançamento do Serviço de Controle Leiteiro Auxiliar, um serviço que, temos certeza, contribuirá, em muito, para o melhoramento da produtividade dos rebanhos leiteiros comerciais e também para aumentar a oferta do leite. L.A.P.

Desde 1944 instituído o Serviço de Controle Leiteiro

Eng.º Agr.º JOAQUIM BARROS ALCÂNTARA
Presidente da ABC

Por iniciativa da Associação Brasileira de Criadores, aqui estamos reunidos para a solenidade de entrega de vários prêmios a criadores de gado de leite e também para compartilhar da sua justa e merecida alegria.

Em toda a história do Controle Leiteiro, esta é a terceira vez que vamos entregar vários diplomas, várias medalhas de Ouro, dois balões de ouro e o mais importante troféu do controle, que é a "VACA DE OURO".

Por um sentimento de gratidão e reconhecimento, rendo inicialmente em nome da nossa ASSOCIAÇÃO, no meu próprio e acredito que em nome dos criadores de gado de leite, uma homenagem especial ao Dr. Fidélis Alves Netto.

Foi ele que, há quarenta anos, implantou e executou o Serviço de Controle Leiteiro para a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES.

Os resultados de um trabalho ininterrupto ao longo desse período permitem que agora participemos desta festiva solenidade.

Apesar do progresso material e tecnológico espetacular dos últimos tempos, somos testemunhas de que grande parte da humanidade passa fome.

No Brasil o problema do leite é tratado como assunto demagógico.

Tal fato gera uma política governamental de constante desestímulo aos fatores da produção e, por consequência, a permanente falta do alimento.

O consumo de leite na cidade de São Paulo e nas grandes cidades do país é inferior à um terço do mínimo recomendável.

O problema é complexo, porém não resta dúvida de que o Brasil, por suas extraordinárias condições de produção, deve resolvê-lo e produzir leite e alimentos para o seu próprio consumo e para exportar aos países e populações carentes.

O aumento da produção de leite está estreitamente vinculado à sua política de preços e à seleção e melhoramento dos rebanhos. Há fundadas esperanças de que o Governo da Nova República resolva o aspecto econômico do problema, que tem sido o grande obstáculo aos necessários aumentos da produção.

No ano de 1944, a ABC, cumprindo uma das suas finalidades, instituiu o Serviço de Controle Leiteiro que, pela forma como é executado, destina-se basicamente aos rebanhos de gado puro. Sua finalidade principal é a seleção e melhoramento desses plantéis que, por sua vez, irão gerar reprodutores para o aumento da produtividade do gado das bacias leiteiras responsáveis pelo abastecimento das nossas grandes cidades.

O Controle Leiteiro da ASSOCIAÇÃO é realizado mensalmente com passagens de leite e dosagens de gordura num período de 24 horas.

Os trabalhos de cálculos e escrituração são feitos no escritório central e os resultados são comunicados mensalmente aos criadores e publicados na nossa Revista dos Criadores. Cópias são enviadas às asso-

ciações de registro genealógico das várias raças controladas.

Em 40 anos de trabalhos, a ASSOCIAÇÃO, até Dezembro de 84, controlou 83.000 vacas de 22 diferentes raças com 170.471 lactações encerradas. A raça Holandesa nas variedades preta e branca e vermelha e branca participa com 76% desse total.

Os controles foram e são feitos nos estados de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Os resultados são analisados por computador para determinação das médias de raças e de rebanhos bem como para a finalidade principal que é o teste de progênie.

Esses testes, que são rotina desde 1979, já selecionaram 770 reprodutores, dos quais cerca de 100 foram considerados "melhorantes".

Para todo esse trabalho estão diretamente envolvidos 38 funcionários, sendo 30 controladores no campo.

Por autorização do nosso Secretário da Agricultura, Deputado Nelson Mancini Nicolau, foi feito um convênio com a Secretaria pelo qual recebemos uma colaboração na forma de pessoal de campo. Isso tem permitido uma considerável expansão dos trabalhos que se refletirá dentro de pouco tempo na diminuição dos custos do controle.

Pela natureza do serviço que obriga a ida dos controladores às fazendas, onde são obrigados a permane-

cer pelo menos 24 horas, pela necessidade de balanças, de butirômetros, de centrífugas, de impressos, de máquinas de escrever e calcular, de fichários, etc... bem como de pessoal de escritório, é fácil compreender e entender que se trata de um serviço de alto custo.

Desde o início do serviço foram e são cobradas taxas dos criadores que correspondem à maior parte do custo.

O Ministério da Agricultura destina anualmente uma verba para a Associação de Gado Holandês que a repassa às sub-delegadas executoras do Controle.

Essas duas parcelas, as taxas dos criadores e a verba do Ministério da Agricultura, nunca foram suficientes para cobrir as despesas e o complemento sempre foi pago pela ABC.

Nos três últimos anos esse complemento, suportado pela ASSOCIAÇÃO, foi da ordem de 5,3 milhões de cruzeiros em 82, 25,6 milhões em 83 e 51,7 milhões em 84.

Até Maio de 85 esse prejuízo já atingiu 20,2 milhões de cruzeiros, ou seja, cerca de 4 milhões por mês.

Devo declarar que há dois anos e meio não recebemos o repasse da verba do Ministério da Agricultura que, por contrato, temos direito.

Dentro do plano de expansão da ABC, do qual destaco o prédio com 13.000 m² de área a ser construída, está também previsto a expansão do Controle Leiteiro para os rebanhos sem registro.

Além das pesagens de leite pretendemos fazer controles de alimentação, de reprodução e sobretudo um controle rigoroso do custo de produção.

A divergência nos cálculos do custo de produção apresentada pelas diversas entidades de classe dá ao Governo o direito de tabelar o leite visando o seu aspecto político em detrimento do aspecto técnico.

Se apresentarmos uma análise de custo com bases científicas, estaremos contribuindo para melhor exploração das propriedades e dos rebanhos.

Para motivar os criadores em sua inquietude de evolução e em seu esforço de produção, o regulamento do Controle Leiteiro estabelece vários prêmios e troféus.

Para estimular as boas produções, embora sem serem recordistas, foi criado o livro de mérito. A média de produção dos três últimos anos de cada raça, acrescida de um desvio padrão, constitui o mínimo para o registro no livro de mérito.

As vacas inscritas nesse livro que derem nova cria com intervalo de 14 meses passam para o Livro de Escol.

A vaca que conseguir três títulos do livro de escol é considerada reprodutora emérita. De 83.000 vacas já controladas, 772 conseguiram esse diploma.

Hoje vamos entregar 246 diplomas de reprodutoras eméritas pertencentes a 68 criadores dos quais os que recebem o maior número são Donald Graber com 19 e Joaquim Peixoto Rocha com 16.

Os troféus Balde e Batedeira de Ouro são de posse transitória e representam a produção máxima de leite e gordura por lactação.

A primeira detentora do Balde de Ouro foi a vaca Graúna, de propriedade de meu pai, que em 1946 produziu 7.105 kg de leite. Dois anos depois a vaca Manoelita, do grande e saudoso criador Dario Freire Meirelles atingiu 7.193 kg de leite. A seguir e até 1959, ou seja, em 13 anos, o record de Graúna foi sucessivamente quebrado 7 vezes, terminando naquele ano com a produção de 14.305 kg da vaca Jardineira II da raça Holandesa VB de Urbano Junqueira de Andrade.

No ano de 1980, dada a evidente impossibilidade de outras raças leiteiras atingirem os altos níveis registrados pelo gado holandês, foram criados "Baldes de Ouro" para as recordistas de outras raças inscritas no CL.

A Sociedade Anônima Frigorífico Anglo recebeu e está de posse do "Balde de Ouro" com a produção de 7.079 kg de uma vaca da raça Pitanqueiras.

O nosso ex-vice presidente, de saudosa memória, Francisco Figueiredo Barreto, conquistou o Balde da Raça Gir Leiteira quando uma vaca do seu rebanho atingiu 7.748 kg numa lactação.

O Balde da raça Pardo Sulça está com Fernando Prado Renó, de Jacutinga, Minas Gerais, num patamar de 11.707 kg de leite.

O Balde de Ouro da raça Holandesa vermelho e branca que estava há vinte e cinco anos com Urbano Junqueira de Andrade foi transferido no ano passado para Geraldino Natal Madureira, que registrou com a sua vaca Weides Miss Pancy Red 14.395 kg.

Recebeu o Balde de Ouro da raça Jersey a Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, do senador e nosso ex-presidente Severo Gomes. Nesta festa de hoje ele é transferido para a Cabana Butiá Ltda. dos Irmãos Bertagnolli do Rio Grande do Sul, que conseguiu 9.806 kg com a sua vaca Llilyn G. F. Rita.

O Balde de Ouro para a raça Holandesa preto e branca estava nas mãos de Benedito José Soares de Mello Pati com 14.463 kg de sua vaca Coyne Farms Astroking.

Nesta solenidade de hoje ele ratifica a sua posse pois conseguiu nova e extraordinária produção com a vaca 33 Coroadá Maravilha Reflection alcançando 15.993 kg de leite, que vem a ser a maior produção por lactação de toda a história do Controle Leiteiro.

A sequência de lactações registradas durante a vida de numerosas vacas criou a categoria de longevidade. O mínimo estabelecido para a classificação na raça Holandesa é uma produção de 30 toneladas de leite.

Vamos hoje entregar 289 diplomas dessa categoria para 54 criadores dos quais, os que recebem o maior número são a Fazenda Paraíso com 28 e Benedito José Soares de Mello Pati, com 18.

Acima de 50 toneladas de leite a categoria de longevidade oferece uma medalha de Ouro. Serão distribuídas 116 medalhas para vacas de

39 criadores, dos quais Benedito Pati, Cornelius de Jonge e Fazenda Fortaleza empataram com 11 prêmios cada um.

Por último, o maior prêmio do CL é a Vaca de Ouro destinada às produtoras que ultrapassarem a marca de 90 ton. de leite. Isso só é conseguido ao longo de toda a vida de excepcionais animais.

Até hoje apenas 2 vacas conseguiram esse feito. A primeira foi Aquarela de Pedro Conde com 90.198 ton. de leite. A segunda, foi Guarará Danada de Antonio Coelho Guimarães com 92.649 ton. de leite que hoje recebe esse troféu, também de posse transitória.

Ao criador Pedro Conde, que é também pioneiro no transplante de embriões e ao prezado Tonico Guimarães, o nosso cumprimento especial por essas extraordinárias marcas que refletem a alta qualidade atingida pelos seus rebanhos.

A análise dos resultados alcançados nesses 40 anos de Controle Lei-

teiro revela que a disputa pelos records é cada vez mais difícil.

Para a obtenção de altas produções é necessário muito trabalho, muito investimento e muito amor à criação.

As novas técnicas de inseminação artificial de sub-divisão e transplante de embriões são um novo e poderoso instrumento para o aumento dessas produções.

Ao meditarmos um pouco sobre esses espetaculares resultados, chegamos à conclusão de que eles servem muito mais à coletividade e ao país do que ao legítimo orgulho do próprio criador.

Os rebanhos dos pequenos e anônimos produtores de leite, cuja produtividade é muito baixa mas que contribuem com a maior parcela do leite consumido nas grandes cidades, deverão usar como reprodutores os filhos dessas vacas controladas. Os benefícios e vantagens para todos são tão evidentes que dispensam comentários.

Esta festa, em que todos somos

partícipes, tem portanto um profundo significado.

Nós não temos o poder absoluto de criação, mas apenas um poder relativo.

Se não nos é possível criar ou modificar as leis que regem o mundo podemos entretanto, dentro do mundo criado e sem alterar a sua harmonia, criar alguma coisa até os limites daquele poder que nos foi concedido.

Não podemos criar o mármore ou o granito mas um artista, com o seu cinzel, dele tira as imagens ditadas pela sua inspiração.

Da mesma forma o aperfeiçoamento da criação de gado é uma expressão da nossa vontade e capacidade de completar a obra da criação em benefício da humanidade.

Aos criadores de gado hoje premiados e à todos aqueles que no anonimato lutam para a produção de alimentos rendemos a nossa expressão de reconhecimento pelo seu nobre trabalho.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às 22 horas.

Agora mais perto da sua fazenda.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Jaguaré - São Paulo. S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro: R. Monsenhor Mandel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-3207



Confraternização de Criadores



A mesa que presidiu a reunião da ABC para entrega dos troféus do Serviço de Controle Leiteiro. Da esquerda para direita: Dr. Wagner Milanelo, representante da ABCBRH; Dr. Ruy Calazans, presidente do Conselho da ABC; Dr. Jadir Jacomini, representante do Ministro da Agricultura; Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, presidente da ABC; Dr. Joaquim Barros Alcântara Neto, representante do Secretário da Agricultura; Dr. Quineu Correia, representante do Ministério da Agricultura em São Paulo e, por último Gilberto Leonel Fortes Azevedo, representante da Cooperativa Central de Laticínios.



Dr. Antonio Brandão da Rocha, representante do Dr. Aloysio Faria, proprietário da Fazenda Fortaleza, recebe do Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, o envelope com os diplomas e certificados pelas 11 Medalhas de Ouro, 3 Reprodutoras Emeritas e 16 Longevidade.



O Dr. Francisco Patti, recordista da raça Holandesa Preta e Branca, recebe o "Balde de Ouro", das mãos do Dr. Joaquim Barros Alcântara Neto.

Dr. Joaquim Peixoto Rocha, proprietário da Fazenda São Joaquim, recebe do Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, o envelope com os diplomas e certificados pelas 6 Medalhas de Ouro, 16 Reprodutoras Emeritas e 16 Longevidade.



O Sr. Ronald Bertagnolli recordista de Leite da Raça Jersey, criador do Rio Grande do Sul, recebe o "Balde de Ouro", das mãos do Dr. Jadir Jacomini representante do Ministro da Agricultura.

Foto em que aparece o atual detentor da "Vaca de Ouro", na categoria de Longevidade-Leite, Sr. Antonio Coelho Guimarães, e o "ex" detentor Dr. Pedro Conde, 2 Medalhas de Ouro, 4 Reprodutoras Emeritas e 6 Longevidade. Ao centro o diretor do Serviço de Controle Leiteiro Dr. Fidelis Alves Neto.





O casal de criadores de Pardo Suíço, da Fazenda Santo Isidoro, Sra. Heloisa e seu esposo Joseph Pfug, a seguir Dr. Pedro Melguizo Ramos, Diretor Técnico da Associação do Pardo Suíço, Luiz de Almeida Penna e Milton Candido da Silva.

Criadores Guilherme Walter Caldas e seu filho, a seguir o Sr. William Dutuhl, Sra. Marguerit H.R.A.D. Van Schelle (3 Medalhas de Ouro, 9 Reprodutoras Emérites e 8 Longevidade). A seguir um casal de criadores.



Luiz de Almeida Penna, Dr. Fidelis Alves Neto, Sr. Ronald Beagnoli, proprietário da Cabana Butiã, em Passo Fundo, RS, atual detentora do "Balde de Ouro" como recordista da produção de leite da raça Jersey e o Sr. William Laback diretor da Associação de Criadores da Raça Jersey

Dr. Otto de Mello, ex-diretor técnico da ABC, Gel. Diogo Branco Ribeiro, 1.º vice-presidente da ABC, Sr. Manoel Pontes Neto e Senhora, criador de Holandês, em Ituverava, SP e Dr. Luiz Horácio U.C. Mello, e sra.



Dr. José João Salgado e Senhora, criador de Gir Leiteiro, em Valença, Estado do Rio.

Sr. Toyohiko Hanai chefe dos controladores do SCL da ABC, Sr. Joaquim Lima, diretor da fazenda de criação do Colégio Adventista, SP, (2 Medalhas de Ouro e 5 Longevidade) e o Sr. e Sra. Antonio Coelho Guimarães, criador de Holandês preto e branco em Guaatatinguá, SP, e atual detentor do "Vaca de Ouro", recordista em leite em longevidade: 92.649 kg de leite em 11 lactações.



Dr. Antonio Brandão da Rocha e Dr. Paulo José Ernesto Coelho, representantes da Fazenda Fortaleza, de Sumaré, SP.



Sr. Amílcar Farid Yamin, criador de Holandês e Pardo Suíço, Dr. Jorge Cury, Dr. Otto de Mello, Dr. Joaquim de Barros Alcântara, Dr. Pedro Conde e Dr. Francisco Patti.



Dr. Frontino Ferreira Guimarães, 1.º secretário da ABC, Sr. Virgílio de Almeida Penna, superintendente da ABC, Dr. Roberto Brotero de Barros, Secretário da Diretoria da ABC, e Dr. Ismael Augusto Brandão.



Dr. Lívio Malzoni, criador, Dr. Luiz Glycério de Freitas, vice-presidente da ABC, Gel. Diogo Branco Ribeiro, 1.º vice-presidente da ABC e Dr. Octávio Mesquita Sampaio, tesoureiro da ABC.



Senhora Figueira de Mello, Dr. Ruy Calazans e o Dr. Ismael Augusto Brandão.



Sr. Gastão Rachou, criador de Holandês V.B., tendo ao lado o Dr. Francisco Patti atual detentor do "Balde de Ouro", como recordista da raça Holandesa pb, com a produção de 15.993 kg em 365 dias e em 3 x.



Dr. Albino Silva Cordeiro, criador de Pardo Suíço, Dr. Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho, Vice-Presidente da ABC, Dr. Augusto Rua Pinto Guedes e Eckhard Alfred Reimann.



Sra. Claudia Venanzoni Roberti, D. Lygia Alcântara e Sra. Mariana Gouveia.



Sra. Vilma Golbiotti e esposo, encarregada-chefe dos serviços de escritório do SCL.



Sra. Maria da Glória Alcântara, Sra. Cecília Monteiro Alcântara e Dr. Vail Chaves.



Dr. José Calil, do Ministério da Agricultura em São Paulo, Dr. Joaquim Barros Alcântara e Dr. Roberto Cano de Arruda, representante do Badesp, SP.



Funcionários do Ministério da Agricultura, Sr. Gilberto Leonel Fortes Azevedo e Dr. Francisco Jardim, do Ministério da Agricultura.



Dr. Albino da Silva Cordeiro, Dr. Walter Battiston e Dr. Paulo Fernandes Athaides.



Dr. Antonio Carlos Gouveia, Dr. Geraldo Dias da Silva e Dr. Luciano B.M. Cury.



Dr. Fidelis Alves Neto, Prof. Mauricio Chermann, Prof. Ernani Bicudo de Paula, e Dr. Manoel José Alcântara



Sr. Antonio Carlos Turazza, Dr. Waldemar Hette, Dr. Antonio Carlos Gouveia e Dr. Joaquim Barros Alcântara Neto



Sra. Virgínia Machado Monteiro Penna,
Sr. Luiz de Almeida Penna Filho e
Dr. Luiz Horácio V. Mello.



Sr. Pedro Paula Leite de Moraes e Alberto Leite de Moraes.



Embelezando os salões da reunião de confraternização dos criadores de Gado Leiteiro da ABC estavam expostos os quadros do projeto da nova sede social da ABC, no Jaguaré e que foram muito apreciados e elogiados.

Troféu Balde de Ouro

Nos primórdios do Serviço de Controle Leiteiro, o "Balde de Ouro" foi instituído para premiar a reprodutora que alcançasse a maior produção de leite em período não superior a 365 dias e em lactação oficialmente contralada. Esse valioso troféu é de posse transitória, o que significa permanecerá com o proprietário da maior produtora até que outra "marca" ultrapasse sua produção; nesse caso, aquele que teve sua produção ultrapassada receberá uma miniatura do prêmio.

O "Balde" original, único para todas as raças, até pouco tempo, feito a semelhança do vasilhame usado para transporte de leite, é metálico banhado a ouro, contendo a inscrição do nome dos proprietários e das vacas que a ele fizeram jus.

O "Balde de Ouro" foi conquistado pela primeira vez em 1946 por "Grauna" de propriedade do Dr. Joaquim de Barros Alcântara, e registrou o total de 7.105 kg de leite; em 1948, com 7.193 kg, "Manoeita" de propriedade do Sr. Dário Freire Meirelles, arrebatou o troféu e no ano seguinte, elevava seu recorde para 9.070 kg, mas, em 1950, transferia para "Niagara", propriedade do Dr. João de Moraes Barros, que obteve 9.594 kg. Nesse mesmo ano, porém, "Jardim I.ka", de propriedade da Companhia Paulino Salgado (de João Baptista Scarpa), de Itanhandu, MG, ficou de posse do prêmio, pois alcançou 11.104 kg de leite. E no ano seguinte, em 1951 voltava ele a São Paulo para o Sr. Dário Freire Meirelles, agora com "Pérola de S. Martinho" que chegou a produção de 11.991 kg. Em dezembro de 1959, essa marca foi superada por "Jardineira II JB", crioula de José Braulio Junqueira de Andrade, propriedade de seu filho Urbano Junqueira de Andrade, de Cruzília, MG, e que alcançou a produção de 14.056,150 kg de leite e 452,892 kg de gordura com 3,22%. Esse recorde só foi superado em novembro de 1978, portanto, após 19 anos, pela produtora Coyne Farms Astro King Fany, da raça Holandesa p.b., do Dr. Benedito José Soares de Mello Pati com a produção de 14.473 kg de leite e 519 kg de gordura com 3,59% em 365 dias, com 3 ordenhas e aos 6a 7m, e agora, em julho de 1984 essa marca é superada pela Holandesa vermelha e branca, de nome Weides Miss Pansy Red, pura de origem, com a produção de 14.395 kg de leite e de propriedade do Sr. Geraldino Natal Madureira, com o Sítio do Madu, em São Roque, SP.

Atualmente, além do "Balde de Ouro", para a recordista absoluta entre todas as raças, foi instituído, também, o "Balde de Ouro II", para a recordista de cada uma das raças.

Publicamos a seguir a relação das atuais detento-

ras do "Balde de Ouro II" ou sejam as recordistas em leite por raça:

RAÇA HOLANDESA — Variedade preta e branca

33 COROADA MARAVILLA REFLECTION — Produção: 15.993 kg leite, Set/80.

BENEDITO JOSÉ SOARES DE MELLO PATI — Sítio 33 — Santo Amaro — SP.

RAÇA HOLANDESA — Variedade vermelha e branca

WEIDES MISS PANSY RED — Produção: 14.395 kg leite, Julho/84.

GERALDINO NATAL MADUREIRA — Fazenda do Madu — São Roque — SP.

RAÇA PARDO SUIÇO

BOM CAFÉ IVONETE II JESTER — Produção: 12.945 kg leite, Agosto/80.

FERNANDO PRADO RENNÓ — Fazenda Bom Café — Jacutinga — MG.

RAÇA GIR LEITEIRO

CALDEIRA — Produção: 7.748 kg leite, Janeiro/71.

FRANCISCO F. BARRETO — Fazenda Santana da Serra — Mococa — SP.

RAÇA PITANGUEIRAS

FARMÁCIA — Produção: 7.079 kg leite, Abril/72.

AGRO-PECUÁRIA C.F.M. LTDA. — Fazenda Três Barras — Pitangueiras — SP.

RAÇA JERSEY

SANT'ANA NAIR LUZITANO — Produção: 6.487 kg leite, Outubro/70.

FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A — Sítio São João — Jacaré — SP.

Troféu "Vaca de Ouro"

O Troféu "Vaca de Ouro", é formado por uma estatueta de uma vaca banhada a ouro sobre uma base de mármore preto para a recordista em longevidade na produção de leite e o mesmo troféu, sobre uma base em mármore branco, para a recordista em longevidade na produção de gordura. Nessa base de mármore toda vez que se alcança um novo recorde é gravado o nome do animal recordista, a produção e o nome do proprietário.

Estes troféus são de posse transitória e, aqueles



que o perdem recebem uma miniatura do troféu com a gravação de seu nome, do animal e sua produção.

Eis a seguir as atuais recordistas do troféu "Vaca de Ouro". As maiores produtoras em longevidade.

Em leite:

GUARÁ DANADA — Raça Holandesa — Variedade preta e branca

Produção máxima de leite, somadas todas as lactações 11 lactações — 4.308 dias — 92.649 kg de leite

Proprietário: ANTONIO COELHO GUIMARÃES

Fazenda Bela Vista — Guaratinguetá — SP

Em gordura:

WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA — Raça Holandesa — Variedade preta e branca.

Produção máxima de gordura, somadas todas as lactações:

12 lactações — 0.192 dias — 3.236,5 kg de gordura.

Proprietário: Pecuária Anhumas Ltda.

Deixamos de publicar a fotografia de Guará Danada, por não existir nenhuma em nosso arquivo fotográfico.

RELAÇÃO DAS MEDALHAS DE OURO

CRIADOR	MO(*)	RE	L
Aderbal Ribeiro Ávila	1	—	01
Afonso Nogueira de Freitas	—	1	—
Agropec. C F M Ltda.	03	—	—
Agropec. Colambini	—	1	—
Agropec. Santo Isidro	—	03	—
Amílcar Farid Yamin	06	12	08
Antonino La Mota	—	01	—
Antonio Bassoli	—	02	—
Antonio Coelho Guimarães	—	—	01
Arnaldo Mendes de Oliveira	01	—	01
Barba Agrícola e Com.	—	02	—
Benedito J.S.M. Patti	11	01	—
Carlos Cardoso de Almeida Amorim	—	01	—
Carlos Oswaldo	—	12	—
C. J. Jonge	—	—	—
Colégio Adventista Brasileiro	02	—	05
Cláudio Venanzani Roberti	—	02	05

(*) MO — MEDALHA DE OURO, RE — REPRODUTORA EMÉRITA, L — LONGEVIDADE

CRIADOR	MO	RE	L
Cia. Adm. Tec. e Agr. ATAGRI	01	07	06
Cia. Batista Scarpa	01	—	03
Cornelis Jacobus de Jonge (8)	11	—	15
Condomínio Gabriel Dias Pereira	—	—	07
Donald Graber	—	19	03
Edgard Duilio Heinrich	—	02	—
Eduardo Simonsen	04	—	—
Elza Ribeiro Meirelles	01	12	04
Emílio C. Kluppel	01	01	—
Fazenda Fortaleza	11	03	16
Fazenda Santa Maria da Posse	03	12	02
Fazenda Sant'Ana Rio Abaixo	02	11	08
Feliciano Ribeiro	01	—	01
Fernando Prado Rennó	01	03	01
Flávio C.B. Gutierrez	01	—	—
Frederik Kok	01	02	02
Fernando Alencar Pinto	04	03	08
Gabriel Dias Pereira	01	02	—
Gabriel e Luzio Simão	—	03	01
Geraldo Figueiredo Forbes	—	01	—
Geraldino Madureira	01	09	01
Gerrit Verburg	—	02	—
Guilherme e Décio Moraes Ribeiro	—	02	01
Guilherme Walter Soares Caldas	—	01	—
Harmanus	01	01	07
Hélio Moreira Salles	—	01	01
Hilbert Kok	03	09	08
Jacob Rosier Dutilh	—	—	—
Johannes W.M. Van de Groes	06	16	16
Joaquim Peixoto Rocha	—	01	—
João Assis Rocha	—	05	—
João Figueiredo Frota	01	—	—
João Laraya	—	02	02
João Passarelli	—	03	—
João Raposo dos Reis	02	—	01
José Pedro C.L. Toledo Piza	—	01	—
José Vieira	—	—	03
Kenia Agropec.	05	09	15
Laércio V. Nicolau	05	13	09
Leendert Noordegraaf	01	06	02
Luiz Albino B. Oliveira Neto	01	—	01
Luiz Horácio U.C. de Mello	—	—	—
Manoel e José João Salgado R. dos Reis	01	07	02
Maria Lúcia Ferreira Silva Dias	—	04	—
Marinus T. Hagen	—	01	—
Marinus C. Brankhorst	—	04	—
N.A. Bronkhort	01	03	04
Paragon	05	05	20
Pec. Anhumas	02	04	06
Pedro Conde	01	—	02
Rubens Resende Peres	05	02	28
S.A. Fazenda Paraíso	—	03	—
Sementes Agroceres	—	04	—
Simon Groot	—	04	02
Waldir Junqueira Andrade	—	02	03
Walmir Spinelli	—	—	01
Willebrordus Groot	—	01	—
Yakult	—	—	—

Um novo serviço da Associação Brasileira de Criadores - Controle Auxiliar

FIDELIS ALVES NETTO

São incontáveis os trabalhos e estudos realizados pelos diferentes órgãos, repartições ou associações com a finalidade de contribuir de alguma forma para facilitar ou tornar menos difícil a tarefa de produzir leite. Praticamente todos os setores que de alguma maneira influem na produção de leite foram estudados, pesquisados, dada a raça ou grau de sangue do gado mais indicado para nosso meio, variedade de capins, práticas de pastoreio, até sistemas de ordenha e tantas outras coisas mais que tem relação com essa produção.

Há muitos anos falava-se que o controle leiteiro seria a fórmula mágica para resolver o problema. Esse serviço implantado, no entanto, pela forma como se apresenta, acabou presaindo bons serviços, porém limitados pela sua própria sistemática auxiliando na identificação das boas e más produtoras, contribuindo para uma melhor comercialização de gado e permitindo a realização de testes de progênie para identificação de bons e maus reprodutores.

Mas ficou faltando algo mais para ajudar na produção de leite propriamente, quando são utilizadas vacas de qualquer raça, sem registro genealógico, cruzadas, comuns ou selecionadas, e nos demais problemas básicos que ditam propriamente os custos, ou seja o sucesso ou insucesso de uma criação.

Aproveitando os conhecimentos adquiridos nos últimos anos com a divulgação de tantos estudos, trabalhos e experiências, achamos que se poderia atacar a um só tempo junto às propriedades produtoras de leite os problemas de reprodução, alimentação, e de custos de produção.

Essa assistência pode ser prestada perfeitamente pela Associação Brasileira de Criadores, usando a experiência de seu corpo técnico e a estrutura já existente do seu Serviço de Controle Leiteiro. Ela pode ser facilmente estendida aos seus associados que necessitem de ajuda nas suas explorações leiteiras e também aos produtores de leite em geral.

A esse serviço que envolve pois quatro segmentos principais resolveu-se dar a de-

signação de **CONTROLE AUXILIAR**, e compreende os seguintes programas:

- 1 — Controle de Reprodução
- 2 — Controle de Alimentação
- 3 — Controle Leiteiro
- 4 — Controle de Custo da Produção do Leite

Basicamente o que se objetiva é alcançar em cada rebanho atendido um bezerro por vaca por ano ou pouco mais; alimentá-la adequadamente, sem excessos; identificando as más e as boas produtoras de leite. Com um controle e adequada escrituração dos gastos será possível, sem dúvida, produzir por menor custo. Será dada a seguinte organização em cada segmento.

1 — **Controle de Reprodução** — Interessa conhecer o comportamento reprodutivo de cada fêmea do rebanho. Não serão feitas considerações sobre a criação de bezerras ou o comportamento de novilhas, pois este assunto embora fundamental não foi incluído no controle auxiliar, assim como tantos outros que influem numa exploração já que não é possível cuidar de tudo de uma só vez.

O controle de reprodução se inicia com um levantamento de todas as vacas paridas, anotando-se sua identificação — número de brinco, corrente ou outra identificação e nome quando adotado; a seguir anota-se a data da última parição, sexo do produto, data da última cobertura seguinte a parição, data e resultado do último teste de prenhez quando é realizado e a informação se está em lactação ou seca. No caso de haver aborto deve ser anotada a data em que ocorreu.

Com base nesses dados e considerando a data em que foram feitas as anotações o Controle Auxiliar emitirá uma listagem do rebanho para uso do criador e do seu veterinário assistente informando:

A) data a partir da qual deve ser realizado o próximo teste de prenhez, possível a partir do 42.º dia de prenhez;

B) com base na data de cobertura será possível determinar a data da provável parição que ocorrerá;

C) conhecida a data da provável próxima parição, pode-se e é determinada a data em que a vaca deverá estar seca para

descansar pelo menos 60 dias até a parição seguinte.

D) conhecidas as datas da última e da próxima provável parição é possível estimar o intervalo entre partos;

E) e conhecidas as datas do último parto e cobertura anotada, torna-se também possível conhecer o período em que a vaca esteve vazia;

F) estas informações são prestadas para o comportamento de cada vaca e acrescentadas de esclarecimentos sobre a sua situação no rebanho;

G) no período de 60 dias após o parto a vaca é apontada como "aguardando cobertura" mes,

H) para as vacas das quais não se tem outros informes após 60 dias da última parição é feita uma chamada especial "Vaca sem Notícia".

Essa listagem obtida de computador apresenta, como é fácil verificar, vários aspectos importantes para acompanhar a vida reprodutiva do rebanho sendo os mais importantes deles os seguintes:

A) pede atenção para as vacas atrasadas ou sem notícia, para as quais devem ser tomadas providências, pois podem comprometer os custos;

B) o período em que a vaca fica vazia deve ser rigorosamente policiado, já que o ideal é que não supere os 110 dias;

C) a indicação das vacas que devem ser submetidas a teste de prenhez para confirmar ou não sua provável gestação e

D) as datas prováveis em que haverá partições e época em que as vacas devem estar secas.

Cada listagem é encerrada com um cálculo de médias cujo acompanhamento é fundamental para a exploração do rebanho, pois aí estão indicados totais e percentagens de vacas em lactação, as secas, as que tem prenhez confirmadas, as que aguardam confirmação de prenhez e aquelas sem notícia. Cálculos dos intervalos médios entre partos e período vazio completam as listagens.

Como se conclui, com estas informações, renovadas a cada 30 ou 60 dias, será possível apertar o controle de reprodução do rebanho e com isso eliminar as más

parideiras, as vacas atrasadas que pesam consideravelmente nos custos.

Certamente no caso de cobrição a campo este controle perde parte de sua eficiência, exigindo que se façam testes de prenhez, mensalmente e em datas mais ou menos fixas. Nestes casos é indicado alterá-lo para o de monta controlada.

2 — Controle de alimentação — Este é sem dúvida um dos segmentos mais importantes da produção leiteira. É com o programa adotado na alimentação do rebanho que se define grande parte do custo da produção de leite. Aqui importa não só a orientação adotada quanto ao pastejo, seu rotacionamento, como todo o programa de alimentação no decorrer do ano seja com produtos de culturas, seja com a compra de rações e concentrados.

O controle se inicia com um levantamento dos recursos de alimentos existentes na propriedade e mensalmente ou a cada dois meses é atualizado. As instruções e respostas do computador indicarão a orientação a ser adotada em cada caso e são complementadas com fórmulas de rações a serem preparadas na fazenda com os ingredientes táceis e disponíveis no mercado, além de menos custosos.

Em explanação à parte o Eng.º Agr.º Manuel José de Alcântara, especialista nesse setor, mostra com mais detalhes as preocupações e recomendações que serão adotadas no controle de alimentação.

3 — Controle leiteiro — Conhecer a produção de cada vaca durante cada lactação é outro ponto importante na produção de leite. Não se trata de identificar quais as recordistas ou grandes produtoras e sim conhecer a produção de todas as vacas que compõe o rebanho, afim de se alcançar uma produção média satisfatória. As más produtoras que somam outros problemas, como demora para emprenhar, pouco saudáveis, etc., são as candidatas a saírem do rebanho, melhorando custos.

Para conhecer a produção de cada vaca durante cada lactação o recurso é fazer o que se chama controle leiteiro, isto é, acompanhar sua produção desde o momento em que dá cria até secar. Evidentemente o método ideal seria pesar a cada dia o leite produzido, mas isto é pouco prático e já estudos feitos há muito mostram que pesagens mensais acabam por mostrar toda lactação com pequeno erro. Mas, não basta só pesar o leite, é preciso conhecer sua qualidade. O desejável seria medir o quanto de proteína contém, porém essa análise é difícil embora hoje possa ser feita rapidamente, mas em custosíssimos equipamentos eletrônicos. Resta então continuar a analisar o teor de gordura do leite que fornece uma indicação próxima do conteúdo em proteína, já que as percentagens de proteína e de gordura do leite tem um certo paralelismo.

O controle auxiliar, pois, é acompanhado de um controle leiteiro e mantenedor que deve abranger todas as vacas em produção. No início dos controles de um rebanho as estimativas de produção de cada vaca serão prejudicadas caso falem

informes sobre o que produziram antes, mas a medida em que prosseguem as pesagens, no final de ano e meio a dois anos começa-se a conhecer com relativa precisão cada lactação de cada vaca do rebanho.

Esse controle está programado para ser realizado a cada dois meses por um inspetor da Associação Brasileira de Criadores, ocasião em que ele recolherá as informações indispensáveis dos outros segmentos do controle auxiliar e prestará os esclarecimentos que se fizerem necessários. Nos meses em que o inspetor deixar de visitar o rebanho, as pesagens serão feitas pelos respectivos criadores e enviadas a direção do Controle Auxiliar. Na sua visita o inspetor fará as pesagens nas ordenhas normais e colherá amostras de leite para dosagem de gordura. Diferentemente do controle leiteiro para gado registrado, não haverá pesagem em ordenha de esgotamento, reduzindo-se assim despesas de viagem e a permanência do inspetor na propriedade.

A medida em que as vacas forem encerrando suas lactações estas serão calculadas e os criadores receberão comunicações dos resultados.

Nesse controle deverão constar, como foi dito, todas as vacas do rebanho, independentemente de sua cor, idade, raça, grau de sangue, registrada ou não, desde que este é um controle com fins econômicos.

Os criadores farão dos resultados recebidos o uso que acharem conveniente, sendo em princípio o seu objetivo identificar a capacidade de produção de cada vaca, no regime de exploração adotado.

4 — Controle de Custo de Produção — Não é fácil organizar uma escrita para determinar o custo de produção de leite, mas também esta tarefa não pode ser classificada como impossível. Várias pessoas a realizam correntemente e em maior número de propriedades se poderá fazer a determinação do custo de produção se forem adotadas certas medidas.

Na organização do controle auxiliar cuidou-se da preparação de um manual de produção de leite, que será distribuído aos participantes desse controle, onde estão bem definidas e com exemplos as maneiras de proceder para organizar uma escrita com o fim de determinar o custo de produção. Quadros em branco constam do manual afim de permitir a escrituração.

Um questionário mensal será preenchido pelo criador ou com a ajuda do inspetor e os cálculos posteriores serão feitos pelo escritório central do controle auxiliar, caso necessário. No final do ano novos cálculos serão preparados completando o estudo.

Manual do Produtor de Leite — Afim de permitir que cada criador acompanhe e se utilize adequadamente dos resultados colhidos no Controle Auxiliar está sendo elaborado um manual, já referido, a ser distribuído às pessoas interessadas. Em secções separadas poderão ser feitas anotações de todos os segmentos que servem

de orientação aos próprios criadores como também reunirão os dados de forma a serem colhidos ordenadamente pelos inspetores.

Devidamente utilizado, o manual pode se transformar num auxiliar direto do criador, centralizando os dados indispensáveis sobre reprodução, alimentação, controle leiteiro e custos.

Completem o manual outras instruções como o regulamento do Controle Leiteiro Auxiliar, e outras.

Segmentos do Controle Auxiliar no Serviço de Controle Leiteiro — Fácil é compreender que os controles de reprodução e de custos previstos no Controle Auxiliar poderão ser estendidos aos rebanhos inscritos no Serviço de Controle Leiteiro, formados por vacas registradas. Como os problemas são os mesmos dos rebanhos produtores de leite nada impede que aproveitando as visitas dos controladores sejam colhidas anotações sobre reprodução, alimentação e custos e que irão motivar saídas de computador com as respostas para cada caso. Também vacas não registradas ou cruzadas que em muitos casos compõem tais rebanhos poderão ser incluídas no Controle Auxiliar, aproveitando-se de uma só visita do controlador da Associação Brasileira de Criadores para fazer os dois controles.

Conclusões — Ao apresentar esta nova etapa de auxílio técnico aos produtores de leite por intermédio da Associação Brasileira de Criadores dentro da orientação aceita em todos os países desenvolvidos, espera-se contribuir de forma adequada para a melhor exploração de vacas na produção de leite. Com maior atenção aos problemas de reprodução e uma assistência veterinária atuante será possível manter a indispensável sequência de parições e o que é mais importante, conhecer cedo quais as vacas que não convém manter no rebanho. Alimentando adequadamente o rebanho seguindo recomendações aceitas e comprovadas na prática agrônômica, variando de acordo com a época do ano, será possível não só obter uma satisfatória produção média de leite, economicamente, como evitar desperdícios. O controle de gastos, tarefa penosa mas indispensável na exploração, com escrituração simples, poderá funcionar ordenadamente, pois além de auxiliar nessa tarefa o Controle Auxiliar indicará os limites razoáveis de gastos em cada item, baseado na experiência alcançada em rebanhos bem conduzidos.

Conhecendo a produção de cada vaca, não só no dia de Controle como e principalmente na lactação completa, complementado por dados de reprodução qualquer criador terá elementos para definir quais as vacas que convém manter ou retirar e qual o caminho a seguir com o rebanho, melhorando-o através da reprodução, com boas novilhas futuras para substituição, ou se através de compras ou mesmo mantendo os mesmos rumos.

Essas são enfim as proposições do Controle Auxiliar.

O controle da alimentação da vaca leiteira no Controle Auxiliar

Engenheiro Agrônomo
MANOEL JOSÉ DE ALCÂNTARA

Dentre as inovações introduzidas no Departamento Técnico da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, está o controle da alimentação da vaca leiteira.

Geralmente, os produtores de leite no período da seca, desejando uma produção por vaca acima de 6 kg de leite, e no período das águas uma produção média de 12 kg, fornecem no cocho como alimentos volumosos, capim elefante picado, ou capim elefante mais cana, ou silagem de milho ou de sorgo. Com o fornecimento desses volumosos no cocho e mais o pasto disponível, em qualquer dos dois períodos, o valor nutritivo encontrado nesses volumosos, em proteína digestível e energia (N.D.T.) não são suficientes para atingir uma produção acima de 6 kg de leite/dia, período da seca, ou manter os 12 kg, período das águas.

Com o início do período da seca, o produtor querendo manter a média do seu rebanho entre 10 a 12 kg de leite vaca/dia, recorre à suplementação no cocho com farelos concentrados adquiridos de fabricantes de rações, ou farelos de algodão, de soja, de trigo, etc., adquiridos de firmas produtoras, mais os volumosos citados.

Acontece porém que muitas vezes o produtor não percebe que os farelos fornecidos não estão atendendo às necessidades de manutenção e de produção da vaca, as quais logicamente variam de acordo com seu peso vivo, produção quantitativa e qualitativa (gordura) do leite e as exigências da gestação. Como consequência disso, constata-se pelos cálculos dos valores alimentícios que o produtor de leite geralmente fornece proteína em excesso e nutrientes digestíveis totais (energia) à menos, para atender àquela produção de 10 a 12 kg de leite/vaca/dia.

Outro fator importante a ser determinado é a quantidade de matéria seca contida nos alimentos consumidos, e a verificação se a quantidade total corresponde a 3% do peso vivo do animal. Caso esteja acima desse total, a vaca não teria condições de ingerir todos os alimentos e a ração não irá produzir o leite programado.

O controle da alimentação visa em primeiro lugar saber os volumosos e concentrados utilizados no momento da retirada das informações pelo inspetor, bem como as quantidades oferecidas e seus valores em cruzeiros. Conhecendo esses dados e também a média de leite das vacas, a

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, através dos seus técnicos e do computador, calculará a ração certa a ser fornecida aos animais e também o seu custo.

As informações, tanto do produtor para a ABC, como desta para o produtor se-

rão periódicas, para análise e tomada de decisões.

Abaixo fornecemos algumas fórmulas de rações por nós calculadas, considerando-se uma vaca com 500 kg de peso vivo, produzindo 12 kg de leite, 3,5% de gordura, para o período das águas e da seca.

PERÍODO DAS ÁGUAS

	P.D. kg 0,90	N.D.T. kg 7,77
Necessidade diária p/ manutenção e produção		
RAÇÃO	Valor Cr\$	
Mistura de concentrados: 52 kg rolão de milho	18.200	8,08
48 kg farelo de trigo	19.200	
2 kg de minerais	6.480	
Total	43.880	
Pasto regular à vontade	1.280	
No cocho		
15 kg de capim elefante picado	383	66,47
4 kg da mistura de concentrado acima	1.800	
Total geral dia/vaca	3.463	

Nota: fornecer 1 kg da mistura de concentrados acima para cada 2,92 kg de leite produzido, além de 6 kg/dia.

PERÍODO DA SECA

	P.D. kg 0,90	N.D.T. kg 7,77
Necessidade diária p/ manutenção e produção		
RAÇÃO	Valor Cr\$	
Mistura de concentrados: 35 kg farelo de trigo	15.200	13,1
30 kg rolão de milho	10.500	
32 kg farelo de algodão	14.080	
2 kg de minerais	6.480	
Total	46.260	
Pasto de grama batatais à vontade	1.280	
No cocho		
25 kg de silagem de milho a Cr\$ 100 p/kg	2.500	66,00
4 kg da mistura acima a Cr\$ 462,60 p/kg	1.850	
Total	5.630	

Nota: Fornecer 1 kg da mistura acima para cada 3 kg de leite produzido acima de 6 kg/dia.

FINALIZAÇÃO

Pela análise dos custos das rações fornecidas, quer seja no período das águas, quer seja no período da seca, o pasto tem um valor calculado considerando-se o seu aluguel, isto é, 1 lt. por dia de leite "B" por alqueire (lotação de 3,88 unidade por alqueire), mais a sua limpeza e a conser-

vação da cerca. Nesse valor da ocupação do pasto não consideramos o valor de uma necessária adubação e calagem, que se for feita, aumentará o custo, porém aumentará logicamente a sua lotação. Resta saber através da pesquisa, pela adubação anual da pastagem, se teremos um balanceamento do custo do litro do leite

Análise sobre o custo da produção do leite "B"

Engenheiro Agrônomo
MANOEL JOSÉ DE ALCÂNTARA
 Gerente Técnico da ABC

Para podermos fazer esta análise, precisamos ter a preocupação de anotar no caderno de escrituração apropriado, as despesas e receitas oriundas da atividade, todos os dias ou pelo menos uma vez por semana. É um serviço trabalhoso, porém compensador, pelas análises que poderemos fazer sobre os diversos itens que pesam sobre o custo do litro de leite.

Conhecendo-se os custos dos itens e seus respectivos pesos, teremos elementos para mudanças de atitudes, visando um planejamento da atividade leiteira de imediato e a médio prazo.

Na planilha de custo, consideramos as despesas diretas e indiretas. As diretas são oriundas de tudo que se compra, para produzir o leite e para criar e recriar as bezerras e machos quando existentes. Nelas estão incluídas as despesas com sementes, os defensivos, os adubos e corretivos, a reparação das benfeitorias, os alimentos adquiridos, os produtos veterinários, o reparo e conservação das máquinas e utensílios, os combustíveis e lubrificantes, a mão-de-obra, as despesas gerais (luz, telefone, juros bancários, despesas de escritório, etc.), Funrural dos empregados, transporte do leite, sindicato rural, seguro e contribuição à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE LEITE "B".

Ficam fora das despesas diretas a aquisição de animais quando necessário, aquisição de máquinas e os gastos com novas construções que são considerados investimentos.

As despesas indiretas consistem da depreciação das benfeitorias, das máquinas agrícolas e do trabalho empresarial que consideramos como sendo 12% (doze por cento) do faturamento bruto do leite.

Na planilha de receita, serão lançados a receita propriamente dita do leite vendido, e do leite produzido e consumido na fazenda, a venda de gado para o corte (descarte por diversos motivos), a venda de gado excedente (quando o rebanho está estabilizado), e outras receitas tais como: esterco, sacos vazios, etc.

Com esses esclarecimentos e a título de informação e motivação, analisaremos o custo de produção de leite "B" da Fazenda Piedade em Caçapava, de minha propriedade, período de janeiro a junho de 1985.

Analisando a planilha, período de janeiro a junho/85, verificamos que nas despesas diretas, o item que mais pesou no custo foi a ração comprada (farelos concentrados, milho em espigas ou grãos, mandioca, sais minerais, sal comum, etc.) com 50,59%, ou seja, Cr\$ 392,41 por litro de leite.

O segundo item em peso é o salário e serviços, com 17,77% ou Cr\$ 137,82 por litro de leite, aqui incluída a mão-de-obra para ordenha, manejo do rebanho, limpeza de pasto, conservação de cercas, corte de capim, plantio e colheita de milho para ensilagem e em espigas para fazer ração.

O terceiro item é o referente aos produtos veterinários com peso de 5,89% ou Cr\$ 45,71 e o quarto é o de reparo e con-

servação de máquinas, veículos e equipamentos pesando 5,73% ou Cr\$ 44,46 por litro de leite.

Para efeito de melhor análise sobre a evolução dos preços é bom observar, que na planilha do mês de junho/85 o item alimentos comprados pesou Cr\$ 499,99 e o item mão-de-obra Cr\$ 171,15 por litro de leite. Se compararmos esses valores com os do mês de janeiro de 1985, poderemos verificar um aumento no custo das despesas diretas de 88,32% para os alimentos comprados e 43,90% para a mão-de-obra.

Com referência ao item de produtos veterinários o aumento de janeiro para junho foi de 164,49%.

Quanto ao reparo e conservação de máquinas e veículos, visto ser item que não tem um aumento constante, deixamos de avaliá-lo.

Igual análise poderia ser feita para os demais itens, no entanto, apenas para darmos uma conclusão enfocaremos o 1.º e 2.º.

Tendo em vista que sobre os alimentos adquiridos está o maior peso do custo do litro de leite, e que sobre a mão-de-obra o peso não é tão alto, e se quisermos um resultado menos deficitário, maior atenção deveremos dar aos alimentos produzidos na propriedade, pois além de reduzir o custo, terá a vantagem de proporcionar a melhoria das nossas terras, pela aração, calagem, adubação e renovação da pastagem.



EDIFÍCIO

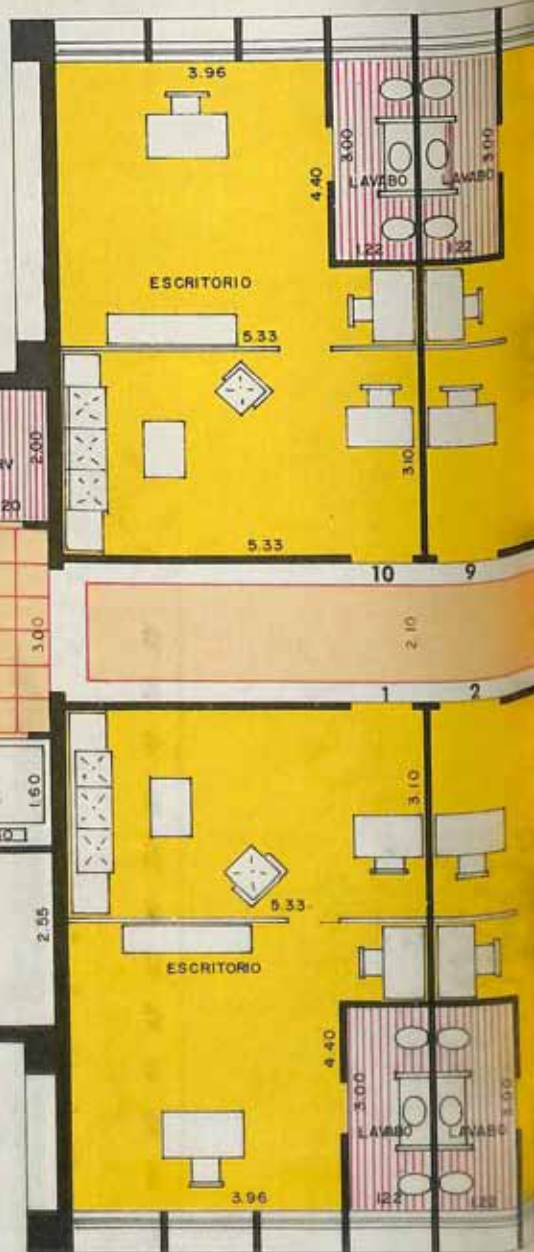
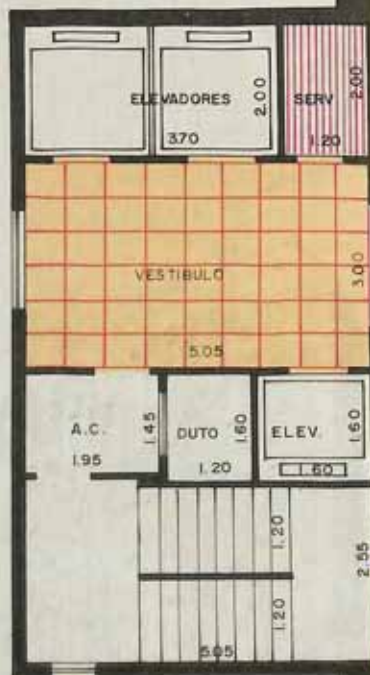


O CENTRO
DA AGROPECUÁRIA
NACIONAL

O CENTRO DA AGROPECUÁRIA NACIONAL

AV. JOSÉ CESAR DE OLIVEIRA, 175
(Junto a Ceagesp)

- ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO: 17.402 m².
- POUSO DE HELICÓPTERO
- CENTRO DE RÁDIO TRANSMISSÃO
- CIRCUITO INTERNO DE TV

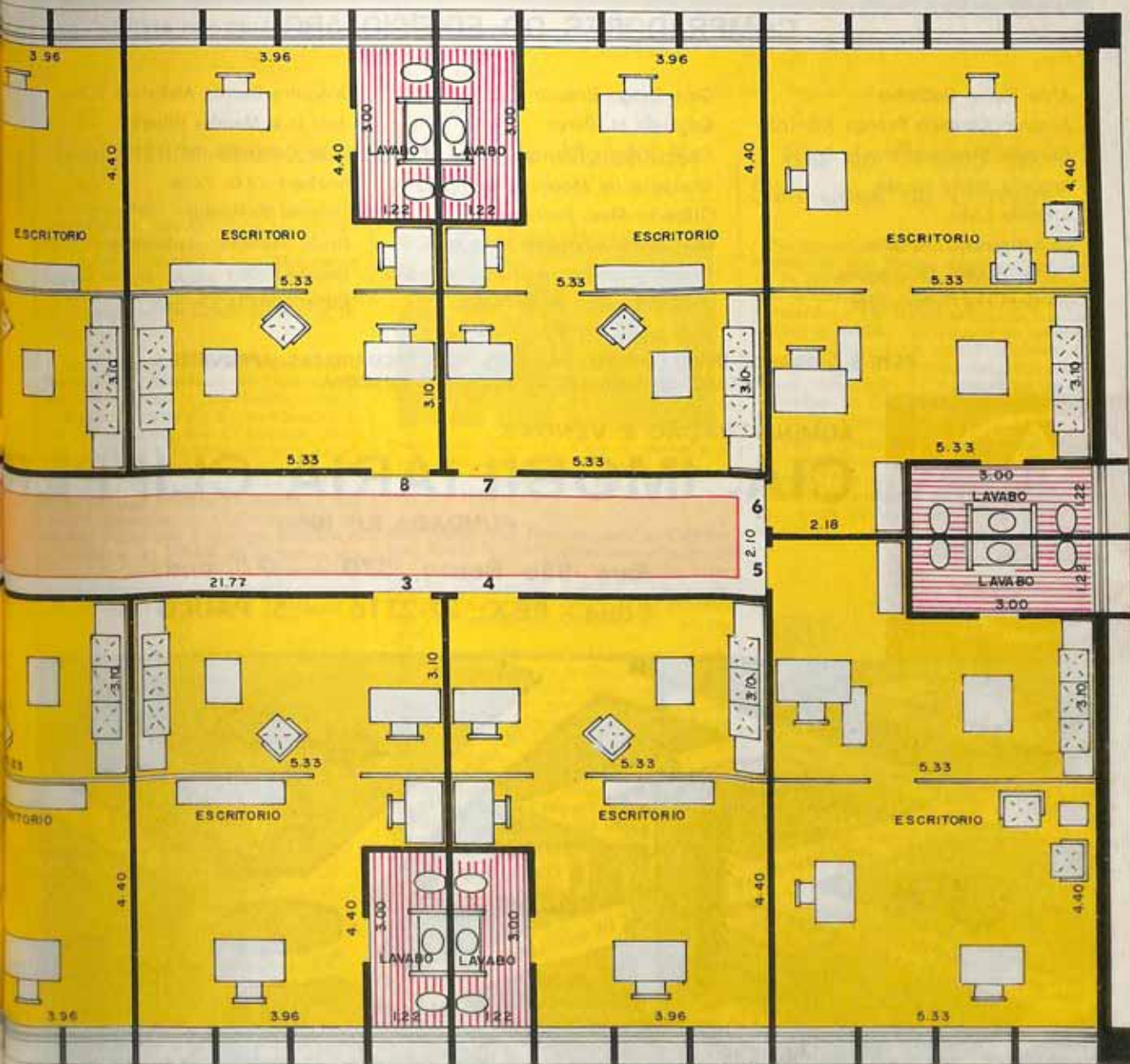


O EDIFÍCIO ABC terá 11 pavimentos e dois sub-solos para garagens de uso exclusivo dos condôminos. Está previsto no pavimento térreo, loja e mezzanino.

Os onze pavimentos comportam 108 salas para escritórios e cada um deles com seu respectivo sanitário, conforme se pode ver na plan-

ta acima. Os dois sub-solos têm capacidade para 240 veículos, havendo mais 39 vagas de estacionamento distribuídos no térreo e destinados aos serviços das duas lojas e auditório. Os escritórios são modulados e em condições para se conjugar duas ou mais unidades.

O edifício terá na cobertura uma área de lazer e laje dimensionada



ANDAR TIPO 1º AO 10º

para pouso de helicóptero, um centro de radiotransmissão e circuito interno de TV.

Ao lado do EDIFÍCIO ABC será construído o auditório com capacidade para 196 pessoas com instalações para audiofonia, constituindo-se em um centro para reuniões da ABC e das organizações que ali se instalarão.

O exposto acima dá bem uma idéia do que será o EDIFÍCIO ABC e lembramos que atualmente a Associação Brasileira de Criadores com suas lojas na rua Jaguaribe e no Jaguaré formam um centro regulador de preços de insumos agropecuários. Com a construção da nova sede no Jaguaré ao lado da Ceagesp, será formado num futuro próximo o

maior e o mais poderoso centro de negócios agropecuários da América Latina. Este será pois o lugar ideal para a instalação de um escritório para todos aqueles que direta ou indiretamente tenham suas atividades ligadas a produção agropecuária e seus derivados.

Como noticiamos na edição de Agosto, as vendas já se iniciaram, alcançando grande sucesso e na página seguinte publicamos os nomes dos primeiros compradores.

COMPRADORES DO EDIFÍCIO ABC

Aldo Neves Godinho

Antonio Cândido França Ribeiro

Antonio Francisco Paula Souza

Antonio Sílvia Nunes

Arnaldo Lima

Caio Bruno C. Posella

Cássio França Domingues

Condomínio Pinhalsinho

Gen. Diogo Branco Ribeiro

Edgardo H. Perez

Eider Ribeiro Dantas Filho

Graziella de Mesquita Sampaio

Gilberto Alves Ferreira

Guilherme Monteiro Junqueira

Ismael Augusto Machado Brandão

João Francisco Paula Souza

Joaquim Barros Alcântara Filho

José Luiz Mendes Itiberê

Julio Cezar Beloni

Norbert J.J.G. Fatio

Octávio Baccarelli

Paulo Fernando da Silveira

Renato Nalon

Rubens Malta Campos

ESTE É O GRANDE INVESTIMENTO PARA OS AGROPECUARISTAS. APROVEITE
ESTA OPORTUNIDADE — FAÇA SUA RESERVA.



ADMINISTRAÇÃO E VENDAS:

CIA. IMOBILIÁRIA CLIPPER

FUNDADA EM 1953

Rua São Bento, 370 — 7.º and.

Fone - PBX: 37-2116 — S. PAULO



Inaugurando sede do núcleo Cavalos Marchador

Foi inaugurado no dia 18 de julho último, o Núcleo dos Criadores do Cavalos Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro, localizado à Rua Monsenhor Manoel Gomes, número 3, São Cristóvão, na sede da ABC — Associação Brasileira de Criadores — no Estado do Rio de Janeiro.

Abriu a solenidade o Sr. Eider Ribeiro Dantas Filho, Presidente do Núcleo que, além de enaltecer o significado daquele momento, representava a concretização de um dos ideais dos que ali estavam reunidos, agradeceu a honrosa presença do Almirante Macedo Soares, do Presidente da ABC Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho e do hipólogo Leandro Guimarães e dos demais companheiros. O Dr. Joaquim Alcântara Filho, com a palavra, manifestou a satisfação do Núcleo ter o mesmo endereço da sede da ABC no Rio de Janeiro, lembrando os primeiros entendimentos que manteve com o Presidente e



O Sr. Paulo Geyer, Sr. Eider R. Dantas e o Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, presidente da ABC.

mo, tendo sido homenageado o Criador que muito fez pelo aprimoramento genético e difusão da Raça Mangalarga Marchador Dr. Dirceu Fabiano Vilhena de Araujo, da Fazenda Tabatinga no município de Santana do Deserto, Rio de Janeiro.

Durante toda a solenidade, que transcorreu num clima de confraternização, foi servido um coquetel no qual foi realizado uma campanha de novos sócios, sendo recebido com grande euforia cada nova proposta preenchida, ou melhor, cada novo sócio e amigo.

O Núcleo já está em plena atividade, tendo promovido a realização do I Enduro do Cavalos Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro, no dia 28 de julho, em Areal interior do Estado. E em novembro promoverá a I Exposição Especializada em Cavalos Mangalarga Marchador, no Casahopping, na Barra da Tijuca — Sonia Maria Paes Leme.



Diretoria do Núcleo: da esquerda para a direita: Murilo M. Burl, diretor tesoureiro; Mario Piragibe, vice-presidente; Claudio Caiado, diretor-secretário; Eider R. Dantas Filho, presidente; Paulo Fontainha Geyer, presidente do conselho e Arnaldo Cesar Coelho, diretor de relações públicas.



Momento em que o Sr. Paulo Geyer descerrou a placa comemorativa.

o Relações Públicas do Núcleo. Ainda falando aos presentes, esplanou o projeto da Associação Brasileira de Criadores para o Estado do Rio de Janeiro de criar um departamento comercial cujos lucros serão todos revertidos em benefício dos associados, criando-se um departamento veterinário, com capacidade de atender a todo o território do Estado.

A placa comemorativa foi descerrada por um representante do Dr. Dirceu Araujo, em um ambiente de grande entusias-

II Dia de Campo de São José do Barreiro

No município de São José do Barreiro, Estado de São Paulo aconteceu, no dia 19 de julho último, o II Dia de Campo com a finalidade de divulgar as técnicas já testadas e em franca utilização nas fazendas da região. O temário da reunião foi o seguinte: Leite tipo B, Cultura de Café, Silagem — Aveia, Apicultura Racional, Associação de Agropecuaristas do Município de São José do Barreiro e Retenção de Placenta.

Com a presença de aproximadamente 150 fazendeiros da região e de fazendas vizinhas, o evento teve uma boa repercussão com promessa de que, no próximo ano, todos ali retornarão para outro encontro.



Um criador preenchendo a proposta de assinante-associado da ABC.

O II Dia de Campo teve a promoção da Casa da Agricultura de São José do Barreiro, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral — CATI —, com o apoio da Prefeitura do Município e com a colaboração da EMATER/RJ, Casa da Agricultura de Silveiras e BANERPA de Areias.

O evento teve lugar na Fazenda Santa Bárbara, no Bairro da Serra no município de São José do Barreiro.

I Enduro do Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro

Em um dia de grande otimismo e integração entre os criadores do cavalos Mangalarga Marchador, realizou-se, no dia 28 de julho último, o I Enduro do Mangalarga-

ga Marchador do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Areal.

O percurso total foi de 45 quilômetros, com a linha de partida no Haras Santa Cruz de propriedade do Sr. Pedro Werneck, passando pela Fazenda Córrego Seco de Paulo Geyer, indo até a Fazenda Itajana de Olavo Monteiro de Carvalho e, finalmente, retornando ao Haras Santa Cruz.



Aspecto da reunião.

O resultado do Enduro foi o seguinte: 1.º lugar: José Eduardo Teves no cavalo Tabajara Tabatinga. 2.º lugar: Valéria Giovanelli Machado com Fada de Santa Cruz. 3.º lugar: André da Silva Braune com Formosa de Santa Cruz. 4.º lugar: Luiz Felipe Portella Vasconcellos com Gianini de Santa Cruz. 5.º lugar: Cláudio Calado com Atrevido Dias. 6.º lugar: Cláudio Calado Júnior com Bolívia de Guaratiba. 7.º lugar: Sebastião José Ferreira da Silva. 8.º lugar: José Dúflio Piragibe com Faroeste Girolanda.

Após a chegada de todos os concorrentes, o criador Luiz Felipe Portella ofereceu um churrasco aos participantes, em sua propriedade, confirmando então, o espírito de união e amizade.

Na exposição que o Núcleo está organizando em novembro, do dia 06 à 08, no Casashopping, na Barra da Tijuca, está sendo programado o 1.º Simpósio sobre Andamento, bem como um "Leilão Especial" visando atender o maior mercado comprador da Raça que é o Estado do Rio de Janeiro.

A propósito do mercado de comercialização do Mangalarga Marchador, o Núcleo está desenvolvendo um trabalho, inclusive com relação à exportação, que deverá ser de grande interesse, não só dos criadores do Estado bem como os criadores de todo o País.

I Leilão de Bovinos e Equinos de São José do Barreiro

No dia 27 de julho último, em Formoso, município de São José do Barreiro, Estado de São Paulo, realizou-se o I Leilão de Bovinos e Equinos. O evento teve lugar no Hotel-Fazenda Clube dos 200.

Compareceram perto de 500 pessoas entre fazendeiros da região e outras, tais como, Lorena, Resende, Itaperuna, Porciúncula, Taubaté, Cruzeiro, Rio de Janeiro, São Paulo, Aréas e etc.

Foram negociadas 40 cabeças entre equinos da raça Mangalarga e Campolina e bovinos da raça Gir-Holando e Holandês, num montante de Cr\$ 90 milhões de cruzeiros.



Outro aspecto da reunião.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES há um ano mantém uma ampla sede social no Rio de Janeiro para atender seus associados e os criadores em geral. REVISTA DOS CRIADORES, que é órgão de divulgação da ABC desejando dar cobertura a essa iniciativa a partir desta edição passa a publicar um noticiário sobre a pecuária e os pecuaristas fluminenses e para isso manterá no endereço abaixo a jornalista Tania Maria Paes Leme para atender os criadores associados. Procurem-nos que será uma satisfação atendê-los.

Endereço:

Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3
São Cristóvão — Fone: (021) 228-7377
RIO DE JANEIRO

Engerauto

OS VEÍCULOS DO FUTURO FABRICADOS NO PRESENTE

NA CIDADE — NA PRAIA — NO CAMPO



Sofisticado como os mais luxuosos veículos internacionais de uso misto.

O SEU VEÍCULO ENGERAUTO PODE SER EQUIPADO COM:

Ar Condicionado • Geladeira • Som • Televisão
Bancos Giratórios • Grade com 4 ou 8 Faróis
Rodas de Alumínio ou Cromadas • Pneus Especiais
Pintura Degradê • E Tudo Quanto Você
Desejar Para Personalizar Seu Veículo.

Um produto

Engerauto

SHOW-ROOM:

Av. Brasil, 1.525 — Jardim Europa — São Paulo
F.: 881-0519 — 881-0531 — Telex (011)24896.



Cabina dupla panorâmica



Pick-up conversível



Empresa do Grupo
SANTO AMARO
O Maior distribuidor Ford do Brasil.



São Paulo:
Av. Rio Branco, 620 - Centro
F.: 221-1022/221-1573
Av. Adolfo Pimenta, 386-Sto. Amaro
F.: 246-1676/522-7122

Rio de Janeiro:
Av. Brasil, 2.520
F.: 580-2113/580-8385
Av. Alvorada, 2541 - Via II-Tijuca
F.: 326-8857/326-9767

DISPONÍVEIS TAMBÉM NO DISTRIBUIDOR FORD DE SUA CIDADE



TÊM COISAS QUE NÃO DÁ PARA ENGOLIR.

Principalmente se forem inteiras. Mas a Nogueira desenvolveu uma completa linha de máquinas agrícolas que vão desde DESINTEGRADORES, PICADORES E MOEDORES, até ENSILADEIRAS e COLHEDEIRAS DE FORRAGENS que transformam o milho, sorgo, napiê, cana etc. em alimentos picados ou triturados, proporcionando uma ração rica e homogênea.

Mas além de proporcionar uma melhora na qualidade do trato animal, as máquinas Nogueira são muito mais resistentes e racionalizam mão-de-obra, pois são facilísimas de serem operadas, podendo ser acionadas por motores elétricos,

diesel, gasolina e também por tomada de força de tratores.

Portanto, quando você pensar em equipamentos para agilizar e melhorar a alimentação de bovinos, equinos, suínos, aves, pense um pouco mais e decida-se pela qualidade e experiência das MÁQUINAS AGRÍCOLAS NOGUEIRA.



NOGUEIRA

Sinônimo de máquinas agrícolas.

IRMÃOS NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas e Materiais.
FABRIL: Rua 15 de Novembro 391 - Caixa Postal 9 - CEP 13070
- ITAPURA S.P. BRASIL - Tel. (019) 63.1500
Telex: (019) 3388 INVOB. 88



PARDO SUÍÇO em notícias

ANO 1 — N.º 2 — AGOSTO DE 1985

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO PARDO SUÍÇO

FUNDADA EM 1.938

Av. Francisco Matarazzo, 455 — CEP 05001 — Fone: 864-0691 — São Paulo — SP

VOCÊ SABIA QUE?

O RECORDE
MUNDIAL DE
PRODUÇÃO
LEITEIRA
PERTENCE A
UMA VACA
PARDA SUÍÇA

Produção leiteira do animal Ivetta ano por ano
(30 de abril de 1956 — 11 de junho de 1971)

IVETTA — Recordista mundial de produção de todas as raças bovinas. Classificação de Tipo: Excelente.

A prova está no animal IVETTA, pura de origem registrada na Brown Swiss Of America sob número 296.971, recordista mundial de todas as raças em produção de gordura láctea, a qual produziu em doze lactações um total de 6.185 quilos de gordura e 140.258,6 quilos de leite. Trata-se do único animal entre todas as raças a alcançar dez recordes consecutivos de mais de 24.000 libras (10.667 quilos) de leite e 1.031 libras (458 quilos) de gordura, sendo que seis recordes foram obtidos em 305 dias.

Chamamos a atenção, que além da invejável produção, para a sua excelente condição reprodutiva onde a mesma teve a primeira parição aos 26 meses de idade e a última aos 15 anos com um intervalo médio, entre partos de quatorze meses.

Verificar no quadro ao lado sua produção detalhada.

IDADE	DIAS	ORDENHAS	LEITE KG	GORDURA %	GORDURA KG
2-2	305	2x	5.254,1	3,88	204,0
3-2	365	3x	12.006,8	4,45	534,5
5-1	305	3x	10.932,7	4,49	491,4
6-0	365	3x	11.254,1	4,26	479,1
7-2	305	3x	10.939,1	4,34	474,1
8-2	330	2x	10.939,5	4,30	470,0
9-2	305	2x	11.636,8	4,67	543,6
10-2	305	2x	12.289,1	4,50	553,2
11-3	305	2x	12.014,1	4,83	580,0
12-3	305	2x	11.390,9	4,77	540,9
13-4	365	2x	12.449,5	4,23	526,4
15-0	365	2x	9.275,9	4,00	369,1
TOTAL	4.515	—	140.258,6	4,50	6.185,0

Médias Diária 31,06 Kg de Leite
1,37 Kg de Gordura

Média por Lactação 11.688,16 Kg de Leite
515,42 Kg de Gordura

Intervalo entre partos = 14 meses



Para acabar
com as moscas
Electron é
daqui, ó!



Se a vaquinha está dizendo,
porque sabe das coisas.
Sabe que é impossível uma
vida saudável, ao ar livre, em
companhia de moscas irritan-
tes e nojentas.

É por isso que os bovinos
mais bem informados do país
estão entrando na moda do
rinco - a limpa, moderna
produtiva moda de Electron.

Electron é o brinco inseti-
cida que acaba com as mos-
cas e deixa o gado saudável
tranquilo.

Os animais que não conhe-
cem Electron, sofrem,
atados. Dormem mal,
nem mal, vivem
feios de feridas
acabam
entrando
enças

sérias como berne, bicheira,
mastite, diarreia e cegueira.
Tudo isso causado pelas
moscas.

Pode? Claro que não.
Comece então a melhorar
a produtividade do seu
rebanho, antes que o seu

lucro vá para o brejo.
E afaste o prejuízo com o
tratamento da moda:
Electron nas orelhas.

Você vai ver que, depois
desta saudável novidade, o seu
gado vai mudar um bocado.

Vai ficar mais tranquilo.
Vai comer melhor. Vai produ-
zir mais carne e mais leite.
E vai ficar um brinco.



PEARSON

NA SAÚDE E HIGIENE ANIMAL
Pearson Indústria e Comércio Ltda.
Rua Viúva Cláudio, 150/160
CEP 20970
Rio de Janeiro
Tel.: 261-4712

Preencha e envie à Pearson para receber um folheto técnico.

NOME _____
END _____
CIDADE _____
EST _____
CEP _____



Aspecto das pastagens e da atual sede da Santa Isidoro.



UM PLANTEL SOB CONTROLE

Produção de leite "A" e seleção do Pardo Suíço em Jundiaí, SP

Josef Pfulg produz, na Agropecuária Santo Isidoro, em Jundiaí, o leite "A", pasteurizado e empacotado na própria fazenda. Na propriedade, formada de solos acidentados e que foram recuperados após 10 anos de muito trabalho, é mantido um plantel de 120 animais da raça Pardo Suíço, com média de produção de 20 kg de leite/dia.

Há 28 anos no Brasil, o suíço Josef Pfulg conseguiu formar um sólido grupo industrial, buscando obstinadamente a qualidade e o aperfeiçoamento de seus produtos. Perfeccionista, construiu e conserva, com o mesmo padrão inicial, os calçados Vulcabras, uma das marcas mais famosas do país e o carro-chefe do conglomerado. Hoje, produz 40 mil pares de diversos tipos de calçados em suas fábricas de Jundiaí, o embrião que deu origem ao grupo, que tem mais duas unidades industriais, uma em Cabreúva e outra em Franca.

Apesar da reputação das marcas que fabrica, Pfulg procura sempre estar atualizado e busca incessantemente novidades no mercado mundial, viajando frequentemente ao exterior para saber o que há de novo em seu setor industrial. Com essa obstinação pela qualidade e modernização tecnológica, Pfulg conseguiu penetrar no

exigente mercado americano e agora foi convidado pelo governo chinês a produzir calçados no país: inicialmente, ele fornecerá apenas a tecnologia e, após sondar o mercado, talvez instale uma fábrica própria. O potencial de mercado na China é grande — é um país de 1,2 bilhão de habitantes. Cada módulo industrial que for construído terá que ser uma planta para no mínimo 40 mil pares — o mesmo volume que ele produz atualmente no Brasil em suas três fábricas. De qualquer forma, ele vai com calma.

O seu determinismo para a perfeição ele leva não só na fábrica. Por exemplo, há 10 anos resolveu materializar um velho sonho: ir de encontro à sua infância passada no campo — seu pai era produtor de leite na Suíça. Assim, adquiriu um sítio de 30 alqueires — o mesmo tamanho da propriedade do pai. Lembra que teve oferta de várias propriedades maiores —

mas preferiu uma menor, já que dispunha de pouco tempo para cuidar. Ele preferiu uma área menor em que pudesse dedicar toda sua atenção.

O sítio estava abandonado e improdutivo, lembra o empresário. Encontrou matas, terras erodidas e as terríveis voçorocas devorando o solo. Vindo de um país de áreas de terras diminutas e por isso bem cuidadas, Pfulg, ao assumir o sítio, cuidou, inicialmente, de eliminar a erosão e recompor as partes afetadas pelas voçorocas. Transportando terra e plantando capins foi pacientemente reconstruindo as partes destruídas. Essa cirurgia eliminou, por completo, as voçorocas, sem deixar, 10 anos depois, sequer marcas.

Enquanto fazia a recuperação do solo, iniciou a formação de 14 alqueires de pastagens e a montar a infra-estrutura para a produção de leite: curral, estábulo, ordenhadeira e a unidade de pasteurização e empacotamento do leite "A". Construiu casas para os empregados e silos.

Para formar o plantel, adquiriu reprodutoras Schwyz, POI, rústicas e consideradas de dupla aptidão — carne e leite. E cobriu com sêmen e touro Brown Suíço, de origem americana, selecionado para leite. Os cruzamentos sempre visaram o aumento da produção leiteira e também de forma a preservar grau de resistência às condições climáticas brasileiras. Assim, nos cruzamentos, Pfulg mantém um grau de sangue 3/4 americano e 1/4 suíço. "Com um quarto de sangue eu garanto a rusticidade e os 3/4 americano tenho produção de leite", explica. "O Pardo Suíço puro americano é bastante sensível e perde resistência", justifica. "Como meu sítio é formado em terreno acidentado, o Pardo Suíço puro americano tinha dificuldades no andar e principalmente ao subir as ladeiras. Com 3/4 e 1/4 não existe esse problema. Porém, a maioria das matrizes é de meio sangue, de forma que posso produzir o 3/4 e 1/4", observa.

Seu plantel atual é formado de 120 cabeças — mais ou menos de 30 a 33 em lactação controlada pelo Serviço de Controle Leiteiro da ABC. Essas vacas mantêm uma produção média de 20 kg de leite/dia. Pfulg já teve um plantel maior, porém vendeu. Já chegou a produzir 800 litros de leite/dia. Porém, como não podia ampliar o mercado do leite "A", consumido por uma faixa da população de alto poder aquisitivo — é Cr\$ 300 mais caro do que o "B" resolveu produzir apenas o que o mercado consome.

Pfulg, ao fazer a seleção, nunca visa produzir estrelas em seu plantel. Ele prefere ter um plantel homogêneo e com média regular de produção. "Eu prefiro dispor de um plantel bastante homogêneo e ir paulatinamente melhorando todo rebanho", explica. Assim, com um plantel com média de produção de 20 kg/leite/dia, ele, também, pode dar segurança ao comprador de suas novilhas e tourinhos. Com isso, mantém clientela praticamente cativa para os seus 30 produtos anuais e o comprador vai buscar os animais na própria fazenda. Da mesma forma, ele evita levar os animais a leilão, sob a jus-



Tipo padrão das produtoras da Santa Isidoro, com a média diária de 20 quilos de leite.



Aspecto de um estábulo. Muita luz e muita ventilação.



Dr. Heloisa e seu esposo Sr. Joseph Pfulg e ao centro Luiz de Almeida Penna.

um veterinário. Pfulg, para não ter problemas com as vacas, procura evitar o "stress", que segundo ele afeta a produção de leite. Paulatinamente, Pfulg vem melhorando as vacas de seu plantel, tanto no aspecto produtivo como na parte física, como defeitos nos tetos, etc. Vacas que produzem menos de 6 mil quilos por lactação são descartadas e substituídas por novilhas produzidas no sítio, o mesmo acontecendo com aquelas que apresentam problemas de fertilidade. Para cobertura usa intercaladamente o touro descendente do famoso reprodutor americano "Beautician" e sêmen importado dos Estados Unidos. Com esse manejo, consegue uma média de 70% de fertilidade ao ano.

Recentemente, ele adquiriu a vaca "Ivetta", de 6 anos, de Farid Yamim, por Cr\$ 47,5 milhões. Fez esse negócio, por se tratar de um animal excepcional, com produção controlada de 7 mil kg por lactação. Essa vaca será usada para fazer transplante de embrião. Já dispõe de 30 vacas Girolandas e espera obter pelo menos 30 produtos anuais dessa vaca, mediante a transferência de embriões. Ele espera produzir pelo menos 70% dos produtos com produção e características da mãe.

O leite tipo "A"

Para produzir o leite "A", os cuidados sanitários são os mais rigorosos possíveis. Por exemplo, antes da ordenha, os tetos são lavados com água na temperatura do corpo do animal para evitar choques térmicos. Os tetos são enxugados e desinfetados. E antes de colocar a ordenhadeira é feito teste para detectar mamite. Além de evitar "stress", Pfulg, também, para evitar mamite, faz o esgotamento completo do leite. Com esses cuidados, não tem tido problemas com mamites em seu plantel.

A ordenha é mecânica e o leite por canalização, flui para um tanque hermeticamente fechado, onde é refrigerado a 4°C, na ordenha da tarde. Para produzir o leite "A", o processo é todo automatizado, sem nenhum contato humano. Após a pasteurização e empacotamento, o leite é transportado em combis refrigeradas até

a cidade e às 8 horas já está na casa do consumidor ou nos estabelecimentos de Jundiaí.

Embora a legislação para se produzir o leite "A" tenha se modificado e não se faça mais tanta exigência, como a de que o produto esteja em mãos do consumidor em menos de 24 horas após a ordenha e nem exige a taxa de gordura em torno de 3,8 a 4%, Pfulg faz questão de manter essas características que introduziu há 8 anos. Hoje, os próprios médicos da cidade recomendam o leite Santo Isidoro aos seus clientes.

Porém, Pfulg pensa em aumentar a produção, mas desde que haja aumento de consumo. Para isso, ele fará a divulgação e com ela espera atingir 1.000 litros de leite A/dia. Como tem problemas para colocar o leite em algumas épocas do ano, sobretudo nas férias escolares quando o consumo cai bastante, ele está montando uma pequena queijaria para produzir queijo parmesão, prato e suíço, mesmo que fique parada boa parte do ano e para isso já contratou um técnico especializado.

Brevemente, deve chegar um lote de 15 novilhas Pardo Suíço da Suíça. São animais selecionados rigorosamente em vários pontos do país. Segundo ele, são novilhas excepcionais em tipo e produção e bastante rústicas.

A Fazenda produz, ainda, café, hortaliças e peixe para consumo próprio, havia uma criação de cavalos da raça Árabe na propriedade: os animais foram transferidos para outra fazenda em Itatiba. Os cavalos são cuidados pelo filho. Agora, vai iniciar a construção da sede na fazenda, onde pretende morar. Embora seja um homem bastante ocupado, Pfulg cumpre religiosamente sua visita matinal à propriedade e acompanha pessoalmente o andamento da Agropecuária Santo Isidoro. O empresário dispensa todo cuidado aos empregados e seus familiares. Por exemplo, além da moradia em casas confortáveis e alimentos, os empregados têm convênios com hospitais da cidade. A exemplo da indústria, ele conhece pessoalmente os empregados e os chama pelo nome, porém, exige fidelidade. "Na indústria tenho empregados com mais de 20 anos", conta.

ificativa que dá trabalho e há riscos grandes. "Há leilões onde as cotações são boas e outras com resultados pífios", argumenta. "Como tenho clientela cativa na própria fazenda dificilmente sobra animais para os leilões, diz.

Os animais da fazenda são semi-estabulados. Dormem fora e há piquetes para as vacas secas e novilhas e para as matrizes em lactação. De acordo com ele, os animais pastejam apenas para exercitar e tomar sol. Como alimento, é fornecida ração concentrada, produzida na fazenda, silagem e napier picado. Após passar a noite fora, as vacas são recolhidas para a ordenha das 4 horas da manhã e passam o dia nos estábulos. Para a produção de silagem de milho, são plantados 7 alqueires. Faz duas safras: a primeira para silagem e a segunda para fazer o rolão. Reserva também 3 alqueires para capineiras.

O controle sanitário é rigoroso. Faz a vacinação contra a aftosa, carbúnculo e brucelose. Dá banho de carrapaticida e enxofre e fornece sal mineral. Os animais são examinados uma vez por semana por



Sala de ordenha onde impera a higiene.



O leite tipo "A" não entra em contato com o ser humano e é entregue dentro de 24 horas após a ordenha. Em uma única sala de 6 x 6 m, todo o leite é recebido por tubulação, é pasteurizado, resfriado e envasado. Daqui segue diretamente ao consumidor ou ao distribuidor.

O FAZENDEIRO DO MÊS

FORTALEZA: uma fazenda modelo

A Fazenda e Haras Fortaleza é uma propriedade de Aloysio Andrade Faria. Dedicase à exploração de gado holandês branco e preto, cavalos Árabe e Mangalarga Marchador, todos de elevado padrão genético. Modernamente instalada e empresarialmente administrada, tem uma privilegiada localização: as ricas e valorizadas terras da região de Campinas, chamada de velho oeste, e por onde o café iniciou a sua entrada por terras paulistas. Confinada numa área de 258 hectares, todos transformados em pastos de capim gordura, cultura de milho para ensilagem e o restante em capineiras, representa o vestígio de um agro, cada vez mais empurrado para as entranhas do estado de São Paulo, cedendo seu lugar para os lotes industriais e residenciais.





As vacas são enxertadas com sêmen de touro provado.

Seleção de vacas leiteiras e cavalos da Fazenda e Haras Fortaleza

Ligado por laços familiares à agropecuária, o banqueiro Aloysio de Andrade Faria, nunca conseguiu romper seus vínculos com a terra. Banqueiro bem sucedido, ele mantém, hoje, uma fazenda na região de Campinas que tem a sua marca pessoal de administração. Dela não extrai a renda para se sustentar. "É um hobby", admite. Porém, apesar disso, ele procura imprimir uma administração essencialmente empresarial e impor um trabalho de seleção de bovinos e equinos dentro dos padrões técnicos dos mais modernos. Sua satisfação pessoal é estar em contato com a terra e produzir animais do mais alto padrão genético. "É a minha contribuição para a sociedade", diz.

Médico formado na Universidade Federal de Minas Gerais, Aloysio de Andrade Faria montou, há 23 anos, uma fazenda modelo no município de Vespasiano, nos arredores de Belo Horizonte. E, desde que comprou a propriedade, procurou visitá-la com frequência. Sempre procurou estar em contato permanente com os trabalhos da fazenda.

Porém, há 16 anos, com o crescimento do Banco Real, hoje um dos maiores do país, e a transferência de sua sede para São Paulo, Aloysio Faria teve que mudar-se, com a família, para a capital paulista. Im-

possibilitado, assim, de dedicar cuidado extremo à fazenda, preferiu desfazer-se dela. Mesmo não dependendo dela, não admitia que o trabalho desenvolvido na propriedade não fosse acompanhado por ele pessoalmente.

O amor à terra e à pecuária fez com que, simultaneamente à venda da propriedade no município de Vespasiano, adquirisse outra fazenda mais próximo do local de trabalho. Assim, adquiriu a fazenda Fortaleza no município de Nova Odessa, próximo a Campinas e a São Paulo. Para a nova fazenda trouxe os bovinos e equinos — animais frutos de 8 anos de seleção em Minas Gerais. Rigorosamente selecionados, eram animais de elevado padrão genético.

Pouco tempo depois de adquirir a nova propriedade, que estava semiabandonada, ele transformaria toda a Fazenda e Haras Fortaleza numa das mais belas e modernas do país. Formou pastagens com capim gorda para a alimentação de bovinos e equinos. Construiu uma infraestrutura moderna: sede, casas dos empregados, estábulos, salas de ordenha e refrigeração de leite e silos para o armazenamento de silagem. Transformaria, assim, numa propriedade que nada fica a dever às mais modernas fazendas americanas.

Hoje, a Fazenda e Haras Fortaleza é a própria síntese da imagem de Faria, um banqueiro bem sucedido. Embora o Banco Real ocupe muito tempo, ele não abre mão da visita

semanal: toda sexta-feira Faria está na propriedade e toma pé da situação. O acompanhamento do andamento dos trabalhos é feito durante a semana inteira. Porém, é nos finais de semana que ele assume, por inteiro, os trabalhos desenvolvidos na fazenda. Desde o início, ele impôs na Fazenda e Haras Fortaleza o mesmo padrão administrativo do Banco.

Embora conte com uma equipe de técnicos de alto nível, ele acompanha o desenvolvimento dos animais. Analisa todas as fichas, os nascimentos, a produção e a evolução do rebanho. Foi graças à essa dedicação que Faria, há um ano e meio, pôde detectar que os sêmens importados apresentavam problemas de baixa fertilidade e após observar minuciosamente a falha comunicou-se com o Ministério da Agricultura e as centrais de inseminação, alertando-os. Com esse alerta, as Centrais passaram a exigir maior rigor na importação de sêmen e, de acordo com Faria, agora não há mais problemas.

Seleção

Na seleção de bovinos, Faria sempre procurou formar animais que apresentassem como características a produção, úberes, bons aprumos e boa caixa. Com essas características, ele procura, ao mesmo tempo, formar animais longevos, sadios e férteis. Nos cruzamentos, ele procura formar animais que se adaptem às condições brasileiras. Segundo Faria, isso ocorre naturalmente. "Os animais que não se adaptam morrem, não apresentam fertilidade e tem propensão às doenças", explica. "Quem está selecionando os animais para as condições de clima brasileiro são eles próprios. É uma seleção natural", acrescenta.

De acordo com seus métodos, a seleção, para a adaptação ao meio, é feita usando-se as fêmeas produzidas na fazenda. O melhoramento é feito com o sêmen importado. É um casamento perfeito que seleciona um animal adaptado ao meio, altamente produtivo e fértil, além de oferecer boa conformação dos úberes, pés e caixas.

A Fazenda e Haras Fortaleza man-



Vista da fazenda, vendo-se allos e instalações.

têm um plantel de 150 cabeças de bovinos da raça Holandesa PB, PO. Desse plantel, há quase que permanentemente de 60 a 70 vacas em lactação, com média superior a 20 kg de leite/dia. Sua produção de leite B é entregue à Cooperativa de Campinas. São produzidos de 1.300 a 1.500 litros de leite/dia, em regime de três ordenhas.

Os animais são alimentados e mantidos nas pastagens e recebem napier picado e suplemento, com ração produzida na própria fazenda. Os animais em lactação são separados de acordo com a produção: com produção superior a 20 kg de leite/dia, as que produzem menos de 20 e as que estão iniciando a lactação. Essa divisão é feita para facilitar o arrastamento dos animais. As vacas que estão no início da lactação recebem ração à vontade para testar a capacidade de produção. Após um mês neste regime, é definida sua alimentação.

Para alimentar os animais, ele dispõe de pastagens de capim gordura. Para a silagem, ele planta duas safras de milho. Nessa área, ele plan-

ta, ainda, aveia no inverno, sem irrigação. Tem capineira, para fornecer verde picado. Ele produz, em média, 740 mil toneladas de silagem e milho.

O alimento é fornecido abundantemente durante o ano todo, como forma de garantir boas condições às vacas. Como verde é fornecido o napier e cana picados. Ele acha indispensável fornecer o verde às vacas: para exercitar o rumem. No meio das pastagens, ele semeou a soja perene, para enriquecer proteicamente o alimento.

Da mesma forma, o cuidado na sanidade do rebanho é rigoroso. Todas as vacinações são aplicadas: contra a tuberculose, carbúnculo, brucelose e aftosa. Antes da ordenha, as vacas são testadas para se detectar mamites. É feito o teste da canequinha e o animal com mamite é analisado e tratado rigorosamente após encerrada a lactação. Segundo ele, não adianta fazer o tratamento no período de lactação: a cura é difícil. Se o problema da mamite persistir, o animal é eliminado. Com esse método de tratamento e mane-

jo, Faria não tem tido mais problema com a mamite em seu plantel.

Ele produz uma média de 90 bezerros por ano. As novilhas são usadas na substituição de algumas vacas descartadas (são descartadas todas as vacas que apresentam atualmente uma média inferior à 8.000 kg por lactação. E sempre é estabelecido uma média mínima de produção e sempre que é superada estabelece-se nova meta como forma de aumentar os índices de produtividade do rebanho). Há, também, venda de reprodutores machos. Porém, todo ano ele tira um macho do lote, para usar na cobertura natural. Não há problema para colocar a produção de bezerros marca **Fortaleza**: há inclusive reservas antecipadas e uma clientela cativa, que já conhece a qualidade dos animais criados por Faria.

Há três anos, a Fazenda e Haras Fortaleza iniciou o processo de transferência de embriões. Para isso, foram reservadas 10 vacas excepcionais, com produção oficial comprovada pelo Serviço de Controle Leiteiro da ABC superior a 10 mil kg



A tropa é formada por Árabes e Mangalarga Marchador.



Neste picadeiro são domados e adestrados os Árabes e os Mangalarga Marchador.



As bala

de leite por lactação. Para isso, são usadas 100 vacas Girolandas como receptoras e sêmen de touros POI provados. O objetivo é formar um plantel de matrizes e tourinhos POI com produção superior a 10 mil kg por lactação. Por enquanto, ele considera a técnica da transferência de embriões problemática. "Ainda não dispomos de técnicos especializados e suficientemente hábeis para extrair dessa técnica todo o potencial que ele oferece", explica. "É um programa caro e de retorno duvidoso. No Brasil, essa técnica não adquiriu, ainda, o estágio dos Estados Unidos".

Embora tenha um plantel fino, de alto índice de produtividade e adotar métodos modernos da exploração leiteira, Faria considera a atividade, do ponto de vista econômico, não compensatório. Porém, não pretende parar. Pelo contrário, sua intenção é continuar investindo no melhoramento genético do rebanho e produzir matrizes e reprodutores de alta qualidade. "Eu encaro essa atividade não com fins lucrativos e sim como uma contribuição pessoal à pecuária brasileira. E também à sociedade, legando a ela um material genético riquíssimo para a produção de alimentos", diz. "Eu encaro essa minha atividade como um "hobby" e que procuro desenvolvê-lo da melhor forma possível. Minha satisfação é obter, como resultado do meu trabalho, produtos extraordinários", explica.

Faria, também, dedica atenção especial aos equinos. Também oriundos da fazenda de Vespasiano, Faria seleciona há 23 anos cavalos Árabes e Mangalarga Marchador. O maior plantel de equinos é da raça Árabe: são 150 cabeças. No rebanho, como padreadores, ele tem os garanhões Serenity Mashalla, Sahibi, Basco, Belfast, A.F. Tabask, Ansata El Tareef, como as principais estrelas. Ele reserva os animais para os leilões e também vende cobertura dos seus garanhões. Embora seja pequeno, o plantel de cavalos da raça Mangalarga Marchador é fino e Faria não pretende desfazer-se deles: seus antepassados sempre selecionaram essa raça e ele os cria há 23 anos. É uma tradição que pretende conservar.

NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

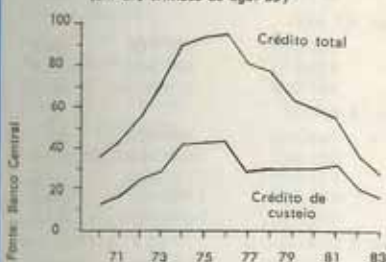
ANO I — N.º 3 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — AGOSTO — 1985

MOMENTO AGROPECUÁRIO

Política governamental estimula culturas alimentares

O primeiro quinquênio da década de oitenta revelou uma dramática queda nos recursos financeiros aplicados na agricultura nacional. As linhas de investimentos, com a desativação dos programas especiais (PROPEC, PRONAP, PROVÁRZEAS, PROFIR etc.), foram restringidas a um volume pouco expressivo. Com isso, o crédito rural ficou praticamente limitado ao custeio e à comercialização, assim mesmo de maneira parcial, em face dos índices percentuais que passaram a ser aplicados através de Limites de Adiantamentos aos orçamentos e aos VBC's — Valores Básicos de Custeio, de acordo com a atividade beneficiada (lavoura) e a categoria do produtor.

BRASIL: SALDOS EM DEZEMBRO DO CRÉDITO RURAL A AGROPECUÁRIA, 1971-84
(em Cr\$ trilhões de ago. 85)



Traçando um perfil da evolução do crédito rural nos últimos 15 anos, o gráfico apresentado mostra uma fase francamente expansionista nos empréstimos totais até 1977. Poste-

riormente, as aplicações em crédito rural mostraram um constante declínio, de modo que, em 1984, o saldo devedor dos agricultores, em termos reais (ou seja), descontada a inflação) esteve num patamar inferior ao de 1973, revelando uma queda de 70% em relação ao ano de aplicação máxima de recursos (1977). Evidentemente, para fazer com que a agricultura retome o caminho do crescimento da produção, quebrando a estagnação dos últimos anos, o aumento na disponibilidade de recursos constitui uma medida fundamental. Não se pode desconsiderar o fato de que no processo de produção agrícola há um espaço de tempo separando os períodos de realização de dispêndios (plântio e tratamentos culturais) e o retorno do investimento. Além disso, deve-se acrescentar que o grau de risco (sobretudo pela dependência climática) é maior no caso da produção agrícola comparativamente à produção industrial. A frustração da colheita num determinado ciclo significa, além de prejuízos, redução da disponibilidade de capital de giro para aplicação no ciclo de produção subsequente.

Para bem entender a situação atual, uma pequena retrospectiva do desempenho agrícola é oportuna. Na temporada 1982/83 verificou-se uma severa quebra na colheita, em razão

de adversidades climáticas: enchentes no Sul e seca no Nordeste. Os estoques chegaram a níveis críticos, com os armazéns ficando praticamente vazios, de modo que, na entressafra, para evitar problemas de abastecimento, o governo teve de realizar importações. Por outro lado, a economia brasileira passava por um momento particularmente difícil no seu processo recessivo, com pequenas reservas em divisas, inflação galopante e desemprego crescendo ampliando-se de forma generalizada. As dificuldades eram tantas que, por ocasião do plantio da safra 1983/84, a agricultura era chamada de "a última trincheira", conforme posicionamento da Fundação Getúlio Vargas.

A escassez generalizada de produtos agrícolas fez com que a comercialização da safra 83/84 oferecesse um bom superávit econômico aos produtores. Estes, foram mais estimulados a lançarem-se ao plantio da safra 84/85, principalmente em termos de algodão e soja, uma vez que os preços mínimos foram fixados em níveis considerados bastante atraentes.

Na comercialização da safra 1984/85, os preços de mercados, durante o período de venda do grosso da produção, ficaram abaixo dos mínimos oficiais. Nessa circunstância, através de operações de EGF's —

**Você tem um motivo
atrás do outro
para usar as botas Vulcabrãs.**

Empréstimos do Governo Federal e AGF's — Aquisição do Governo Federal, estima-se que o governo tenha desembolsado, até meados de julho, cerca de Cr\$ 13 trilhões, com a compra de 6,5 milhões de t de grãos e financiado a estocagem de mais 5,5 milhões. O excesso de oferta em relação à demanda, até mesmo nos gêneros de exportação (caso típico da soja e do algodão), cujas cotações externas estiveram em baixa, não proporcionou um resultado econômico favorável aos produtores.

Assim, para o ciclo agrícola de verão em 1985/86, cujos trabalhos de preparo do terreno e semeadura estão em pleno andamento, o nível de capitalização dos produtores não vem alcançando o montante necessário ao custeio das lavouras. A repetição de mais um ano de política de crédito rural restritiva certamente traria resultados negativos a médio prazo. A queda no plantio e na produção agrícola seria substancial, com a inflação, a médio prazo, vindo a sofrer pressões altistas em ra-

ção da alta dos preços dos alimentos.

Diante desse quadro, o governo decidiu colocar recursos adicionais para o crédito de custeio. A estimativa oficial é que o saldo das aplicações em crédito de custeio deverá atingir Cr\$ 24,735 trilhões em 31/12/85, representando um crescimento de 213% sobre o saldo de 31/12/84, da ordem de Cr\$ 7,9 trilhões. Vê-se, assim, que o governo trabalha com a hipótese de um crescimento do crédito de custeio ligeiramente acima da inflação, que deverá fechar o ano ao nível de 200%, configurando um crescimento real na disponibilidade dos recursos oferecidos pelos agentes financeiros do sistema nacional de crédito rural. Concomitantemente, mostrando preocupação com a distribuição do crédito que não deve ser equânime para todas as culturas e todos os produtores, o governo reajustou os Valores Básicos de Custeio (Tabela 1) e definiu os limites de Adiantamentos (Tabela 2). Para tanto, dois crité-

rios básicos foram adotados: o primeiro, de captar o sinal emitido pelo mercado, tendo em vista as atividades de melhores perspectivas de comercialização. O segundo, de oferecer maiores estímulos às culturas alimentares de consumo interno, exploradas em larga proporção por agricultores de menor porte, que no conjunto vêm sendo as mais sacrificadas nos últimos anos.

As metas governamentais anunciadas pelo assessor econômico do Presidente da República são de redução na área plantada de algodão e soja de, respectivamente, 25% e 5%. Estes produtos, como salientado anteriormente, estão com grandes excedentes no mercado mundial, com as cotações tendendo a permanecer baixas. Em contraposição, o governo espera um aumento na área plantada de 3,0% para o arroz irrigado, de 2,5% para o feijão, e de 5,0% no caso do arroz sequeiro, milho e mandioca.

Tabela 1. Comparativo de VBC — Região Centro-Sul
Safras das águas

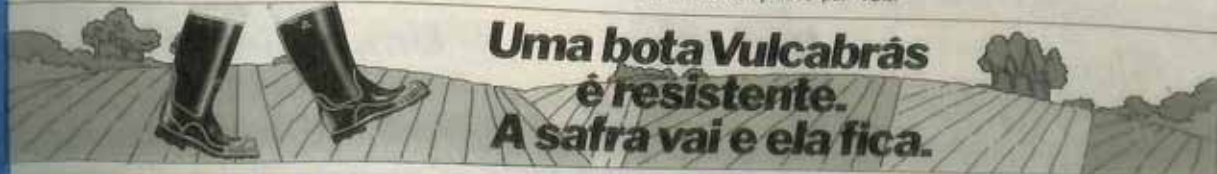
PRODUTO/FAIXA DE PRODUTIVIDADE (kg/HA)	SAFRA		(Cr\$/Ha)	PRODUTO/FAIXA DE PRODUTIVIDADE (kg/HA)	SAFRA		Acréscimo %
	84/85 Aprovado	85/86 Proposto			84/85 Aprovado	85/86 Proposto	
SORGO				De 901 a 1.400	282.000	996.000	253,2
Até 2.000	193.000	775.000	301,6	De 1.401 a 2.300	373.000	1.294.000	246,9
De 2.001 a 2.500	270.000	1.033.000	301,1	Acima de 2.300	479.000	1.674.000	249,5
De 2.501 a 3.000	309.000	1.256.000	306,5	MAMONA EM BAGA — 2.º ANO			
Acima de 3.000	357.000	1.440.000	303,4	Até 900	195.000	691.000	254,4
AMENDOIM				De 901 a 1.400	228.000	806.000	254,4
Até 1.400	399.000	939.000	135,3	Acima de 1.400	261.000	901.000	245,2
De 1.401 a 2.300	769.000	1.895.000	146,4	MANDIOCA — RAIZ — 1 CICLO			
Acima de 2.300	927.000	2.408.000	159,8	Até 10.000	246.000	903.000	267,1
BATATA-SEMENTE				De 10.001 a 15.000	293.000	1.081.000	268,9
Até 12.000	3.818.000	10.919.000	186,0	De 15.001 a 20.000	427.000	1.528.000	257,8
De 12.001 a 15.000	4.572.000	13.110.000	186,7	De 20.001 a 25.000	476.000	1.708.000	258,8
De 15.001 a 18.000	5.123.000	14.631.000	185,6	Acima de 25.000	561.000	2.005.000	257,4
Acima de 18.000	5.273.000	15.164.000	187,6	MANDIOCA — RAIZ — 2 CICLOS			
GIRASSOL				Até 10.000	381.000	1.378.000	261,7
Até 1.800	273.000	1.120.000	310,3	De 10.001 a 15.000	461.000	1.675.000	263,3
Acima de 1.800	361.000	1.455.000	303,0	De 15.001 a 20.000	640.000	2.262.000	253,4
MAMONA EM BAGA — 1.º ANO				De 20.001 a 25.000	680.000	2.411.000	254,6
Até 900	232.000	811.000	249,6	Acima de 25.000	773.000	2.741.000	254,6
				CASTANHA DE CAJU			
				Até 800	218.000	891.000	308,7



NEGÓCIOS RURAIS — um instrumento de administração

SAFRA				(Cr\$/Ha)			
PRODUTO/FAIXA DE PRODUTIVIDADE (kg/HA)	84/85 Aprovado	85/86 Proposto	Acréscimo %	PRODUTO/FAIXA DE PRODUTIVIDADE (kg/HA)	84/85 Aprovado	85/86 Proposto	Acréscimo %
CERA DE CARNAÚBA				FEIJÃO			
Única	13.000	46.000	253,8	Até 400	127.000	387.000	204,7
JUTA/MALVA				De 401 a 600	283.000	885.000	212,7
Até 1.000	610.000	2.557.000	319,2	De 601 a 800	345.000	1.070.000	210,1
De 1.001 a 1.300	704.000	2.951.000	319,2	De 801 a 1.000	450.000	1.408.000	212,9
Acima de 1.300	717.000	3.005.000	319,1	Acima de 1.000	575.000	1.835.000	219,1
TRIGO/MOURISCO				MILHO			
Até 1.500	177.000	645.000	264,4	Até 900	108.000	387.000	258,3
Acima de 1.500	228.000	825.000	261,8	De 901 a 1.300	154.000	563.000	265,6
SEMENTE DE SORGO				De 1.301 a 1.700	218.000	795.000	264,7
Até 1.500	411.000	1.591.000	287,1	De 1.701 a 2.100	265.000	979.000	269,4
Acima de 1.500	482.000	1.855.000	284,9	De 2.101 a 2.500	309.000	1.135.000	267,3
SISAL				De 2.501 a 3.000	370.000	1.354.000	265,9
Até 600	139.000	571.000	310,8	De 3.001 a 3.500	406.000	1.485.000	265,8
Acima de 600	163.000	715.000	338,7	De 3.501 a 4.000	472.000	1.725.000	265,5
ALGODÃO HERBÁCEO				De 4.001 a 5.000	547.000	1.991.000	264,0
Até 1.000	520.000	1.795.000	245,2	Acima de 5.000	633.000	2.302.000	263,7
De 1.001 a 1.200	660.000	2.240.000	239,4	SOJA			
De 1.201 a 1.400	804.000	2.709.000	236,9	REGIÃO DA SUDAM			
De 1.401 a 1.600	914.000	3.121.000	241,5	Até 1.250	321.000	1.172.000	265,1
De 1.601 a 1.800	1.041.000	3.522.000	238,3	De 1.251 a 1.500	346.000	1.263.000	265,0
De 1.801 a 2.200	1.142.000	3.881.000	239,8	De 1.501 a 1.750	421.000	1.532.000	263,9
Acima de 2.200	1.280.000	4.378.000	242,0	De 1.751 a 2.000	458.000	1.662.000	262,9
ARROZ DE SEQUEIRO				De 2.001 a 2.400	529.000	1.921.000	263,1
ÁREAS DE TOCO				Acima de 2.400	554.000	2.010.000	262,8
Até 1.000	131.000	473.000	261,1	DEMAIS REGIÕES			
De 1.001 a 1.300	150.000	546.000	264,0	Até 1.250	280.000	1.018.000	262,6
De 1.301 a 1.600	207.000	746.000	260,4	De 1.251 a 1.500	304.000	1.107.000	264,1
Acima de 1.600	263.000	915.000	247,9	De 1.501 a 1.750	374.000	1.355.000	262,3
REGIÃO DA SUDAM				De 1.751 a 2.000	407.000	1.475.000	262,4
Até 1.000	231.000	834.000	261,0	De 2.001 a 2.400	475.000	1.722.000	262,5
De 1.001 a 1.300	310.000	1.125.000	262,9	Acima de 2.400	500.000	1.810.000	262,0
De 1.301 a 1.600	397.000	1.427.000	259,4	Tabela 2. Limite de Adiantamento por categoria do produtor e cultura			
Acima de 1.600	497.000	1.727.000	247,5	Safras das águas 1985/86			
DEMAIS REGIÕES							
Até 1.000	206.000	744.000	261,2	Cultura	Categoria de Produtor	Limite de Adiantamento	
De 1.001 a 1.300	274.000	997.000	263,9	Algodão	mini e pequeno	60%	
De 1.301 a 1.600	356.000	1.263.000	260,4		médio	50%	
Acima de 1.600	445.000	1.548.000	247,9		grande	40%	
ARROZ IRRIGADO				Arroz de sequeiro, Milho e Sorgo	mini e pequeno	100%	
IRRIGAÇÃO MECÂNICA					médio	90%	
Até 3.000	751.000	2.511.000	234,4		grande	80%	
De 3.001 a 3.600	870.000	2.888.000	232,0	Arroz irrigado	mini, pequeno, médio e grande	80%	
De 3.601 a 4.200	971.000	3.230.000	232,6				
De 4.201 a 5.000	1.106.000	3.702.000	234,7	Feijão e Mandioca	mini e pequeno	100%	
Acima de 5.000	1.150.000	3.940.000	241,1		médio e grande	90%	
IRRIGAÇÃO NATURAL				Soja, Amendoim e demais produtos *	mini, pequeno e médio	60%	
Até 3.000	597.000	2.035.000	240,9		grande	50%	
De 3.001 a 3.600	659.000	2.233.000	238,8				
De 3.601 a 4.200	725.000	2.453.000	238,3				
De 4.201 a 5.000	813.000	2.794.000	243,7				
Acima de 5.000	862.000	3.032.000	251,7				

* aqueles contemplados por VBC.



MERCADO DE PRODUTO

Nota explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** dos negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (agosto-85) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), medida oficial da inflação, calculada pela Fundação Getúlio Vargas. Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba de boi gordo em set. 84 foi de Cr\$ 52.330; o **preço real**, a valores de ago. 85, será de Cr\$ 149.664, ou seja, $\text{Cr\$ } 52.330 \times 2,86$, pois a inflação no período set. 84-ago. 85 chegou a 186%. No mês presente (agosto), que é a base da série real, o **preço real**, como seria de se esperar, é igual ao **preço corrente**, tal como registram os gráficos. Os preços nominais e a inflação de agosto são estimativas (*).

BOVINOS DE CORTE

Estoque na Europa prejudicam o mercado mundial

A recuperação sazonal dos preços do boi gordo, analisada na edição de julho de Negócios Rurais, prosseguiu no final de julho e primeira quinzena de agosto. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA) de São Paulo, o preço médio a nível do estado em julho foi de Cr\$ 81.790/arroba. Após uma estabilidade de semanas na faixa de Cr\$ 100 mil, a arroba do boi gordo saltou para Cr\$ 120-130 mil no início de agosto, permanecendo nessa faixa até o dia 20 do mês. O pano de fundo para esta alta vem sendo a precária situação das pastagens na região Centro-Sul, após meses de inverno relativamente rigoroso (com incidência de geadas) e forte estiagem, submetendo a maioria do rebanho a perda de peso, diminuindo a oferta de carne no curto prazo.

O governo, visando a impedir um movimento altista mais acentuado dos preços, vem desovando os seus (reduzidos) estoques e acenando com a possibilidade de importar até 50 mil toneladas de carne do Uruguai. Sabe-se, de antemão, que o

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE BOI GORDO



país vizinho não tem a menor possibilidade de atender o Brasil nessa quantidade, por força de compromissos assumidos com outros importadores e, principalmente, da redução de sua produção. De acordo com números recentes do Departa-

mento de Agricultura dos EUA, a produção de carne bovina no Uruguai vem experimentando forte queda após as 412 mil t de 1983, ano em que a matança de gado foi recorde, sacrificando a oferta dos anos seguintes. Em 1984, a produção uruguaia caiu para 314 mil t (redução de quase 100 mil t), devendo permanecer num nível ligeiramente mais baixo em 1985, 305 mil t. Por esse motivo, a exportação total do país despencará de 225 mil t em 1983 para tão somente 125 mil t em 1985, segundo previsão do USDA.

A Argentina não poderá igualmente suprir eventuais necessidades brasileiras, já que a sua pecuária vem cedendo área para grãos nobres e espaço para outros exportadores (principalmente o Brasil) mais competitivos. Saíndo de um patamar de 600 mil toneladas no período 1976/80, as exportações argentinas entraram em queda sistemática, para 522 mil t em 1982, até alcançar um péssimo desempenho em 1984 (248 mil t).

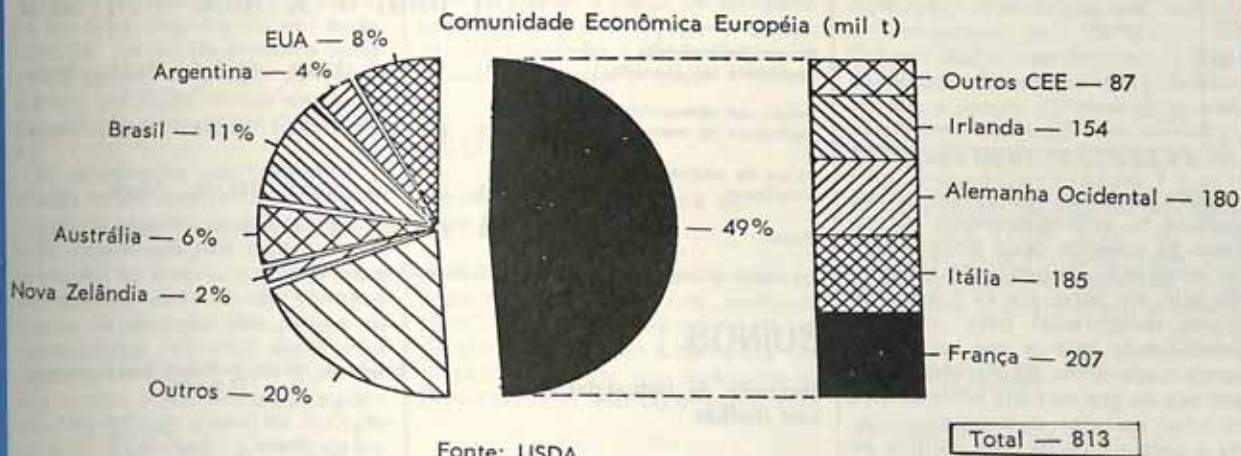
A alternativa restante seria o país importar carne da Comunidade Econômica Européia. Conforme registra a Figura, a CEE deverá responder, ao final de 1985, por aproximadamente metade dos estoques totais de carne bovina em termos mundiais. Vê-se que o Brasil aparece em posição destacada, com 11% dos estoques do produto. A parcela de 49% detida pela CEE equivale a 813 mil t, sendo a França, a Itália e a Alemanha Ocidental os principais países europeus armazenadores de carne bovina.

A existência de estoques de tamanha magnitude vem pressionando o mercado internacional de carnes, principalmente a fração de mercado denominada de **circuito aftósico**, cujos principais fornecedores são os tradicionais exportadores da América do Sul. A CEE promove a desova de estoques a preços altamente subsidiados, derrubando as cotações



**Uma bota Vulcabrãs
é forte como
um touro.**

Carne Bovina: estoques mundiais no final do ano; previsão para 1985



internacionais e prejudicando as exportações brasileiras. O excesso de produção na Europa é geral: açúcar, leite, manteiga, produto cujo encaixe chega a 850 mil t, apesar de venda recente de 200 mil t à Rússia e ao Irão, a preços quase simbólicos. A situação mundial em termos de manteiga é alarmante: o excedente atual é de 1,2 milhão de t, cerca de duas vezes o consumo anual. O custo do armazenamento de alimentos pela Europa chega a US\$ 4,7 bilhões por ano, nível extremamente elevado que vem fazendo com que a Comunidade exporte carne bovina a 40% do custo.

A hipótese de o Brasil importar carne da Europa vem recebendo forte oposição dos pecuaristas, que estão conseguindo anular as investidas de indústrias interessadas e do governo de olho no controle de preços e na inflação. De qualquer forma, são remotas as chances de eventuais importações afetarem os preços do boi gordo na presente entressafra. Daqui para frente, os preços continuarão dependendo da situação da oferta, cuja escassez será em parte

aliviada com a matança de gado proveniente de confinamentos, da disposição dos consumidores em transferir maior parcela de seus gastos monetários para a compra do produto e do comportamento das empresas exportadoras.

LEITE

Per uma política de longo prazo

Demanda deprimida pela contenção salarial, elevação dos custos de produção e preços (tabelados) com defasagem em relação aos custos de produção têm sido o contexto para determinar o desequilíbrio econômico

em que se apresenta a atividade leiteira do país nos últimos anos. Apesar do recente reajuste de preços a nível de produtor de leite (tipo B e Especial a Cr\$ 1.605/l e Cr\$ 1.000/l, respectivamente) contemplar ligeira remuneração ao produtor, quando se compara com as estimativas de custos do Instituto de Economia Agrícola (tipo B — Cr\$ 1.518/l e Especial — Cr\$ 996/l), ainda persiste a tendência de a atividade continuar fortemente desestimulada. Para o curto prazo não se espera grandes problemas no abastecimento, pois apesar da queda no volume de leite recebido pelos laticínios devido à má situação das pastagens, a produção vem sendo suficiente para atender a demanda, que, de resto, permanece retraída.

As duas principais reivindicações do setor leiteiro permanecem em pauta: uma política deliberadamente de longo prazo que possa assegurar os investimentos em melhoria do nível tecnológico e uma política de preços técnicos remuneradores, conforme as planilhas de custos, deixando os preços do produto de ser

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



**Uma bota Vulcabrás
é flexível.
Vai bem em todo lugar.**



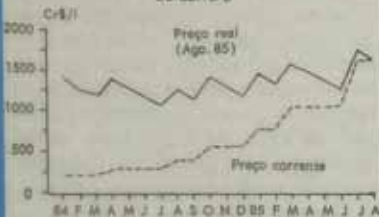
SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL



regidos por motivações de ordem política ou antiinflacionária. O reflexo da ausência desta política está na estagnação da produção nacional de leite, em torno de 11 bilhões de l/ano, concorrendo para uma disponibilidade teórica per capita de aproximadamente 80 kg/ano. Uma política de preços mais estimulantes ao nível do setor de produção criaria a necessidade de uma política de subsídio ao consumo de leite para a população circunstancialmente colocada nos estratos inferiores de renda, principalmente crianças, gestantes e nutrízes.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a quantidade mínima ideal de leite a ser consumida por ano está definida em 146 kg, passando a cerca de 290 kg quando se tratar de crianças e desnutridos. Entretanto, como se pode verificar

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE B



na Tabela, a produção média per capita no mundo está abaixo desta recomendação (117 kg/ano), com destaque especial para os países em fase de desenvolvimento, onde a faixa cai para 30 kg/ano, cerca de um quinto do nível recomendável.

População e Produção de Leite Bovino no Mundo e Grupos de Países 1971/73¹ e 1981/83¹

Discriminação	População (mil hab)		Produção (mil t)		Produção (kg/hab/ano)	
	1971/73	1981/83	1971/73	1981/83	1971/73	1981/83
Países desenvolvidos (economia de mercado)	738.041	802.909	199.676	234.967	270,55	292,64
Países em desenvolvimento (economia de mercado)	1.829.696	2.300.824	48.371	69.246	26,44	30,10
Países de economia planificada	1.193.121	1.487.708	122.922	135.600	103,03	91,15
Mundo	3.760.798	4.591.438	370.969	439.813	98,64	116,95

¹/ média do triênio.

Fonte: FAO Production Yearbook.

SUÍNOS

Mercado de industrializados está melhor

A partir de maio, a retenção de animais para abate pelos suinocultores e o aumento sazonal do consumo decorrente da entrada do frio provocaram altas contínuas nos preços dos suínos. As cotações, a nível de produtor do estado de São Paulo, registraram aumento de 38% no período de maio a julho passado, passando de Cr\$ 58 mil para Cr\$ 80 mil a arroba, acumulando um crescimento de 188% nos últimos doze meses. A alta nos preços do boi gordo somou-se para dar suporte na comercialização do suíno, que em meados de agosto sustentava uma cotação de Cr\$ 100/arroba posto frigorífico.

As últimas elevações nos preços de milho não chegaram a refletir negativamente na rentabilidade da suinocultura, que nos atuais níveis de preços dos animais consegue manter boa margem sobre os custos de produção. Os bons preços de suínos há mais de dois meses propiciaram a grande número de criadores a formação de maiores estoques de milho, até que venha a definição sobre os leilões do grão pela CFP.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SUÍNOS



As expectativas do mercado de suínos é de que os preços se mantenham em alta, embora moderada, acompanhando a carne bovina. Os aumentos de preços deverão ser reflexos do comportamento mais favorável dos produtos industrializados de suínos. Tal mercado concentra-se na faixa de consumidores de renda mais alta, cuja demanda é mais estável, permitindo o repasse do aumento de preços da matéria-prima.

AVES

O setor volta a lucrar

Após um prolongado período de queda real, que acumulou até maio passado cerca de 27,2% em relação a igual mês de 1984, os preços de frango voltaram a reagir acentuada-

**Uma bota Vulcabrás
é impermeável.
Enfrenta chuvas e trovoadas.**



mente nestes últimos meses. A nível de produtor, segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), a cotação de frango vivo saltou de Cr\$ 1.990/kg em maio para Cr\$ 3.510/kg em julho, registrando um acréscimo de 76,4%. Na primeira semana de agosto, os preços estiveram em Cr\$ 3.900/kg contra um custo de produção estimado em Cr\$ 3.500/kg.

A recuperação nas cotações de frango foram determinadas pela situação de escassez de oferta do produto, ocasionada pela contenção da produção, ao mesmo tempo em que se verificou aumento do consumo diante da elevação dos preços da carne bovina. O setor exportador também contribuiu, para essa melhoria, pois o seu desempenho nestes últimos dois meses foi mais favorável, sustentando a meta de exportação em 1985 de 270 mil t de frango.



As expectativas da avicultura são de que os preços ainda se mantenham firmes no decorrer de agosto, acompanhando a carne bovina. Entretanto, os preços atuais deverão estimular o aumento da produção, com os previsíveis reflexos negativos sobre os preços no médio prazo. Segundo a Associação dos Produtores de Pintos de Corte, a produção de pintos vem registrando reduções mensais, mas ainda assim, os números acumulados de alojamentos até junho superam em 7,4% o patamar de igual período de 1984. A produção nacional de carne de

frango até agosto está estimada em 954 mil t contra 865 mil t no mesmo período do ano passado. Em síntese, o comportamento do mercado de frango a partir de setembro será decorrente do aumento adicional na produção e da evolução do mercado de carne bovina.

ALGODÃO

Mercado comprador para os tipos finos

As cotações do algodão têm sofrido maior variação nos melhores tipos, onde se registra maior déficit da oferta em relação à demanda. As indústrias têxteis, que recentemente firmaram novo acordo bilateral com

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ALGODÃO



os Estados Unidos para a exportação de até 289 milhões de jardas quadrada em 1984 (contra 196 milhões em 1983), necessitam de matéria prima de qualidade superior. A grande safra da região Centro-Sul não foi pródiga em qualidade, fato que pode ser confirmado através dos estoques da CFP postos em leilões nas Bolsas de Mercadorias de São Paulo e Paraná. O volume de mercadorias previsto para venda, de 50 mil toneladas, não chegou a ser atingido, por não satisfazer o critério qualitativo.

Dentro desse quadro, os tipos finos estão sendo cotados a preços superiores a Cr\$ 140 mil a arroba, absorvendo, portanto, o seu custo de carregamento na estocagem. Para

os produtos inferiores, a tendência é inversa, pois mantêm-se estagnados em Cr\$ 115-120 mil a arroba, tendo pouca alternativa de comercialização. A mais provável consiste no embarque para os países do Oriente Médio, que dispõem de equipamentos específicos para beneficiá-los, a preços menores do que os níveis internacionais. No momento, o mercado recebe a colheita nordestina, estimada em 223,6 mil t, com o preço mínimo do algodão em caroço em Cr\$ 31.935 a arroba. Essa produção, uma vez beneficiada, com ICM incluso, posto São Paulo, deverá exceder a Cr\$ 150 mil a arroba.

AMENDOIM

Terminada a safra das secas

Nas zonas de produção, a colheita da safra da seca está encerrada. A produção paulista deverá ficar na ordem de 70 mil toneladas, correspondente a mais de 90% da safra nacional e 25% superior ao volume registrado no ano passado. A disponibilidade de mercadorias para pronta entrega pelos agricultores é irrisória, uma vez que 98% da safra já foi comercializada. O perigo de incidência de aflatoxina no produto armazenado é mínimo, dado que a ausência de chuvas dos últimos meses tem favorecido uma secagem adequada dos grãos. Qualitativamente, o ponto negativo é o pequeno tamanho do produto colhido, em razão da má germinação. Isto expli-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE AMENDOIM



**Uma bota Vulcabras
é fácil de lavar.
É a única que vai pro brejo e volta.**



ca, em parte, a estabilidade dos preços a nível de lavoura, ao redor de Cr\$ 40-42 mil a saca de 25 kg.

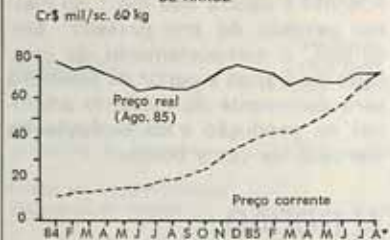
A tendência do mercado é de manter-se firme, considerando o período de entressafra que vai até dezembro, quando entrará a nova safra. No segmento atacadista, a cotação tem variado entre Cr\$ 3,8-4,0 mil/kg, para pagamento em trinta dias. As compras e os empréstimos governamentais têm sido fundamentais para evitar uma pressão vendedora, com reflexos baixistas nos preços. Por outro lado, a boa performance do setor exportador traz maior dinamismo nos negócios. No primeiro semestre deste ano, as vendas externas de óleo (57 mil t) foram o dobro das realizadas em todo o ano de 1984. Contudo, com a proximidade da colheita norte-americana de oleaginosas, o mercado internacional deverá ficar com maior oferta, passando a retrair-se, fato que já vem ocorrendo para o tipo HPS. Neste contexto, no curto prazo, o fator dinamizador será ditado pela movimentação do plantio da safra das águas, em função da demanda por sementes.

ARROZ

Entressafra com pressões altistas

Com a fase de entressafra apenas no início, denota-se que a pressão altista, já detectada nos preços do mercado do arroz, deverá ser uma constante. A disponibilidade nacional para este ano está estreita. Para um consumo potencial que excede a 9,0 milhões de t, a produção, estimada preliminarmente em 8,9 milhões de t, sofreu uma quebra em decorrência das enchentes no Maranhão. Neste estado, onde a colheita é processada até final de julho, a safra, que normalmente gira entre 800 a 900 mil t, teve redução, ainda não apurada em termos definitivos, superior a 50%. Isso comprometerá o regular abastecimento dos princi-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ARROZ



pais núcleos urbanos do Nordeste, já que os arrozais maranhenses são o grande celeiro da região.

Neste contexto, de fundamental importância é o critério a ser empregado na desova dos estoques oficiais, bastante elevados, da ordem de 3,0 milhões de t entre AGF's e EGF's. O período mais crítico começará a partir de novembro, devendo ir até março, quando o governo terá de evitar especulações desenfreadas. A prática de importações tenderá a repetir-se, com o brasileiro consumindo novamente produtos da Tailândia, Uruguai e outros países. Os leilões da Bolsa de Cereais de São Paulo vêm sendo muito disputados por maquinistas paulistas e da região Central, sendo arrematadas mercadorias em casca por valores próximos a Cr\$ 60 mil a saca, que corresponderá, após o beneficiamento, a um preço acima de Cr\$ 175 mil.

CAFÉ

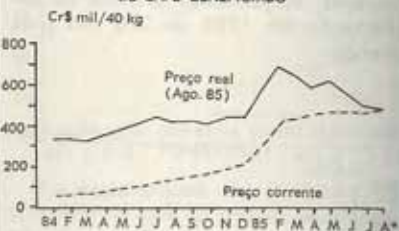
Governo reajusta preço de garantia

Do ponto de vista das estatísticas relativas aos registros de adversidades climáticas, durante a estação de inverno, a cultura já superou a fase mais crítica. Com efeito, a retrospectiva histórica das últimas quinze geadas incidentes no país, a partir da década de cinquenta, revela que 2 ocorreram em junho, 8 em julho e 5 em agosto. Dessa maneira, com a colheita ultrapassando o mo-

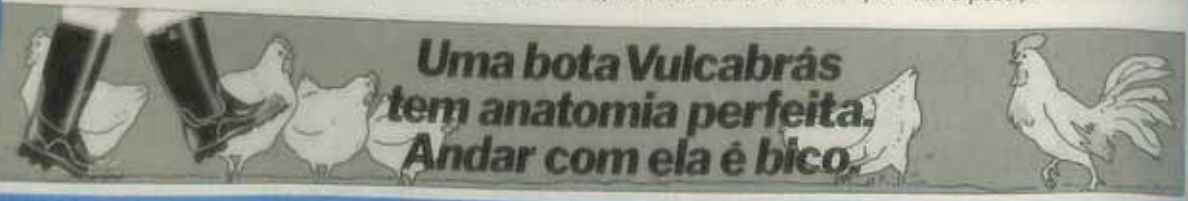
mento de pique sem enfrentar contratempos, o grande descontentamento dos cafeicultores tem ficado por conta da política de preços estabelecida pelo IBC para a presente safra. Isso porque eles não estão acompanhando os valores praticados pelo mercado, que no caso de São Paulo, negocia a saca dos tipos finos e extrafinos a Cr\$ 550-570 mil, os de bebida dura a Cr\$ 450-470 mil e os de bebida Rio a Cr\$ 430-440 mil.

As pressões exercidas pelos produtores junto às autoridades governamentais surtiram, em parte, resultados positivos. Sobre o preço mínimo de garantia do tipo 6, estabelecido inicialmente em Cr\$ 460 mil a saca, conseguiu-se a concessão de um prêmio adicional de Cr\$ 85 mil, para vigorar em agosto e setembro.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE CAFÉ BENEFICIADO



Para outubro, o preço de garantia será corrigido de acordo com a variação da ORTN entre julho a setembro, com a concessão de um prêmio de Cr\$ 35 mil. Em janeiro/84, a correção será em função da variação da CRTN entre outubro e dezembro, com um prêmio máximo do valor da ORTN do referido mês. No tocante ao mercado externo, as perspectivas são de que as cotações continuem enfraquecidas, dada a grande oferta dos países produtores para cumprir a cota do AIC para o atual convênio, que termina em setembro. A OIC reduziu a cota global de 60,2 milhões de sacas para 58,2 milhões em julho, porque a média dos 15 dias dos preços internacionais ficou abaixo do limite mínimo (130 centavos de dólar por libra-peso).



FEIJÃO

Equilíbrio na oferta e demanda

A estabilidade nas cotações reflete o quadro de equilíbrio na oferta e demanda do feijão. As mercadorias que chegam no segmento atacadista de São Paulo são oriundas do interior paulista (Alta Mogiana e Araquaraense), das chamadas safras de inverno, que deverão proporcionar cerca de 45 mil t. De outros es-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FEIJÃO



tados (Mato Grosso, Goiás e Rondônia) também tem chegado mercadorias. Por outro lado, a colheita de Irecê, importante bolsão produtor do Nordeste, deverá ser normal, não tendo de importar produtos de outras regiões.

Enquanto isso, o governo vai desovando seus estoques em duas formas. A primeira, através de entrega aos supermercados das principais praças consumidoras, a preços na base de Cr\$ 2,8 mil/kg. A segunda, mediante leilões em Bolsa de Cereais, que no caso de São Paulo vem sendo bastante fracos, apesar dos preços atrativos (Cr\$ 125-130 mil a saca). No segmento atacadista, as melhores cotações vêm sendo alcançadas pelo feijão cariquinho tipo extra, que chegam a ultrapassar a casa dos Cr\$ 200 mil/sc, pois contam com a preferência do consumidor por ser produto novo. Em termos de perspectivas, não se denotam sinais para aquecimento do mercado, visto que o suprimento nacional deste ano (2,84 milhões de t)

atende ao consumo (2,75 milhões de t).

LARANJA

Cacex intervém nas negociações

De modo a não prejudicar a normal evolução das atividades ligadas ao setor suco-cítrico, que em 1984 renderam divisas na ordem de 1,4 bilhão de dólares para o país, a Cacex vem tendo de intervir com destaque no mercado interno. No tocante à fixação do preço da matéria-prima ela foi obrigada a arbitrar o valor, na base de Cr\$ 20 mil a caixa, tendo em vista que foi expirada a data limite (31.08.85) para o acordo. As negociações entre citricultores e indústrias processadoras vinham se desenrolando desde outubro/84, com a realização de mais de 60 reuniões, sem chegar a obtenção de um termo comum. O prolongamento do impasse, com a evolução da colheita e a intensificação do ritmo de esmagamento no segundo semestre, apenas geraria mais incerteza, redundando em prejuízos futuros, nocivos aos interesses nacionais.

Por outro lado, a Cacex, considerando o novo quadro existente no setor de suco de laranja, com a ampliação do número de indústrias (pelo menos 5 começaram a operar recentemente), reformulou o planejamento de comercialização externa. Dessa maneira, foram abolidos o contingenciamento e a participação percentual fixa das empresas. A partir de 01/10 até 31/12/85, as cotas de exportação das indústrias serão calculadas com base na produção de suco (exportação e estoque em 30/09) entre julho e setembro. No trimestre janeiro a março, a cota será estabelecida em função da produção no segundo semestre de 1985. No último trimestre do ano comercial (abril a junho), a empresa terá de registrar exportações crescentes nos períodos anteriores e estoque eleva-

do em 31/03 para ter direito a exportar mais. Esse esquema visa a dar maior liberdade na divisão do mercado. Cada empresa ditará por decisão própria o nível de agressividade. Do mesmo modo, induzirá as indústrias a forçarem o adiantamento da colheita, evitando que o citricultor tenha de aguardar, até mesmo com os frutos chegando ao ponto de despencar, a decisão do comprador.

MANDIOCA

Disponibilidade folgada a médio prazo

Com a colheita em franco andamento nas principais regiões produtoras do país, o quadro atual abre perspectivas de uma disponibilidade folgada de raiz a médio prazo. Trata-se de uma situação bastante diferente daquela vigente há um ano atrás, quando em pleno período de safra já detectava-se falta de produto. Como os preços tiveram uma ascensão substancial, houve uma expansão da cultura. A previsão da produção para o Brasil e estado de São Paulo está, respectivamente, em 23,4 milhões e 650 mil t. A nível de lavoura, os preços giram em torno de Cr\$ 130 mil a tonelada, um pouco acima do mínimo oficial, de Cr\$ 120 mil a tonelada. A ausência de chuvas dos últimos meses tem dificultado o arranquio da raiz do solo.

Quanto aos produtos industrializados, no atacado, a farinha, conforme o tipo, varia entre Cr\$ 700-900

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MANDIOCA



o quilo, enquanto que a fêcula ao redor de Cr\$ 1,4 mil. Dentro de tais níveis de preços, os moinhos preferem realizar AGF's, visto que retiradas as despesas com ICM, Funrural etc., que somam 20% dos valores de venda, chegar-se-á ao preço mínimo. Neste contexto, o governo vem adquirindo farinha, principalmente no Paraná, fato inédito nos últimos 5 anos. Grandes expectativas existem com a possibilidade das indústrias de pães, massas, biscoitos etc. passarem a usar farinha de mandioca. Isto poderá ocorrer com a redução e o fim do subsídio do trigo, que à medida que foi crescendo, causou o fechamento de 150 moinhos no estado de São Paulo existentes em 1968, quando a produção nacional de farinha de mandioca era de 2,0 milhões de t.

MILHO

Reação no mercado

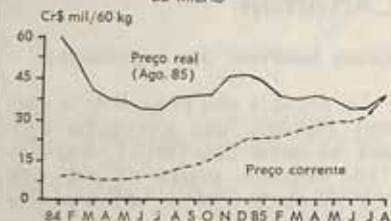
A gradativa redução de oferta, proporcionada pelo término de colheita, e a necessidade de reposição de estoque de algumas indústrias motivaram, em meados de julho, ligeira reação nas cotações de milho no estado de São Paulo, que alcançaram paridade com os preços cobrados pelas cooperativas do Paraná ou Goiás.

A suspensão dos leilões de estoques da CFP para os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, atendendo reivindicação de produtores e cooperativas que detinham estoque do grão, não provocou, a princípio, maior alteração de mercado. Entretanto, a demora para inclusão destes estados e o baixo estoque das indústrias determinaram firmeza do mercado. A cotação do milho, a nível de produtor paulista, em meados de agosto, passou para Cr\$ 38 mil/60 kg contra Cr\$ 34 mil/60 kg em fins de julho.

O primeiro leilão realizado no es-

tado de Santa Catarina (Florianópolis) teve um preço de abertura de

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MILHO



Cr\$ 33 mil/60 kg, sendo vendidas 5 mil t a um preço médio de Cr\$ 33.787,80/60 kg, constituindo referência para um novo patamar de venda por parte das cooperativas. Como o preço de abertura adotada nos pregões situou-se abaixo dos níveis de viabilidade de liquidação do EGF, cresceu a possibilidade de transformação do EGF em AGF, o que forçaria o governo a adquirir um volume maior do produto. Para evitar tal situação e permitir o escoamento desse produto para o mercado, o governo adotou nova sistemática de liquidação dos débitos de financiamento do EGF. A proposta significa que o mutuário poderia liquidar o EGF vencendo pelo preço médio ponderado de fechamento dos diversos pregões realizados na semana imediatamente anterior ao vencimento do EGF. Na prática, como o preço médio nos leilões da Bolsa de Florianópolis (único até o momento) foi de Cr\$ 33.787,80 e o EGF contratado em maio teria atualmente um custo ao redor de Cr\$ 43 mil, resulta que o governo terá um encargo adicional de cerca de Cr\$ 9.200/60 kg.

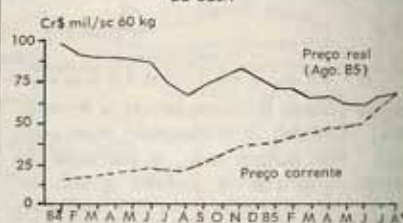
SOJA

Prossegue leilão de estoques do governo

As cotações do complexo soja no mercado internacional no início de

agosto voltaram a apresentar-se em queda, com a soja-grão sendo cotada na Bolsa de Chicago para entrega efetiva em novembro próximo a US\$ 11,78/saca 60 kg. A situação climática favorável para a nova safra norte-americana de 1985/86 — prevista em 51,7 milhões de t, 2% superior à colheita passada — e as medidas de política agrícola que estão em debate no Congresso dos EUA, com a possibilidade de cortes nos preços mínimos ao produtor, atuaram para desaquecer o mercado. Nem mesmo a manutenção da queda do dólar frente às moedas da Europa (favorecendo as suas importações) contribuiu para reverter as tendências baixistas.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SOJA



Adicionalmente, o aumento na produção de óleo de palma pressionou a cotação do óleo de soja, constituindo em mais um fator baixista no mercado, que está sob influência climática, ou seja, o fator decisivo para a evolução dos preços é o clima, que provoca oscilações ao sabor de boatos sobre eventuais quedas da nova safra dos EUA. Caso as condições mantenham-se favoráveis, os preços tenderão a continuar achatados e na dependência de recuperação efetiva da demanda mundial.

O mercado interno, após forte elevação dos preços provocados pela escassez "momentânea" de oferta, apresenta-se relativamente calmo, a um nível de Cr\$ 68 mil/saca 60 kg colocada em São Paulo. Esse quadro decorre da colocação de soja em grão nos leilões da CFP e da recom-



pra de alguns contratos de exportação de óleo, possibilitando tranquilidade no seu abastecimento interno. Os volumes de soja-grão detidos através de AGF pelo governo até

19.07 somavam 1.936 mil t e a estocagem — via EGF — alcançava 2.335 mil t. Os processadores de soja não estão pressionando o mercado, mantendo razoável estoque

graças à recompra de contratos de exportação. A tendência é que os preços venham a se estabilizar, pelo menos enquanto a CFP estiver atuando no mercado com os leilões.

MERCADO DE FATORES

SEMENTES: Entre Resolução 706 e a Recessão

A produção de sementes, na região Centro-Sul, sofreu nos últimos anos fortes oscilações nas quantidades produzidas, decorrentes de adversidades climáticas e em função de alterações na sistemática do crédito rural. Analisando-se o período pós-1975, observa-se que a produção de sementes cresceu significativamente até 1981, tendo passado de 942 mil t para 1.713 mil t, num incremento de 82% (Tabela 1). Em 1982, a Resolução n.º 706 do Banco Central desobrigou o uso de sementes melhoradas (fiscalizadas e certificadas) nas operações de financiamentos das culturas amparadas pelo VBC's (Valores Básicos de Custo). Tal fato, associado à situação desestimulante dos preços agrícolas (pro-

vocando redução de plantio), resultou numa sobra de cerca de 240 mil t de sementes de arroz, soja, milho e feijão na safra 1982/83, constituindo um forte desestímulo à atividade sementeira do país.

Consequentemente, a produção de sementes em 1983 sofreu uma queda de 24%, tendo ocorrido redução mais significativa para as sementes que, via de regra, destinam-se especialmente aos pequenos produtores que não seguem à risca a recomendação de uso de sementes melhoradas. Com isso, verificou-se uma queda na oferta de semente de arroz, feijão e milho de, respectivamente, 30%, 36% e 30%. A menor oferta provocou elevação nos preços das sementes, que contribuiu para

que a produção em 1984 mostrasse significativa recuperação — 32% em relação ao ano anterior — sem contudo alcançar o nível apresentado em 1982.

Apesar do reconhecimento de que o uso de sementes melhoradas é fundamental para o aumento da produtividade e de que a semente é um dos insumos de menor peso na composição de custo de produção (ver Tabela), a brusca redução de recursos para o financiamento da produção em 1983 — uma queda real de 36,8% em relação à 1982 — determinou uma maior economia no uso de insumos modernos na condução das lavouras. A queda da taxa de utilização de sementes melhoradas, embora sentida de forma geral em

Tabela 1

Produção de Sementes — Região Centro-Sul^{1/} — 1975/1984 — Em toneladas

Produtos	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984 ^{2/}
Algodão Herbáceo	—	—	—	35.889	34.830	33.183	33.830	33.902	28.665	38.000
Amendoim	—	4.400	3.960	11.075	15.560	7.254	6.900	4.850	4.627	6.200
Arroz	108.500	119.160	85.930	126.160	148.580	166.525	270.552	199.028	139.707	152.700
Batata-Semanta	—	—	—	12.780	61.995	70.011	79.760	61.611	68.072	71.400
Cevada	—	—	—	8.756	8.170	7.414	9.490	14.680	10.524	15.000
Feijão	—	2.000	3.650	3.927	8.060	12.487	18.473	21.645	7.734	14.850
Milho	105.000	112.620	127.540	108.690	112.000	114.812	145.529	148.608	104.132	132.800
Soja	474.000	452.160	548.570	700.850	647.040	808.880	792.715	771.218	572.870	844.100
Sorgo	—	—	—	—	—	1.019	500	20	1.295	1.450
Trigo	255.000	354.000	340.020	385.520	500.740	480.761	355.538	372.208	299.720	361.300
TOTAL	942.500	1.044.340	1.109.670	1.393.647	1.536.975	1.702.346	1.713.287	1.627.770	1.237.346	1.637.800

^{1/} Inclui a BA.

^{2/} Dados sujeitos a revisão

Fonte: ABRASEM e MA.

**Uma bota Vulcabrás
é flexível.
Vai bem em todo lugar.**



Tabela 2

Participação dos Itens Componentes das Estimativas de Custo Operacional, Estado de São Paulo, safra 1984/85 (em percentagem)

Itens	Algodão	Amendoim	Arroz sequeiro	Batata	Feijão	Milho	Soja
Mão-de-obra	4	6	4	3	8	6	3
Cimento	1	21	2	17	17	2	9
Adubo e Corretivo	8	7	19	16	16	18	23
Defensivos	10	7	—	13	12	—	10
Operação de Máquinas	9	9	15	11	12	19	14
Outros ^{1/}	19	9	15	3	1	4	—
Juros Bancários							
Custeio	46	38	41	33	30	45	37
Investimentos	1	1	1	1	1	1	1
Depreciação	2	2	3	3	3	5	3
Total	100	100	100	100	100	100	100

^{1/} despesas com embalagem, empreita etc.

Fonte: IEA.

todas as culturas, foi notória para o feijão, milho e arroz e em menor escala para soja (ver Tabela).

Apesar da não obrigatoriedade de utilização de sementes melhoradas, a constatação pelos agricultores de que o uso de sementes próprias (de baixa qualidade) resulta em maiores riscos na cultura e em desperdício de recursos aplicados nos demais insumos modernos, os tem levado a reconsiderar a questão. Tanto é que o mercado de sementes no plantio

da safra 1984/85 sofreu boa reativação, pois a melhor condição de rentabilidade dos produtores resultou no aumento da taxa de utilização de sementes melhoradas. No plantio da safra 1985/86, espera-se um crescimento das vendas de sementes de milho, arroz e feijão, em detrimento das de soja e algodão, em face das medidas governamentais de estímulo à produção de alimentos.

A estagnação da produção de grãos nos últimos anos tem manti-

do não apenas o setor de sementes melhoradas, mas também o de outros insumos modernos, máquinas, equipamentos etc com razoável margem de ociosidade. A maior utilização da capacidade de produção permanece na dependência do aumento do consumo interno de alimentos, possível com a recuperação da economia e melhoria do padrão de emprego e renda da população, e de uma modificação no mercado internacional, que vem recebendo o impacto de grandes colheitas nos Estados Unidos da América.

Tabela 3

Taxa de Utilização de Sementes Melhoradas (TU %)

Culturas	1980	1981	1982	1983	1984
Algodão					
arboreo	20,0	12,1	4,8	4,4	4,0
Algodão					
herbáceo	62,7	65,9	57,8	83,7	61,6
Arroz	39,3	71,9	80,0	75,8	43,3
Feijão	6,5	7,2	9,3	16,1	3,8
Milho	52,0	48,3	58,7	75,4	41,8
Soja	88,1	93,6	98,0	100,0	64,5
Trigo	96,6	99,9	99,9	100,0	100,0

Fonte: Coordenadoria de Sementes e Mudas do Ministério da Agricultura.

REGISTROS

Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço	Item	Unidade	Preço
Máquina, veículo e implemento*			Grade de discos, 26 discos de 18"	un.	7.535.000
Arado de Aiveca, 3/4 reversível (41 kg lâmina de aço carbono)	un.	480.803	Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/câmba	un.	40.724.190
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	4.924.000	Máquina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	92.498.700
Caminhão Ford F-11000, diesel	un.	80.143.276	Motor elétrico 3 HP trifásico — 4 p. blindado	un.	593.283
Carreta 4 t c/carroceira, s/pneu, s/freio	un.	5.765.000	Planet 5 enxadas, tração animal (28 kg)	un.	298.253
Colheitadeira p/grãos - MF. 3.640	un.	153.885.000			
Colheitadeira p/grãos - MF. 5.650	un.	177.663.000			

Uma bota Vulcabrás é impermeável. Enfrenta chuvas e trovoadas.



NEGÓCIOS RURAIS — um instrumento de administração

Item	Unidade	Preço	Item	Unidade	Preço
Plantadeira manual, Lider Modelo A	un.	56.440	Utensílio e ferramenta*		
Pelvilhadeira costal, 7 a 8 kg de pó	un.	386.844	Arame farpado nacional	kg	3.404
Pulverizador costal, 18 litros	un.	216.462	Enerado Locomotiva	m ²	30.951
Smecadeira adubadeira, 1 linha, tração animal	un.	1.124.403	Enxada para cultivador, 16"	conj.	15.634
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	37.508.580	Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	21.680
Trator Massey-Ferguson, 61 CV	un.	49.699.419	Enxada 2 caras, 3 libras	un.	21.315
Adubo e corretivo*			Foice 10", meia lua p/pasto	un.	17.096
Cloreto de potássio	t.	1.273.694	Grampo para cerca	kg	4.068
Fosfato natural moído	t.	270.281	Latão de leite, 50 litros	un.	123.560
Termofosfato	t.	845.000	Peneira para café, 70"	un.	21.140
Nitrocálcio Petrob. Conc. (27% N)	t.	919.250	Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	4.635
Uréia	t.	1.413.464	Saco novo, batata (60 kg)	un.	2.955
Sulfato de amônio	t.	1.179.320	Peça de reposição*		
Nitrato de amônio	t.	1.070.338	Bico de pato c/asa, 18"	un.	27.070
DAP	t.	2.264.250	Disco de arado, liso, 26"	un.	176.900
Superfosfato simples (nacional)	t.	740.806	Pneu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	900.009
Superfosfato triplo	t.	1.710.887	Pneu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	1.105.142
Calcário dolomítico (Rio Claro e Piracicaba)	t.	80.530	Animal de trabalho e produção*		
Inseticida e fungicida*			Bezerro	un.	403.750
Aldrin 5%	sc. 25 kg	111.500	Boi magro	un.	764.190
Isca Mirex	kg	5.076	Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	1.291.980
Dhitane-M-45	kg	29.626	Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	1.758.950
Manzate	cx 25 kg	648.917	Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	2.341.990
Oxicloreto de cobre 50%	kg	18.266	Boi carreiro novo	un.	1.812.556
Oxicloreto de cobre 35%	kg	19.394	Burro domado novo	un.	1.698.760
Folidol 1,5%	kg	2.006	Alimento para animal*		
Sulfato de cobre	kg	9.038	1. Farelo		
Vacina e medicamento*			trigo	sc 30 kg	10.033
Assuntol + Neguvon	kg	112.978	caroço de algodão	kg	470
Creolina Pearson	lt	16.772	soja	kg	839
T-M-10	sc 25 kg	868.955	2. Farinha		
Vacina contra brucelose	d.	968	ossos	kg	1.570
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	4.420	sangue	kg	1.238
Vacina contra carbúnculo hemático	50 ml	4.012	carne	kg	825
Vacina contra febre aftosa (I. Biológico)	d.	1.425	3. Outros		
Ração*			Refinasil	sc 50 kg	22.346
1. Ave			Sal comum grosso	sc 50 kg	26.400
Pinto	kg	1.073	Sulfato de manganês	kg	3.167
Franga	kg	961	Torta de algodão	kg	520
Poedeira	kg	1.001	Sal mineral	kg	11.971
Reprodutora	kg	1.034	Torta de amendoim	kg	670
Corte inicial	kg	1.180	Material de construção**		
Corte final	kg	1.136	Cal virgem	sc 20 kg	4.905
2. Bovino			Caibro de peroba (5x6 cm, base 4,40 cm) até 5 m	m ³	1.100.000
Bezerro	kg	844	Tubo galvanizado p/água, 3/4, com costura 19 mm	mt	8.800
Manutenção	kg	649	Tubo galvanizado p/água, 3/4, sem costura 19 mm	kg	9.936
Produção	kg	739	Cimento Portland	sc 50 kg	21.821
Touro	kg	678	Tábua de pinho (12 x 1 cm) de 3", 4,27m	dz.	460.000
3. Suíno			Telha francesa de cerâmica (fosca)	milheiro	616.500
Inicial	kg	1.227	Tijolo comum	milheiro	137.500
Crescimento	kg	1.008	Frete Cr\$/km/t	—	160.000,00
Acabamento	kg	962	Mão-de-obra	—	42.031,56
Reprodução	kg	972	Salário-Mínimo	—	333.120,00
Pinto de um dia*			MVR	—	167.106,70
Corte	un.	931	ORTN	—	49.396,88
Postura	un.	3.241	Fonte: * Instituto de Economia Agrícola		
			** Revista "A Construção de São Paulo"		



Botas Vulcabrãs.
Agora você só não vai encontrar
motivos para usar outra.



Palha de café na alimentação do gado bovino

A convite do amigo Ciro Albuquerque, comparei, dias atrás, ao Instituto de Zootecnia de Nova Odessa e ouvi uma palestra do Dr. Edgard Leone Caielli a respeito do aproveitamento de subprodutos originários das propriedades agrícolas e que são, em geral, desperdiçados. Sua palestra toda foi muito interessante e aliando a teoria à prática, efetivei, a nível

da Fazenda Jatobá, em Itapira, uma sugestão do Dr. Caielli.

Como sofremos os efeitos da geadinha dos dias 7 a 9 de junho p. passado, as pastagens foram bastante prejudicadas, ocasionando um transtorno para a adequada alimentação dos animais. Assim, aqueles que dispõem de palha de café, poderão adicioná-la na ração elaborada para o arraçoamento do gado leiteiro.

A proporção não deve ultrapassar de 20% do volume total da ração preparada. Conforme dito acima, estamos adicionando palha de café, que deve ser passada na picadeira e bem misturada à cana moída, rolão e demais componentes que integrarão o alimento a ser oferecido ao gado. Esclarecemos que a palha de café é produzida na própria Fa-

Uso da palha de café na alimentação de ruminantes

Edgard Leone Caielli 1/

A utilização da palha de café na alimentação animal em geral e na dos ruminantes em particular é tema de grande importância num momento crítico de produção de alimentos. Sendo o Brasil o maior produtor de café do mundo e a palha subproduto natural do seu beneficiamento, não se compreende a razão da não utilização generalizada dessa fonte de alimento, mesmo porque isso já vem sendo feito em outros países com menor tradição na produção dessa cultura.

Para que se tenha uma noção correta das transformações por que passa o fruto de café após sua colheita e dos subprodutos gerados, apresenta-se a seguir um esquema de desdobramentos sofridos a partir do café em cereja (Bressani et al 1972).

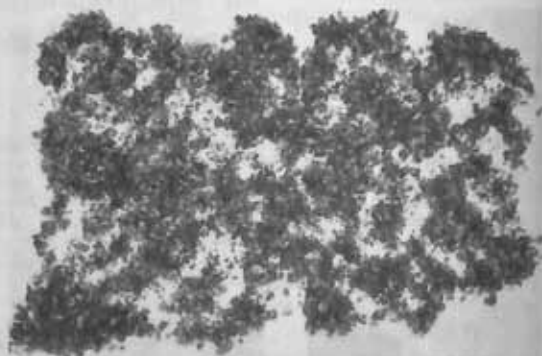
O café em coco dá origem ao café beneficiado e à palha (onde estão contidas a polpa, a mucilagem e a casquinha).

A grande maioria dos trabalhos realizados com subprodutos do café o foi com a polpa e, em menor número, com a casquinha ou pergaminho, após fermentação da mucilagem. São raros os trabalhos com a palha de café.

DISPONIBILIDADE, POTENCIALIDADE E LIMITAÇÕES PARA AS DIFERENTES ESPÉCIES DOMÉSTICAS DE RUMINANTES

Segundo informações fornecidas pelo Serviço de Beneficiamento de Café da Cooperativa de Araraquara, SP, a produção de palha, por saca de 40,5 kg de café em coco, é de 20,5 kg, ou seja,

Palha de café
após o
beneficiamento



praticamente igual à de café beneficiado.

Sendo o beneficiamento efetuado durante seis meses, a produção de palha distribui-se de junho a dezembro, sendo sua maior concentração (75%) nos quatro primeiros meses de benefício.

A produção de café, oscilando em torno de 4 milhões de toneladas, produziria cerca de 2 milhões de toneladas de palha.

Os estados brasileiros com as produções mais significativas de palha são: Minas Gerais $\pm$ 800.000 t, São Paulo $\pm$ 700.000 t, Paraná $\pm$ 400.000 t e Espírito Santo $\pm$ 200.000 t. Desconhecem-se quais as quantidades de polpa produzidas em relação ao total.

1/ Engº Agrº - Pesquisador/Instituto de Zootecnia - Caixa Postal 60 - 13.460 - Nova Odessa-SP

renda Jatobá, cujo cafezal não foi pulverizado o ano passado, estando, portanto, a palha livre da absorção de produtos químicos.

W. R. Jardim in "Alimentos e Alimentação do Gado Bovino", às fls. 149 diz que a palha de café apresenta 2,9% de proteína digestível e 59,2% de NDT.

Notamos que a melhoria da ração e a adição da palha de café e melaço produziram um acréscimo de 10% na produção

de leite, compensando, assim, esse esforço adicional, pois além do leite aumentado, proporciona ao gado melhores condições de carnes e conseqüentemente de saúde.

Com o título "Uso da palha de café na alimentação de ruminantes", publicamos abaixo um artigo assinado pelo Eng.^o Agr.^o Edgard Leone Caielli, acima citado. Este artigo faz parte da série de trabalhos, que desde a edição de Março vem sendo publicado sob o título: "Alimentação de Ruminantes".



RUBENS MALTA CAMPOS
Dirigente Sindical e Agropecuarista

Alimentação de Ruminantes

Segundo Bressani (1974), entre os fatores que interferem na utilização dos nutrientes da polpa de café estão a cafeína, os taninos e os polifenóis, daí a importância de caracterizar os níveis em que se encontram esses compostos. Dentre os polifenóis, os mais importantes são os ácidos clorogênico e caféico. Outros fatores que podem interferir na utilização da palha são os possíveis níveis de aflatoxina e os resíduos de pesticidas.

Quanto à palha de café, não há informações conhecidas, mas em relação à polpa, Muñoz (1974) informa que ela tem sido usada na alimentação de bovinos de carne e leite, de ovinos e caprinos. Segundo o mesmo autor, observou-se que, à medida que se incrementa o nível de palha em uma ração, o consumo e o aumento de peso diminuem. Para o gado de leite, apesar do número restrito de observações, não se observou declínio da produção quando os níveis de palha chegaram a 30% das rações. Nada parece indicar que haja diferentes limitações de uso para os bubalinos.

VALOR NUTRITIVO

Caielli (1974) procurou avaliar o valor nutritivo da palha de café por via indireta em mistura com feno de grama-suwannee-bermuda e melaço. Escolheu-se essa via porque em ensaio preliminar de aceitabilidade, entre várias misturas, concluiu-se que o consumo da palha exclusiva era muito pequeno. Em

quatro combinações onde o melaço entrava com doses fixas de 10%, um feno de suwannee-bermuda foi substituído nas proporções de 0 a 30% por palha de café, indo de 90 a 60% nas rações de A a D. O resultado do consumo voluntário das rações e do NDT, bem como da energia digestível encontrada, é apresentada no Quadro 1. O NDT e a digestibilidade da proteína da palha de café, determinados através de equação de regressão, conforme proposto por Carbery et al (1934), indicaram os valores de 57,06% para o primeiro e 99,4% para o segundo. Outras formas de cálculo, tais como por diferença e por extrapolação, deram valores semelhantes. A grande diferença entre a palha e a polpa de café parece residir na digestibilidade da proteína. Trabalho de Rogerson (1955) menciona o valor de 13,5% para o coeficiente de digestibilidade aparente da proteína da polpa de café. A composi-

ção bromatológica da palha de café encontra-se no Quadro 2. Na polpa de café, segundo Bressani (1974), encontram-se ainda 0,7% de cafeína, 1,85% de taninos, 0,6% de ácido clorogênico e 0,24%

QUADRO 2 — Composição Bromatológica da Palha de Café em Porcentagem da Matéria Seca

M.S.	85,6
P.B.	8,7
F.B.	19,7
E.E.	6,0
E.N.N.	44,0
M.M.	7,2
Celulose	14,7
Ca	0,20
P	0,16
K	2,4
Energia Bruta (kcal/kg)	2.760

M.S. = Matéria Seca - P.B. = Proteína Bruta - F.B. = Fibra Bruta - E.E. = Extrato etéreo - E.N.N. = Extrativo não nitrogenado - M.M. = Matéria mineral

QUADRO 1 — Consumo Voluntário, Teor de NDT e de Energia Digestível Encontrados nas Rações Experimentais Descritas

Tratamento	Consumo Voluntário g/anim./dia	Consumo P.V. 0,75	NDT Encontrado %	Energia Digestível kcal/kg
A	199,7	21,4	44,7	1029
B	268,6	27,8	45,4	2235
C	330,0	34,8	42,5	2356
D	286,5	30,3	44,5	2258

Fonte: Caielli (1974)

de ácido caféico, e esses valores variam conforme a procedência e a secagem da polpa.

O perfil de aminoácidos da polpa de café, o qual não deve diferir muito do da palha, encontra-se no Quadro 3. (Bressani et al 1972).

QUADRO 3 - Perfil de Aminoácidos da Proteína da Polpa de Café

Aminoácidos g/16 g/N	Polpa de Café
Lisina	6,8
Histidina	3,9
Arginina	4,9
Treonina	4,6
Cistina	1,0
Metionina	1,3
Valina	7,4
Isoleucina	4,2
Leucina	7,7
Tirosina	3,6
Fenilalanina	4,9
Hidroxiprolina	0,5
Ácido aspártico	8,7
Serina	6,3
Ácido glutâmico	10,8
Prolina	6,1
Glicina	6,7
Alanina	5,4

Fonte: (bressani et al, 1972)

CONCLUSÕES

Dos dados obtidos, tanto para palha de café como para a polpa, pode-se concluir que, em rações de ruminantes em geral, seu emprego é perfeitamente recomendável ao nível de 20% das rações. Quando se emprega a palha de café, está-se fornecendo maior teor de proteína digestível em relação ao da polpa. A razão dessa diferença não foi ainda devidamente estudada. Talvez possa ocorrer uma complexação com os açúcares e goma durante o processo de despulpamento, o que não ocorre no caso da palha que sofre uma secagem sem fermentação da mucilagem. Há indicações de que o uso da palha de café seria bastante recomendável para rações de touros em razão do seu teor de cafeína que aumentaria a libido desses animais.

REFERÊNCIAS

BRESSANI, R. Composición química de los subproductos del café. In: REUNION INTERNACIONAL SOBRE LA UTILIZACION DE SUBPRODUCTOS DEL CAFE EN LA ALIMENTACION ANIMAL Y OTRAS APLICACIONES AGRI-

COLAS E INDUSTRIALES, I., México, 1974. Informe final. s. l., Centro Agronómico Tropical de Investigación y Enseñanza, 1974. p. 13-4.

BRESSANI, R.; ESTRADA, E. & JARQUIN, R. Pulpa y pergamino de café. I. Composición química y contenido de aminoácidos de la proteína de la pulpa. Turrialba, Costa Rica, 22 (3): 299-304, jul./set. 1972.

CAIELLI, E.L. Determinação do valor nutritivo de casca ou palha de café. In: REUNION INTERNACIONAL SOBRE LA UTILIZACION DE SUBPRODUCTOS DEL CAFE EN LA ALIMENTACION ANIMAL Y OTRAS APLICACIONES AGRICOLAS E INDUSTRIALES, I., México, 1974. Informe final. s. l., Centro Agronómico Tropical de Investigación y Enseñanza, 1974. p. 18.

CARBERRY, M.; CHATTERJEE, I. & HYE, M.A. Studies on the determination of digestibility coefficients. Ind. J. Vet. Sci. Anim. Husband., New Delhi, 4 (4): 259-340, Dec. 1934.

MUÑOZ, H. In: REUNION INTERNACIONAL SOBRE LA UTILIZACION DE SUBPRODUCTOS DEL CAFE EN LA ALIMENTACION ANIMAL Y OTRAS APLICACIONES AGRICOLAS E INDUSTRIALES, I., México, 1974. Informe final. s. l., Centro Agronómico Tropical de Investigación y Enseñanza, 1974. p. 11-2.

ROGERSON, A. Nutritive value of coffee hulls. East. Afr. Agric. J., Nairobi, 20 (4): 254-5, Apr. 1955.

Nosso Tabapuá tem peso e Sucesso nas pistas

Seis anos consecutivos a fazenda Morada da Prata, tornou-se vencedora do concurso de ganho de peso em Sertãozinho - SP.

Venda permanente de novilhas e reprodutores

fazenda morada da prata

Prop.: Maria Helena Dumont Adams

Via Afonso Arantes - Km 47 - Batatais - SP - Fones: (016) 761-2026 - São Paulo 212-1750

em S. José do Rio Preto, 1984
Campeão de Propriedade de Pai



Alimentação racional de bezerras

O sucesso na criação de bezerras depende, principalmente, de um bom manejo, de higiene rigorosa e de uma correta alimentação. Para se compreender os principais fatores que interferem na alimentação das bezerras, é preciso lembrar de alguns aspectos da anatomia e da fisiologia do aparelho digestivo, assim como aspectos bioquímicos e microbiológicos que acontecem no interior do rúmen. É necessário também ter em mente as exigências nutricionais desses animais e a maneira como elas são atendidas, considerando-se a disponibilidade e os custos dos alimentos.

O primeiro alimento que a bezerra recém-nascida ingere — o colostro — é também o mais importante e poderá ditar o sucesso ou o insucesso na sua criação.

Devido ao tipo de placenta dos bovinos, a bezerra não recebe, pela via sanguínea, os anticorpos necessários para enfrentar os microrganismos que irá encontrar no meio ambiente. Esses anticorpos são representados pela fração das globulinas, e ingressam no organismo da bezerra só após o seu nascimento, via colostro. Isso ocorre porque o tipo de placenta da vaca — sindesmocorial — não permite a passagem de anticorpos do organismo materno para o organismo da filha, na vida intra-uterina.

A alta concentração protéica do colostro representada principalmente pelos elevados teores de globulina (especialmente gama-globulinas) cai de 14 a 20% na primeira ordenha após o parto, de 8 a 12% na segunda, de 5 a 6% na terceira e 4% na quarta ordenha pós parto. Isso significa que a bezerra deve obrigatoriamente tomar o colostro da primeira ordenha, sendo impossível substituir este alimento por outro com idénticos resultados. Além do colostro perder rapidamente suas melhores qualidades de uma ordenha para a seguinte, também a bezerra perde a oportunidade de aproveitá-lo.

De fato, as globulinas só conseguem atravessar a parede do tubo digestivo e alcançar a corrente sanguínea nas primeiras 24 horas de vida. Essa permeabilidade das globulinas é máxima logo após o nascimento e em seguida, decresce linearmente a zero por volta das 24 horas de idade. A razão pela qual a mucosa das paredes intestinais é permeável às globulinas durante as primeiras horas após o parto é ainda desconhecida. Contudo, algumas das teorias existentes falam sobre a falta de maior acidez no abomaso, devido à imaturidade das células parietais desse órgão, encarregadas de produzir ácido clorídrico; à presença no colostro de antienzimas e, finalmente, do espessamento da parede intestinal. Nenhuma das teorias é totalmente satisfatória, mas o fato é que é impossível aumentar o período de permeabilidade por mais de 24 horas. Assim, sob o ponto de vista quer do colostro, quer do animal, deve-se fazer esse alimento chegar à bezerra o mais rapidamente possível. Resta um aspecto de não menor importância: a quantidade ingerida de colostro. O ato de mamar ocorre cinco vezes, em média, nas primeiras 24 horas de vida extra-uterina, aumentando para seis a oito vezes nos três dias seguintes. A quantidade de colostro ingerida por uma bezerra deixada com a mãe no primeiro dia de vida é de 7 a 8 kg, aumentando para 10-12 kg no quarto dia. Dando-lhe o colostro no balde, ela receberá 12 a 15 kg de leite durante os quatro primeiros dias; isso é mais que suficiente para justificar a presença junto à mãe, nos primeiros dias de vida, mesmo que tal prática venha trazer maiores dificuldades

posteriormente ao se passar a fornecer-lhe o alimento no balde. Essas pequenas dificuldades serão generosamente compensadas pela redução de problemas e gastos em medicamentos.

Como consequência da ingestão de maiores quantidades de colostro e, portanto, de imunoglobulinas, as bezerras terão maior concentração delas na corrente circulatória, como pode ser observado no Quadro 1.

QUADRO 1

CONCENTRAÇÃO DE GLOBULINAS NO SORO SANGÜÍNEO ANTES E DEPOIS DA INGESTÃO DO COLOSTRO

Período	Gama-globulina (%)
At o nascer	0
24 horas após o parto (2 a 3 kg colostro, no balde)	22%
36 horas após o parto (bezerra com a mãe)	42%

As bezerras que não recebem colostro e conseguem sobreviver poderão fabricar suas próprias imunoglobulinas (imunização ativa), mas o teor de globulinas no sangue só atingirá níveis normais após 8 semanas de idade.

Após os três primeiros dias de vida em que a bezerra recebeu colostro, ela passa então a consumir leite. Na bezerra jovem, o alimento líquido pode evitar o rúmen e retículo e passar diretamente ao quarto reservatório gástrico através da goleira esofágica. O reflexo de fechamento da goleira, a qual se estende desde o cardia até o orifício retículo-ruminal, acontece sempre quando líquidos são ingeridos e provavelmente é ocasionado por estímulo do nervo glossofaríngeo.

Nos primeiros 30 dias de vida, a bezerra praticamente se comporta como um animal monogástrico (um só estômago), pois só o abomaso está em funcionamento. O abomaso é o estômago verdadeiro tanto na bezerra como no bovino adulto, pois é neste compartimento que se realiza a digestão dos alimentos. Nos primeiros 30 dias de vida, o leite representa o alimento mais importante para a bezerra, pois além de ser muito palatável, o leite é um alimento completo e extremamente bem equilibrado em seus nutrientes.

QUADRO II

COMPOSIÇÃO MÉDIA DO COLOSTRO E DO LEITE

Constituintes	COLOSTRO			LEITE
	0 hora	12 horas	24 horas	
Sólidos totais (%)	24,75	20,71	17,09	12,86
Cinzas (%)	1,12	1,04	0,96	0,72
Gorduras (%)	6,00	5,50	5,00	3,60
Proteína Total (%)	11,35	9,60	7,07	3,25
Imunoglobulinas (Mg/Ml)	38,22	22,22	21,52	—

Fonte: Bath, D.L.; Dickinson, F.N.; Tucker, H.A. e Appleman, R.D. *Calves: Principles, practices, problems, profits*. Lea & Febiger, Philadelphia, 2.^a ed., 1978.

A bezerra ruminante

O desenvolvimento pós-natal dos estômagos dos ruminantes está relacionado com o tamanho do animal, idade do animal e com a dieta que o animal recebe.

QUADRO III

PORCENTAGEM COM QUE CADA COMPARTIMENTO GÁSTRICO CONTRIBUI NO TOTAL DA CAPACIDADE ESTOMACAL DOS BOVINOS

	IDADE EM SEMANAS						
	0	4	8	12	16	20-24	24-32
Reticulo-rúmen	38	52	60	64	67	64	64
Omaso	13	12	13	14	18	22	25
Abomaso	49	36	27	22	15	14	11

Fonte: D.C. Church, Digestive Physiology and Nutrition of Ruminants, 2.^a ed., 1976.

Uma dieta líquida prolongada atrasa o desenvolvimento do rúmen-retículo, tanto em termos de espessura do tecido e peso, quanto ao desenvolvimento das papilas.

Depois da bezerra começar a ingerir alimentos sólidos é que o desenvolvimento do rúmen-retículo começa a acontecer. Forragens inertes estimulam o desenvolvimento do rúmen com um incremento da espessura dos tecidos, mas a presença de materiais fermentáveis que aumentam a produção de ácidos graxos voláteis (AGV) e amônia, parece ser o fator necessário para o desenvolvimento das papilas.

Uma evidência disso é que as bezerras mantidas com um aporte restringido de concentrados, mas com acesso a grandes volumes de forragens, apresentam uma capacidade retículo-ruminal consideravelmente aumentada ainda que for comprovado que esse incremento se deve fundamentalmente ao desenvolvimento dos tecidos. Além disso, a inclusão da ração seca além de melhorar a capacidade retículo-ruminal também aumenta o peso dos tecidos. Já o desenvolvimento das papilas do rúmen das bezerras alimentadas com concentrados é bem maior do que as das bezerras que recebem grandes quantidades de feno ou outra forragem. Essas papilas incrementam a superfície da parede do reservatório e portanto, a área de absorção para os princípios nutritivos. Este desenvolvimento é estimulado mais pelos produtos finais da fermentação ruminal do que pela natureza fibrosa da ração.

As soluções de butirato de sódio e em menor grau as de propionato de sódio ocasionam um intenso crescimento papilar, enquanto que o acetato de sódio manifesta menos efeito. Portanto, a prática mais recomendada é a que melhores resultados produz e é a administração de apenas leite e ração concentrada no primeiro mês de vida da bezerra (além da água, naturalmente). Após 30.^o dia faz-se o desmame da bezerra e esta passa a consumir, como matéria seca, apenas o concentrado. A adoção dessa prática se deve ao fato do concentrado estimular, através da produção de ácidos graxos voláteis liberados durante sua fermentação, o desenvolvimento das papilas do rúmen, o que leva o rúmen a se desenvolver em termos de qualidade. Somente após o 60.^o dia de vida é que se recomenda a administração de feno de boa qualidade à bezerra. Aí então, o rúmen começa a se desenvolver em termos de volume, ou seja, aumento do rúmen e do tecido muscular de suas paredes, elevando assim, o número de movimentos e a potência das contrações ruminais. É importante também lembrar que os alimentos volumosos também contribuem com a formação da microflora típica do rúmen e propiciam o aumento do pH do seu interior, tornando as suas condições mais próximas daquelas encontradas em bovinos adultos. Não é recomendando o uso de volumoso com grandes quantidades de água em sua composição (capim verde, mupier picado, silagem etc.) antes dos primeiros

150-180 dias de vida da bezerra, pois devido à grande umidade desses volumosos, o rúmen do animal passa a ser ocupado com muita água e pouca matéria seca. É comum notarmos que bezerras jovens que passam a consumir volumosos altamente úmidos apresentam ventres aumentados e desenvolvimento corporal comprometido para suas idades.

A Purina levando em consideração que o peso mais importante numa exploração é a criação correta e a baixos custos das bezerras, fureas produtoras, e colocando em prática os conceitos discutidos anteriormente, coloca à disposição dos criadores um Programa de Nutrição específico para gado leiteiro, do nascimento aos quatro meses de idade.

QUADRO IV

EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DIÁRIAS PARA BEZERRAS

Peso corporal (kg)	Ganho diário (g)	NDT (kg)	Proteína bruta total (g)	Ca (g)	P (g)	Vit. A (1000 UI)	Vit. D (UI)
50	300	1,01	150	9	6	2,1	330
50	500	1,23	198	10	6	2,1	330
50	700	1,35	243	12	7	2,1	330
75	300	1,37	232	11	7	3,2	495
75	500	1,55	275	13	7	3,2	495
75	700	1,72	318	15	8	3,2	495
100	300	1,69	317	14	7	4,2	660
100	500	1,89	360	16	8	4,2	660
100	700	2,10	402	18	9	4,2	660
150	300	2,30	433	16	10	6,4	990
150	500	2,52	474	17	11	6,4	990
150	700	2,76	510	19	12	6,4	990

Fonte: NRC — Nutrient Requirements of Dairy Cattle, 5.^a ed., rev. e atualizada, 1978.

Período	Nutrientes	Como alimentar
Nos três primeiros dias	Colostro	Deixe a cria com a mãe ou administre várias vezes ao dia. Até 21 dias: 4 litros de leite duas vezes ao dia. De 21 a 28 dias: 2 litros de leite uma vez ao dia.
Dos quatro dias até o desmame	Leite Ternelrina Água	Até 37 kg ao nascer Até 21 dias: 3 litros de leite duas vezes ao dia. De 21 a 35 dias: 1,5 litros de leite uma vez ao dia. Como orientação geral, desmamar quando a bezerra estiver consumindo 0,5 kg de Ternelrina por dia.
Do desmame aos dois meses	Ternelrina Água	A livre acesso
Dos dois aos quatro meses	Ternelrina Feno Água	A livre acesso. Aos quatro meses iniciar a mudança gradual para Novilina Purina

SAL MINERAL PURINA 100: administre a livre acesso, a partir dos dois meses de idade.

OBS.: Não permita acesso a pastos antes do quarto mês de idade

Médico Veterinário
DR. JOSÉ LUIS DO AMARAL FILHO
Gerente Técnico de Gado Leiteiro
Purina Alimentos Ltda.

Fatores que influenciam no crescimento dos bezerros

WALTER C. BATTISTON

Dois fatores, ligados à produtividade, são muito importantes nas fazendas de criação e, também, no "retiro de leite" onde há gado "cruzado". O primeiro é o índice de desmama (característica da eficiência produtiva do rebanho) e o outro é o "crescimento do bezerro".

Quando a compra de garrotes é feita "por cabeça", a escolha recairá forçosamente nos mais desenvolvidos, embora o preço seja calculado sobre a média do lote ou sobre os menores; em ambos os casos há desvalorização especialmente dos bezerros maiores. Quando os negócios são realizados pela "pesagem" (prática rara entre nós) essas diferenças desaparecem.

Entre os vários fatores influenciáveis no desenvolvimento dos animais jovens, que adiante analisaremos, alguns podem ser controlados pelo criador, tornando, portanto, mais econômica a criação. Em resumo, os mais importantes, podem ser qualificados da seguinte maneira:

A — DURAÇÃO DA GESTAÇÃO, ligados

- à genética
- à idade da vaca no momento da cria
- à ordem de parição
- ao peso da vaca (estado nutricional)
- ao sexo do feto
- à época do ano

B — PESO AO NASCER, relacionado com

- duração da gestação
- idade da vaca na ocasião do parto
- sexo do bezerro
- época do ano
- herança genética
- peso da vaca (estado nutricional)

C — PESO AO DESMAME, influenciado por

- idade da vaca ao parir
- sexo do neonato
- época do ano
- produção de leite da mãe

potencial do aproveitamento do leite
idade do bezerro

Vamos explicar melhor os fatores que mencionamos, dando destaque aos mais importantes.

A — DURAÇÃO DA GESTAÇÃO DA VACA (DG)

A duração do tempo de prenhez, pode variar de 270 a 293 dias, e a diferença de tempo deverá influenciar no desenvolvimento do feto; esse fato está relacionado aos diferentes itens já apresentados em resumo.

Sob o ponto de vista da "herança genética", o efeito do touro e da vaca (esta em menor escala) é maior do que o da raça: para testar isso, foram realizados em 1981 experimentos com animais da Raça Hereford, usando-se 12 touros diferentes e obtendo-se a variação de até 21 dias na duração da gestação.

A "idade da vaca" podendo estar relacionada com a "ordem da parição" está demonstrado que atua sobre a duração da gestação: à medida que aumenta a idade da fêmea, cresce o tempo de prenhez; as melhores observações foram realizadas entre a 1.ª e a 2.ª crias na Holstein Friesian; em rebanhos de holandeses na Argentina, chegou-se a apurar diferenças de até 30 dias, sendo menores nas novilhas de 1.ª parição se comparadas com vacas de anos.

O "estado de nutrição", relacionado ao "peso da vaca" e que depende também da época do ano, influi na duração da gestação, sendo maior esse tempo nas vacas melhores nutridas. Conhece-se uma série de observações sobre a duração da gestação relacionada com a influência da estação do ano (verão ou inverno) no Brasil.

B — PESO DO BEZERRO AO NASCER (PN)

Compreende-se que o peso (tamanho) do bezerro ao nascer deverá influir sobre

as dificuldades do parto e o seu crescimento durante toda a vida; os que nascem mais pesados têm maior ganho de peso por dia. Dois pesquisadores (DILLAR & VACCARO) demonstraram em 1961 que para cada UM QUILO a mais apresentada pelo bezerro ao nascer, corresponderia a quase DOIS QUILOS (1900 g) ao dia a mais, até aos 6 meses de idade.

Analisando a influência da "duração da gestação", já foi demonstrado que, em média, a cada mês de vida intra-uterina o bezerro ganha 250 gramas de peso, quanto maior for esse tempo, é provável que maiores pesos ele alcançará: além disso, o tamanho da vaca quando adulta e a "pureza" ou "cruzamento" de raça que representa, terá grande influência no "peso ao nascer" (PN) do bezerro. No caso de gêmeos, evidentemente, o peso individual será menor.

Em consequência da "idade da vaca" no momento do parto, surge outro fator importante que é a "ordem da cria" (1.ª, 2.ª etc.) influenciando o peso ao nascer. Provavelmente o efeito da idade da mãe será devido ao seu maior desenvolvimento e peso índice indicado como "peso da vaca" PV.

Deve ser levado em conta, também, o "sexo produto", nascendo os machos, em geral, com maior peso, talvez por influência do período de gestação, que como vimos é maior para o feto macho, especialmente nas raças européias.

O "estado emocional" ou "tipo de alimentação", compreendendo-se, deverá ter atuação no desenvolvimento do feto; especialmente nas vacas mantidas exclusivamente no pasto, as diferenças podem ser melhores observadas, quando comparadas com as épocas de chuva ou seca. O estado de nutrição afeta os tecidos moles, isto é, as "carne", membranas e etc., tendo, porém, muito pouca influência em relação ao tamanho do esqueleto do bezerro (mais ligado à genética).

Sabese que o feto tem prioridade nos elementos nutritivos ingeridos pela mãe, querendo isto dizer que a vaca cada ubri-

gatoriamente ao seu filho os nutrientes, aproveitando somente as "sobras" para seu organismo. Quando o parto vai se aproximando, aumenta em muito o peso do feto; ele "come" mais... e sua mãe definhará se não for atendida.

Também a "época do ano", e, conseqüentemente, as variações climáticas influirão no estado das pastagens, seja pelas chuvas, pela evaporação de água do solo ou pela temperatura do ambiente e finalmente no estado nutricional da vaca: esse fato é bem notado nos criatórios de animais com sangue de zebu (comuns em nosso meio) mantidos quase que somente a campo. Como o maior desenvolvimento do feto se faz no decorrer dos três últimos meses de gestação, se esse período coincidir com o das pastagens secas, o bezerro tenderá a nascer com peso mais baixo. Por outro lado, a parição na época em que não chove, trará vantagem para a saúde do novo animal, que está menos sujeito às doenças dessa idade.

Como quase tudo na vida animal ou humana está, de um modo ou de outro, relacionado a herança genética, o peso com que nasce o bezerro também depende em parte do que recebeu dos seus antecessores: o fator genético é de 0,35 a 0,40% sobre o peso ao nascer. A maior influência se relaciona diretamente mais com a carga genética do bezerro do que a da vaca, errados de uma situação que ainda não está completamente esclarecida: ao que parece há uma "regulação" para manter o desenvolvimento do feto dentro de uma faixa compatível com o desenvolver do parto, evitando-se que dificuldades devido ao "tamanho" surjam.

Nos cruzamentos de raças e tamanhos bem diferenciados, observa-se que o bezerro da 1.ª geração (F-1) pode nascer com pesos diferentes em função do tipo de cobertura; trabalhos feitos por Sugden em 1969, dão conta, por exemplo, que os filhos de vaca Aberdeen Angus coberta por touros Charolais, nascem com menor peso do que os bezerros obtidos de vacas Charolais cobertas por touros A. Angus, e sempre com pesos diferentes da média dessas duas raças. Nós particularmente, temos observações que indicam maior peso dos bezerros provenientes de vacas holandesas cobertas por zebuínas, em relação aos nascidos de mãe zebuína e o pai holandês. Tal fato, poderia estar relacionado, talvez, com o maior "ventre" ou "espuma" observado nas vacas holandesas se comparadas às zebuínas.

O que está demonstrado é que a herança tem valor variável, determinada pelas raças cruzadas. A informação mais recente (1980) indica que esse valor é, em média de 4%, embora haja cruzamentos com 10% de influência enquanto há outros com 26%.

C — PESO AO DESMAME — (PD)

O Peso ao Desmame (PD), é um dos índices de crescimento de maior importância e serve para avaliar a habilidade materna da vaca, estando do presente quase sempre nos programas de seleção, para a escolha de bons reprodutores.

Esse parâmetro sofre influência dos seguintes fatores:

a — Idade da vaca

O Peso ao Desmame aumenta muito na medida que cresce a idade da vaca (ordem de cria) no momento do parto, sendo maior entre as vacas paridas do 5/6 a 8/10 anos de idade, decaindo muito nas vacas velhas.

Há, entretanto, variação dessas diferenças quando se analisam raças diferentes; para evitar alguns erros ou más interpretações, os técnicos usam "fatores de correção", para as várias idades ao parto. Desse modo os cálculos são efetuados como se as vacas estivessem padronizadas na idade da cria.

b — Sexo no neonato

Considerando-se os demais itens (idade da vaca, duração da gestação etc.) já vistos, o fator sexo é o que maior influência tem sobre o P.D. numa mesma idade.

Assim é que os machos castrados enquanto mamam, pesam menos do que aqueles castrados posteriormente ao desmame.

Quando há sangue zebu e os animais são desmamados com menos de 90 dias a castração não produz influência.

Geralmente os machos pesam mais 10% do que as bezerras; quando os bezerros são castrados bem novos, eles ganham cerca de 7% sobre o peso da fêmea, ao desmame no 7.º mês de idade.

A presença de hormônios é que determina essas diferenças com a castração: quando castrados novos, os machos têm maior velocidade de ganho de peso, em relação às bezerras, devido aos hormônios suprarrenais mais (androgênicos). Enquanto isso, há maior concentração de hormônios de crescimento, um mês antes do desmame, nos animais inteiros.

Ao que parece há influência do genótipo, relacionado com potencial do crescimento ligado ao sexo, o que quer dizer que quando há maior nível de potencial de crescimento, haverá maior diferença do P.D. entre machos e fêmeas. Com os descendentes são menores.

Tudo indica que quanto melhor for o nível de alimentação, maiores serão as diferenças observadas entre os dois sexos.

c — Idade do bezerro ao desmame

Está bastante claro que aumentando-se a idade no desmame, eleva-se o P.D. Não devem ser esquecidos alguns detalhes como se o filho acompanha a mãe, se o aleitamento é controlado, se a alimentação é suplementar ou em separado à dos adultos etc.

Os animais que ganham peso mais rapidamente, crescerão segundo um índice mais constante desde o nascimento até o desmame.

d — Época do ano

Nas grandes criações, que são mantidas geralmente a campo, o mês ou época do ano em que se dá o desmame influirá seguramente sobre o P.D., por estar intimamente ligado a produção das forragens. Essa influência, entretanto, pode variar com as regiões geográficas. Nas regiões normalmente úmidas a diferença de produção forrageira na "seca" e nas "aguas" é bem menor do que nas áreas de chuvas mais escassas.

Os nascidos no fim do inverno e na primavera, deverão ser mais pesados do que os outros, devido a época do desmame. Quando há suplementação alimentar, entretanto, essa influência não será tão acentuada.

Nas regiões tropicais os animais nascidos na época úmida são mais pesados ao desmame, do que os nascidos "nas secas".

e — Produção de leite

Compreende-se facilmente que a produção de leite da vaca terá grande influência sobre o desenvolvimento do seu filho enquanto estiver mamando e, conseqüentemente, no Peso ao Desmame. Pode haver variação de 20 até 60%, peso final conforme a produção da vaca.

A lactação, porém está sujeita a vários fatores tais como: hereditariedade, idade, alimentação, tamanho e peso da vaca.

Outra influência que a produção de leite pode ter sobre o P.D. está ligada a quantidade de leite consumido: não basta a mãe ser boa produtora, é um fator importante que o filho tenha oportunidade e condições de ingerir a quantidade de leite necessária ao seu desenvolvimento. Esse detalhe se observa freqüentemente nas criações de "Cruzadas" ou nos retiros de leite.

Importante e geralmente esquecido é o "potencial ou eficiência" do aproveitamento de leite na transformação em carne etc., isto é, no crescimento do bezerro: é o que se chama do "índice de conversão".

Integração entre pesquisa, extensão e produtor

Em palestra proferida na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) o coordenador de Pesquisa Agropecuária (CPA) da Secretaria da Agricultura de São Paulo Nelson Martin disse que vem procurando integrar os setores de pesquisa, que dirige, extensão e o produtor rural, através de encontros regionais e cursos. Ele destacou que as prioridades da CPA são a regionalização dos resultados da pesquisa, a diminuição de prestação de serviços (semente genética, básica e análise de solo) e difusão tecnológica. Porém, ele acha que a divulgação das tecnologias geradas precisa ser dinamizada, de tal forma que o prazo entre a conclusão do trabalho de pesquisa chegue ao extensionista e deste para o produtor seja o menor possível.

Coutinho Nogueira assume CCCCN

O empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira é o novo presidente da Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional, substituindo o general Darcy Jardim de Mattos. Uma das primeiras medidas tomadas por Coutinho Nogueira foi indicar o médico-veterinário Ney Neves Soares para a Secretaria Executiva da Comissão e após a posse apresentou o plano de trabalho durante o seu mandato. O empresário pretende reformular a legislação que rege a CCCCN, alterando a organização do seu plenário que atualmente conta com 7 conselheiros, estendendo-o à categoria dos profissionais do turfe e proprietários de cavalos de corridas. Paralelamente, estudos sobre o código nacional de corrida e pretende firmar convênio com a Associação Nacional de Proprietários de Cavalos de Corrida (ANPC) com o objetivo de facilitar a exportação de cavalos, dando-lhe apoio, através de auxílio de custeio dos fre-

tes. Pretende, também, formar um pool, com a colaboração das diversas associações de criadores, para o uso de computadores no registro genealógico. Estimulará ainda estudos sobre cavalos de tração. Outras de suas metas: a criação de um Hospital Veterinário no Jockey Clube do Rio Grande do Sul e um plano de contabilidade para todas as entidades turfísticas.

CNPISA recebe pesquisadores

Esteve no Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) o pesquisador francês do Instituto Nacional de Pesquisas Agrônômicas (Inra) Louis Aimé Aumaître, que é diretor técnico e pesquisador da Estação de Pesquisa de Suínos de St Gilles, Rennes, França. Veio conhecer os projetos de pesquisas na área da nutrição animal desenvolvidos no CNPISA e conhecer a infraestrutura do centro brasileiro. Como contribuição, mostrou os projetos e linhas de pesquisas em suínos desenvolvidos na França, entre eles a técnica de obtenção de animais isentos de organismos patogênicos específicos, sistema de produção desenvolvidos na França e as técnicas e metodologias de pesquisas sobre leitões em aleitamento e fêmeas em gestação.

Esteve, no mesmo centro, também, o pesquisador holandês, Karel Antoni Schat, professor da área de virologia da escola de veterinária da Universidade de Cornell, dos Estados Unidos. Veio para assessorar a equipe de virologia da CNPISA e em sua passagem pelo Brasil participou de dois seminários: "Biotecnologia e Técnicas de clonagem de DNA" e "Rotavírus de Aves e Suínos".

Rubico recebe placa da Revista dos Criadores

Durante o 10.º Leilão Brasileiro, realizado em Barretos, no dia 6 de julho, o criador

Rubens de Andrade Carvalho foi homenageado pela Revista dos Criadores com uma placa de prata por seus 50 anos de trabalho de seleção da raça Nelore e pelos 10 anos de leilão. Rubico recebeu a placa de prata das mãos do representante da Revista Nilton Cândido da Silva.



Flagrante da entrega da placa "Revista dos Criadores" ao Rubico pelos 50 anos de seleção da raça Nelore.

Pesquisador do CNPISA estuda etologia

O pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) Cláudio Napolitano Costa foi designado pelo presidente da Embrapa para compor a Comissão encarregada de realizar estudos para a criação do Colégio Brasileiro de Etologia durante o 1.º Encontro Latino-Americano de Etologia, em Florianópolis.

Basf tem novo diretor

Wilhelm Tell, de 45 anos, é o novo diretor da Basf Brasileira, respondendo pela recém-criada Diretoria de Produtos para a Agricultura — área criada em 1978 como divisão e agora transformada em diretoria. Ao transformar a Divisão agrícola para Diretoria Agrícola, a empresa justifica a mudança em razão da crescente importância desse setor. Esse setor da Basf teve crescimento expressivo, graças aos herbicidas Poast e Basagran, de largo emprego na cultura da soja e principalmente na técnica de plantio direto, método que vem ganhando, ano a ano, novos adeptos en-



Wilhelm Tell, Diretor de produtos para a Agricultura da Basf Brasileira S.A.

tre os agricultores. Com o crescimento do setor, agrícola, a Basf planeja novos investimentos e já em meados de 1986 pretende colocar em operação uma nova unidade industrial para a produção de Benzazon, matéria prima do herbicida Basagran. Nesse projeto, a empresa investirá US\$ 12 milhões.

Novo diretor de Marketing da Vallée Nordeste

O médico-veterinário Luiz Norberto Borges Guimarães, de 36 anos, é o novo diretor de Marketing da Vallée Nordeste. Formado pela USP e nascido em Goiás, Guimarães está há 9 anos na empresa, onde iniciou as atividades como veterinário de campo. De São Paulo, onde está situada a diretoria da empresa, cuja fábrica fica em Montes Claros, MG, ele dirige 250 profissionais em todos os Estados brasileiros. Ao assumir o cargo, Guimarães disse que pretende estruturar o Departamento de Marketing e com isso buscar a consolidação e a ampliação do mercado, além de dinamizar os programas de assistência sanitária junto aos criadores — uma das características da empresa.



Vet. Luiz Norberto Borges Guimarães é o novo diretor da Vallée Nordeste.

O NELORISTA DO MÊS

Fazenda São João, produzindo campeões há 25 anos

Com o sangue da pecuária correndo nas veias, uma herança de família, Orestes Prata Tibery, Orestinho, começou em 1959 a formar um plantel próprio da raça Nelore predestinado a ganhar títulos. Porém, o trabalho de seleção não começou da estaca zero, já que ele preferiu não inventar o que estava inventado: para iniciar a criação Orestes foi buscar o que havia de melhor no criatório brasileiro e a partir daí iniciar a seleção.

De início, comprou fêmeas de Torres Homem, dono da Fazenda da Ilha, selecionadas do plantel de cabecreira desse criador, considerado, já naquela época, um dos mais modernos do país. Do plantel de Rubico de Carvalho, igualmente reputado selecionador, levou outra leva de fêmeas. Porém, a maior compra ele fez do tio Pylades Prata Tibery. Desse criador, ele comprou duas produções sem reservas, de origem Baluarte. E no dia 10 de dezembro de 1979 nasceu a primeira bezerra controlada da Fazenda São João, de Três Lagoas, MS, com a marca OT e filha de Doloso da Indiana e Terena.

Porém, a base do plantel, ainda, não estava pronta e em 1960 Orestes foi buscar um lote de 10 bezerras de Torres Homem, crias de cabecreira da Fazenda Santa Cecília. Por serem animais de características excepcionais, ele pagou caro na época: Cr\$ 100 mil — dinheiro que, em 1960, daria para adquirir um avião Bonança. Nesse lote, viria o primeiro campeão — era a bezerra Hourita



LAKREE DA ZEBULÂNDIA — Campeão Nacional em Uberaba. Pai de muitos campeões.

ta da Santa Cecília, campeã nacional de Uberaba, em 1960. Ela inauguraria a série de campeonatos e títulos levantados pela Fazenda São João e colocaria Orestes entre os melhores criadores da raça. Hourita é avó materna de Timbre, um ganhador de títulos em exposições. Desse lote, emergiria outra fêmea excepcional, a Honrada da Santa Cecília, reservada de campeã nacional, em Uberaba, no mesmo ano.

Essa sequência de campeonatos prosseguiria em 1962: nesse ano, a Fazenda São João levantou o primeiro campeonato nacional da raça Nelore a novilha Ambala da Cachoeira (Grande Campeã em Uberaba) — um animal que ele havia recebido

de presente do grande criador paranaense, Celso Garcia Cid, de quem havia adquirido a fêmea Garapa da Indiana, uma filha de Arjem, que foi campeã junior em Uberaba, e Garapa da Indiana, reservada de campeã, também em Uberaba. E a partir daí começaram a aparecer os primeiros crioulos da Fazenda São João: Canarana OT, Fada OT, Dádiva OT, Hulha OT, Nevada OT, Sarita OT, Sota OT, Una OT, Viga OT, entre outros animais.

Mas, apesar da excepcionalidade do plantel, Orestes não parou e começou a introduzir Nelore POI. Comprou de Rubico de Carvalho, assim, a primeira fêmea POI da São João, a Buri, filha de Kuruphaty e

Integração entre pesquisa, extensão e produtor

Em palestra proferida na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) o coordenador de Pesquisa Agropecuária (CPA) da Secretaria da Agricultura de São Paulo Nelson Martin disse que vem procurando integrar os setores de pesquisa, que dirige, extensão e o produtor rural, através de encontros regionais e cursos. Ele destacou que as prioridades da CPA são a regionalização dos resultados da pesquisa, a diminuição da prestação de serviços (semente genética, básica e análise de solo) e difusão tecnológica. Porém, ele acha que a divulgação das tecnologias geradas precisa ser dinamizada, de tal forma que o prazo entre a conclusão do trabalho de pesquisa chegue ao extensionista e deste para o produtor seja o menor possível.

Coutinho Nogueira assume CCCC

O empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira é o novo presidente da Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional, substituindo o general Darcy Jardim de Mattos. Uma das primeiras medidas tomadas por Coutinho Nogueira foi indicar o médico-veterinário Ney Neves Soares para a Secretaria Executiva da Comissão e após a posse apresentou o plano de trabalho durante o seu mandato. O empresário pretende reformular a legislação que rege a CCCC, alterando a organização do seu plenário que atualmente conta com 7 conselheiros, estendendo-o à categoria dos profissionais do turfe e proprietários de cavalos de corridas. Fará, também, estudos sobre o código nacional de corrida e pretende firmar convênio com a Associação Nacional de Proprietários de Cavalos de Corrida (ANPC) com o objetivo de facilitar a exportação de cavalos, dando-lhe apoio, através de auxílio de custeio dos fre-

tes. Pretende, também, formar um pool, com a colaboração das diversas associações de criadores, para o uso de computadores no registro genealógico. Estimulará ainda estudos sobre cavalos de tração. Outras de suas metas: a criação de um Hospital Veterinário no Jockey Clube do Rio Grande do Sul e um plano de contabilidade para todas as entidades turfísticas.

CNPSA recebe pesquisadores

Esteve no Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPSA) o pesquisador francês do Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas (Inra) Louis Aimé Aumaître, que é diretor técnico e pesquisador da Estação de Pesquisa de Suínos de St Gilles, Rennes, França. Veio conhecer os projetos de pesquisas na área de nutrição animal desenvolvidos no CNPSA e conhecer a infraestrutura do centro brasileiro. Como contribuição, mostrou os projetos e linhas de pesquisas em suínos desenvolvidos na França, entre eles a técnica de obtenção de animais isentos de organismos patogênicos específicos, sistema de produção desenvolvidos na França e as técnicas e metodologias de pesquisas sobre leitões em aleitamento e fêmeas em gestação.

Esteve, no mesmo centro, também, o pesquisador holandês, Karel Antoni Schat, professor da área de virologia da escola de veterinária da Universidade de Cornell, dos Estados Unidos. Veio para assessorar a equipe de virologia da CNPSA e em sua passagem pelo Brasil participou de dois seminários: "Biotecnologia e Técnicas de clonagem de DNA" e "Rotavírus de Aves e Suínos".

Rubico recebe placa da Revista dos Criadores

Durante o 10.º Leilão Brasileiro, realizado em Barretos, no dia 6 de julho, o criador

Rubens de Andrade Carvalho foi homenageado pela Revista dos Criadores com uma placa de prata por seus 50 anos de trabalho de seleção da raça Nelore e pelos 10 anos de leilão. Rubico recebeu a placa de prata das mãos do representante da Revista Nilton Cândido da Silva.



Flagrante da entrega da placa "Revista dos Criadores" ao Rubico pelos 50 anos de seleção da raça Nelore.

Pesquisador do CNPSA estuda etologia

O pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPSA) Cláudio Napolis Costa foi designado pelo presidente da Embrapa para compor a Comissão encarregada de realizar estudos para a criação do Colégio Brasileiro de Etologia durante o 1.º Encontro Latino-Americano de Etologia, em Florianópolis.

Basf tem novo diretor

Wilhelm Tell, de 45 anos, é o novo diretor da Basf Brasileira, respondendo pela recém-criada Diretoria de Produtos para a Agricultura — área criada em 1978 como divisão e agora transformada em diretoria. Ao transformar a Divisão agrícola para Diretoria Agrícola, a empresa justifica a mudança em razão da crescente importância desse setor. Esse setor da Basf teve crescimento expressivo, graças aos herbicidas Poast e Basagran, de largo emprego na cultura da soja e principalmente na técnica de plantio direto, método que vem ganhando, ano a ano, novos adeptos en-



Wilhelm Tell, Diretor de produtos para a Agricultura da Basf Brasileira S.A.

tre os agricultores. Com o crescimento do setor, agrícola, a Basf planeja novos investimentos e já em meados de 1986 pretende colocar em operação uma nova unidade industrial para a produção de Benzazon, matéria prima do herbicida Basagran. Nesse projeto, a empresa investirá US\$ 12 milhões.

Novo diretor de Marketing da Vallée Nordeste

O médico-veterinário Luiz Norberto Borges Guimarães, de 36 anos, é o novo diretor de Marketing da Vallée Nordeste. Formado pela USP e nascido em Goiás, Guimarães está há 9 anos na empresa, onde iniciou as atividades como veterinário de campo. De São Paulo, onde está situada a diretoria da empresa, cuja fábrica fica em Montes Claros, MG, ele dirige 250 profissionais em todos os Estados brasileiros. Ao assumir o cargo, Guimarães disse que pretende estruturar o Departamento de Marketing e com isso buscar a consolidação e a ampliação do mercado, além de dinamizar os programas de assistência sanitária junto aos criadores — uma das características da empresa.



Vet. Luiz Norberto Borges Guimarães é o novo diretor da Vallée Nordeste.

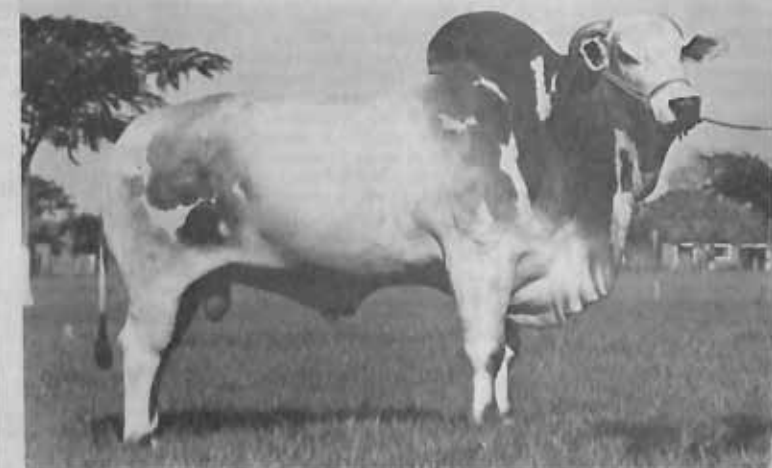
O NELORISTA DO MÊS

Fazenda São João, produzindo campeões há 25 anos

Com o sangue da pecuária correndo nas veias, uma herança de família, Orestes Prata Tibery, Orestinho, começou em 1959 a formar um plantel próprio da raça Nelore predestinado a ganhar títulos. Porém, o trabalho de seleção não começou da estaca zero, já que ele preferiu não inventar o que estava inventado: para iniciar a criação Orestes foi buscar o que havia de melhor no criatório brasileiro e a partir daí iniciar a seleção.

De início, comprou fêmeas de Torres Homem, dono da Fazenda da Ilha, selecionadas do plantel de cabeceira desse criador, considerado, já naquela época, um dos mais modernos do país. Do plantel de Rubico de Carvalho, igualmente reputado selecionador, levou outra leva de fêmeas. Porém, a maior compra ele fez do tio Pylades Prata Tibery. Desse criador, ele comprou duas produções sem reservas, de origem Baluarte. E no dia 10 de dezembro de 1979 nasceu a primeira bezerra controlada da Fazenda São João, de Três Lagoas, MS, com a marca OT e filha de Doloso da Indiana e Tereza.

Porém, a base do plantel, ainda, não estava pronta e em 1960 Orestes foi buscar um lote de 10 bezerras de Torres Homem, crias de cabeceira da Fazenda Santa Cecília. Por serem animais de características excepcionais, ele pagou caro na época: Cr\$ 100 mil — dinheiro que, em 1960, daria para adquirir um avião Bonança. Nesse lote, viria o primeiro campeão — era a bezerra Hourita



LAKREE DA ZEBULÂNDIA — Campeão Nacional em Uberaba. Pai de muitos campeões.

da Santa Cecília, campeã nacional de Uberaba, em 1960. Ela inauguraria a série de campeonatos e títulos levantados pela Fazenda São João e colocaria Orestes entre os melhores criadores da raça. Hourita é avó materna de Timbre, um ganhador de títulos em exposições. Desse lote, emergiria outra fêmea excepcional, a Honrada da Santa Cecília, reservada de campeã nacional, em Uberaba, no mesmo ano.

Essa sequência de campeonatos prosseguiria em 1962: nesse ano, a Fazenda São João levantou o primeiro campeonato nacional da raça Nelore a novilha Ambala da Cachoeira (Grande Campeã em Uberaba) — um animal que ele havia recebido

de presente do grande criador paranaense, Celso Garcia Cid, de quem havia adquirido a fêmea Garapa da Indiana, uma filha de Arjem, que foi campeã junior em Uberaba, e Gançula da Indiana, reservada de campeã, também em Uberaba. E a partir daí começaram a aparecer os primeiros crioulos da Fazenda São João: Canarana OT, Fada OT, Dádiva OT, Hulha OT, Nevada OT, Sarita OT, Sota OT, Una OT, Viga OT, entre outros animais.

Mas, apesar da excepcionalidade do plantel, Orestes não parou e começou a introduzir Nelore POI. Comprou de Rubico de Carvalho, assim, a primeira fêmea POI da São João, a Buri, filha de Kuruphaty e



Orestes Prata Tibery, sua vida sempre foi dedicada à pecuária.

Chamilla II, uma das linhagens mais pesadas da Fazenda Brumado, da Rubico de Carvalho. Buri é bisavô do touro Pakar POI OT, considerado um dos maiores raçadores da atualidade, reunindo, em seu sangue, nome de peso dos grandes raçadores importados, como Karvadi, Godavari, Golias e Taj Mahal. Duas compras seguintes de Torres Homem viam consolidar de vez a qualidade dos animais da Fazenda São João: Faidã e Lakres. Faidã era filho de Karvadi e Lakree, de Evarn, com sangue de Rastã.

Lakree, por exemplo, já produziu campeões como Quebracho (campeão internacional do Nelore em Presidente Prudente e Uberaba e campeão novilho precoce em Uberaba) e Timbre (sangue de Hourita da Santa Cecília), que rivalizou-se com Quebracho como ganhador de prêmios, entre eles Grande Campeão da Exposição Internacional de Nelore com menos de 18 meses de idade. Duas filhas de Lakree — Sota OT e Viga OT — foram várias vezes campeãs e sua progênie, com 3 filhos, foi campeã na Exposição Nacional de Uberaba.

Hoje, o touro que está em evidência, por ter gerado várias filhas campeãs, é Pakar OT, POI, bisneto da primeira fêmea POI da São João, Buri. O grande campeão Nelore, pertencente ao criador

Alberto Laborne Valle Mendes, é filho seu. Todos os Nelore finos da marca OT estão hoje na Central de Inseminação Artificial para coleta de sêmen.

Além do Nelore Padrão, Orestes cria, também, Nelore Mocho, Gir Mocho e Indubrasil. E, a exemplo do Nelore, outras variedades zebuínas tem-se revelado excepcionais. Em 1984 e 1985, a Fazenda São João levou, por exemplo, os crioulos Nelore Mocho na Exposição de Ubera-

ba, ficando em 3.º lugar na contagem geral. Apesar de recente, a seleção do Nelore Mocho tem sido extremamente ágil, graças ao raçador Japopim da Boa Vista, que tem transmitido seu caráter mocho em mais de 90% dos filhos. Com isso, a cobertura de Japopim tem resultado na quase totalidade animais mochos. Embora tenham sido usadas apenas para fornecimento de leite para consumo, as vacas Gir Mocho tem-se revelado boas produtoras de leite. São vacas com pedigree, descendentes de Raro, Marduque e Beg. Com isso, a Fazenda São João espera levá-las, em 1987, para a Exposição de Uberaba.

O plantel de Indubrasil é pequeno — apenas 10 matrizes. Porém, embora em pequena quantidade, é de primeira qualidade. Elas estão sendo cobertas com sêmen do Touro Sagital VR, um Indubrasil muito comprido, com mais de 1.000 kg de peso e umbigo reduzido.

E agora Orestes iniciou a formação de plantel de Puro Sangue Árabe. E, a exemplo dos bovinos, ele quer promover uma seleção apurada, produzindo, igualmente, animais finos. Por exemplo, comprou um reprodutor importado da Inglaterra — Crystal King — campeão em seu



PAKAR POI OT e filhas.



Uma vista da Fazenda São João, em Campo Grande, MS.

país de origem, onde deixou vários filhos e filhas campeões. Atualmente o plantel de PSA é de 21 fêmeas puras. Além do Crystal King, Orestes mantém mais três garanhões que servirão no Haras Cinco Irmãos: AF Bocage (filho de Mashalla), AF Deltac (filho de Sahibi) e AF Cadillac (Puro egípcio, filho de Ansata El Tareef).

Situada a 6 km de Três Lagoas, a Fazenda São João tem 813 alqueires. Nela, as pastagens são formadas de uma variedade muito grande de capins. Para os terrenos sujeitos a inundações, Orestes plantou Setária Kazungula, que desenvolve bem e é a grande opção de alimento no período seco. O capim Pangola é destinado aos equinos, que dispõem, também de capim Jaraguá. Para o gado, existem, além do Kazungula, as brachiárias humicula e decumbens. Orestes está introduzindo, agora, a brachiária gigante, o Brachiário. Na Fazenda, o pecuarista planta, ainda, milho para consumo

próprio e para empregar na ração de gado de exposição. Tem, ainda, dois silos de emergência para a eventualidade de na seca faltar alimento. Porém, ele pouco tem usado — já que é raro ocorrer a escassez de alimento.

Além da Fazenda São João, Orestes tem outras propriedades: a Fazenda Santa Angela, de 1.500 alqueires, a 10 km de Três Lagoas, onde estão os Nelore PC, de onde tira os tourinhos para venda e para o plantel de corte; a Estância Pinga Fogo, no município de Flórida, próximo a Maringá, com 750 alqueires, onde faz a engorda dos bois; a Fazenda Sumaúma, em Rio Branco, Acre, com 5.300 alqueires, onde está sendo criado Nelore para Corte.

Membro efetivo do Colégio de juizes da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, membro do Conselho Técnico da Raça Nelore e do Conselho diretivo da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior vem de uma família que sempre esteve e está ligada à pecuária, iniciada por seu bisavô, que veio da Itália e fixou-se em Uberaba, onde deu os primeiros passos. Seu tio-avô, Néilson Tibery, fez parte do 1.º grupo de importadores de Zebu, ficando dois anos na Índia. Seu avô, Orestes Tibery, foi o pioneiro na venda de Zebu para o Rio Grande do Sul. Seu pai, Orestes Prata Tibery, embora formado em medicina, incursionou-se na pecuária — inicialmente comprando os primeiros sítios. Em 1935, levado pelas mãos do coronel Cacildo Arantes, aportou em Três Lagoas para formar a Fazenda São João às margens do Rio Paraná.

Orestes fala com orgulho de outro tio, Pylades Prata Tibery, com quem aprendeu muito e recebeu muito apoio no início. "Era uma figura folclórica", recorda. "Foi o homem mais importante para a fixação das características de desenvolvimento do Zebu brasileiro. Ele participou da formação do padrão das diversas raças zebuínas e foi o professor dos melhores juizes do Brasil. É um apaixonado pelo Zebu e pela ABCZ. Almoça, janta e dorme pensando no Zebu. Aprendi com ele todos os detalhes e filigramas importantes para se identificar um animal diferenciado", conta Orestes.

Porém, não só pelo lado paterno sua família é ligada à pecuária. Do lado materno, também. Seu tio Gerson Prata foi o iniciador do Gir mocho e exportador de Zebu para a Venezuela, Colômbia e Argentina. Há mais de 33 anos seleciona Nelore na Argentina e recentemente fundou, nesse país, a Associação de Nelore, tornando-se o seu primeiro presidente.

Orestes fala com orgulho do seu pai, de quem recebeu muito incentivo e experiências. Porém, sempre procurou dá-lhe incentivo e orientação — sem, entretanto, interferir no seu trabalho. Por exemplo, embora apaixonado pelo Indubrasil, respeitou a opção do filho pelo Nelore. Orestes está certo de que a geração seguinte irá prosseguir com a pecuária: os cinco filhos — duas mulheres e três homens, dois deles casados — mostram-se entusiasmados com a pecuária.



Há muito capricho e zelo nas instalações da Fazenda São João.



Futuras campeãs.



Orestes Prata Tibery, sua vida sempre foi dedicada à pecuária.

Chamilla II, uma das linhagens mais pesadas da Fazenda Brumado, de Rubico de Carvalho. Buri é bisavô do touro Pakar POI OT, considerado um dos maiores raçadores da atualidade, reunindo, em seu sangue, nome de peso dos grandes raçadores importados, como Karvadi, Godavari, Golias e Taj Mahal. Duas comparsas seguintes de Torres Homem viriam consolidar de vez a qualidade dos animais da Fazenda São João: Faidã e Lakres. Faidã era filho de Karvadi e Lakree, de Evarn, com sangue de Rastã.

Lakree, por exemplo, já produziu campeões como Quebracho (campeão internacional do Nelore em Presidente Prudente e Uberaba e campeão novilho precoce em Uberaba) e Timbre (sangue de Hourita da Santa Cecília), que rivalizou-se com Quebracho como ganhador de prêmios, entre eles Grande Campeão da Exposição Internacional de Nelore com menos de 18 meses de idade. Duas filhas de Lakree — Sota OT e Viga OT — foram várias vezes campeãs e sua progênie, com 3 filhos, foi campeã na Exposição Nacional de Uberaba.

Hoje, o touro que está em evidência, por ter gerado várias filhas campeãs, é Pakar OT, POI, bisneto da primeira fêmea POI da São João, Buri. O grande campeão Nelore, pertencente ao criador

Alberto Laborne Valle Mendes, é filho seu. Todos os Nelore finos da marca OT estão hoje na Central de Inseminação Artificial para coleta de sêmen.

Além do Nelore Padrão, Orestes cria, também, Nelore Mocho, Gir Mocho e Indubrasil. E, a exemplo do Nelore, outras variedades zebuínas tem-se revelado excepcionais. Em 1984 e 1985, a Fazenda São João levou, por exemplo, os crioulos Nelore Mocho na Exposição de Ubera-

ba, ficando em 3.º lugar na contagem geral. Apesar de recente, a seleção do Nelore Mocho tem sido extremamente ágil, graças ao raçador Japopim da Boa Vista, que tem transmitido seu caráter mocho em mais de 90% dos filhos. Com isso, a cobertura de Japopim tem resultado na quase totalidade animais mochos. Embora tenham sido usadas apenas para fornecimento de leite para consumo, as vacas Gir Mocho tem-se revelado boas produtoras de leite. São vacas com pedigree, descendentes de Raro, Marduque e Beg. Com isso, a Fazenda São João espera levá-las, em 1987, para a Exposição de Uberaba.

O plantel de Indubrasil é pequeno — apenas 10 matrizes. Porém, embora em pequena quantidade, é de primeira qualidade. Elas estão sendo cobertas com sêmen do Touro Sagital VR, um Indubrasil muito comprido, com mais de 1.000 kg de peso e umbigo reduzido.

E agora Orestes iniciou a formação de plantel de Puro Sangue Árabe. E, a exemplo dos bovinos, ele quer promover uma seleção apurada, produzindo, igualmente, animais finos. Por exemplo, comprou um reprodutor importado da Inglaterra — Crystal King — campeão em seu



PAKAR POI OT e filhas.



Uma vista da Fazenda São João, em Campo Grande, MS.

país de origem, onde deixou vários filhos e filhas campeões. Atualmente o plantel de PSA é de 21 fêmeas puras. Além do Crystal King, Orestes mantém mais três garanhões que servirão no Haras Cinco Irmãos: AF Bocage (filho de Mashalla), AF Deltac (filho de Sahibi) e AF Cadillac (Puro egípcio, filho de Ansata El Tareef).

Situada a 6 km de Três Lagoas, a Fazenda São João tem 813 alqueires. Nela, as pastagens são formadas de uma variedade muito grande de capins. Para os terrenos sujeitos a inundações, Orestes plantou Setária Kazungula, que desenvolve bem e é a grande opção de alimento no período seco. O capim Pangola é destinado aos equinos, que dispõem, também de capim Jaraguá. Para o gado, existem, além do Kazungula, as brachiárias húmidica e decumbens. Orestes está introduzindo, agora, a brachiária gigante, o Brachiário. Na Fazenda, o pecuarista planta, ainda, milho para consumo

próprio e para empregar na ração de gado de exposição. Tem, ainda, dois silos de emergência para a eventualidade de na seca faltar alimento. Porém, ele pouco tem usado — já que é raro ocorrer a escassez de alimento.

Além da Fazenda São João, Orestes tem outras propriedades: a Fazenda Santa Angela, de 1.500 alqueires, a 10 km de Três Lagoas, onde estão os Nelore PC, de onde tira os tourinhos para venda e para o plantel de corte; a Estância Pinga Fogo, no município de Flórida, próximo a Maringá, com 750 alqueires, onde faz a engorda dos bois; a Fazenda Sumaúma, em Rio Branco, Acre, com 5.300 alqueires, onde está sendo criado Nelore para Corte.

Membro efetivo do Colégio de juizes da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, membro do Conselho Técnico da Raça Nelore e do Conselho diretivo da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior vem de uma família que sempre esteve e está ligada à pecuária, iniciada por seu bisavô, que veio da Itália e fixou-se em Uberaba, onde deu os primeiros passos. Seu tio-avô, Néelson Tibery, fez parte do 1.º grupo de importadores de Zebu, ficando dois anos na Índia. Seu avô, Orestes Tibery, foi o pioneiro na venda de Zebu para o Rio Grande do Sul. Seu pai, Orestes Prata Tibery, embora formado em medicina, incursionou-se na pecuária — inicialmente comprando os primeiros sítios. Em 1935, levado pelas mãos do coronel Cacildo Arantes, aportou em Três Lagoas para formar a Fazenda São João às margens do Rio Paraná.

Orestes fala com orgulho de outro tio, Pylades Prata Tibery, com quem aprendeu muito e recebeu muito apoio no início. "Era uma figura folclórica", recorda. "Foi o homem mais importante para a fixação das características de desenvolvimento do Zebu brasileiro. Ele participou da formação do padrão das diversas raças zebuínas e foi o professor dos melhores juizes do Brasil. É um apaixonado pelo Zebu e pela ABCZ. Almoça, janta e dorme pensando no Zebu. Aprendi com ele todos os detalhes e filigramas importantes para se identificar um animal diferenciado", conta Orestes.

Porém, não só pelo lado paterno sua família é ligada à pecuária. Do lado materno, também. Seu tio Gerson Prata foi o iniciador do Gir mocho e exportador de Zebu para a Venezuela, Colômbia e Argentina. Há mais de 33 anos seleciona Nelore na Argentina e recentemente fundou, nesse país, a Associação de Nelore, tornando-se o seu primeiro presidente.

Orestes fala com orgulho do seu pai, de quem recebeu muito incentivo e experiências. Porém, sempre procurou dá-lhe incentivo e orientação — sem, entretanto, interferir no seu trabalho. Por exemplo, embora apaixonado pelo Indubrasil, respeitou a opção do filho pelo Nelore. Orestes está certo de que a geração seguinte irá prosseguir com a pecuária: os cinco filhos — duas mulheres e três homens, dois deles casados — mostram-se entusiasmados com a pecuária.



Há muito capricho e zelo nas instalações da Fazenda São João.



Futuras campeãs.



LEILÃO GRANDES OPÇÕES

13 DE OUTUBRO DE 1985
DURANTE A VII EXAMAR

FAZENDA PAREDÃO - ORIENTE
20 KM A OESTE DE MARÍLIA

CINCO CRIADORES DE DESTAQUE
APRESENTARÃO 60 LOTES DE
NELORE POI E PO, 30 LOTES DE
EQUINOS ÁRABE, QUARTO DE
MILHA E MANGALARGA MARCHADOR

JAIME MIRANDA
UBALDO OLEA
PETER SCHWEIZER
JORGE SCHWEIZER
NELSON PINEDA



10:00 h - APRESENTAÇÃO DOS ANIMAIS
12:00 h - CHURRASCO
14:00 h - INÍCIO DO LEILÃO

PATROCÍNIO:



Purina
Alimentos Ltda

MUITAS OPÇÕES PARA MUITA QUALIDADE
5 pagamentos sem juros



Rua Doná Germaine Burchard, 251 - Tel.: 262-8377 - CEP 05002 - São Paulo - SP

OB

BERÍLIO - PESO - 1086 Kg

GRANDE CAMPEÃO NA EXPOINEL - 1983
FILHO DE BINAG - POI DA PRUDEINDIA



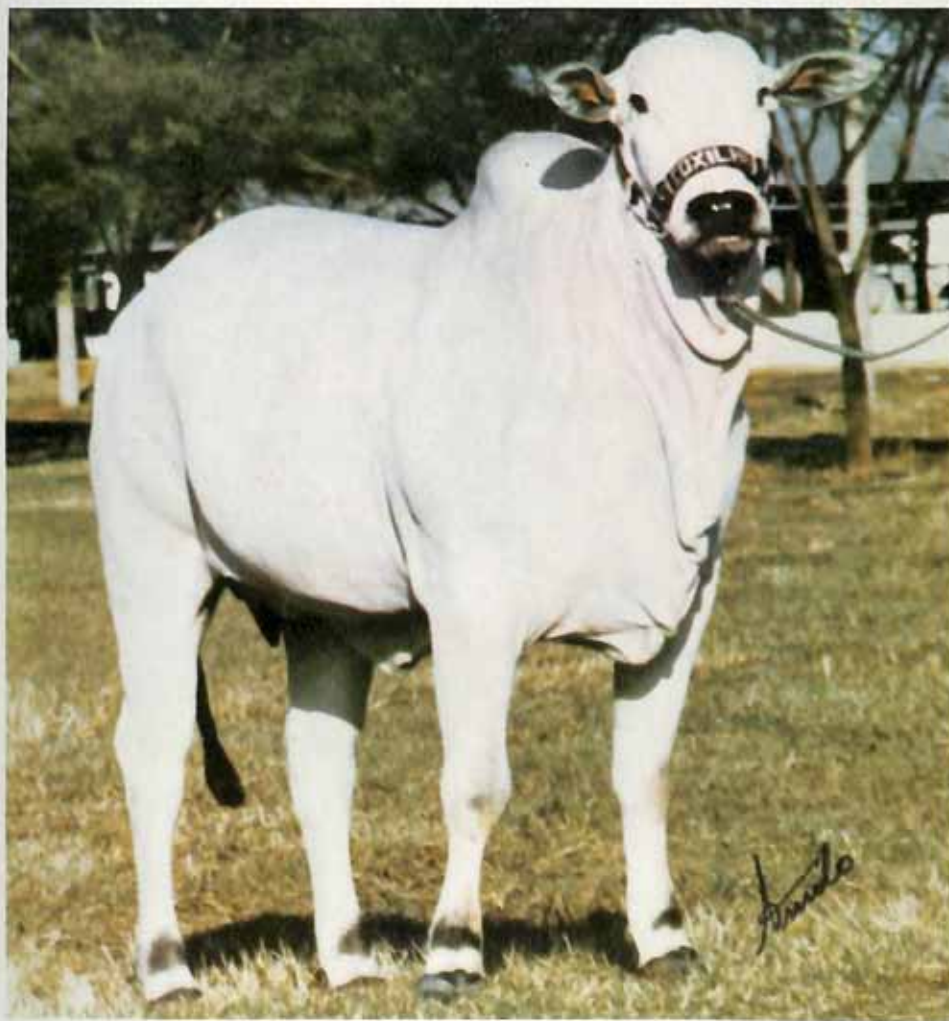
Ovidio Miranda Brito Agro Pastoril - Ltda.

FAZENDA SANTA MARINA — ARAÇATUBA — S.P. — Fone: (0186) 23-1639
Gerente de venda — José Alberto Amado (Joe)

COXILHA - PESO - 713 Kg

GRANDE CAMPEÃ UBERABA - 1985
FILHA DE BERÍLIO - NETA MATERNA DE
GRADO DA STA. CECÍLIA - POR GOLIAS

OB



Ovídio Miranda Brito Agro Pastoril - Ltda.

FAZENDA SANTA MARINA — ARAÇATUBA — S.P. — Fone: (0186) 23-1639
Gerente de venda — José Alberto Amado (Joe)

FAZENDA DA PRATA

Rodovia Cuiabá/Carceres - km 606

Mun. de Poconé — MT
PROP.: FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA



CAMPEÃO TOURO JOVEM — CUIABÁ/85

Osasco POI da Nelore C - 6100	Himalaya do Brum. 380
	B — 5980
	Buldana da N. Ind. — 311 AO - 8532



CAMPEÃ VACA JOVEM E GRANDE CAMPEÃ — CUIABÁ/85

Gora Te POI Boa Vista BN - 6106	Pakar PO OT - 916
	B - 789
	Akola - 230 AF - 725



**RESERVADA CAMPEÃ VACA JOVEM E
RESERVADA GRANDE CAMPEÃ - CUIABÁ/85**

Autárcia da Nelore BN - 6108	Rampur da Nova Índia
	B-3346
	Nicoclana Reg. AO - 8569



**CAMPEÃ BEZERRA - CUIABÁ/85
8 MESES — 224 kg.**

Accionista POI da Prata	Osasco POI
	C - 6100
	Autárcia da Nelore BN — 6108

FAZENDA BRUMADO

Rua 18, nº 335 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel.: (0173) 22-2366



GANGAHYA POI DO BRUMADO

Grande Campeão Nacional em Uberaba/83.

No 10º Leilão do Brumado foram vendidos 4 machos POI, filhos de Gangahya POI do Brumado, na média de Cr\$ 50.250.000.

Sêmen à venda na Fazenda Brumado Inseminação Artificial Ltda.

RUBICO CARVALHO

HÃ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO



2º LEILÃO NELORE 5 ESTRELAS - 2 Dezembro 85 - Palace - São Paulo.



Barba

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

Fazenda São Sebastião do
Paraíso
Prop.: Dr. Roberto Calmon de
Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng. Agr. José
Wilson Baião
Fone: 83-1431 e 83-1728
Cx. Postal 36 - CEP-13690
Descalvado - SP
Venda Permanente de
Produtos P.O. e P.O.I.



MANIGAL PO DA ZEBULÂNDIA — Matriz de excelente fertilidade produtora de embriões da linhagem VR de Torres Homem R. da Cunha, de propriedade da Barba Agrícola e Comercial S.A.



**ESTA EXCELENTE MATRIZ DA RAÇA NELORE
PRODUZIU NO ÚLTIMO DIA 11 DE ABRIL, 32 EMBRIÕES
FÉRTEIS, EM UMA SÓ LAVAGEM
INTRA-UTERINA. DESTES, 26 FORAM TRANSFERIDOS
PARA VACAS MISTIÇAS COM PLENO ÊXITO.**

EL-LO



O MELHOR DA RAÇA, RESERVADO PARA NOVEMBRO

70 PRODUTOS

MACHOS E FÊMEAS - POI E PO

4 de novembro de 1985 (segunda-feira) - 19 h



Clube Paineiras do Morumby

Av. Dr. Alberto Penteado, 350

GRUPO VR

Torres Homem Rodrigues da Cunha
Joaquim Vicente Prata Cunha (Tetente)
Vicente Rodrigues da Cunha
José Olavo Borges Mendes
Torres Lincoln Prata Cunha
José Carlos Prata Cunha

Convidados

Agropecuária Bonfiglioli S.A.
(Fazenda São Marcos)
EMBRA - Agropecuária
(Fazenda Santa Maria)
Fazenda Morro Vermelho Ltda.
(Fazenda Morro Vermelho)
Roberto Calmon de Barros Barreto
(Fazendas 2B)
Werner F. Jost
(Fazenda Boa Esperança)

Djalma B. de Lima
organização de leilões
Rua Nebraska, 423 - São Paulo
Tel.: (011) 543-3300 - Cep 04560



FAZENDAS REUNIDAS BELO HORIZONTE LTDA.

BR 101 — Km 262 — Tel.: (075) 731.1462

CEP 44570 — SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

Esc.: Rua Professor Sabino Silva, S/N — Ed. Victória Center

Salas 505/510 - (PABX) B. (071) 235.0881 - SALVADOR - BA



SELEÇÃO NELORE PO - POI E MANGALARGA MARCHADOR
VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS E MATRIZES



**SEDE CENTRAL
DA FAZENDA**

Com a presença do Dr. Newton C. Araujo, Presidente da ABCZ, Dr. Fernando Cincura, Secretário de Agricultura da Bahia, Dr. Simeão Machado, Diretor do Parque de Exposição, Dr. José Mario, Diretor de registros da ABCZ e diversos criadores, no momento do 1.º Registro da Raça Nelore Vermelho — (Variedade de Pelagem).



1.ª Novilha Nelore Vermelho registrada.



Lote de vacas Nelore Vermelho.



Marca do 1.º registro.

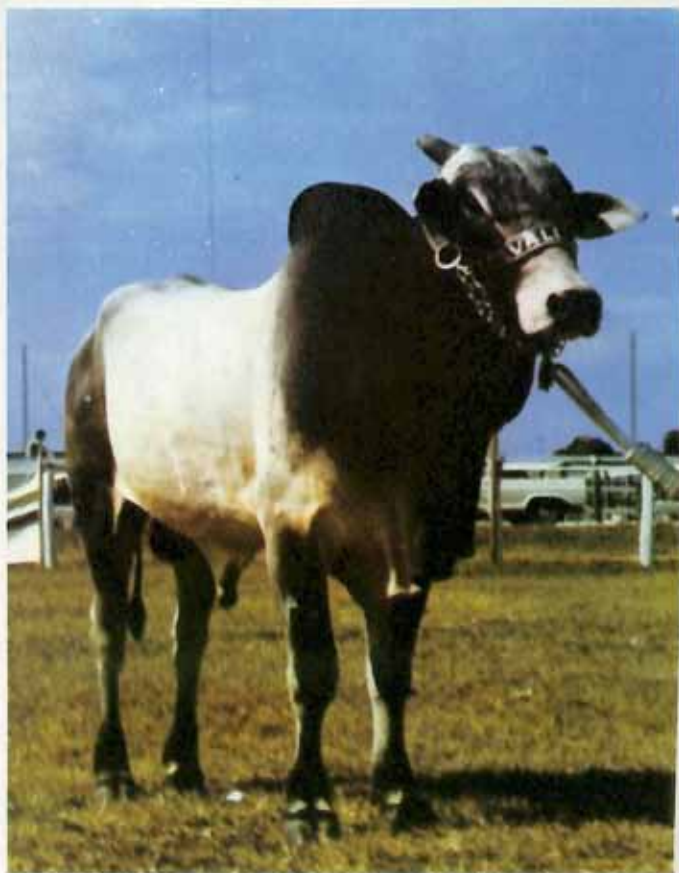
FAZENDA ESTRELINHA

Estrada do Rio da Casca, Km 04 — Chapada dos Guimarães — MT

Prop.: CÉSAR GOUVÊA

End.: Rua Tailândia, 2780 — Bairro Shangri-lá — Cuiabá — MT
CEP 78.000 — Fones: 361-5728, 321-7882

VENDA DE REPRODUTORES NELORE



VALLIK POI DA FOR; VR
Reg. C6082

Narambú PO da Zebulândia 76

Padhura POI da Zebulândia 246

CAMPEÃO SÊNIOR - CUIABÁ/85

A opção pelo moderno Gir brasileiro

ESTÂNCIA SÃO JOSÉ O CELEIRO DOS PESOS — PESADOS

De fato, além de enorme sensação nas exposições de que participam, conquistando repetidamente as mais importantes classificações, os crioulos da São José vêm obtendo crescente projeção internacional através das inúmeras comitivas de criadores estrangeiros que visitam a Estância para conhecer o seu notável aperfeiçoamento genético.

- ★ Mais de 400 matrizes Gir registradas, que têm gerado animais de grande peso e magnífica caracterização racial.
- ★ Inseminação artificial.
- ★ Expressiva produção leiteira, que confirma o desenvolvimento da dupla aptidão do plantel.
- ★ Venda de matrizes e reprodutores.

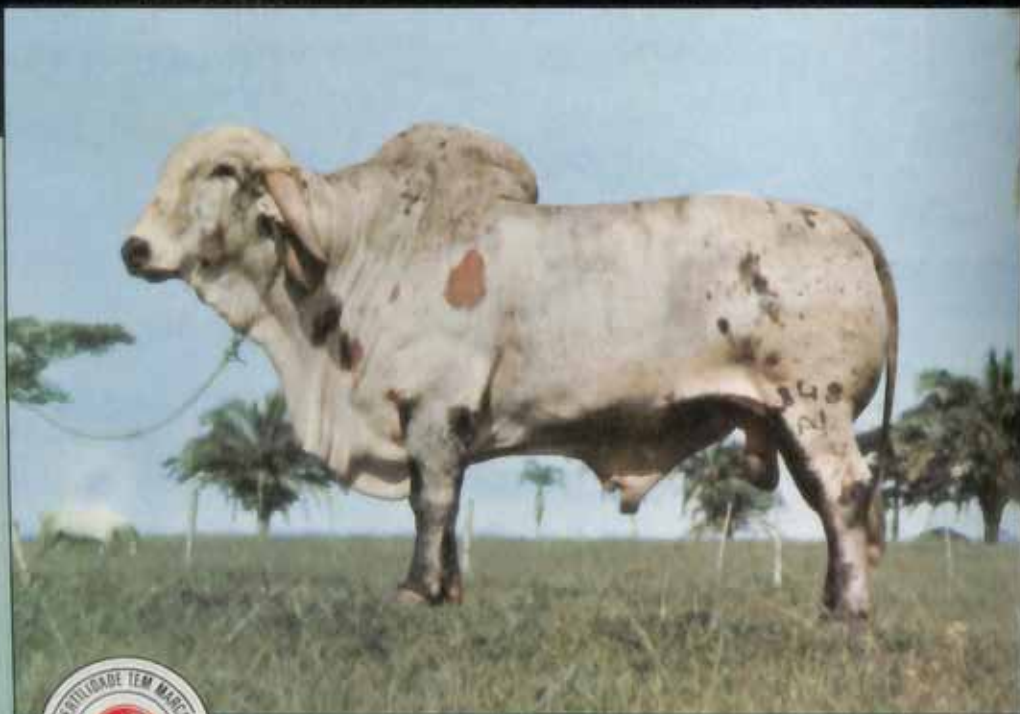
Manejando o que há de mais fino e apurado no moderno Gir brasileiro, a Estância São José tem contribuído de maneira marcante para a evolução da pecuária nacional.

Seus animais estão hoje presentes nos melhores rebanhos do País, confirmando uma verdadeira vocação para campeões pesos-pesados.

Campeão de tonelada

Imperador da São José.

Notável ganhador de peso, que atingiu 982 kg aos 47 meses. Além de várias vezes Campeão Bezerro, Júnior e Touro Jovem nas diversas exposições de que participou: foi Grande Campeão da raça em Anápolis, Brasília, São Paulo e Barretos (84/85), Reservado de Grande Campeão em Goiânia e Ribeirão Preto (84) e Reservado de Grande Campeão Nacional em Uberaba (85). Peso médio aos 50 meses: **uma tonelada.**

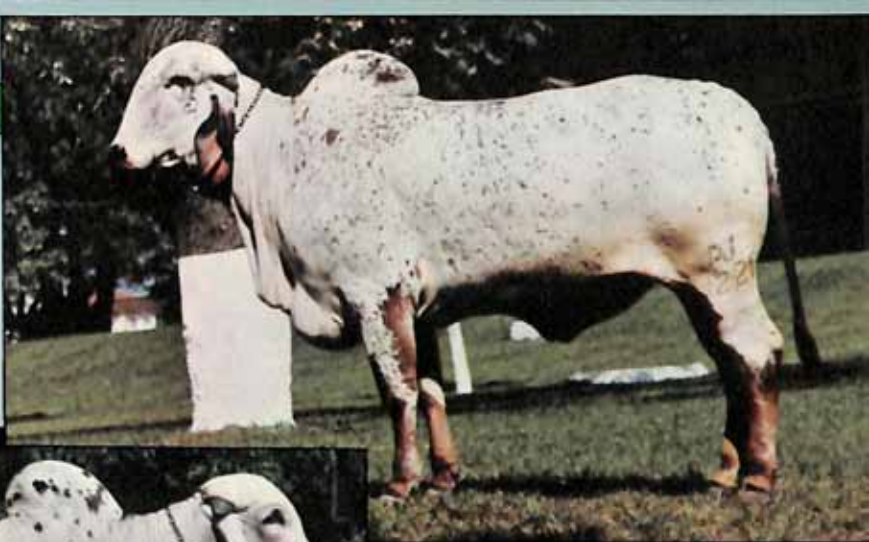


SÊMEN DISPONÍVEL
NA AGROPECUÁRIA LAGOA DA SERRA LTDA.

Campeões de toneladas

Magia da São José.

Sensação das principais exposições de que participou em 1984 e do Leilão de Elite da raça Gir, onde foi arrematada por Cr\$ 30 milhões pelo criador Mamede Mussi, de Barretos.



Campeões de toneladas

Monarca da São José.

Alcançou a marca de 487 kg aos 16 meses de idade. Um extraordinário campeão precoce em ganho de peso, registrando 1.086 gramas/dia.

Campeões de toneladas

Conjunto de Progênie.

14 vezes campeão na categoria Progênie de pai (Hubário), destacando-se Recife (82), Ribeirão Preto e Uberlândia (83), tri em Uberaba (83/84/85), bi em Goiânia (83/84), Anápolis, Brasília e São Paulo (84). Um conjunto harmonioso, de rara conformação com a mais perfeita caracterização do moderno Gir brasileiro.



ESTÂNCIA

São José



Rodovia Go-3 - Km 30
Trindade-Goiás-Brasil
Correspondência:
Av. Independência, 3392 -
Centro, Tels.: (062) 223-7341
e 225-7100 - Res.: 224-1878
CEP: 74.000 - Goiânia - Goiás.

Criador:

ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO

Seis vezes classificado como **Melhor Expositor**: Troféu **Melhor Expositor** em Goiânia (84), Anápolis, Brasília, Ribeirão Preto, São Paulo, Barretos (85) e Ribeirão Preto (85).

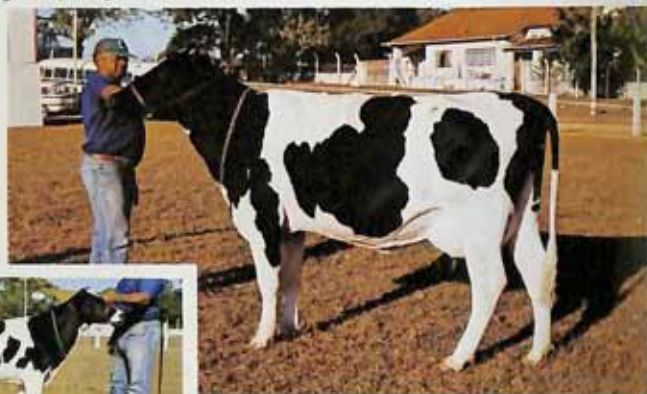
DESPONTA UM NOVO PLANTEL EM MINAS GERAIS!

EM APENAS 8 MESES DE SELEÇÃO, VEJA OS RESULTADOS!



MARGOR JAGUAR SENSATION STAR

Nasc: 14/Jul/1982
Pai: Spring Farm Ideal Star
Mãe: F.H.C. Alexandra Fofoca Sensation
GRANDE CAMPEÃO E CAMPEÃO
2 ANOS EM ITAJUBÁ-MG-85
RESERVADO GRANDE CAMPEÃO
CAMPEÃO 2 ANOS NA EXPOSIÇÃO
E S.J. DA BOA VISTA — SP/85



NORMANDIA LUNETA ATOM

Nasc: 19/Jul/1982
Pai: Bond Haven Prestige Atom
Mãe: Normandia Genebra Admiral
RESERVADA CAMPEÃ 2 ANOS EM
S.J. DA BOA VISTA — SP/85



SANTA CRUZ BAIDEK ATOM STAR

(Crioulo da fazenda)
Nasc: 12/Abr/1985
Pai: Margor Jaguar Sensation Star
Mãe: Normandia Luneta Atom



MANDA NOLKE NED DA SANTA CRUZ

Nasc: 15/Out/1984
Pai: J.J. Guarany Ned
Mãe: Wolke de H.E.P.R.
CAMPEÃ BEZERRA MENOR EM
ITAJUBÁ-MG/85
CAMPEÃ BEZERRA MENOR EM
J. DA BOA VISTA-SP/85



NERIZA AFRODITE ASTRONAUT

Nasc: 12/Jan/1984
Pai: BT Astronaut Leader
Mãe: Neriza Margarida Ivanhoe
RESERVADA GRANDE CAMPEÃ
E CAMPEÃ BEZERRA MAIOR
EM ITAJUBÁ-MG/85



FAZENDA SANTA CRUZ

IRMÃOS TOLEDO RENNÓ

Rodovia Pouso Alegre-Itajubá, Km 139

PIRANGUINHO - MG

JORGE TOLEDO RENNÓ

Vila das Fontes, 35

Tels.: (035) 631-1432 (res.) 631-1312 (cons.)

SANTA RITA DO SAPUCAÍ

ESTEIO UM GRANDE CAMPEÃO!

GRANDE CAMPEÃO NACIONAL 1984

GRANDE CAMPEÃO BATATAIS 1984

GRANDE CAMPEÃO MARÍLIA 1984

GRANDE CAMPEÃO OURINHOS 1985

GRANDE CAMPEÃO S. J. BOA VISTA 1985

GRANDE CAMPEÃO LINS 1985

GRANDE CAMPEÃO BATATAIS 1985

GRANDE CAMPEÃO RIBEIRÃO PRETO 1985

SANTA ONDINA
Qualidade
acima da
Qualidade



SANTA ONDINA ESTEIO VALIANT

Nascimento: 03/ Outubro/ 1983
Pai: S.W.D. Valiant (EX 95)

Mãe: Jangada I Aurea I Rasgada Astronaut
2,09a 3x 365d 8.017 Kg 3.85% LM

SÊMEM
À VENDA NA
PECPLAN



ARNALDO MENDES DE OLIVEIRA & FILHO

FAZENDA SANTA ONDINA

Estrada velha Marília Ocauçu, km 6 - Caixa Postal 203
Cep 17500 - Tel.: (0144) 33-4742 - Marília - SP
GADO HOLANDÊS PRETO E BRANCO DE ALTO PADRÃO

QUALIDADE ACIMA DA QUALIDADE: VEJA POR

A FAZENDA SANTA ONDINA, SUBMETENDO SEU PLANTEL À AVALIAÇÃO DE CLASSIFICAÇÕES EM EXPOSIÇÕES BRASILEIRAS, O QUE INDIC

MELHOR CONJUNTO DE RAÇA (JUNIOR), BATATAIS 85



M. MICHELITA ASTRONAUT
Campeã Bezerra em Franca 84, Reservada Campeã Novilha Maior em Batatais 85, Campeã Novilha Maior em Ourinhos 85, Campeã Novilha Maior em Lins 85, Campeã Novilha Maior e Reservada Grande Campeã em S. J. da Boa Vista 85.



M. ANNA II ROYALTY
1º Prêmio Nacional 84 em Categoria de 31 animais, Campeã Novilha Menor em Batatais 85, Campeã Novilha Menor em S. J. da Boa Vista 85, Reservada Campeã Novilha Menor em Lins 85.



M. DÉBORA N. ROYALTY
Campeã Novilha Menor em Ourinhos 85, Reservada Campeã Novilha Menor em S. J. da Boa Vista 85, Campeã Novilha Menor em Lins 85.



M. MAMONA 2 ROYALTY
Campeã Bezerra em Ourinhos 85.

**MELHOR PROGÊNIE DE MÃE BATATAIS 85
MELHOR PROGÊNIE DE MÃE RIB. PRETO 85**



EMARGARETH MILESTONE SANTA ONDINA
Reservada Campeã Bezerra em Marília 83.



DECA MILESTONE SANTA ONDINA
Campeã Bezerra em Marília 82, Campeã Vaca Seca Jovem em S. J. da Boa Vista 85.



DATITA MILESTONE SANTA ONDINA
Reservada Campeã Novilha Maior em Franca 84.



SANTA ONDINA DALILA MILESTONE



SANTA ONDINA FIELD MIKE NED
Reservada Campeã Vaca Jovem em Lins 85.



SANTA ONDINA GEPAULA MARS
4º Prêmio na Festa do Leite de Batatais 85, em Categoria de 29 animais.



SANTA ONDINA GANDY APOLLO
Campeão Bezerra em S. J. da Boa Vista 85, Campeão Bezerra em Lins 85, Campeão Bezerra e Reservado Grande Campeão em Ourinhos 85, Reservado Campeão Bezerra em Ribeirão Preto 85.

SANTA ONDINA
Qualidade
acima da
Qualidade

QUE ESTAMOS CONFIRMANDO ESTE SLOGAN

JUÍZES NACIONAIS E INTERNACIONAIS, TEM CONQUISTADO AS MELHORES A UM APRIMORAMENTO NA SELEÇÃO DA RAÇA HOLANDESA.

MELHOR CONJUNTO DE VACAS LEITEIRAS, BATATAIS 85



JANNIE DE BUR JR.

Reservada Campeã 4 anos e 2º Melhor Úbere Adulto em Batatais 85, Reservada Campeã Vaca Adulta e 2º Melhor Úbere em Lins 85, Campeã 4 anos em Ribeirão Preto 85.



F. NAC ANNA 59

Grande Campeã em Franca 84.



F. 437 VICTOR RICCA

Grande Campeã e Melhor Úbere em Franca 82, Reservada Grande Campeã e 2º Melhor Úbere Adulto em Batatais 82, Reservada Campeã Vaca Adulta e 2º Melhor Úbere Adulto Nacional em Caxambu 82, Reservada Campeã Vaca Adulta e Melhor Úbere em Avaré 84, Reservada Grande Campeã e 1º Melhor Úbere vitalício em Franca 85, Reservada Campeã Vaca Adulta e 1º Melhor Úbere Adulto em Batatais 85, Grande Campeã e 1º Melhor Úbere em Lins 85, Grande Campeã e 1º Melhor Úbere em Ribeirão Preto 85.



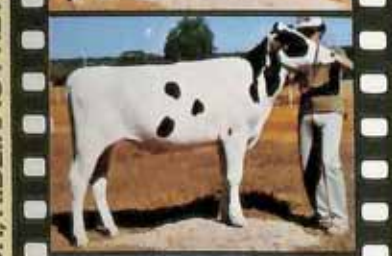
E. 411 CHRISTMAS RICCA

Res. Grande Campeã em Batatais 83, Res. Grande Campeã e 2º Melhor Úbere Adulto Nacional 83, Res. da Grande Campeã e 2º Melhor Úbere Adulto em Batatais 84, Grande Campeã em Ribeirão Preto 84, 3º Prêmio e 3º Melhor Úbere Adulto Nacional 84 (Categoria de 42 animais), Res. Grande Campeã e 2º Melhor Úbere Adulto em Marília 84, Grande Campeã em Avaré 84, Res. Campeã Vitalícia e 2º Melhor Úbere Vitalício em Franca 85, Res. Grande Campeã em Ourinhos 85, Campeã Vaca Seca Adulta e Grande Campeã em S. J. da Boa Vista 85, Campeã Vaca Seca Adulta e Res. Grande Campeã em Batatais 85, Campeã Vaca Seca Ribeirão Preto 85.



**M. ERCÍLIA
2 ROYALTY**

Campeã Bezerra Maior em S. J. da Boa Vista 85.



**M. MAMONA
2 ROYALTY**

Campeã Bezerra em Ourinhos 85.



**M. DÉBORA
N. ROYALTY**

Campeã Novilha Menor em Ourinhos 85, Reservada Campeã Novilha Menor em S. J. da Boa Vista 85, Campeã Novilha Menor em Lins 85.



M. ANNA II ROYALTY
1º Prêmio Nacional 84 em Categoria de 31 animais, Campeã Novilha Menor em S. J. da Boa Vista 85, Campeã Novilha Menor em Batatais 85, Reservada Campeã Novilha Menor em Lins 85.

JUÍZES NACIONAIS E INTERNACIONAIS COMPROVAM A PERFORMANCE DO PLANTEL DA FAZENDA SANTA ONDINA

Franca 85: Dr. Antonio Soares e Soares — Brasil.

Ourinhos 85: Prof. José Quirino dos Santos — Brasil.

São João da Boa Vista 85: Dr. Fuad Naufel — Brasil.

Batatais 85: Dr. José Raul Pastorino — Uruguay.

Lins 85: Agnaldo Sérgio Lellis — Brasil.

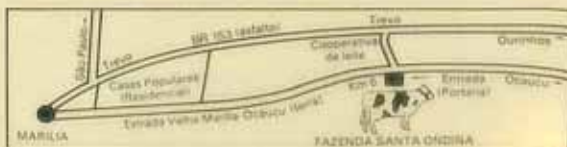
Ribeirão Preto 85: Dr. Berreta Moreno — Argentina.



ARNALDO MENDES DE OLIVEIRA FILHO

FAZENDA SANTA ONDINA

Estrada velha Marília Ocauçu, km 6 - Caixa Postal 203
Cep 17500 - Tel.: (0144) 33-4742 - Marília - SP
GADO HOLANDÊS PRETO E BRANCO DE ALTO PADRÃO

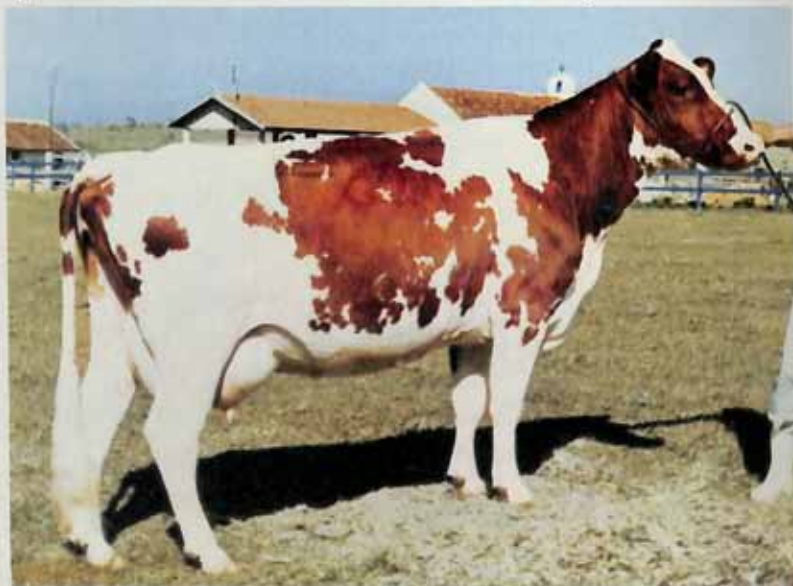


MELHOR PROGÊNIE DE PAI JUNIOR, BATATAIS 85
MELHOR PROGÊNIE DE PAI JUNIOR, RIBEIRÃO PRETO 85

Venha ver de perto este Plantel campeão!

SORANA 5276 CASSIRA ETIÓPIA NED

Nascida em 28 de Novembro de 1978
Pai: Downalane Ned Vermelho —
EX. 91
Grande Campeã, Campeã Vaca
Adulta e Melhor Úbere na FAPI —
Ourinhos-85



FAZENDÃO DUQUESA CINDERELA SCOTRED

Nascida em 04 de Dezembro de 1983
Pai: Haelze Marquis Scot Red
Mãe: Jobi Cinderela Citation Roy
Campeã Novilha Menor na FAPI - Ourinhos-85
Campeã Novilha Menor na EXPOLINS - Lins-85



CORONA JONES JASPER

Nascido em 06 de Agosto de 1983
Pai: C. Romandale Jasper Red
Mãe: Janestead TT Bingo Red
Produção da Mãe: 5a - 3x - 345d - 8.387 kg
3.88% (LM) (2 LM - 2 LE)
Grande Campeão e Campeão Junior na
EXPOLINS - Lins-85



PARDO SUÍÇO LIMEIRA

Prop.: Giovani Branquinho Grossi

FAZENDA CANADÁ Estrada Mogi-Guararema Km 66 — Fone: 469-1647 — Mogi das Cruzes

End. comercial: Rua São Martinho, 139 - Tels.: 66-7698 - 67-6116 - São Paulo-SP



LIMEIRA EDULIA CHIPS

Melhor vaca P.O. de Geração Nacional
Recordista Nacional em sua categoria
305d 6437 kg 298.82 g 4,64% 2x
365d 7118 kg 332.66 g 4,67% 2x
Na lactação atual está produzindo acima de
30 kg diários em 2 ordenhas.

LIMEIRA DIRCE JETNIND

1ª cria e nos quatro controles
iniciais com média de
20,55 kg em 2 ordenhas



TUCIA STRECH da LIMEIRA

CAMPEÃ VACA JOVEM

Na III Exposição Nacional de Gado Pardo
Suíço. São Paulo-85.



Todo nosso plantel é controlado oficialmente pela ABC, e nos últimos
12 meses, atingimos a média de 18,68 kg por vaca, em duas ordenhas.

Veterinário responsável: Haroldo Grossi

VENDA PERMANENTE DE MATRIZES E REPRODUTORES

8ª FEAPAM-85

MELHOR CRIADOR E MELHOR EXPOSITOR



Grande Campeão na 8.ª FEAPAM - 85
Bom Café Delegate Del II



Bcm Café Ivonete Jester II mãe do Grande Campeão que aparece na foto ao lado. Recordista Nacional da raça, detentora do Balde de Ouro com 12.945,33 kg de leite 365 d e Medalha de Ouro em 6 lactações com 56.770 kg

Sêmen a disposição na Lagoa da Serra tel.: (016) 642-2299



Campeã 2 anos
Bom Café Maísa



1.º Prêmio
Conjunto de Pai Sênior



Campeã 3 anos
Bom Café Juracy

Tendo conquistado 14 troféus na 8.ª FEAPAM - 85

DR. FERNANDO PRADO RENNÓ
FAZENDA BOM CAFÉ

Praça Francisco Rubin, 135
Fone: (035) 445-1107
Jacutinga — Minas Gerais

Mangalarga

ALÔ AMIGOS

Este mês estou abrindo minha seção de maneira diferente, original. Sinto-me honrado em agir assim. Acho que todos compreenderão.

Muito obrigado,

Abraços,

L. Moronha

JOSÉ OSWALDO JUNQUEIRA

70

Fazenda Santa Amélia
São José do Rio Preto, SP
Tel. 461-11054

São José do Rio Preto, 25 de julho de 1985
Estimado amigo Moronha

Com o meu abraço, os votos de saúde e felicidade à família

Rogo-lhe a favor de transmitir à Comissão Organizadora da XV EPPIC - Exposição Agropecuária Industrial e Comercial de São José do Rio Preto, muitos cumprimentos pela superação, organização e os agradecimentos pela atenção com que foram distinguidos em lugar de destaque a toda homenagem prestada ao nosso insuperável amigo José Rui de Almeida Almeida, dando o seu nome ao prestigiado espaço de Exposições.

Obrigamento às amáveis presenças pelo seu maior de São José do Rio Preto, no meu querido espaço. O conhecimento pelo apuramento to e harmonizado conseguido pela sua organização, juntamente está bem reconhecido pelo Conselho Administrativo do S. José do Rio Preto e que decorreu naquela ocasião a que se foi acolhido.

Compreendi a sua simpatia e admiração, do compromisso, sendo premiado com os seus queridos conselhos dos seus meus. Gratuito dia do pagamento através em sua presença, pois foi pelo Moronha, onde você (Beto) e Almir se destacaram para bem abençoar ao grande número de convidados, dando os seus e suas simpatias e dedicação à sucessão do S. José, o S. Carlos Antenor (Fidelis).

A propósito, um grande abraço, com grande compaixão à Fazenda do Beto, do amigo Wilson Roberto Aguiar, onde houve a oportunidade de lançar a candidatura do meu companheiro Antônio, recusada com muito entusiasmo.

No dia seguinte, posso contar para almoo com o S. José João Fidalgo, na sua bela fazenda, que Aguiar da Fidalgo, muito bem cuidada, com admirável vista panorâmica.

Para finalizar, a entrega de presentes ao Beto e ao confortável ambiente da Fazenda do Beto, construção que codifica e organiza o seu maravilhoso espaço de trabalho. José Rui de Almeida Almeida.

Infelizmente de presentes que, com o seu, sinto muito com a ausência do animal querido e muitos aplausos ao seu pai, lembrando a foto.

Sendo pelas crianças, desde 1934 participando de muitos trabalhos aqui e em outros Estados, procurando obter o predomínio na pátria Mangalarga.

Com carinho,
José Oswaldo Junqueira

Os Grandes Raçadores do Haras Império



GRINO OJC



Grino OJC por Cocar JO e Visagem JO

Orpheu José da Costa

HARAS IMPÉRIO

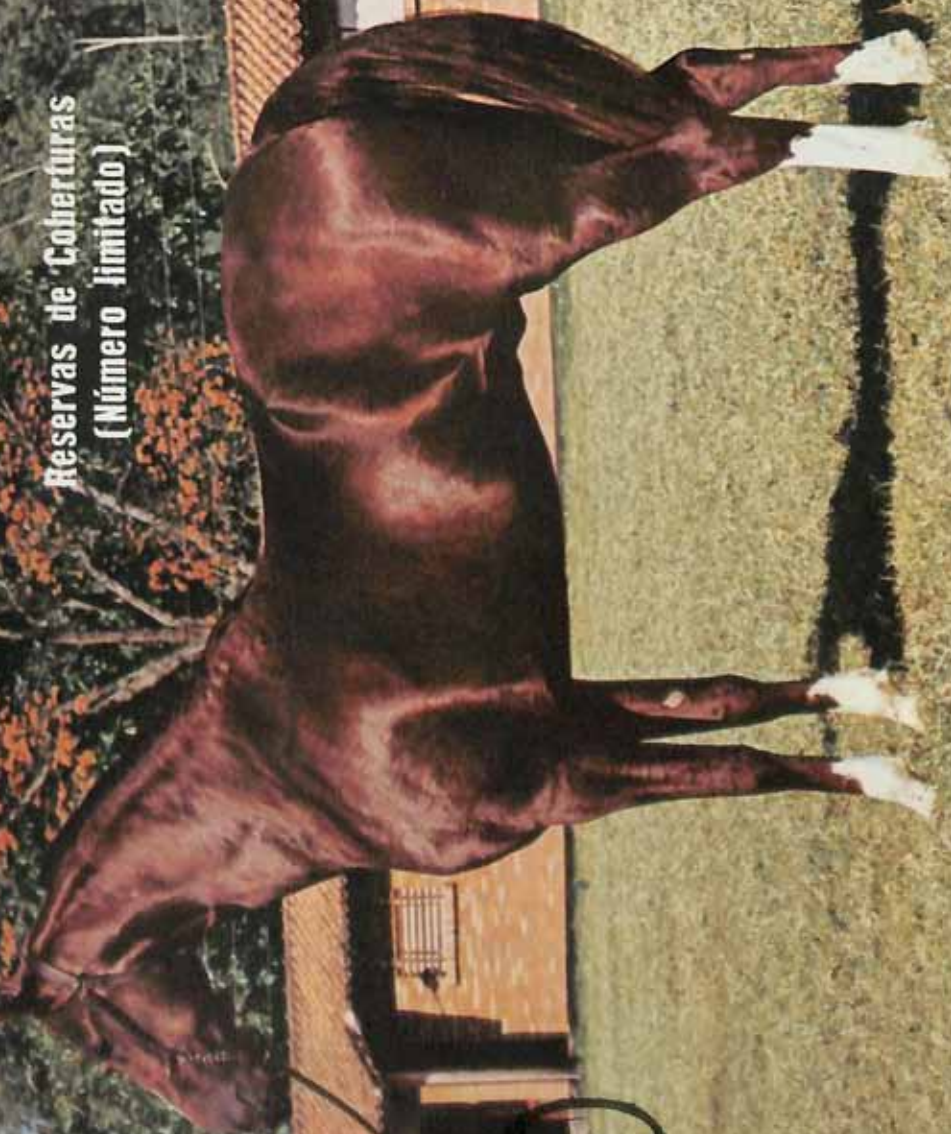
Rodovia do Açúcar, km 99

Tel.: 482-0722

Itu - Estado de São Paulo

TURBANTE JO

Reservas de Coberturas
(Número limitado)



José Oswaldo Junqueira — FAZENDA STA. AMÉLIA

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO — S.P. — Tel.: 61-1103 DDD (0196)

Mangalarga ...ndo brasa



Estevão da Mangueira — Campeão Nacional, São Paulo, Água Branca, 1976. Prop.: Carlos Oswaldo Rosa Lima

• Três importantes leilões deram sequência à vitoriosa marcha Mangalarga, com bons produtos apresentados e ótimas médias de preços.

• O Hotel Estância de Barra Bonita, por incrível que possa parecer, conseguiu sobrepular aquele estrondoso sucesso do ano passado, quando a Família Mangalarguista em grande número, além das sensacionais compras e vendas realizadas, participou unida, durante dois dias e meio da fantástica hospedagem que Roberto e Batalha proporcionaram.

• Neste último aspecto a dose foi repetida. Nos demais, houveram sensíveis melhoras. A Raça Mangalarga une, vende, compra e sorri sempre. — É uma vencedora nata, graças a Deus.

• O remate da FEAPAN obteve, também, um bom rendimento de público e de vendas. Acredito, até, superou a expectativa. Se tivesse que dar notas de 1 a 10, creio que



Carlos O. Rosa Lima

8 ficaria perfeitamente bem para aquele Leilão de Ribeirão Preto, que cada ano cresce mais e mais; os adeptos do nosso cavalo, principalmente, crescem de maneira gigantesca.

• Dr. Jaffer Felício Jorge, João Carlos Matta e Paulo e Nelson Toscani encerraram essa fase de três magníficos leilões, realizando suas ofertas em 15 de agosto nas dependências do elitizado Macksoud Plaza Hotel, aqui de S. Paulo.

• Não poderia ser melhor o resultado deste evento, mesmo porque a qualidade dos animais foi como de uma Exposição de alto gabarito. Maravilhosa!

• As cifras foram elevadas, de acordo com os produtos, em grande parte da célebre criação de José Oswaldo Junqueira, que aliás, participou da reunião como convidado, assim como, Gustavo Abel Lemos Vieira e Alfredo Gonçalves, dono do conhecido e ótimo raçador Colorado R.N. (Fogo).

• Não tive a sorte de conhecer melhor o Sr. Roberto Codogno, mas tenho a absoluta certeza de que teria conhecido um grande homem.

• Roberto Codogno, que deixou o nosso mundo, em julho passado, era pai de Wanderley, Walter, Wilson e Luiz Carlos, meus amigos-irmãos, que possuem em Araçoiaba da Serra o famoso Haras Monte Geresin. Meus sentimentos.

Os Grandes Raçadores do Haras Império

BUGRE JO



BUGRE JO por Chapéu JO e Matuta (Fogo)

Orpheu José da Costa

HARAS IMPÉRIO

Rodovia do Açúcar, km 99

Tel.: 482-0722

Itu - Estado de São Paulo

Agropecuária São Pedro S/A

Maestro do J.E.K.



Nascido em 14-11-1980 por Capacete JO (Turbante JO) e Aurora do JEK (Fogo)
Campeão Potro em São José do Rio Preto em 1981
Campeão Potro em Bragança Paulista em 1982

DR. CELSO SILVEIRA MELLO FILHO

Piracicaba, Estado de São Paulo. Tels.: 33-0411 (Usina) 22-3191 (Residência)

DR. PEDRO LUIZ CANDIA LEONI

Tel.: 22-7122 - DDD (0194)

RESERVEM SUAS COBERTURAS

Haras Copi Fazenda São José

O Grande Campeão da última FEAPAM (Ribeirão Preto)

CAMPARI DA COPI

2-2-1983

Campeão Potro Araçatuba 1984

— Reservado Campeão Potro — São Paulo
(Nacional) em 1984 —

Campeão Cavalo em Ribeirão Preto em 1985



Campari da Copi - Por Elmo JO e Negra JO

TUCUMÃ MJ

TURBANTE JO
CUMPARCITA JO



NOSSA MARCA

Haras Piratininga
Luiz Aparecido de Andrade

Tels.: (016) 652-1011 escritório e (016) 652-1506 — C. Postal 5
Pitangueiras — SP

As maravilhosas matrizes do Haras Piratininga que deverão ser acasaladas com o notável Tucumã MJ.



LEDA DE JACI



JOANA DE JACI

Mangalarga ...ndo brasa



**Arnaldo Almeida
Prado Filho**

• Aqui, em São Paulo, Arnaldo de Almeida Prado sofreu delicada operação. Felizmente Arnaldo que é pai do nosso conhecido Papu, também Arnaldo, está passando muitíssimo bem e sua recuperação é rápida, auspiciosa.

• Dia destes, no Haras Piratininga de Luiz Aparecido de Andrade, Pitangueiras S.P., estive com os amigos irmãos Eurides Martins Mendonça e Julio Maionchi Filho.

• A conversa se alongou um bocão e acabamos filando a boia de Luizinho, na belíssima mansão Andrade.

• Gente, o Tucumã M.J. está um negócio muito sério. Suas primeiras produções, eu vi, são dignas de serem vistas, mesmo que a viagem não seja tão perto. Vale a pena!

• Luizinho Andrade, à medida que as notáveis matrizes que adquiriu do meu querido amigo Olímpio Milani, forem criando, são acasaladas com

Tucumã M.J. "pra vê que bicho dá".

• Vamos aguardar amigos! Na minha opinião, porém, não haverá castigo — Só nascerá coisa muitíssimo boa.

• "Bão cum Bão"... (Tarley Rossi Vilela).

• Outro sensacional raçador está agora alojado no Haras D.L. do amigo Chico De Lucia, e seu nome, que já é famoso, mas que nunca é demais ser lembrado, Invasor R.S. está um primor!

• Invasor R.S. (ex Duca) por Turbante J.O. e Catira do Carelú, está realmente na plenitude de sua melhor forma.



Francisco Carlos de Lucia

• O olho clínico do Cacaio funcionou e funcionou bem. Invasor pode e deve ser inscrito futuramente como um raçador emérito, já que sangue para isso não lhe falta. Questão de esperar para conferir.

• Oswaldo Juliano é um novo criador repleto de entusiasmo. Comprou (e bem) em Barra Bonita e no famoso Ha-

ras Império do Orpheu. O homem entrou como um leão e parece-me, tem ótimo gosto.



Divino Alves

• Divino Alves, do afamado Haras Alô Brasil, estava dia destes inconsolável com a perda de uma de suas melhores matrizes que é Ipeca.

• Paulo Sergio Portugal Graciano contou-me que Pavana J.O. (ex José Homem de Mello) criou lindíssimo potro de Trigueiro J.O. — Paulo convidou-me e eu vou lá vê-lo para conferir. Ah! se vou!

• Meu querido amigo Olímpio Milani esteve enfermo, mas graças a Deus já está novamente bom. Vou visitá-lo assim que puder.

• Tão logo ofereceram aquela bonita festa a seu amigo Orpheu José da Costa em sua linda mansão, Nelson Franco Spielmann e Família, partiram para o Velho Mundo onde permaneceram quase trinta dias descansando.

• Nem bem chegou, Nelson, que havia aniversariado em fins de julho, comemorou a data de seu nascimento em sua linda casa rodeado de amigos, criadores de cavalos e diretores do São Paulo Futebol Clube, do qual, também o Nelson faz parte ativa como chefe do Departamento de Futebol Amador.

• O encontro destes amigos do Spielmann, como não poderia deixar de ser, foi inesquecível! Que noite linda, meus caros! Muita gente, muita música (Ed Costa e seu Conjunto) e muitos presentes, prova incontestável de como o conhecido dono de Luxo do JEK é estimado.

• Orpheu José da Costa porém, encarregou-se em oferecer a grande surpresa da alegre noite. As tantas pediu que todo o mundo fosse até a porta de entrada e...



Com muito prazer, estou publicando a bonita égua pampa Xavante da Bentoca, do meu amigo-irmão, Clemente Jorge Roncari, de Botucatu. Xavante da Bentoca é filha de Presídio II e da Naja, oriunda da famosa tropa do tradicional e conhecido criador Dr. João Leite Sampaio Ferraz (Bentoca) Reginópolis, S.P.

Os Grandes Raçadores do Haras Império

LEGUIZAMO MANGALARGA



LEGUIZAMO MANGALARGA — Um dos maiores raçadores do País, divide com Bugre JO as padreações da troça Mangalarga do Haras Império

Orpheu José da Costa
HARAS IMPÉRIO

Rodovia do Açúcar, km 99 Tel.: 482-0722
Itu - Estado de São Paulo

Mangalarga ...ndo brasa

Reminiscências...



Cerimônia da entrega dos prêmios da III Exposição Nacional de equídeos realizada em Belo Horizonte, em novembro de 1976. José Oswaldo Junqueira recebeu a taça de Grande Campeão oferecida pela CCCN.

• ...um maravilhoso potro, filho de Leguissano Mangalarga, enfeitado com magistral bom gosto, com as cores do São Paulo F.C. estava à espera do aniversariante para lhe ser entregue.

• Era o presente de amigo para amigo, de criador para criador.

• Bastante emocionado, Nelson abraçou o futuro Campeão, quase chegando às lágrimas. Quando se dirigia ao Orpêu para o agradecimento todos entoaram (parecia até que tudo estava ensaiado) o tradicional "Parabéns à você..."

• Outra futura matriz que infelizmente desapareceu, Baiuca R.C. do meu amigo e ótimo selecionador, Rubens Corsi. Baiuca era mãe de Tasca J.O., uma das melhores éguas de um dos melhores plantéis do País: Fazenda Santa Amélia, São José do Rio Pardo, propriedade de José Oswaldo Junqueira.

• Falando de José Oswaldo, um dos fatos que tenho o maior orgulho é ser um dos seus antigos amigos. Conheci de perto o esforço, a dedicação de J.O. na preparação e posterior seleção da sua tropa, cuja fama hoje já ultrapassou fronteiras.

• Qual um plantel vencedor que não tem um J.O.? Palmas, pois para meu querido amigo, sua Exma. Família, para o Marcelo, o agora famoso Marcelo, aquele moço super-educado que é hoje, sem favor algum, um dos melhores, senão o melhor auxiliar de José Oswaldo.



• Entretanto, voltando alguns anos atrás, vamos encontrar a figura vibrante, clássica e inteligente de Roque Carlos Nogueira.

• Roque foi o principal assessor de José Oswaldo na formação e consequente seleção da mais afamada das tropas do Brasil. O homem sabia e sabe de tudo até hoje. Os melhores anos de sua vida

deu-os à Santa Amélia, Mangalarga.

• Desde pequeninho foi o melhor aluno de José Oswaldo. Desse tipo de aluno que aprende mesmo e quase se iguala ao professor.

• Roque era e é assim. Conhece mesmo. Que o diga o Haras Barretos que foi totalmente "reformado" com a chegada daquele "craque".

• Roque Carlos Nogueira já fez parte do quadro de juizes da ABCCRM. Foi excluído. Razões? Vínculo. Ora gente, e quem não está? — Acredito que apenas o Dr. Eduardo B. Marchi e o Dr. João Tolezamo, (estou citando os mais conhecidos) estejam desvinculados de criador ou criatórios, por razões óbvias dos cargos que ocupam.

• E os demais? Bons, maus ou mais ou menos, todos eles possuem elos com alguém que cria ou pretende criar.

• Roque, também, tem. Mas sabe muito, é dedicado, é correto, é cavalheiro, é cavaleiro, tudo enfim que se requer. Porque então não dar a ele uma oportunidade, uma oportunidade, uma oportunidade porém verdadeira, confiando-lhe um certame para julgar. Acho que todos nós que amamos o Mangalarga sairíamos lucrando com isso.

• Falei, carimbo e não me arrependerei jamais por falar assim, tão bem de Roque Carlos Nogueira, o nosso querido homem de muita fama, e merecida que é o... Mamão.



• Faleceu em 1.º/8/1985 o Sr. Sebastião Sampaio de Almeida Prado que era pai dos meus amigos Roberto Sampaio de Almeida Prado, Renato e Fernando. De família tradicional de criadores de Mangalarga, Sebastião deixou um grande vácuo na raça, com o seu passamento. A todos os parentes, do amigo que se foi, meus sentimentos.

Atlas RN - o campeão de
Barretos e em perfeito andamento



FAZENDA STA CRUZ

JOÃO CARLOS MATTÁ

Olimpia - S. Paulo

Esc. Rua Cel. Francisco Nogueira, 1090

Cep. 15400 - Cx. Postal 171 - Tel.: 81 - 2946 (0172)

INVASOR RS - muita raça e beleza
a serviço do Mangalarga



INVASOR RS — por Turbante JO e Catira do Carelu

COBERTURAS À VENDA

Francisco de Lucia e Francisco Carlos de Lucia

FAZENDA SÃO JOAQUIM

"Onde o Mangalarga é mais Mangalarga"

EM BEBEDOURO: TEL.: 42-2575 DDD 0123

DL

DL



GAZELA DO MORRO VERDE
Nasc. 18/1/80 por CASTELO OB e FALINA da Lagoa Dourada
Uma das boas matrizes do Plantel

FAZENDA



PULLMAN

REFLORESTADORA BRASILIENSE S/A
TEL.: 484-3004 — ATIBAIA **ATIBAIA - SP** TEL.: 247-5055 — SÃO PAULO

Manoel Corrêa de Souza Netto

Mangalarga ...ndo brasa



MARCHA TROTADA



- Zito o antigo craque da bola quer ser craque, também, em Mangalarga. Bons olhos pelo menos ele tem.

- Heliaco, o filho de Gigante J.O. do Julinho Malonque está na Lagoa da Serra.

- Sêmen. O que é bom deve ser preservado.

- Dr. Tatinho, parece-me, será o candidato único. Ivan Aídar ao que tudo indica será

o vice. Na próxima, o presidente.

- Dois grandes nomes da nossa raça.

- Sorte é prá quem tem. Nossa, por exemplo, que temos Tatinho e Ivan em nosso scio.

- Oswaldo Juliano. Grande é o seu poder aquisitivo, grande é o seu entusiasmo e grande também é sua vontade de criar bem.

- Ainda não o conheço pessoalmente.

- Mas terei grande prazer nisso, quando acontecer.

- Já estão me chamando de cronista social do cavalo (Festa na linda casa do Nelson Spielmann).

- Aceito, porém sem esse negócio de "assumir". "Capitem"?

L. Noronha

A FALA DO CRIADOR



Pedro Luis C. Leoni, Dr.

Nome do Criatório: Agro-Pecuária São Pedro S/A — Haras Copi — Fazenda São José.

Local: Piracicaba.

Início da criação: Haras Copi iniciou sua criação de ca-

valos Mangalarga em 1979, e em apenas 6 anos conseguiu muitos prêmios e Campeonatos, fato esse que demonstra claramente a boa qualidade de seus produtos selecionados.

Quantas matrizes possui: 20 boas fêmeas, todas oriundas dos melhores plantéis do País.

Cite algumas matrizes de destaque: Branca J.O., Negra J.O., Vermelha J.O., Foguinha R.N. e Cançoneta do JEK.

Dois criadores em quem os dirigentes do Haras Copi vêem grande futuro: Dr. Roberto Prado Kujawski e José Luiz Junqueira Barros.

A tropa está entregue nos serviços técnicos e veterinários do Dr. Ronaldo Lima Vi-

lella e Manoel Freire, responsável pelo dia a dia do plantel.

Sobre a atual diretoria: Achamo-la muitíssimo boa. Dr. Felipe Lacerda vem se conduzindo com bastante inteligência e dinamismo. Acreditamos que a sua gestão, assim como de seus companheiros, deixará saudades. Outrossim, esperamos que a nova Diretoria siga seus passos, e tudo andar bem. Felipe está sendo um ótimo presidente.

Para finalizar, indagamos ao Dr. Pedro Luiz Candia Leoni, Diretor do Haras Copi, que se ele, Dr. Pedro, fosse iniciar, hoje, nova seleção e tivesse que escolher duas éguas (de fora) quais seriam elas? Gazela J.O. e Sonora J.O. "São dois grandes sonhos nossos".

Atenção amigos, muita atenção!

Um indivíduo, malandro, vigarista e estelionatário, vem agindo junto aos srs. criadores em nome da Editora dos Criadores Ltda. na obtenção de anúncios. Alguns amigos já foram visitados por **SERQUEI SILVA NUNES** em meu nome. Cuidado! Quando isto acontecer, chamem imediatamente a polícia ou comuniquem-se comigo ou Diretores da Revista dos Criadores pelos telefones: (011) 263-8400 e 263-8685.

Ficamos gratos.

a) Laercio C. Noronha

ORGULHOSAMENTE O HARAS GARCIA APRESENTA:

PRECIOSO DO JEK



PRECIOSO DO JEK

Elmo JO
Cocar JO Touca JO

Aurora RN
Fogo JO Princesa RN

PRÊMIOS: CAMPEÃO POTRO EM PIRAJU — 1984
CAMPEÃO POTRO EM JACAREÍ — 1984
1.º PRÊMIO EM BRAGANÇA PAULISTA — 1984
2.º PRÊMIO EM AVARÉ — 1984

L.G.

HARAS GARCIA

Bairro do Medeiros - Jundiaí - SP

Proprietário: Leocípedes Garcia

FONES: Escritório (011) 437-2233 — Haras (011) 436-1673
Residência (011) 434-5442

HERA CEF
(POR ÉBANO JO)



AGATHA

(POR PAI-CUE DA BOA VISTA)

O EXTRAORDINÁRIO
DESENVOLVIMENTO QUE
VEM EXPERIMENTANDO
O CAVALO MANGALARGA,
DESAFIA OS
CRIADORES EM GERAL,
A TOMADA DE MELHOR
DECISÃO, ENTRE
MÚLTIPLAS ALTERNATIVAS,
QUE PRODUZA
OS MELHORES
RESULTADOS,
EM MENOR TEMPO.



JURITY

(POR ATLETA JO)



PROPRIETÁRIO: ARIEL CARDOSO GAIOLLI

RODOVIA PRESIDENTE DUTRA KM 212 GUARULHOS — SP FONE: (011) 220-1266

LEME RS

REINADO AJ - JOSELI DE JACI



EXCEPCIONAL FILHO DO EXTRAORDINÁRIO REINADO AJ



Nossa marca

FAZENDA FUMAÇA

ELIO SACCO

VIA RAPOSO TAVARES, KM 265,5 — PARANAPANEMA — TELEFONE: (0147) 58-1185
ALAMEDA FRANCA, 35 — 19.º ANDAR — SÃO PAULO — TELEFONE: (011) 251-1736

LEILÕES DE OUTUBRO

ABCCA

XXVII LEILÃO DO CAVALO MESTIÇO DE SANGUE ÁRABE E ANGLO-ÁRABE

dia 5 de outubro (sábado) — 13 horas

XXVIII LEILÃO DO CAVALO PURO SANGUE ÁRABE

dia 6 de outubro (domingo) — 13 horas

PARQUE DA ÁGUA BRANCA

ABCCA

5
pagamentos
sem juros



REMATE

Av. Francisco Matarazzo, 465,
Tel. (011) 263-1744, São Paulo, SP

Rua Mello Palheta, 301, Tel.: (011) 872-1722,
Telex (011) 23216, São Paulo - SP

Certas coisas não mudam. Evoluem.

A Embracom, tradicional por seus equipamentos de telecomunicações vem trazer maior facilidade na comunicação do campo através de seu Transceptor Portátil. Com ele, a comunicação entre diversos pontos de sua propriedade será mais rápida e eficiente, uma vez que o Transceptor Embracom é totalmente transistorizado, à prova de respingos, pó e choque, o que amplia sobremaneira a sua resistência. Monido de microfone de mão e "headfone". Este aparelho permite a troca simples e rápida da bateria, além de fácil manutenção. Amplia a comunicação de sua fazenda com o Transceptor Portátil Embracom: O único que permitirá uma informação imediata sobre tudo o que acontece nos diversos pontos de sua propriedade.



Embracom Eletrônica S.A.

Fabricação e Vendas:
Embracom Eletrônica S/A
Av. do Pinedo, 645 - Socorro - Tel. (011) 521-6044 - Raimat 03
CEP: 04764 - SÃO PAULO - Telex (011) 22431 EESA BR



FAZENDA TÂMARA

MUN. SÃO J. DO RIO CLARO - M.T. — ENDEREÇO EM CUIABÁ - M.T.
Rua do Flamengo, 207 — Jardim Guanabara — CEP 78.000 — Fone: 322-1608
CUIABÁ — M.T.



SELEÇÃO DE
CAVALOS Q. DE MILHA
E
GADO NELORE



PROP.: GETÚLIO VILELA

End.: Rua Maranhão, 598 — 7.º andar — Conj. 72 — CEP 01240 — Fone: 862-6272 — São Paulo

ESTÂNCIA LAGOA ALTA

KM 20 — BR. 364 — CUIABÁ — MT

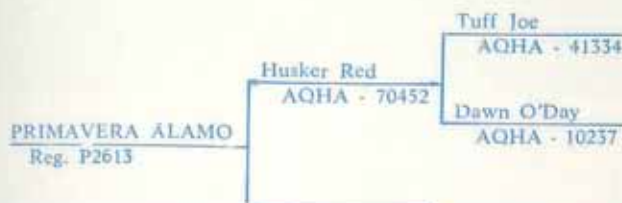
Prop.: JOSÉ EDUARDO MONTEIRO DE ARAÚJO

End.: Comandante Costa, 120 — CEP 78.000 — Fones: 322-4396, 322-4130
CUIABÁ — MT

SELEÇÃO DE CAVALOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA E GADO NELORE



CAMPEÃO DA RAÇA - CUIABÁ - 85



Prova de trabalho, requer cronometragem perfeita: Track T.

Em se tratando de provas de trabalho exige-se cada vez mais, muito treino, dedicação e profissionalismo.

Foi pensando nisso que a Embracom resolveu acabar com o tempo das cronometragens imprecisas, feitas manualmente. A hora é dos computadores, das medidas precisas e perfeitas. O Track T, registra esta eficiência. Com este aparelho nas pistas de treino você saberá exatamente qual será seu tempo durante as provas. A constatação de sua qualidade é que a A.B.Q.M. homologou e já está usando o Track T para os registros de tempo nas provas oficiais.



TRACK T - 12:45.5
Mod. 12:45.5 para
"trabalho de trabalho"
indivíduo, com o qual
com o sistema de trabalho



A precisão do TRACK começa na pista,
com sensores ultra-sensíveis.

Participação:
Soc. Bras. de Prop. de Cavalo de Corrida Ltda.
Rua Circular do Bosque, 26
Tel. (011) 211-7827 - Cidade Jardim - CEP: 05604 - SÃO PAULO



Embracom Eletrônica S.A.

Fabricação e Vendas:
Embracom Eletrônica S.A.
Av. de Pinedo, 645 - Socorro - Tel. (011) 521-6044 - Ramal 03
CEP: 04764 - SÃO PAULO - Telex (011) 22431 EESA BR

Haras Embira - Fazenda Santa Maria

Getulina - SP

Dr. Arthur Pagliusi Gonzaga

Em S.P. — Rua da Mata, 183 - apto. 71 - CEP 04135
Itaim-Bibi — telefone: 282-8487



TOPETE M.G.

Turbante J.O. e Lagoa da Porangaba.

Aos 13 meses, 1.º Prêmio da 1.ª Categoria de Machos — 12 a 18 meses —
na Examar — Marília — 1984

Desde 1964 selecionando Mangalarga com o sufixo Arpagon (as primeiras sílabas do nome do criador) e desde 1974 usando o sufixo M.G. (Maldonado Gonzaga, sobrenome dos três filhos do criador — Manoel, Artur e Maurício).



HARAS

BR 364 — Km 08

RUA GENERAL MELO N.º 63 — FONE: (065) 322-3377 — CUIABÁ — MT



**CAMPEÃO SENIOR E
GRANDE CAMPEÃO
CUIABÁ - 85**

INCA DA S. MANOEL
Reg. 04690

Figurino
Reg. 2850
Baiuca
Reg. 5458

TERNURA DAS
TRÊS FRONTEIRAS

TURBANTE JO
Reg. 1849
Traviata do Ivaí
Reg. 10591

**CAMPEÃ JUNIOR E
GRANDE CAMPEÃ DA RAÇA
— CUIABÁ 85**



SELEÇÃO DA RAÇA MANGALARGA



HOTEL — Rua General Melo - N.º 63
Tele: 065-2476 Cuiabá F. 322-3637

JARAGUÁ

PROPS.: CRIADORES — MAURICIO ADRIEM e JESUS ADRIEM



ARANDELA T.L.
Reg. 9925

Zap Flori
Reg. 2494

Alvorada
Reg. 7790

CAMPEÃ SENIOR — CUIABÁ - 85

DURANGO DA JARAGUÁ

Inca da São Manoel
Reg. 04690

Cabocla da Jaraguá



PRIMAVERA DA JARAGUÁ

Kibon JO
Reg. 3571

Arandela da T.L.
Reg. 9925

CAMPEÃ MIRIM CUIABÁ - 85



A FAZENDA BRASÍLIA APRESENTA

FRANCELINE

UMA VACA GIR LEITEIRO



FRANCELINE M-6504
Nasc. 27-10-67

CAXANGÁ

23 filhas com
60 LM e 21 LE

GADANHA B-2708
4.400 kg Leite

MEDALHA DE OURO
DA ABC - 85

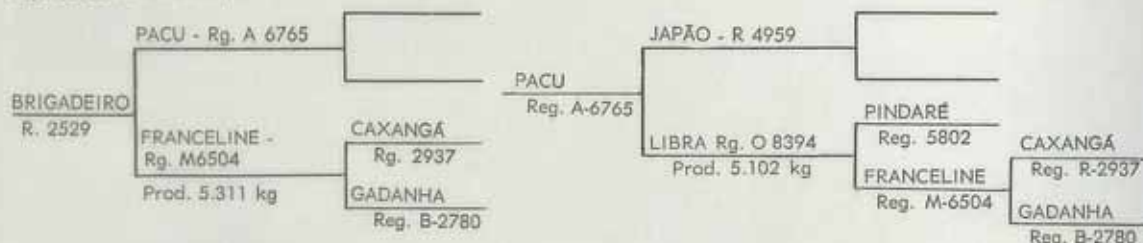
RAÇA GIR —

Franceline (M-6504) — PO — Nascimento: 27-10-67

PARTO	DATA	IDADE	DIAS LACTAÇÃO	PRODUÇÃO LEITE	MATÉRIA GORDA
1.º	02-12-1970	3-2	332	3.707 kg	195,4
2.º	29-03-1972	4-5	332	4.166 kg	221,0
3.º	20-05-1973	5-7	314	4.191 kg	227,3
4.º	29-06-1974	6-8	313	5.311 kg	285,5
5.º	26-07-1975	7-9	243	4.932 kg	281,8
6.º	25-08-1976	8-10	316	5.194 kg	252,5
7.º	11-10-1977	10-0	305	4.280 kg	181,1
8.º	11-10-1979	12-0	333	3.651 kg	173,8
9.º	17-12-1980	14-2	240	2.401 kg	112,3
10.º	19-02-1982	15-4	339	3.886 kg	195,5
11.º	08-11-1983	16-1	334	3.680 kg	181,0
12.º	08-07-1985	17-8			
TOTAIS			3.391	45.399 kg	2.307,2

NOTA: Em 11 lactações produziu 45.399 kg de leite em 3.391 dias de lactação, dando uma média de 13.388 kg leite/dia e 2.307,2 kg de Matéria Gorda com teor médio de 5,08%.

Reprodutora emérita, 5 LE e 3 LM.



A FAZENDA BRASÍLIA oferece 8 opções de
SEUS REPRODUTORES GIR LEITEIRO EM COLETA NA LAGOA DA SERRA

ONASSIS	UDO	VALE OURO	RAMADÁ	BRIGADEIRO	SUDHAVO	UNIVERSO	NERU
---------	-----	-----------	--------	------------	---------	----------	------

SÊMEN A VENDA

Fazenda Brasília Prop. RUBENS RESENDE PERES

Praça José Peres, 10 — 35360 — São Pedro dos Ferros-MG — Fones: (033) 352-1327 / 352-1315

Correspondência: Av. Uruguai, 228 — 4.º — Bairro Sion — CEP: 30000

Belo Horizonte — Telex (031) 3203 — Fone: (031) 225-1299

Ou você dá ou você mata o seu lucro.

A subnutrição ataca o rebanho de forma lenta e gradual. Até que um dia ela liquida com o seu lucro.

A causa você já sabe: as pastagens estão carentes de quase todos os nutrientes básicos. E só um suplemento mineral cientificamente balanceado pode compensar essa deficiência.

Sal Mineral Purina oferece a dose certa de macro e microelementos vitais para garantir: **reprodução de alto nível, maior ganho de peso, mais produtividade e menor tempo para o abate.**

É um produto testado e aprovado para a sua



Purina

**Sal Mineral
Purina
Bovinos**



MODO DE USO

SAL MINERAL PURINA **deve** ser administrado a livre acesso em cocho próprio, separado dos outros alimentos. Dispersa a mistura com o alimento ou a adição de qualquer outro ingrediente.

pastagem, com uma fórmula ideal para resolver cada problema. Quem garante é a maior experiência mundial em nutrição animal. Dê Sal Mineral Purina. Com ele o seu lucro cresce e se multiplica.

Consulte o seu Revendedor Purina ou entre em contato diretamente com o nosso escritório central.



Purina
Alimentos Ltda.

Av. Nações Unidas, 13.797
Bloco III - 18º andar - Morumbi
Tel.: (PABX) 531-7755
CEP 04794 - São Paulo - SP

A Melhor Genética em Simental Mocho



DD & E TAILOR MADE

SÊMEN DISPONÍVEL

Raça:	Simental Mocha
Nasc.:	31/01/82
Altura:	157 Cm
Largura da Garupa:	86 Cm
Comprimento:	287 Cm
Peso Atual:	1000 Kg

Fundação Bradesco-Pecplan, dando continuidade ao seu programa iniciado em 1981, importa dos E.U.A, em convênio com a American Breeders Service - ABS, este excepcional reprodutor, colocando à disposição do mercado mais uma opção para melhoria genética de rebanhos puros, bem como para o desenvolvimento de programas de cruzamento.

Tailor Made é filho de L-7 Mr. Big-N-Tail classificado pela Associação Americana de Simental como o melhor touro americano para peso ao desmame.

Sua mãe é filha de Polaris, também um destaque dentro da raça.

Trata-se de um animal forte, vigoroso, de extraordinária conformação e excelentes aprumos. Apresentou um excepcional desempenho desde o nascimento até um ano de idade, quando obteve um excelente ganho médio diário.

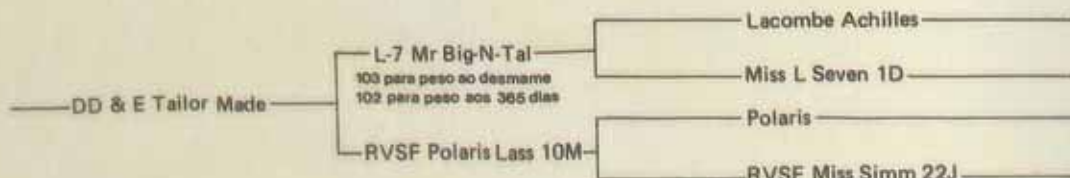
DADOS DE PERFORMANCE

205 Dias			365 DIAS		
PESO	PESO	RAZÃO	PESO	RAZÃO	
55 KG	350 KG	100	516 KG	100	

VALORES REPRODUTIVOS ESTIMADOS

CRESCIMENTO			MATERNAIS	
FACILIDADE DE PARTO	DESMAME	SOBRE-ANO	FACILIDADE DE PARTO	DESMAME
100	103	100	106	102

GENEALOGIA



Tipo, Produção e Longevidade em gado Leiteiro — Revisão

SUMÁRIO

1. Introdução
2. A seleção para elevada produção da primeira lactação pode reduzir a longevidade e a produção vitalícia?
3. Conformação é elemento útil para prever a longevidade?
4. A presente ênfase dada à conformação diminuiu a oportunidade da seleção sobre produção ou outras características tais como a velocidade de ordenha, facilidade de parição ou desempenho reprodutivo?
5. Qual a importância econômica relativa da longevidade versus produção por lactação?
6. Conclusão

PROGRAMA DE PASTAGENS TROPICAIS

Carne e leite na América Latina
Identificação da área de interesse
Enfoque na pesquisa nos ecossistemas
Llanos. Cerrados.
Rede de avaliação de pastagens
Avaliação e desenvolvimento de germoplasmas
Avaliação em ecossistemas
Adaptação a solos. Microbiologia do solo.
problemas sanitários. Produção de leguminosas.
Desenvolvimento de pastagens
Carimagua. Cerrados.
Pastagens e sistemas de produção animal.
Carimagua. Cerrados.
Liberação de novas espécies forrageiras.
Treinamento.

1. Introdução

A utilidade do animal durante toda a sua vida, a longevidade e a produção vitalícia são, com frequência, encaradas imprecisamente, como sinônimos. Consideramos a utilidade durante toda a vida (objetivo da criação) como uma função da produção por lactação, a duração da vida produtiva, a idade à primeira parição, o intervalo entre partos e os preços dos insumos para fazer frente à produção. Neste trabalho não consideramos o intervalo entre partições ou a idade à primeira parição. Ao invés disso, discutiremos a importância relativa do tipo (conformação), a produção na primeira lactação e a duração da vida produtiva (longevidade) na determinação de utilidade vitalícia.

Programas zootécnicos em larga escala para gado leiteiro têm resultado em taxas significativas de melhoramento genético para produção de leite e gordura (Batra, 1979; Lee e cols., 1983). Porém, pelo menos até recentemente, estas taxas foram melhores somente em cerca de 1% da média da população (Van Vleck, 1977) ao passo que as taxas teóricas de progresso genético estariam próximas de 2% por ano, para a maior parte das populações e programas de inseminação artificial, segundo Skjervold & Langholz, 1964; Hunt e cols., 1974. Van Vleck (1977) cita dois fatores como principais obstáculos ao progresso genético da produção:

- (1) A superestimação do tipo na seleção de novos touros provados, destinados a serem pais da próxima geração de touros e de mães de touros e
- (2) Um intervalo de geração maior do que o ótimo.

Os criadores de gado leiteiro e as organizações de inseminação artificial (I.A.) dão considerável ênfase ao tipo e à longevidade, em adição a produção elevada na primeira lactação.

Numerosas questões precisam ser examinadas para racionalizar a perda de melhoramento genético na lactação seguinte. São elas:

- (1) A seleção para elevada produção de leite ou gordura na lactação seguinte resulta em diminuição da longevidade ou no aumento de descartes nos rebanhos por avarias do útero e a produção em lactações posteriores deve ser considerada?
- (2) A conformação é um elemento útil para previsão da longevidade?
- (3) A presente ênfase dada à conformação diminui a oportunidade da seleção, não somente quanto à produção como às características de importância semelhante como a velocidade de ordenha, temperamento, facilidade de parição, desempenho reprodutivo e resistência à mastite?
- (4) Qual a relativa importância econômica da longevidade versus produção por lactação.

2. A seleção para elevada produção da primeira lactação pode reduzir a longevidade e a produção vitalícia?

Hoje, os melhores touros recentemente provados para I.A. são frequentemente selecionados com base nas produções em

primeira lactação de suas filhas e programados para acasalamentos visando a produzir a geração seguinte de touros restandos. Isto ocorre automaticamente em países onde os reprodutores são classificados somente pelas primeiras lactações e operacionalmente em todos os países que planejam os acasalamentos antes da segunda e demais lactações serem incorporadas na prova do touro. Quais seriam as implicações dessa prática?

Van Vleck (1964) distribuiu novilhas Holstein-Friesians dos EUA por quatro grupos de produção com base nos desvios da primeira lactação de companheiras de rebanho e verificou que os grupos não se reclassificaram com base na produção nas lactações subsequentes. Os grupos com produções mais elevadas também permaneceram mais tempo nos rebanhos.

Robertson & Barker (1966) definem como características de interesse a proporção da prole em primeira lactação de um touro que sobrevive até determinada idade e estimaram as herdabilidades que variaram de 0,03 a 0,06 em um grupo de 65 touros provados Frísios-Britânicos. As correlações genéticas entre produção de leite na primeira lactação e a sobrevivência até segunda e terceira lactação foram de 0,69 e 0,79, respectivamente. Concluem, esses autores, que a produção de leite na primeira lactação é um bom indicador da produção vitalícia do rebanho leiteiro e que as novilhas com elevadas produções em primeira lactação não saem do rebanho mais rapidamente do que o normal. Na verdade, acontece o inverso.

Utilizando um método de regressão, McClintock (1983) mostrou que um aumento na prova do touro das primeiras lactações de + 1 kg de gordura leva a pelo menos um quilograma a mais de matéria graxa em lactações posteriores de vacas Frísias-Britânicas. Entretanto, a probabilidade desse melhoramento em lactações posteriores é reduzida. As provas de touros baseadas em todas as lactações aumentaria a certeza de que um touro venha e melhorar tanto a primeira como as lactações seguintes.

Burnside & Wilton (1970) estudaram provas de touros canadenses para produção das primeiras lactações, conformação e porcentagens de grupos de prole de touros que foram descartados por motivos diversos. Quarenta e um touros de I.A. com números de prole muito grandes foram considerados no estudo genético. Uma correlação de -0,47 entre as classificações por produção de leite na primeira lactação das filhas de touros e a porcentagem de suas filhas refugadas devido à baixa produção na segunda e em lactações posteriores sugeriu que a produção na primeira lactação constitui um bom indicador da sobrevivência das fêmeas, subsequentemente. Foi encontrada uma correlação de 0,22 entre as classificações por produção de leite nas primeiras lactações de filhas de touros e a porcentagem de suas filhas sacrificadas em decorrência de problemas mamários em segunda e demais lactações. Conquanto isso não represente um forte antagonismo, verifica-se que o estresse do útero pode estar associado a

produções de leite mais elevadas nas primeiras lactações. Note-se que um aumento na porcentagem de filhas sacrificadas em decorrência de avarias mamárias não propiciou uma correlação negativa entre a produção em primeira lactação e a longevidade. Os testes de prole de touros para o sistema mamário componente do tipo também foi associado à porcentagem de filhas de touros refugadas por problemas de útero, tanto na primeira como nas lactações posteriores. Encontraram-se correlações de -0,28 e -0,40, respectivamente.

Um método de BLUP mais sofisticado para classificação de touros Canadenses pelas razões de descarte de filhas foi desenvolvido por Westell e cols. (1982) e as herdabilidades calculadas para várias classificações de touros variaram de 0 a 0,13, com herdabilidades para todas as razões indesejáveis de refugagem variando de 0,03 a 0,07. Obtiveram-se correlações de 0,21 a 0,82 entre provas de touros para várias razões de descarte e uma variação de "grupos de oportunidade" (três grupos nos quais as vacas tiveram a oportunidade de completar 1, 2 ou 3 lactações no período estudado). Os autores concluem que as razões de refugagem não se prestam, em si, facilmente, para a avaliação do touro, devido à natureza binomial do grupo de dados e à distribuição irregular das provas de touros.

Em outro estudo canadense sobre a eliminação de rebanhos por baixa produção, reprodução e conformação, Batra e cols. (1971) verificaram que, aumentando o nível da produção do rebanho, há um pequeno aumento da porcentagem total de vacas refugadas e de vacas vendidas por motivos de reprodução ou para produção de carne pela má conformação. A refugagem por baixa produção diminui na medida em que o nível de produção do rebanho aumenta.

Esses achados sugerem que a produção de leite mais elevada pode resultar em estresse mamário. Mas não propiciam um método preciso para identificar touros com filhas isentas de perturbações. No Reino Unido as correlações entre provas para tipo e produção, em touros, baseadas em muitas prole em primeira lactação, foram essencialmente iguais a zero, exceto as alusivas à contagem de pontos para "cabeça, pescoço e espaldas" e características de produção, nas quais as correlações foram de 0,3, aproximadamente (McClintock, 1983). Entretanto, o nível médio da produção na primeira lactação nessa população era de cerca de 5.000 kg, o que pode ser insuficiente para contestar a conformação da maioria da prole provada.

Em 1974, Schaeffer & Burnside desenvolveram um modelo de BLUP para avaliação de touros Canadenses com grande número de filhas (400 ou mais), quanto à taxa de sobrevivência. Cinquenta e seis touros de I.A. intensivamente usados foram classificados, dando-se a cada filha o valor 1 se a novilha tinha um registro de produção nos 3 anos de idade, após seu registro de dois anos de idade ou zero caso ela deixasse de parir novamente. O

Tipo, Produção e Longevidade em gado Leiteiro — Revisão

SUMÁRIO

1. Introdução
2. A seleção para elevada produção da primeira lactação pode reduzir a longevidade e a produção vitalícia?
3. Conformação é elemento útil para prever a longevidade?
4. A presente ênfase dada à conformação diminuiu a oportunidade da seleção sobre produção ou outras características tais como a velocidade de ordenha, facilidade de parição ou desempenho reprodutivo?
5. Qual a importância econômica relativa da longevidade versus produção por lactação?
6. Conclusão

PROGRAMA DE PASTAGENS TROPICAIS

Carne e leite na América Latina
Identificação da área de interesse
Enfoque na pesquisa nos ecossistemas
Llanos. Cerrados.
Rede de avaliação de pastagens
Avaliação e desenvolvimento de germoplasmas
Avaliação em ecossistemas
Adaptação a solos. Microbiologia do solo.
problemas sanitários. Produção de leguminosas.
Desenvolvimento de pastagens
Carimagua. Cerrados.
Pastagens e sistemas de produção animal.
Carimagua. Cerrados.
Liberação de novas espécies forrageiras.
Treinamento.

1. Introdução

A utilidade do animal durante toda a sua vida, a longevidade e a produção vitalícia são, com frequência, encaradas imprecisamente, como sinônimos. Consideramos a utilidade durante toda a vida (objetivo da criação) como uma função da produção por lactação, a duração da vida produtiva, a idade à primeira parição, o intervalo entre partos e os preços dos insumos para fazer frente à produção. Neste trabalho não consideramos o intervalo entre partições ou a idade à primeira parição. Ao invés disso, discutiremos a importância relativa do tipo (conformação), a produção na primeira lactação e a duração da vida produtiva (longevidade) na determinação da utilidade vitalícia.

Programas zootécnicos em larga escala para gado leiteiro têm resultado em taxas significativas de melhoramento genético para produção de leite e gordura (Batra, 1979; Lee e cols., 1983). Porém, pelo menos até recentemente, essas taxas foram melhores somente em cerca de 1% da média da população (Van Vleck, 1977) ao passo que as taxas teóricas de progresso genético estariam próximas de 2% por ano, para a maior parte das populações e programas de inseminação artificial, segundo Skjerveid & Langholz, 1964; Hunt e cols., 1974. Van Vleck (1977) cita dois fatores como principais obstáculos ao progresso genético da produção:

- (1) A superestimação do tipo na seleção de novos touros provados, destinados a serem pais da próxima geração de touros e de mães de touros e
- (2) Um intervalo de geração maior do que o ótimo.

Os criadores de gado leiteiro e as organizações de inseminação artificial (I.A.) dão considerável ênfase ao tipo e à longevidade, em adição à produção elevada na primeira lactação.

Numerosas questões precisam ser examinadas para racionalizar a perda de melhoramento genético na lactação seguinte. São elas:

- (1) A seleção para elevada produção de leite ou gordura na lactação seguinte resulta em diminuição da longevidade ou no aumento de descartes nos rebanhos por avarias do útero e a produção em lactações posteriores deve ser considerada?
- (2) A conformação é um elemento útil para previsão da longevidade?
- (3) A presente ênfase dada à conformação diminui a oportunidade da seleção, não somente quanto à produção como às características de importância semelhante como a velocidade de ordenha, temperamento, facilidade de parição, desempenho reprodutivo e resistência à mastite?
- (4) Qual a relativa importância econômica da longevidade versus produção por lactação.

2. A seleção para elevada produção da primeira lactação pode reduzir a longevidade e a produção vitalícia?

Hoje, os melhores touros recentemente providos para I.A. são frequentemente selecionados com base nas produções em

primeira lactação de suas filhas e programados para acasalamentos visando a produzir a geração seguinte de touros testados. Isto ocorre automaticamente em países onde os reprodutores são classificados somente pelas primeiras lactações e operacionalmente em todos os países que planejam os acasalamentos após a segunda e demais lactações serem incorporadas na prova do touro. Quais seriam as implicações dessa prática?

Van Vleck (1964) distribuiu novilhas Holstein-Friesians dos EUA por quatro grupos de produção com base nos desvios da primeira lactação de companheiras de rubanho e verificou que os grupos não se reclassificaram com base na produção nas lactações subsequentes. Os grupos com produções mais elevadas também permaneceram mais tempo nos rebanhos.

Robertson & Barker (1966) definem como características de interesse a proporção da progênie em primeira lactação de um touro que sobrevive até determinada idade e estimaram as herdabilidades que variaram de 0,03 a 0,06 em um grupo de 63 touros provados Frísios-Britânicos. As correlações genéticas entre produção de leite na primeira lactação e a sobrevivência até segunda e terceira lactação foram de 0,69 e 0,79, respectivamente. Concluem, esses autores, que a produção de leite na primeira lactação é um bom indicador da produção vitalícia do rebanho leiteiro e que as novilhas com elevadas produções em primeira lactação não saem do rebanho mais rapidamente do que o normal. Na verdade, acontece o inverso.

Utilizando um método de regressão, McClintock (1983) mostrou que um aumento na prova do touro das primeiras lactações de + 1 kg de gordura leva a pelo menos um quilograma a mais de matéria graxa em lactações posteriores de vacas Frísias-Britânicas. Entretanto, a previsibilidade desse melhoramento em lactações posteriores é reduzida. As provas de touros baseadas em todas as lactações aumentaria a certeza de que um touro venha a melhorar tanto a primeira como as lactações seguintes.

Burnside & Wilton (1970) estudaram provas de touros canadenses para produção das primeiras lactações, conformação e porcentagens de grupos de progênie de touros que foram descartadas por motivos diversos. Quarenta e um touros de I.A. com números de progênie muito grandes foram considerados no estudo genético. Uma correlação de -0,47 entre as classificações por produção de leite na primeira lactação das filhas de touros e a porcentagem de suas filhas refugadas devido à baixa produção na segunda e em lactações posteriores sugeriu que a produção na primeira lactação constitui um bom indicador da sobrevivência das fêmeas, subsequentemente. Foi encontrada uma correlação de 0,22 entre as classificações por produção de leite nas primeiras lactações de filhas de touros e a porcentagem de suas filhas sacrificadas em decorrência de problemas mamários em segunda e demais lactações. Conquanto isso não represente um forte antagonismo, verifica-se que o estresse do útero pode estar associado a

produções de leite mais elevadas nas primeiras lactações. Note-se que um aumento na porcentagem de filhas sacrificadas em decorrência de avarias mamárias não propiciou uma correlação negativa entre a produção em primeira lactação e a longevidade. Os testes de progênie de touros para o sistema manjário componente do tipo também foi associado à porcentagem de filhas de touros refugadas por problemas de útero, tanto na primeira como nas lactações posteriores. Encontraram-se correlações de -0,28 e -0,40, respectivamente.

Um método de BLUP mais sofisticado para classificação de touros Canadenses pelas razões de descarte de filhas foi desenvolvido por Westell e cols. (1982) e as herdabilidades calculadas para várias classificações de touros variaram de 0 a 0,13, com herdabilidades para todas as razões indesejáveis de refugagem variando de 0,03 a 0,07. Obtiveram-se correlações de 0,21 e 0,82 entre provas de touros para várias razões de descarte e uma variação de "grupos de oportunidade" (três grupos nos quais as vacas tiveram a oportunidade de completar 1, 2 ou 3 lactações no período estudado). Os autores concluem que as razões de refugagem não se prestam, em si, facilmente, para a avaliação do touro, devido à natureza binomial do grupo de dados e à distribuição irregular das provas de touros.

Em outro estudo canadense sobre a eliminação de rebanhos por baixa produção, reprodução e conformação, Batra e cols. (1971) verificaram que, aumentando o nível da produção do rebanho, há um pequeno aumento da porcentagem total de vacas refugadas e de vacas vendidas por motivos de reprodução ou para produção de carne pela má conformação. A refugagem por baixa produção diminui na medida em que o nível de produção do rebanho aumenta.

Esses achados sugerem que a produção de leite mais elevada pode resultar em estresse mamário. Mas não propiciam um método preciso para identificar touros com filhas isentas de perturbações. No Reino Unido as correlações entre provas para tipo e produção, em touros, baseadas em muitas progênes em primeira lactação, foram essencialmente iguais a zero, exceto as alusivas à contagem de pontos para "cabeça, pescoço e espáduas" e características de produção, nas quais as correlações foram de 0,3, aproximadamente (McClintock, 1983). Entretanto, o nível médio da produção na primeira lactação nessa população era de cerca de 5.000 kg, o que pode ser insuficiente para contestar a conformação da maioria da progênie provada.

Em 1974, Scheffer & Burnside desenvolveram um modelo de BLUP para avaliação de touros Canadenses com grande número de filhas (400 ou mais), quanto à taxa de sobrevivência. Cinquenta e seis touros de I.A. intensivamente usados foram classificados, dando-se a cada filha o valor 1 se a novilha tinha um registro de produção aos 3 anos de idade, após seu registro de dois anos de idade ou zero caso ela deixasse de parir novamente. O

mesmo processo foi seguido para novilhas com registro de 4 anos de idade. Assim, o pai, que recebeu nota 2, indicava a sobrevivência de filhas que fizeram: (a) um registro aos 3 anos de idade e (b) um registro aos 4 anos. As correlações das provas de sobrevivência com o tipo e a produção ficaram na faixa de 0,31 a 0,41 e as correlações entre provas de sobrevivência de lactações aos 3 e 4 anos foram muito elevadas (0,93). Quando a regressão das provas de leite ou de tipo sobre provas de classificação pela sobrevivência foi computada, somente o leite ou somente o tipo deu conta de 15% aproximadamente da variância total, em provas de classificação pela sobrevivência, ao passo que o leite e o tipo considerados juntos explicaram 28-30% da variação das taxas das provas de sobrevivência. A herdabilidade da taxa de sobrevivência computada desta maneira foi baixa (0,04 para as taxas das provas de sobrevivência aos 3 anos de idade e de 0,08 para 4 anos de idade). Os autores concluíram que a herdabilidade relativamente baixa da taxa de sobrevivência indica que ela é um critério de seleção menos desejável que as provas de leite e conformação usadas juntas, porquanto estas provas têm herdabilidades consideravelmente mais elevadas e dão conta de uma proporção relativamente alta da variação da taxa de sobrevivência.

Everett e cols. (1976) da Universidade da Cornell desenvolveram um sistema de prova de touros para calcular a taxa de sobrevivência tal como ela é definida por Schaeffer & Burnside (1974) que a denomina de "capacidade de permanência" (em inglês *stayability*). As correlações fenotípica e genética entre a Diferença Prevista para tipo e a capacidade de permanência variaram de -0,08 a -0,15. As classificações pelo tipo também mostraram correlações negativas com a produção na primeira lactação (-0,30). As correlações fenotípica e genética entre provas de touros para produção em primeira lactação e capacidade de permanência variaram de +0,20 a +0,55. Os autores concluíram que, no Estado de Nova Iorque, touros selecionados pela alta produção na primeira lactação podiam gerar filhas que viviam mais tempo e também recomendam o uso da capacidade de permanência como meio de triagem de touros. Eles estabeleceram que a medida de capacidade de permanência de 48 meses é a mais favorável; ela teve uma correlação elevada com a capacidade de permanência aos 60, 72 e 84 meses, uma correlação genética positiva com a produção (0,41) e proporcionaria intervalos de geração mais breves do que a capacidade de permanência determinada em idades posteriores. Praticada a seleção de um só estágio, isso incluiria o uso da capacidade de permanência aos 48 meses e o intervalo de geração seria aumentado de aproximadamente um ano. O intervalo de geração mínimo para touros (cerca de 5 anos) poderá aumentar para 6 anos. Mas, se for praticada uma refugagem em segundo estágio de tourinhos, com 15 meses de idade, baseada na taxa de sobrevivência de suas meia-irmãs aos 48 meses, o intervalo de geração do touro para produzir filhos não será aumentado.

Quadro 1. Intervalos de geração médios para pais de filhos que ingressaram em centros de inseminação artificial australianos

Organização de insemin. art.	Número de tourinhos e ano de nascimento	Duração média da geração (anos)	Desvio padrão (anos)	Amplitude da variação (anos)
A	6 (1980)	9,5	1,22	3
B	20 (1980)	11,4	5,76	21
B	14 (1981)	10,4	3,35	13
C	22 (1981)	11,7	4,59	23
C	44 (1982)	10,9	4,49	19
Todas	106	11,1	4,41 (Idade real 3-29)	26

O Quadro 1 mostra os intervalos de geração médios de touros de cinco grupos australianos recentes. O intervalo médio foi de 11,1 anos, mas variou de 3 a 29 anos quando os touros foram considerados individualmente. A consequência do intervalo de geração torna-se menos relevante, uma vez que os valores reprodutivos da BLUP estejam disponíveis e desde que se escolham os melhores touros, quaisquer que sejam as idades (Hammond, 1982). Contudo, na ocorrência de progresso genético, os intervalos de geração de pai para filho serão substancialmente mais breves do que 11 anos.

Everett e cols. (1976), usando dados dos EUA estudaram também a tendência das vacas cobertas artificialmente para produção de leite, produção de gordura e capacidade de permanência até várias idades. Elas mostraram tendências genéticas significativas para aumento de produção de leite, assim como leves aumentos de produção de gordura por ano. A tendência da capacidade de permanência foi positiva durante o período estudado para as raças Jersey e Suíça-Parda. Mas para as raças Ayrshire, Guernsey e Holstein-Friesian a tendência da capacidade de permanência foi negativa no mesmo período (1957-1975). É interessante notar que este estudo indicou tendências positivas para o melhoramento genético da produção de leite, tanto da raça Holstein-Friesian como da raça Jersey, enquanto a segunda tivesse deterioração genética da capacidade de permanência e a primeira melhorasse essa qualidade. Deve-se notar que se a produção de leite e a capacidade de permanência são características correlacionadas genética e positivamente, uma alteração genética positiva na capacidade de permanência pode ocorrer juntamente com uma tendência positiva da produção. Mais recentemente, Hudson & Van Vleck (1981), usando dados do Estado de Nova Iorque, estimaram as herdabilidades da capacidade de permanência aos 36, 48, 72 e 84 meses de idade em 0,02 a 0,05. Esses níveis de herdabilidade são extremamente baixos e requerem grandes grupos de prole para revelar verdadeiras diferenças entre touros. As produções de leite e de gordura na primeira lactação estavam correlacionadas genética e positivamente com as medidas de capacidade de permanência e as classificações por capacidade de permanência também se mostraram altamente correlacionadas, positivamente, de acordo

com achados anteriores de Everett e cols. (1976) para Holstein-Friesian dos EUA;

Em resumo, a herdabilidade da capacidade de permanência no rebanho parece ser extremamente baixa, mas a sobrevivência até lactações posteriores está correlacionada positivamente com a produção em primeira lactação. Isto pode ser interpretado como um forte argumento contra o uso de provas de capacidade de permanência na seleção de touros. Ademais, há uma seleção automática para vacas longevas, visto que elas contribuem com maior número de filhos para as gerações subsequentes em confronto com as vacas de vida mais breve.

De Lorenzo & Everett (1981) estudaram as provas de 1053 touros H-F. para leite, gordura e capacidade de permanência até 48 e 72 meses e os sumários de classificação por tipo oficial, nacional, da raça Holstein-Friesian. As correlações genéticas entre leite em primeira lactação e capacidade de permanência aos 48 e 72 meses de idade foram 0,34 e 0,47, bem de acordo com os achados anteriores de Everett e cols. (1976).

É necessário estudar todas as lactações para determinar a correlação genética entre provas de lactações subsequentes e provas de capacidade de permanência. A correlação genética entre produção de leite e D.P. para tipo foi -0,29. Esses estudos, com dados do Estado de Nova Iorque, estão consistentes com correlações genéticas negativas entre produção e conformação, fortes correlações positivas (sem se aproximarem, no entanto, da unidade) entre a produção na primeira lactação e a capacidade de permanência e correlações levemente negativas entre a referida capacidade e a D.P. tradicional para conformação. De Lorenzo & Everett (1981) concluem que somente 10% da variação na capacidade de permanência podem ser atribuídos às provas de leite. A D.P. para tipo não explicou a significativa variação da capacidade de permanência.

Meyer (1983) estimou a taxa de sobrevivência da primeira para a segunda lactação e até a terceira lactação usando dados de avaliação de touros Frísios-Britânicos. Mais de 600 touros foram incluídos nos dados com média de 37 filhas por genitor. Uma análise multivariada REML foi utilizada, tratando como efeitos fixos "rebanho-ano-estação do ano". As correlações genéticas das produções de leite, gordura e proteína na primeira lactação

com a sobrevivência até a segunda lactação foram de 0,71, 0,53 e 0,67, respectivamente, com correlações bem menores (0,36, 0,37 e 0,39) ocorrendo entre as produções de leite, gordura e proteína na primeira lactação e a sobrevivência até a terceira lactação. As herdabilidades da sobrevivência até segunda e terceira lactação foram de 0,03 e 0,06, respectivamente. A correlação genética entre sobrevivência até segunda e até terceira lactação foram iguais à unidade.

Pode-se concluir, com base em trabalhos feitos no Reino Unido, Canadá e EUA que, enquanto a produção na primeira lactação está correlacionada genética e positivamente com a sobrevivência por várias lactações, a correlação de forma alguma é igual à unidade e a produção na primeira lactação não pode prever a sobrevivência até lactações subsequentes, perfeitamente. Em adição, a simples sobrevivência até certo número de lactações não é um indicador plenamente satisfatório da capacidade útil, conquanto trabalho de Bakker e cols. (1980) sugira que as provas de capacidade de permanência possam explicar significativas quantidades da variância em função do proveito do valor do serviço de um touro. Concluímos que é melhor selecionar touros em duas fases, com ênfase para produção durante os 48 meses e sob a sobrevivência até 48 meses, como indicadores simples da capacidade de aproveitamento vitalício, ao invés de usar somente a produção na primeira lactação e a capacidade de permanência aos 48 meses, porquanto as segundas lactações são disponíveis quando as provas de capacidade de permanência aos 48 meses são computadas.

Finalmente, parece que a seleção por alta produção de leite ou gordura não resulta automaticamente em diminuição da longevidade, mas, ao invés disso ela pode redundar em seu aumento, embora as correlações genéticas não alcancem a unidade. Depois, pode-se concluir que o aumento da produção do rebanho ou de cada vaca pode aumentar as eliminações devi-

das a avarias mamárias. Há, no entanto, necessidade de mais informações nesta área.

3. Conformação é elemento útil para prever a longevidade?

Os estudos de Guelph e Cornell, antes citados, somente propiciaram respostas parciais e conflitantes a este propósito, mesmo quando são consideradas com outros estudos que relacionaram variáveis do tipo com a longevidade. Estudo anterior, em pequena escala por Norman & Van Vleck (1972) relacionou características de produção na primeira lactação e sumários de conformação na organização North East USA I.A. para desempenho vitalício. As correlações genéticas foram estimadas entre 48 características do tipo e a longevidade, refletindo a produção vitalícia de leite e gordura e o número de lactações. Todas as características de produção e de tipo na primeira lactação deram conta de 40%, aproximadamente, da variação em produção vitalícia do leite e 35% da variação em número de lactações. As características do tipo explicaram somente 30 e 27% da variação, respectivamente. A profundidade do úbere foi geralmente antagonista às produções elevadas de leite e gordura na primeira lactação, embora não esteja relacionada com o desempenho vitalício. Os autores citam trabalho de Burnside, McDaniel e Legates (1963) relacionando a profundidade mamária com a produção na primeira lactação de vacas H.F. dos EUA, com achados semelhantes (correlações entre indicadores do bom estado do úbere e produção na primeira lactação de -0,29 e -0,24).

Um estudo realizado em Virgínia (Honnelt e cols. 1980) relacionou as características descritivas oficiais do tipo de H.F. com as produções de leite e gordura na primeira lactação, produções vitalícias de leite e gordura e inter-partos da primeira à sexta lactação. Foi utilizado um método de quadrados mínimos para examinar o impacto fenotípico de vários

componentes do tipo sobre as variáveis das produções acima. As diferenças entre várias categorias descritivas de cada tipo foram pequenas, mas significativas para a vida no rebanho e a produção vitalícia. Em alguns casos essas diferenças foram julgadas economicamente importantes. As maiores diferenças em produção vitalícia de leite foram explicadas pela extremidade anterior (ou seja, vacas com essa extremidade delicada têm constantes altamente positivas para produção vitalícia de leite). Em aditamento, as vacas com úbere posterior firmemente ligado (agarrado) e úbere anterior bojudo apresentaram produção vitalícia de leite elevada. As maiores constantes negativas para produção vitalícia estavam associadas a vacas com a parte dianteira grosseira, ligamentos suspensores médios do úbere fracos, tetas de forma indesejável e tendência para câlbas.

Novos sistemas lineares de classificação da conformação foram instituídos pelas associações de raças na Austrália, Canadá, Reino Unido e EUA. Em estudo preliminar sobre dados lineares do tipo, Norman e cols. (1983) relatam sobre as aproximações fenotípicas da produção na primeira lactação com as características funcionais lineares do tipo com a produtividade vitalícia de vacas Ayrshires, Guernseys e Jerseys dos EUA. A raça Jersey compreendia a maior parte dos dados e incluía somente 5000 registros. Uma análise de correlação múltipla revelou que o "valor do produto de 2 anos de idade" e a "classificação final", juntos explicam de 30 a 55% da variação de quatro medidas vitalícias ou "valores de produção vitalícia para leite e gordura", "dias totais em lactação" e "número de lactações". Cerca de 273 da variação estavam associados a variações em valor do leite produzido na primeira lactação, ao passo que 1/3 da variação era explicado pela contagem final ou escore da classificação. Resultados semelhantes foram obtidos para vacas Guernseys e Ayrshires com menores quantidades de dados. As correlações genéticas não foram computadas; mas parece



LOLA DA CALCIOLÂNDIA: Neta de BELA VISTA, produziu 2.843 kg na primeira lactação. Foi campeã no concurso leiteiro de zebu em Sete Lagoas-MG. É doadora de embriões.

GIR LEITEIRO DA CALCIOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIM

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

ASSISTA ORDENHA SEM MARCAR DATA

FAZENDAS SERRINHA E CALCIOLÂNDIA

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG
(031) 531-2737 BETIM-MG

mesmo processo foi seguido para novilhas com registro de 4 anos de idade. Assim, o pai, que recebeu nota 2, indicava a sobrevivência de filhas que fizeram: (a) um registro aos 3 anos de idade e (b) um registro aos 4 anos. As correlações das provas de sobrevivência com o tipo e a produção ficaram na faixa de 0,31 a 0,41 e as correlações entre provas de sobrevivência de lactações aos 3 e 4 anos foram muito elevadas (0,93). Quando a regressão das provas de leite ou de tipo sobre provas de classificação pela sobrevivência foi computada, somente o leite ou somente o tipo deu conta de 15% aproximadamente da variância total, em provas de classificação pela sobrevivência, ao passo que o leite e o tipo considerados juntos explicaram 28-30% da variação das taxas das provas de sobrevivência. A herdabilidade da taxa de sobrevivência computada desta maneira foi baixa (0,04 para as taxas das provas de sobrevivência aos 3 anos de idade e de 0,08 para 4 anos de idade). Os autores concluíram que a herdabilidade relativamente baixa da taxa de sobrevivência indica que ela é um critério de seleção menos desejável que as provas de leite e conformação usadas juntas, porquanto estas provas têm herdabilidades consideravelmente mais elevadas e dão conta de uma proporção relativamente alta da variação da taxa de sobrevivência.

Everett e cols. (1976) da Universidade de Cornell desenvolveram um sistema de prova de touros para calcular a taxa de sobrevivência tal como ela é definida por Schaeffer & Burnside (1974) que a denomina de "capacidade de permanência" (em inglês *stayability*). As correlações fenotípica e genética entre a Diferença Prevista para tipo e a capacidade de permanência variaram de -0,08 a -0,15. As classificações pelo tipo também mostraram correlações negativas com a produção na primeira lactação (-0,30). As correlações fenotípica e genética entre provas de touros para produção em primeira lactação e capacidade de permanência variaram de +0,20 a +0,55. Os autores concluíram que, no Estado de Nova Iorque, touros selecionados pela alta produção na primeira lactação podiam gerar filhas que viviam mais tempo e também recomendam o uso da capacidade de permanência como meio de triagem de touros. Eles estabeleceram que a medida de capacidade de permanência de 48 meses é a mais favorável; ela teve uma correlação elevada com a capacidade de permanência aos 60, 72 e 84 meses, uma correlação genética positiva com a produção (0,41) e proporcionaria intervalos de geração mais breves do que a capacidade de permanência determinada em idades posteriores. Praticada a seleção de um só estágio, isso incluiria o uso da capacidade de permanência aos 48 meses e o intervalo de geração seria aumentado de aproximadamente um ano. O intervalo de geração mínimo para touros (cerca de 5 anos) poderá aumentar para 6 anos. Mas, se for praticada uma refugagem em segundo estágio de tourinhos, com 15 meses de idade, baseada na taxa de sobrevivência de suas meias-irmãs aos 48 meses, o intervalo de geração do touro para produzir filhos não será aumentado.

Quadro 1. Intervalos de geração médios para pais de filhos que ingressaram em centros de inseminação artificial australianos

Organização de insem. art.	Número de tourinhos e ano de nascimento	Duração média da geração (anos)	Desvio padrão (anos)	Amplitude da variação (anos)
A	6 (1980)	9,5	1,22	3
B	20 (1980)	11,4	5,76	21
B	14 (1981)	10,4	3,35	13
C	22 (1981)	11,7	4,59	23
C	44 (1982)	10,9	4,49	19
Todas	106	11,1	4,41 (Idade real 3-29)	26

O Quadro 1 mostra os intervalos de geração médios de touros de cinco grupos australianos recentes. O intervalo médio foi de 11,1 anos, mas variou de 3 a 29 anos quando os touros foram considerados individualmente. A consequência do intervalo de geração torna-se menos relevante, uma vez que os valores reprodutivos da BLUP estejam disponíveis e desde que se escolham os melhores touros, quaisquer que sejam as idades (Hammond, 1982). Contudo, na ocorrência de progresso genético, os intervalos de geração de pai para filho serão substancialmente mais breves do que 11 anos.

Everett e cols. (1976), usando dados dos EUA estudaram também a tendência das vacas cobertas artificialmente para produção de leite, produção de gordura e capacidade de permanência até várias idades. Elas mostraram tendências genéticas significativas para aumento de produção de leite, assim como leves aumentos de produção de gordura por ano. A tendência da capacidade de permanência foi positiva durante o período estudado para as raças Jersey e Suíça-Parda. Mas para as raças Ayrshire, Guernsey e Holstein-Friesian a tendência da capacidade de permanência foi negativa no mesmo período (1957-1975). É interessante notar que este estudo indicou tendências positivas para o melhoramento genético da produção de leite, tanto da raça Holstein-Friesian como da raça Jersey, conquanto a segunda tivesse deterioração genética da capacidade de permanência e a primeira melhorasse essa qualidade. Deve-se notar que se a produção de leite e a capacidade de permanência são características correlacionadas genética e positivamente, uma alteração genética positiva na capacidade de permanência pode ocorrer juntamente com uma tendência positiva da produção. Mais recentemente, Hudson & Van Vleck (1981), usando dados do Estado de Nova Iorque, estimaram as herdabilidades da capacidade de permanência aos 36, 48, 72 e 84 meses de idade em 0,02 a 0,05. Esses níveis de herdabilidade são extremamente baixos e requerem grandes grupos de prole para revelar verdadeiras diferenças entre touros. As produções de leite e de gordura na primeira lactação estavam correlacionadas genética e positivamente com as medidas de capacidade de permanência e as classificações por capacidade de permanência também se mostraram altamente correlacionadas, positivamente, de acordo

com achados anteriores de Everett e cols. (1976) para Holstein-Friesian dos EUA;

Em resumo, a herdabilidade da capacidade de permanência no rebanho parece ser extremamente baixa, mas a sobrevivência até lactações posteriores está correlacionada positivamente com a produção em primeira lactação. Isto pode ser interpretado como um forte argumento contra o uso de provas de capacidade de permanência na seleção de touros. Ademais, há uma seleção automática para vacas longevas, visto que elas contribuem com maior número de filhos para as gerações subsequentes em confronto com as vacas de vida mais breve.

De Lorenzo & Everett (1981) estudaram as provas de 1053 touros H-F, para leite, gordura e capacidade de permanência até 48 e 72 meses e os sumários de classificação por tipo oficial, nacional, da raça Holstein-Friesian. As correlações genéticas entre leite em primeira lactação e capacidade de permanência aos 48 e 72 meses de idade foram 0,34 e 0,47, bem de acordo com os achados anteriores de Everett e cols. (1976).

É necessário estudar todas as lactações para determinar a correlação genética entre provas de lactações subsequentes e provas de capacidade de permanência. A correlação genética entre produção de leite e D.P. para tipo foi -0,29. Esses estudos, com dados do Estado de Nova Iorque, estão consistentes com correlações genéticas negativas entre produção e conformação, fortes correlações positivas (sem se aproximarem, no entanto, da unidade) entre a produção na primeira lactação e a capacidade de permanência e correlações levemente negativas entre a referida capacidade e a D.P. tradicional para conformação. De Lorenzo & Everett (1981) concluem que somente 10% da variação na capacidade de permanência podem ser atribuídos às provas de leite. A D.P. para tipo não explicou a significativa variação da capacidade de permanência.

Meyer (1983) estimou a taxa de sobrevivência da primeira para a segunda lactação e até a terceira lactação usando dados de avaliação de touros Frísios-Britânicos. Mais de 600 touros foram incluídos nos dados com média de 37 filhas por genitor. Uma análise multivariada REML foi utilizada, tratando como efeitos fixos "rebanho-ano-estação do ano". As correlações genéticas das produções de leite, gordura e proteína na primeira lactação

com a sobrevivência até a segunda lactação foram de 0,71, 0,53 e 0,67, respectivamente, com correlações bem menores (0,36, 0,37 e 0,39) ocorrendo entre as produções de leite, gordura e proteína na primeira lactação e a sobrevivência até a terceira lactação. As herdabilidades da sobrevivência até segunda e terceira lactação foram de 0,05 e 0,06, respectivamente. A correlação genética entre sobrevivência até segunda e até terceira lactação foram iguais à unidade.

Pode-se concluir, com base em trabalhos feitos no Reino Unido, Canadá e EUA que, enquanto a produção na primeira lactação está correlacionada genética e positivamente com a sobrevivência por várias lactações, a correlação de forma alguma é igual à unidade e a produção na primeira lactação não pode prever a sobrevivência até lactações subsequentes, perfeitamente. Em adição, a simples sobrevivência até certo número de lactações não é um indicador plenamente satisfatório da capacidade útil, conquanto trabalho de Bakker e cols. (1980) sugira que as provas de capacidade de permanência possam explicar significativas quantidades da variação em função do proveito do valor do serviço de um touro. Concluímos que é melhor selecionar touros em duas fases, com ênfase para produção durante os 48 meses e sob a sobrevivência até 48 meses, como indicadores simples da capacidade de aproveitamento vitalício, ao invés de usar somente a produção na primeira lactação e a capacidade de permanência aos 48 meses, porquanto as segundas lactações são disponíveis quando as provas de capacidade de permanência aos 48 meses são computadas.

Finalmente, parece que a seleção por alta produção de leite ou gordura não resulta automaticamente em diminuição da longevidade, mas, ao invés disso ela pode redundar em seu aumento, embora as correlações genéticas não alcancem a unidade. Depois, pode-se concluir que o aumento da produção do rebanho ou de cada vaca pode aumentar as eliminações devi-

das a avarias mamárias. Há, no entanto, necessidade de mais informações nesta área.

3. Conformação é elemento útil para prever a longevidade?

Os estudos de Guelph e Cornell, antes citados, somente propiciaram respostas parciais e conflitantes a este propósito, mesmo quando são consideradas com outros estudos que relacionaram variáveis do tipo com a longevidade. Estudo anterior, em pequena escala por Norman & Van Vleck (1972) relacionou características de produção na primeira lactação e sumários de conformação na organização North-East USA I.A. para desempenho vitalício. As correlações genéticas foram estimadas entre 48 características do tipo e a longevidade, refletindo a produção vitalícia de leite e gordura e o número de lactações. Todas as características de produção e de tipo na primeira lactação deram conta de 40%, aproximadamente, da variação em produção vitalícia do leite e 35% da variação em número de lactações. As características do tipo explicaram somente 30 e 27% da variação, respectivamente. A profundidade do úbere foi geralmente antagônica às produções elevadas de leite e gordura na primeira lactação, embora não esteja relacionada com o desempenho vitalício. Os autores citam trabalho de Burnside, McDaniel e Legates (1963) relacionando a profundidade mamária com a produção na primeira lactação de vacas H.F. dos EUA, com achados semelhantes (correlações entre indicadores do bom estado do úbere e produção na primeira lactação de -0,29 e -0,24).

Um estudo realizado em Virgínia (Hornette e cols. 1980) relacionou as características descritivas oficiais do tipo de H.F. com as produções de leite e gordura na primeira lactação, produções vitalícias de leite e gordura e inter-partos da primeira à sexta lactação. Foi utilizado um método de quadrados mínimos para examinar o impacto fenotípico de vários

componentes do tipo sobre as variáveis das produções acima. As diferenças entre várias categorias descritivas de cada tipo foram pequenas, mas significativas para a vida no rebanho e a produção vitalícia. Em alguns casos essas diferenças foram julgadas economicamente importantes. As maiores diferenças em produção vitalícia de leite foram explicadas pela extremidade anterior (ou seja, vacas com essa extremidade delicada têm constantes altamente positivas para produção vitalícia de leite). Em aditamento, as vacas com úbere posterior firmemente ligado (agarrado) e úbere anterior bojado apresentaram produção vitalícia de leite elevada. As maiores constantes negativas para produção vitalícia estavam associadas a vacas com a parte dianteira grosseira, ligamentos suspensores médios do úbere fracos, tetas de forma indesejável e tendência para câibras.

Novos sistemas lineares de classificação da conformação foram instituídos pelas associações de raças na Austrália, Canadá, Reino Unido e EUA. Em estudo preliminar sobre dados lineares do tipo, Norman e cols. (1983) relatam sobre as aproximações fenotípicas da produção na primeira lactação com as características funcionais lineares do tipo com a produtividade vitalícia de vacas Ayrshires, Guernseys e Jerseys dos EUA. A raça Jersey compreendia a maior parte dos dados e incluía somente 5000 registros. Uma análise de correlação múltipla revelou que o "valor do produto de 2 anos de idade" e a "classificação final", juntos explicam de 30 a 55% da variação de quatro medidas vitalícias ou "valores de produção vitalícia para leite e gordura", "dias totais em lactação" e "número de lactações". Cerca de 273 da variação estavam associados a variações em valor do leite produzido na primeira lactação, ao passo que 1/3 da variação era explicado pela contagem final ou escore da classificação. Resultados semelhantes foram obtidos para vacas Guernseys e Ayrshires com menores quantidades de dados. As correlações genéticas não foram computadas; mas parece



LOLA DA CALCIOLÂNDIA: Neta de BELA VISTA, produziu 2.843 kg na primeira lactação. Foi campeã no concurso leiteiro de zebu em Sete Lagoas-MG. É doadora de embriões.

GIR LEITEIRO DA CALCIOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIN

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

ASSISTA ORDENHA SEM MARCAR DATA

FAZENDAS SERRINHA E CALCIOLÂNDIA

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG
(031) 531-2737 BETIM-MG

que os escores lineares para profundidade do úbere estavam correlacionados negativamente (-0,22 e -0,32) com as produções de leite e gordura na primeira lactação. Em contraposição com as pesquisas de De Lotenzo & Everett (1981) foram obtidas correlações fenotípicas quando a contagem final foi relacionada com as produções de leite e gordura na primeira lactação. Isso é provavelmente resultado da grande ênfase dada ao caráter leiteiro na contagem final.

Vamos admitir que a correlação genética entre a contagem para conformação ou, digamos, a solidez do ligamento médio suspensor do úbere (LMS) e a capacidade de permanência no rebanho seja de 0,50 e que as herdabilidades dessa capacidade e do LMS sejam de 0,05 e 0,3, respectivamente. Quando selecionamos touros com base em 60 filhas controladas haverá 39% de mais eficiência para selecionar diretamente pela capacidade de permanência do que pela seleção indireta desta capacidade, via LMS. Por outro lado, a seleção de fêmeas para produzir filhos será 22% mais eficiente se ela for baseada no LMS relativamente à seleção direta de vacas pela capacidade de permanência.

As regras se aplicam à classificação por tipo de vacas portadoras de associação entre tipo e longevidade. As vacas H-F podem ser reclassificadas tanto para cima como para baixo (pelo menos até cerca de 5 anos de idade). No Canadá, por outra, uma novilha não pode receber uma classificação final mais alta, nem pode receber nota inferior caso se deteriore com a idade. É provável que isso tenda a criar uma covariância positiva entre contagem de pontos para tipo e longevidade.

A resposta procurada nesta seção é se as provas de conformação são ou não úteis para prever a longevidade. Concluímos que não há uma resposta definida neste estágio. A evidência propiciada pelo Estado de Nova Iorque, em grande parte derivada de rebanhos leiteiros comerciais, sugere que os pontos dados para a conformação de touros são irrelevantes para prever se uma vaca de vaca ou não será conservada no rebanho. A evidência proveniente de rebanhos canadenses e norte-americanos de pedigree sugere que a conformação da vaca ou a prova se deu pai para conformação é um fator de se a vaca de vaca ser retida. Como sugerido por Vinsen (1982) a objeção chave da questão do touro em referência à taxa de sobrevivência de sua prole está em que as provas poderão refletir, em sua maior extensão, a atitude dos criadores ante a importância econômica de várias características. Porém, a computação de provas de permanência no rebanho deve refletir o objetivo da criação de uma população na qual o sêmen deve ser usado. As pressões econômicas sobre a produção devem forçar os criadores a vacas que eles preferiam descartar. Dados sobre a capacidade de aceitação geral dos produtores estão sendo colhidos pelo grupo de estudos de Cornell (Everett, com. pessoal). Deverá ficar claro se as vacas com elevada produção, mas com mau tipo são toleradas

com relutância, unicamente pelas suas produções mais elevadas.

4. A presente ênfase dada à conformação diminui a oportunidade da seleção sobre produção ou outras características tais como a velocidade de ordenha, facilidade de parição ou desempenho reprodutivo?

Pesquisadores de Guelph (Sivarajasingham e cols., 1982; McClelland e cols., 1979) deram relativa ênfase à produção e outras características na seleção do gado leiteiro. Pesquisas feitas com um modelo de programação linear na Universidade de Guelph, revelaram que a produção de leite e, a seguir, a porcentagem de gordura são, tranquilamente, as características mais importantes que afetam a utilidade ou proveito, pelo menos na produção da primeira lactação, em uma granja leiteira típica e sistema de pagamento do leite em Ontário. A conformação recebeu prioridade relativamente pequena em comparação à velocidade de ordenha, tamanho da vaca, taxa de não-retorno ou fertilidade do touro. No entanto, não foi possível incorporar aspectos da conformação no tocante à longevidade.

Wickham (1979) simulou o uso de um índice de seleção simples, em um grupo de progênie com 40 indivíduos. Os resultados indicaram que 83% do melhoramento em termos econômicos seriam de ganhos na produção de leite e gordura, 14% do melhoramento em temperamento. Em grupos de maiores tamanhos é provável que a contribuição percentual das características não produtivas com baixas herdabilidades também possam aumentar.

Wickham concluiu que é necessário mais trabalho sobre a biologia das características economicamente importantes, com o propósito de revelar melhores métodos de quantificação das diferenças entre vacas e seu impacto sobre a capacidade de aproveitamento. Ele também estudou características tais como o tempo requerido para manter as ventosas da ordenhadeira nas tetas das vacas, se elas permanecem, problemas com mastite, tempo para descer o leite, velocidade de ordenha, requisitos do esgotamento, temperamento e empanzinamento. As vacas foram classificadas pelo criador como muito boas, aceitáveis ou insatisfatórias para numerosas características. As herdabilidades foram extremamente baixas, variando de 0,05 a 0,11. A pesquisa sobre velocidade de ordenha na Universidade de Guelph (McClelland, 1983) revelou que um sistema de contagem linear de pontos, baseado em 5 categorias, desenvolvido e utilizado para classificar vacas segundo a velocidade de ordenha pelos criadores de gado leiteiro, apresentou nível de herdabilidade de 0,24, aproximadamente, equivalente à herdabilidade do tempo total da ordenha. Wickham confirmou (com. pessoal, 1983) que a herdabilidade do temperamento aumentou quando foi utilizado maior número de categorias. Sugerimos que um sistema linear de

contagem, com as seguintes classes possa ser utilizado:

- Extremamente quietas — às vezes se movem com dificuldade,
- Muito quietas — pode-se trabalhar com elas facilmente,
- Aceitáveis — ocasionalmente nervosas, mas não inconvenientes e
- Muito excitáveis — difíceis de trabalhar.

Os criadores relutam em aceitar que a produção na primeira lactação seja um indicador adequado da capacidade de aproveitamento vitalício. Tentativas para estimar diferenças entre touros quanto à sobrevivência das novilhas até lactações posteriores têm revelado herdabilidades extremamente baixas. Havendo sérias razões para refugamento podem-se avaliar touros pela porcentagem de filhas refugadas do rebanho por todos os motivos negativos ou falta de proveito (por exemplo, avarias dos pés e das pernas, avarias mamárias, reprodução, etc.) visto que essas características parecem ter herdabilidades mais elevadas do que a capacidade de permanência no rebanho (Westell e cols., 1982).

5. Qual a importância econômica relativa da longevidade versus produção por lactação?

Os valores relativos de um desvio padrão do mérito para produção de leite por lactação e para capacidade de permanência dão algumas perspectivas sobre a necessidade de considerar ambas as características ao escolhermos touros de raças leiteiras. Esta questão é examinada mediante uso do seguinte método simples.

A capacidade de permanência no rebanho (um indicador simples da longevidade) é aqui encarado como tendo dois efeitos distintos sobre a capacidade de aproveitamento do rebanho. Se uma alta proporção de produtoras sobrevive até a maturidade, não somente há menor necessidade de fêmeas criadas para substituí-las (ou adquiri-las), como a idade média no rebanho será maior e, assim, a maioria das vacas poderá produzir em níveis de maturidade. Everett e cols. (1982) calculou fatores de correção para idade multiplicativa, para produção de leite de vacas Frísias da Nova Gales do Sul (Austrália), tais como 1,52; 1,25; 1,12; 1,04 e 1,00, para animais de 2; 3; 4; 5 e 6 anos de idade, respectivamente. Esses fatores são maiores que os encontrados em populações da América do Norte e Europa e assim foi verificado que a capacidade de permanência poderá ser economicamente mais importante em Nova Gales do Sul.

Em virtude de não haver perfis de idade não viados e componentes de variância para capacidade de permanência aplicáveis à Nova Gales do Sul, foram utilizados aqueles de Everett e cols. (1976), calculados para os EUA. Consequentemente, a proporção de fêmeas de dois anos de idade (S) que sobreviveu até 3, 4, 5, 6 e 7 anos de idade é de 0,915; 0,724; 0,551; 0,405 e 0,289, respectivamente.

Em nossas simulações admitimos que o tamanho do rebanho não deve aumentar se a capacidade de permanência for aumentada. A fim de manter constante o tamanho do rebanho pode-se deduzir desses valores S_i que 0,245 do rebanho total seja de dois anos de idade (P). A produção média relativa do rebanho (RM) foi assim calculada:

$$RM = \frac{20}{i=1} A S P$$

onde A é o fator de correção para a classe de idade i^a , após o cálculo para dar $A = 1$ e S é a proporção de fêmeas com dois anos de idade que sobreviveram até a i^a classe etária; S_1 e S_2 não foram disponíveis, admitindo-se que foram 0,10; 0,05; 0,25 e assim por diante.

RM pode ser visualizado como a recíproca do fator de correção da idade média requerida para expressar a produção de leite do animal médio, em termos de "equivalentes a dois anos".

Simulando a situação, na qual um touro com a capacidade de permanência média foi usada, admitiu-se que um genitor cujo valor genético para capacidade de permanência é de + 0,08 para todas as idades tem cerca de + 1 desvio padrão para essa característica.

A simulação foi então repetida, mas as novas proporções da capacidade de permanência foram estabelecidas como iguais a ($S = 0,04$). A nova estrutura da idade do rebanho a proporção de fêmeas com 2 anos foi recalculada. Uma simulação semelhante também foi feita para ($S = 0,04$), mas S de menos de 0,00 foi considerada com zero.

Foi usado como teste de sensibilidade dos resultados para magnitude dos fatores de correção um grupo de fatores norte-americanos (Schmidt & Van Vleck, 1974). Eles foram 1,35; 1,21; 1,10; 1,02;

1,00; 1,00; 1,01 e 1,02 para 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8 e 9 anos de idade, respectivamente.

No Quadro 3 são sumarizadas as consequências econômicas de alterações aparentemente triviais de RM e P mostradas no Quadro 2. O valor econômico de um touro que é +1 desvio padrão da capacidade de permanência é expresso como uma relação do valor econômico de um touro que é 1 desvio padrão do mérito para produção de leite. São tabulados três níveis de lucro líquido por litro de leite e três níveis de custos com as reposições. O custo da reposição é dado como a diferença de valor de uma vaca refugada em relação à novilha de reposição.

O Quadro 3 revela que para os preços líquidos mais prováveis para leite e fêmeas de reposição, os pesos econômicos relativos da produção e da capacidade de permanência deverão ser de 2:1. As proporções para as duas características favorecem levemente a capacidade de permanência na Austrália, devido ao maior aumento da produção com a idade avançada nesse país em confronto com os EUA. Somente uma situação improvável, na qual os custos são altos e os lucros do leite são baixos fará com que o mérito da capacidade de permanência tenha igual importância econômica.

6. Conclusão

Uma análise das pesquisas publicadas revela que os dados de produção na primeira lactação são um preditor mais precoce da capacidade de permanência vitalícia da fêmea no rebanho e que as provas de touros baseadas nas primeiras lactações podem continuar a ser utilizadas para refugar touros de I.A. recentemente provados e designar aqueles destinados a atuar como tourinhos. Também concluímos, no entanto, que as provas para pro-

Fazenda Nossa Senhora das Graças



Proprietário:
Antônio Gomes Calçado

Raça Murrah



PIZAN POI DA BELA OLINDA

Raça Jafarabadi



SERENO POI DA BELA OLINDA

criação de
NELORE PO, BÚFALOS
JAFARABADI E
MURRAH POI,
MANGALARGA
MARCHADOR E
JUMENTO PEGA

VENDA PERMANENTE
DE PRODUTOS
Caixa Postal 75

SILVADO (021) 737-2764 —
MARICÁ - RJ

PRAIA DO FLAMENGO, 274
RIO DE JANEIRO
(021) 552-6607 - CEP 22.210

Quadro 2. Efeito do mérito do touro para capacidade de permanência sobre as taxas de reposição do rebanho e sobre a produção relativa de leite

Mérito da c. de permanência do touro	Valor reprodutor	Capacidade de transmissão	Proporção de 2 anos de idade (P)	Produção relativa de leite RM	
				Fatores australianos para idade	Fatores de ida de dos EUA
+ 0,08		+ 0,04	0,225	1,932	1,2973
0,00		0,00	0,245	1,856	1,2856
- 0,08		- 0,04	0,267	1,1751	1,2704

Quadro 3. Peso econômico da capacidade de permanência relativa no peso da unidade de produção de leite para 3 níveis de lucro e custo da reposição sob condições australianas e norte-americanas

Lucro líquido, (cent./l)		Custo da reposição, (\$)			
		50	100	200	300
Condições australianas					
5	0,46	0,63	0,96	1,29	
10	0,38	0,46	0,63	0,79	
20	0,33	0,38	0,46	0,54	
Condições norte-americanas					
5	0,35	0,52	0,85	1,18	
10	0,27	0,35	0,52	0,68	
20	0,22	0,27	0,35	0,43	

dução em lactações posteriores de touros podem ajudar materialmente, em segunda fase, o descarte de seus filhos, antes de se começar a extrair sêmen para seu teste de prole. Além disso a juntada de informações sobre a segunda e possivelmente algumas terceiras lactações sobre touros com provas de permanência poderão aumentar a capacidade de aproveitamento vitalício mediante identificação de touros com porcentagens relativamente baixas de retiradas voluntárias ou involuntárias do rebanho. Para que as provas de capacidade de permanência sejam significativas, devem ser baseadas em 100-200 filhas em rebanhos com acurados registros das razões de refugagem, preferentemente desde o nascimento até 48 meses de idade das fêmeas.

O papel da conformação no aumento da capacidade de permanência vitalício do gado leiteiro não é claro e requer mais pesquisas para seu entendimento. Contudo, há certas evidências de que a seleção somente para produção de leite poderá levar

ao aumento dos úberes pendentes. Não se sabe se a inclusão de provas de capacidade de permanência no rebanho, em adição à produção, na seleção de touros pode prevenir a deterioração do úbere, em face da elevada produção de leite. Admitindo que há uma correlação positiva entre a conformação e a longevidade, a seleção de mães de touros pela conformação e os touros pais pela capacidade de permanência poderá ser a melhor estratégia. Na maioria das circunstâncias a seleção pela produção — usando todos os registros disponíveis — deve receber duas vezes mais ênfase do que a seleção para capacidade de permanência. As provas de conformação devem ser usadas em acasalamentos predeterminados (corretivos) sem afetar adversamente a intensidade da seleção para outras características.

Uma análise econômica indica que podem, em parte, ser logicamente modificadas a atenção e os dispêndios de dinheiro, fora dos programas de conformação e para o desenvolvimento de acurados sis-

temas de motivos de refugagem e para o sistemas de avaliação da capacidade de permanência. Caracteres tais como quietude durante a ordenha, temperamento, desempenho reprodutivo e resistência à mastite também têm importância econômica direta, substancial e significativa na variação do touro. Pensamos que eles também devem merecer alguma atenção, do ponto de vista econômico, correntemente dirigida para a conformação.

— Burnside, E.B.; McClintock, A.E. e Hammond, K. Type, production and longevity in dairy cattle: a review. *An. Breed. Abstr.* 52 (10): 711-19.

N. da R.: E.B. Burnside foi Professor Visitante em 1983 na Universidade de Criação e Genética Animal e Departamento de Ciência Animal da Universidade da Nova Inglaterra, proveniente da Universidade de Guelph, Guelph, Canadá. Os outros dois AA. pertencem à U. da Nova Inglaterra, Armidale, Nova Gales do Sul, Austrália.

Programa de Pastagens Tropicais — Sumário do CIAT (1977-1983)

O Programa de Pastagens Tropicais fez significativo progresso durante os sete anos passados, em relação a seus objetivos internacionais. O Programa orientou-se através de uma reorganização funcional, tornando-se um grupo multidisciplinar, baseado no desenvolvimento de germoplasmas para áreas de solo ácido, infértil, da América Latina. Seu objetivo para pastagens extensas é aumentar as produções de carne e leite na América Latina, proporcionando novas opções de forrageiras adaptadas, persistentes e nutritivas para vários ecossistemas e sistemas de agricultura. Entre as principais pesquisas em cumprimento ao Programa estão estudos para definir esses sistemas, a expansão em amplas áreas de pastagens da base de germoplasmas das forrageiras disponíveis e os elevados níveis de potencialidade de novas forrageiras para a produtividade animal e o estabelecimento de uma rede nacional para avaliação em múltiplos níveis de cada ecossistema. Com base nessas aquisições estão sendo avaliadas e liberadas, para produção comercial em dois ecossistemas objetivados, seleções de germoplasmas de gramíneas e leguminosas melhoradas.

Carne e leite na América Latina

As realizações do Programa de Pastagens Tropicais durante os sete anos passados refletiu esse principal grupo de novo enfoque de esforços fora dos sistemas de produção de bovinos para o desenvolvi-

mento de germoplasmas e forrageiras e a avaliação em ecossistemas contendo solos ácidos e inférteis. O Programa focalizou sua parte estratégica sobre trabalho anterior feito principalmente nas planícies Orientais da Colômbia (os "llanos") que mostrou ser a má nutrição o principal fator limitante da produção animal. As savanas de gramíneas nativas são pobres de nutrientes para atender ao crescimento e desempenho animal de modo satisfatório.

A demanda de carne e de leite tem aumentado mais rapidamente que o suprimento e ambos os produtos constituem importantes ingredientes no cesto de alimentos típicos na América Latina. O povo em todos os estratos econômicos da região dispõe bem altas proporções de suas rendas em produtos cárneos e lácteos. A elasticidade do rendimento da demanda é elevada, indicando que o povo gasta mais para adquirir leite e carne do que permite a elevação de sua receita.

A produção de leite na América Latina está presentemente concentrada nas melhores terras, com alto potencial de cultivo, frequentemente em altitudes superiores a 1 500 metros acima do nível do mar. As elevadas densidades populacionais e os usos alternativos mais proveitosos da terra estão reduzindo a produção de leite e elevando os preços de mercado.

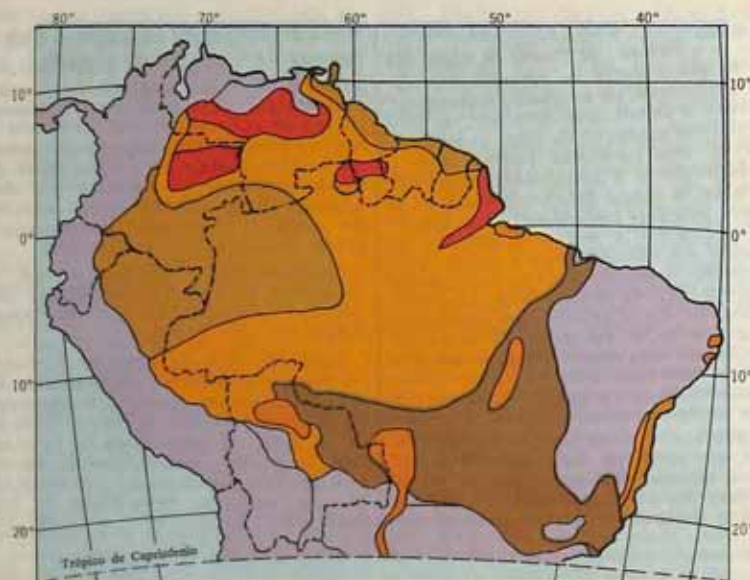
A produção de carne está mudando frequentemente para pastagens nativas extensivas que, no máximo, são de qualidade apenas sofrível para outra produção agri-

cola. Embora o gado possa ser criado sob sistemas extensivos com baixo risco econômico, seu rendimento é também muito baixo. A produção média anual de carne bovina, por cabeça de gado na América Latina, é de cerca de 24 kg, ao passo que em zonas mais temperadas, como a Argentina, a produção é, pelo menos, duas vezes essa quantidade.

Identificação da área de interesse

Cerca da metade da área de terra na América Latina é classificada como de baixa fertilidade, com condições de solo ácidas e variável intensidade de distribuição de precipitações. Cerca de 300 milhões dos 850 milhões de hectares são áreas de savana com o resto de florestas. Levantamentos classificam mais precisamente essas áreas como terras de Oxisolo e Ultrassolo ácidas e inférteis, que se estendem desde o sul do México até o norte do Paraguai. Países que incluem Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia, Guiana, Surinã, Guiana Francesa, Panamá, Jamaica, Trinidad, Guadalupe e Martinica têm mais do que 40% de seus territórios nessas condições.

Em 1976 o CIAT (Centro Internacional de Agricultura Tropical) decidiu concentrar-se nessas áreas de solos ácidos e inférteis da América Latina. Um amplo estudo foi conduzido para melhor entender quais os principais fatores climáticos que influenciam os tipos de vegetação existen-



- Savanas bem drenadas isohipertérmicas (principalmente os "llanos"); TWPE entre 901-1060 mm; 6-8 meses de estação úmida; WSMT $\geq 23,5^{\circ}\text{C}$.
- Savanas bem drenadas isotérmicas (principalmente os cerrados); TWPE entre 901-1060 mm; 6-8 meses de estação úmida; WSMT $\geq 23,5^{\circ}\text{C}$.
- Florestas tropicais sazonais semi-sempre verdes; TWPE entre 1061-1300 mm; 9-9 meses de estação úmida; WSMT $\geq 23,5^{\circ}\text{C}$.
- Florestas chuvosas tropicais; TWPE 1300 mm; mais de 9 meses da estação úmida; WSMT $\geq 23,5^{\circ}\text{C}$.
- Savana mal drenada; várias formas de paisagem e condições edáficas, através das planícies da América tropical.

Figura 1. Limites dos ecossistemas definidos para a área objetivada do Programa de Pastagens Tropicais do CIAT.

tes na área objetivada. Os resultados do estudo climático permitiram aos cientistas do Programa classificar a área de interesse em cinco ecossistemas principais. Dois parâmetros, a evapotranspiração potencial total da estação úmida e a temperatura mensal dessa estação foram considerados

como elementos determinantes primários da vegetação encontrada na área objetivada.

Os limites do ecossistema são mostrados na Figura 1. O programa de Pastagens Tropicais utiliza esse sistema como base para localizar seus principais pontos

de triagem e para diferenciar e testar os germoplasmas.

O Programa efetuou um segundo levantamento nos "llanos" da Colômbia e Venezuela e nos "cerrados" do Brasil concomitantemente com estudos de sistemas de terra. Este trabalho foi feito para compreender melhor os tipos de operações agrícolas prevalentes na área objetivada e os tipos de sistemas de pastagem necessários para aumentar mais eficientemente a produtividade animal.

De acordo com infraestruturas rurais, geralmente melhores no Brasil e Venezuela, muitas fazendas nesses países têm até 30% de suas áreas com pastos semeados e algumas culturas em comum. Uma grande porcentagem de bovinos na Venezuela são, por vezes, ordenhados. Os rebanhos nesses três países contêm elevado número de novilhas de reposição o que indica que a vida produtiva das vacas é curta, sendo necessária uma nova tecnologia, com urgência.

Enfoque na pesquisa nos ecossistemas

O Programa de Pastagens Tropicais tem concentrado seus esforços em dois ecossistemas representados pelos "llanos" da Colômbia e Venezuela (savanas bem drenadas isohipertérmicas) e os cerrados do Brasil (savanas bem drenadas isotérmicas). Os cientistas do CIAT e os respectivos programas nacionais trabalham juntos e em um local maior em cada sistema, com atividades organizadas entre três grupos funcionais — desenvolvimento e avaliação de germoplasmas; desenvolvimento e avaliação de pastagens; avaliação de pastagens em sistemas agrícolas e uma rede de avaliação de pastagens internacional, operando através de toda a área objetivada nos ecossistemas.

• **"Llanos".** O local de pesquisa primário do ecossistema dos "llanos" está situado em Carimagua, Colômbia, no Centro Nacional de Pesquisas Agrícolas (CNIA). Os experimentos são ali feitos pelo pessoal, tanto do CIAT como do Instituto Colombiano Agropecuário (ICA).

• **Cerrados.** O CIAT encetou um programa de pesquisa de pastagem cooperativo com o Centro de Pesquisa Agrícola para os Cerrados (CPAC) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em 1977. Três cientistas do CIAT estão sediados nesse centro em Planaltina, para trabalhar com colegas brasileiros. Em 1983 a equipe do CIAT foi

Saúde tem nome

AV. BRIG. FÁRIA LIMA, 1857 - Bº and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

**CRED
MED**

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

-CADÊ O LIMÃOZINHO, A TABOÇA, O GRAMÃO E O TARUMÃ QUE TINHAM AQUI?



-GRASLAN 10 COMEU TUDO.

Pois é, GRASLAN 10 é o mais eficiente herbicida que existe. Mais do que eficiente, GRASLAN 10 é moderno e fácil de usar. Ele acaba com o limãozinho, a taboca, o gramão e o tarumã, além de uma série enorme de outras plantas invasoras.

Mas, vamos por partes.

As vantagens de usar GRASLAN 10:

- Não é preciso roçar;
- Não é preciso levar água para o pasto usando transporte especial, equipamentos, nem mão-de-obra especializada;
- Não é preciso misturar com outros produtos, nem com água;
- Não é preciso esperar épocas de chuva para aplicação;
- Não é preciso cortar os arbustos, nem repassar a aplicação;
- Não é preciso retirar o gado do pasto.

Como funciona GRASLAN 10:

Os grãos de GRASLAN 10, aplicados no pé do arbusto, com as chuvas, penetram na terra, atingindo definitivamente a raiz do arbusto que, em pouco tempo, perde sua vitalidade e morre para deixar crescer uma pastagem limpa e desimpedida.

Como usar GRASLAN 10:

Planta Invasora	Gramas/Planta
Limãozinho ou Juvu	80
Taboca	40
Tarumã	80

Elanco Química Ltda.
Av. Morumbi, 8.264 - São Paulo - CEP 04703.
Tel.: (011) 533-9211.

(*) Na prática, tem sido comprovada a eficiência de Grastan 10 no controle do gramão.

ELANCO

Grastan®

Grastan 10, o limpa-pasto da Elanco.

reduzida a um agrônomo e um cientista de solo, este trabalhando com fundos da EMBRAPA, administrados pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).

• Rede de Avaliação de Pastagens

Representantes dos programas nacionais de pastagens reunidos em um simpósio no CIAT em 1979 concordaram em formar uma Rede Internacional de Avaliação de Pastagens Tropicais (RIAPT) como mecanismo para utilizar os recursos de um banco de germoplasmas do CIAT e programas nacionais na região, da maneira a mais eficiente possível. Outro objetivo importante é dar apoio ao estudo da adaptação de vários germoplasmas de leguminosas e gramíneas nas terras de pastagem da América Tropical.

A rede de avaliação consiste em quatro níveis de provas (RT-A até RT-D) tendo cada série testada em cada um dos ecossistemas objetivados. As atividades da rede são igualmente repartidas entre programas nacionais e o CIAT, com todos os membros da rede recebendo dados e informações sobre os resultados dos testes ou outras informações. O CIAT age como responsável pelas consultas feitas à comissão consultiva da rede de líderes de pesquisas de pastagens dos programas nacionais.

As provas RT-A são designadas para avaliar a adaptação de aproximadamente 100 a 150 ingressos em alguns lugares altamente representativos de cada ecossistema. RT-B são medidas sazonais da produtividade em matéria seca de cerca de 20 a 30 introduções promissoras selecionadas das provas A. As provas B são conduzidas em sub-ecossistemas dos principais ecossistemas. Tanto as provas A como as B empregam metodologia de testagem uniforme.

As RT-C são feitas para avaliar um número reduzido (10) de introduções de misturas de gramíneas/leguminosas, em pequenas parcelas de pastejo. Objetivam medir a produtividade e a persistência dos componentes na pastagem sob diferentes esquemas e intensidades de manejo de pastagem. Essas provas são efetuadas sob diferentes planos e estabelecidas somente em poucos lugares, porquanto a maior parte da informação obtida pode ser extrapolada para englobar rapidamente o plano de provas mais amplas e avançadas no nível D.

As RT-D avaliam a produtividade das pastagens em termos de ganhos do animal e persistência de pastagem. Elas são conduzidas em muitos locais, o quanto possível, mas cada uma é designada independentemente para testar novas pastagens dentro dos sistemas de utilização existentes.

O programa de pastagem em 17 países da América Latina e das Caraíbas tem sido executado com o estabelecimento de provas. Em fins de 1983, as provas em operação incluíam 25 RT-As, 65 RT-Bs,

8 RT-Cs e 9 RT-Ds, localizadas em cinco ecossistemas.

Avaliação e desenvolvimento de germoplasmas

O Programa de Pastagens Tropicais fez progressos muito significativos, coletando, avaliando germoplasmas, especialmente de leguminosas nativas nas savanas ácidas e inférteis da América Latina. Entre 1977 e fins de 1983 o Programa quase quadruplicou sua coleção de germoplasmas, de 3 037 para 11 291 acessões ou introduções. Quase 90% da coleção de leguminosas provém principalmente da América Tropical. O dobro da porcentagem de coleções em colaboração de germoplasmas comparadas com as coleções do CIAT, somente, também indica uma crescente integração e interesse pelos programas nacionais das atividades de germoplasmas de forrageiras.

O Quadro 1 mostra como o Programa base de germoplasmas de pastagens tropicais evoluiu de 1977 até 1983. Essa lista — com as exceções da *Pueraria phaseoloides* e o complexo *Brachiaria*, *B. decumbens* — não contém qualquer espécie forrageira tropical tradicional, economicamente bem conhecida, mas, sim, consiste de novos materiais não domesticados. Essa é uma das aquisições fundamentais do Programa e ilustra seu papel pioneiro no desenvolvimento dos germoplasmas baseados em tecnologias com baixos insumos.

• Avaliação em ecossistemas

As introduções de novas forrageiras na coleção do Programa sofreram uma série de avaliações cada vez mais rigorosas a fim de medir sua adaptação às condições edáficas e bióticas nos ecossistemas dos "lanos" e cerrados. Este esquema de avaliação dos germoplasmas dentro de categorias está sumariando na Figura 2.

Em adição às avaliações feitas nos lugares situados dentro dos ecossistemas fo-

Categoria I

Banco de germoplasmas mantido no CIAT-Palmira e CIAT-Quilichao e avaliado para adaptação às condições edáficas em lugares dos ecossistemas.

Categoria II

Avaliação agrônoma em pequenas parcelas, em cada ecossistema.

Categoria III

Provas de pastejo em associações de gramínea/leguminosa a fim de avaliar a resistência ao pisoteio, habilidade competitiva, produtividade de matéria seca, qualidade nutricional e preferências relativas de pastejo, em cada ecossistema.

Categoria IV

Avaliação de pastagens para produtividade potencial animal, em cada ecossistema

Categoria V

Melhores opções para pastos avaliadas sob condições experimentais e comerciais de fazenda de cada ecossistema.

Figura 2. Métodos de avaliação de germoplasmas no Programa de Pastagens Tropicais.

ram cultivadas novas introduções no campo da sub-estação de Santander de Quilichao, local de solo ácido existente ao sul de Cali, Colômbia. O programa utiliza esse local para identificação, manutenção

Quadro 1. Evolução do Programa de Pastagem Tropicais baseado em germoplasmas entre 1977 e 1983, de acordo com o inventário de espécies chave da coleção.

Espécies	N.º de introduções	
	1977	1983
Leguminosas		
<i>Stylosanthes capitata</i>	45	266
<i>Stylosanthes guianensis</i> "tardio"*1	33	194
<i>Stylosanthes macrocephala</i> *	4	159
<i>Centrosema brasilianum</i> *	4	129
<i>Centrosema macrocarpum</i> *	3	102
<i>Centrosema</i> sp. n.*	2	11
<i>Desmodium ovalifolium</i>	1	84
<i>Pueraria phaseoloides</i>	11	76
<i>Zornia</i> sp (tipo CIAT 7847)*	—	21
Total de introd. de leguminosas	103	1021
Gramíneas		
<i>Andropogon gayanus</i>	5	66
<i>Brachiaria</i> spp*	24	197
Total de introd. de gramíneas	29	263

* Indica que nenhuma introdução dessa espécie atingiu a Categoria III ou mais elevada em 1977.

primeira multiplicação de sementes e caracterização inicial dos materiais. As avaliações de materiais da Categoria III também são conduzidas ali bem como nos principais lugares dos ecossistemas.

• **Adaptação a solos.** Um dos elementos determinantes primários de como as novas introduções de forrageiras se comportam agronomicamente é a sua adaptação aos solos pobres encontrados nos ecossistemas objetivados. Entre as importantes características químicas dos solos dos "llanos" e cerrados estão sua elevada acidez, altos níveis de alumínio e baixos teores de nutrientes de plantas, disponíveis, especialmente fósforo.

Os requisitos de nutrientes não foram determinados para os materiais de germoplasmas disponíveis quando o Programa iniciou sua descentralização extensiva em 1977. Os estudos desde então fizeram com que várias espécies fossem descartadas das listas de materiais promissores, devido à falta de adaptação às condições edáficas.

Durante esse mesmo tempo foram coletados novos materiais, mormente de solos ácidos, inférteis, assim que novas introduções promissoras, geralmente bem adaptadas às condições de solo, pelo menos em um dos dois ecossistemas principais. Estas adaptações incluem baixos requisitos extremos de nutrientes e, em consequência, quantidades somente baixas de fertilizantes necessários para estabelecer leguminosas e gramíneas mais promissoras.

• **Microbiologia do solo.** A luminosa, no pasto melhorado de leguminosa/gramínea, deve utilizar os *Rhizobia* para fixar nitrogênio e fornecer ao capim este nutriente. Estudos feitos nos "llanos" mostraram que é possível identificar linhagens superiores de *Rhizobia* de camadas

Quadro 2. Espécies forrageiras promissoras da coleção de germoplasmas do Programa de Pastagens Tropicais, indicadas para a Categoria III ou sob a Categoria IV/V de provas de pastejo em dois ecossistemas (1983)

Leguminosa	Llanos		Cerrados	
	III	IV/V	III	IV/V
Categorias				
<i>Arachis pinto</i>	1	—	—	—
<i>Centrosema brasilianum</i>	—	1	1	—
<i>Centrosema macrocarpum</i>	1	1	5	—
<i>Centrosema sp. n.</i>	3	—	1	—
<i>Desmodium canum</i>	1	—	—	—
<i>Desmodium heterocarpum</i>	1	—	—	—
<i>Desmodium ovalifolium</i>	3	—	—	—
<i>Pueraria phaseoloides</i>	—	1	—	—
<i>Stylosanthes guianensis</i> "tardio"	7	—	7	1
<i>Stylosanthes capitata</i>	5	5	2	2
<i>Stylosanthes leiocarpa</i>	1	—	—	—
<i>Stylosanthes macrocephala</i>	4	1	5	1
<i>Zornia brasiliensis</i>	1	—	5	—
<i>Zornia sp</i> (tipo CIAT 7847)	1	—	1	—
Total de introd. de leguminosas	29	9	27	4
Gramíneas				
<i>Andropogon gayanus</i>	3	1	—	1
<i>Brachiaria brizantha</i>	4	—	3	—
<i>Brachiaria dictyoneura</i>	1	1	—	—
<i>Brachiaria humidicola</i>	—	1	—	—
<i>Brachiaria ruziziensis</i>	1	—	3	—
<i>Panicum maximum</i>	—	—	3	—
Total de introd. de gramíneas	9	3	6	1

internas de solo para inocular determinadas leguminosas. Os mesmos estudos também revelaram que algumas espécies de leguminosas nodulam efetivamente com linhagens nativas e portanto não respondem às inoculações adicionais de solo.

• **Problemas sanitários.** As doenças e pestes são os principais fatores limitantes da adaptação das forrageiras em cada ecossistema. O controle contínuo e sistemático das pestes e doenças prevalentes nos principais sítios de triagem e regiões

em todos os sistemas capacitam o pessoal do Programa a detectar vários problemas bióticos, antes não registrados e determinar sua importância relativa. Os materiais de germoplasmas usados em estágios de testagem avançada demonstraram sua adaptação às condições de doenças e insetos prevalentes em um dado ecossistema.

• **Produção de leguminosas.** O Programa está usando técnicas de produção em grau limitado para desenvolver espécies

FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



forrageiras melhoradas. Um projeto importante é, não obstante, a busca de combinar características de tolerância à antracnose e a produção elevada de sementes, que ocorrem separadamente nos tipos "tardio" e comum de *Stylosanthes guyanensis*. As primeiras séries de cruzamentos de F₂ foram estabelecidas para avaliações no campo, tanto em Carimagua como em Brasília.

O Quadro 2 mostra os materiais do Programa Tropical e Programas nacionais que agora consideram ser mais promissores em cada um dos dois principais ecossistemas. As introduções dessa lista sofreram avaliações com sucesso em um ou em ambos os sistemas e estão agora passando para provas em pastagem.

Desenvolvimento de pastagens

Recentemente, germoplasmas de forrageiras promissoras foram submetidas a avaliações precoces para responderem a questões sobre a competitividade em misturas de gramíneas e leguminosas. O grupo de desenvolvimento de estudos é conduzido para a competitividade agrônômica e a seletividade animal que procuram dar essas respostas. Os resultados capacitaram os cientistas a planejarem o manejo de estratégias de pastejo a fim de manter balanceadas as misturas de forrageiras para determinados objetivos em cada ecossistema.

Para exemplificar, a leguminosa *Desmodium ovalifolium* tem boa potencialidade na competitividade com capins mais agressivos como a *Brachiaria humidicola* e o *Stylosanthes capitata* e é bem aceita em associação com a gramínea *Andropogon gayanus*; mas o *D. ovalifolium* e o *S. guyanensis* "tardio" têm menos aceitabilidade relativamente à gramínea e à *Zornia brasiliensis* é completamente rejeitada. O fato de algumas leguminosas não serem facilmente consumidas torna-as valiosos candidatos a sistemas de pastejo sob forte estresse da seca.

• **Carimagua.** O grupo de desenvolvimento de pastagens também tem sido considerado como meio satisfatório e econômico para estabelecimento de pastagens melhoradas nas savanas nativas deste ecossistema. Em Carimagua, *A. gayanus*, *B. humidicola*, *D. ovalifolium* e *P. phaseoloides* têm, todos, estabelecido com êxito usando o mínimo de cultivo. Os métodos de plantio tais como a semeadura em fileiras ou o plantio em faixas mostraram-se eficazes para reduzir os requisitos de sementes, melhorando a eficiência do fertilizante e permitindo rápido estabelecimento inicial das gramíneas e leguminosas.

Também em Carimagua estão sendo substituídas com êxito grandes áreas das savanas existentes por pastos de misturas de gramíneas/leguminosas melhoradas.

Vinte por cento de uma pastagem são cultivadas, seja em faixas de 0,5-2,5 ou 5,0 metros, fertilizadas e plantadas com misturas de gramíneas/leguminosas, esperando-se que elas invadam as faixas con-

Quadro 3. Produtividade média durante quatro anos de pastagens melhoradas em termos de ganho de peso de novilhos novos (Carimagua)

Tratamento	Ganhos de peso vivo por ano (kg)	
	Por animal	Por hectare
Pastagem nativa:		
savana + queima	75	15
Pastejo de leguminosa suplementar:		
savana + bancos de <i>Pueraria phaseoloides</i>	101	51
Pastagem de gramínea melhorada:		
<i>Brachiaria decumbens</i>	145	250
<i>Andropogon gayanus</i>	120	268
Associações de leguminosa e gramínea:		
<i>B. decumbens</i> + faixas de <i>P. phaseoloides</i>	183	294
<i>A. gayanus</i> + <i>P. phaseoloides</i>	182	308
<i>A. gayanus</i> + <i>Stylosanthes capitata</i>	193	320

tigas de savana. Cada ano, outros 20% de savana são fertilizados para promover a propagação de espécies melhoradas. Após três anos, todos os tratamentos, exceto as faixas de 5,0 m de *D. ovalifolium* cobrem pelo menos 60% da área total. As taxas de lotação têm sido de 1,0 a 1,5 cabeças/ha e os ganhos em peso vivo bons. Os animais também consomem grandes quantidades de savana nativa não queimada devido à leguminosa em suas dietas.

Dados de quatro anos de provas de pastejo em Carimagua indicaram que espécies de forrageiras melhoradas submetidas a planos de manejo também melhorados constituem os métodos de escolha para aumentar a produtividade animal (Quadro 3).

Pastagens melhoradas de mistura de gramíneas/leguminosas têm produzido consistentemente cerca de 30% a mais em ganhos de peso por animal e 15% a mais em ganho por hectare do que os de gramíneas somente, com ocorrência de maior benefício durante a estação seca.

Os planos de manejo desenvolvidos pelos cientistas do Programa incluem a fertilização de manutenção e alguma combina-

ção de taxas de lotação ajustadas e sistemas de pastejo para assegurar a persistência das espécies forrageiras escolhidas. As associações muito produtivas de *B. decumbens* e *P. phaseoloides* indicam que a persistência pode manter bem os ganhos de peso vivo durante o tempo. (Figura 3).

Um dos objetivos da criação de sistemas de pastagem baseados em leguminosas é proporcionar uma dieta mais nutritiva para o gado no pasto. O sucesso dessa estratégia é mostrado no Quadro 4, onde a qualidade e a quantidade de pastagens mistas foi suficiente para sustentar ganhos de peso vivo durante a estação seca. Isto seria impossível com pastagens exclusivas de gramíneas nas lotações de pastejo usuais. A reciclagem do nitrogênio pelas leguminosas também foi demonstrada pelo maior teor de proteína do capim e a dieta total, especialmente na estação úmida.

• **Cerrados.** A região de cerrados do Brasil contém extensas áreas de pastagens degradadas baseadas nas espécies *Brachiaria*. A falta de nitrogênio disponível é um fator significativo que contribui para o declínio das espécies de gramíneas, assim que se têm desenvolvido métodos para

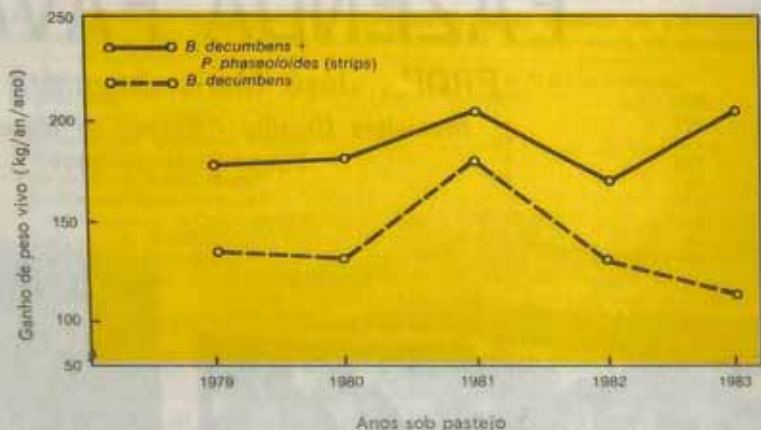


Figura 3. Produtividade no decorrer do tempo da *Brachiaria decumbens* só e com uma leguminosa (Carimagua).

**A Bovitec
tem exatamente
a seringa
que o criador
precisa.**



Bovibico
adaptável
a qualquer
seringa.

Na medida certa
para cada tipo de aplicação.
7 opções práticas, econômicas
e resistentes.
A qualidade Bovitec garante.



BOVITEC®

Produtos Agropecuários Ltda.

Rua Duarte de Azevedo, 449 - Fone 267-6477 (PABX) - Telex (011) 33069 - BOVI-BR - São Paulo - SP



MECANIZAÇÃO

Arados no preparo do solo

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA SILVEIRA

O arado, segundo alguns, é um dos instrumentos mais úteis para a humanidade, pois, com sua utilização, sempre se buscou maior produtividade agrícola. Desde o do tipo de ponta de pau ou de pedra, puxado por animais, até os modernos, de tração mecânica, a evolução do arado se processou tanto nos desenhos como nos materiais empregados na sua construção.

Basicamente existem dois tipos: os de aiveca e os de discos. Os de aiveca são pouco usados entre nós, restringindo-se aos de tração animal. Os de discos são indicados para as seguintes condições de trabalho: em terrenos recém-desbravados, com tocos, raízes e pedras (se os discos não conseguem cortá-los, rolam sobre eles, voltando a funcionar em seguida); em terrenos duros, pois a penetração das aivecas é mais difícil; a ação de corte dos discos per-



O arado de discos de engate em três pontos é o mais utilizado.

mite realizar em terrenos com restos de cultura e com abundante cobertura como adubação verde, praguejamento do solo; a substituição dos discos gastos é mais fácil do que a recomposição do bico das aivecas; menor compactação do solo na região de corte.

Modernamente, encontramos arados com 2, 3, 4 e 5 discos tanto arrastados, como semimontados e de engate em três pontos. O último tipo é o mais utilizado pelos pequenos e médios agricultores, sendo portanto, os mais empregados.

Constituição do arado

Os arados de engate nos três pontos dos tratores são formados pelos

seguintes componentes: a) chassi — pode ser do tipo retangular; b) coluna suporte do disco — acopla-se ao chassi na parte superior, sendo que embaixo temos os cubos dos discos; c) torre — é a parte anterior, por onde se faz o acoplamento com o sistema hidráulico de engate do trator; d) barra transversal — nas suas extremidades estão os pinos de engate que podem ser categoria I ou II; e) roda-guia — é a roda que vai na traseira servindo para: auxiliar na regulagem e manutenção uniforme da profundidade de trabalho; absorver esforços laterais, advindos de corte do solo pelos discos; ajuda na estabilização do conjunto trator-arado; e auxilia no controle da largura de corte do primeiro disco; f) discos — são as ferramentas de aço, com dureza e tenacidade, em forma de calota esférica, que promovem o corte e desagregação do solo. As dimensões dos discos são também padronizadas: diâmetro, concavidade, espessura, número de furos de fixação, entre outras.

O arado deve associar muitos recursos de regulagem, simplicidade de operação, facilidade de manutenção e um bom desempenho em quaisquer condições de trabalho e tipo de solo.

Assim, além de permitir regulagens de ângulos de corte (vertical e horizontal) através de entalhes no cubo do disco, também deve apresentar a possibilidade de regulagens de largura de corte, distância entre discos e posicionamento da barra transversal.

O ângulo horizontal é aquele entre a borda do disco e a direção de caminhamento. Varia de 45 a 60°, sendo este o último valor recomendado para solos compactados e com baixo teor de umidade. Em condições médias são usuais valores de 45 a 50°.

O ângulo vertical, situado entre a borda cortante e uma linha vertical, varia de 15 a 25°, sendo 18 a 20° o valor médio para a maioria das condições. Em solos compactados e



O arado de discos deve ser multi-regulável.

com baixo teor de umidade e em aração profunda, o ângulo vertical deve ser pequeno. Em solos com menor resistência, o ângulo vertical deve ser maior (disco mais deitado).

Para se conseguir uma boa aração e um bom desempenho do conjunto trator-arado, alguns pontos devem ser verificados e feitas as devidas ajustagens: 1) bitolas do trator — regular as rodas dianteiras e as traseiras de acordo com o pneu utilizado. Pneu traseiro 12-38; 13-28 e 14-30, bitola (dianteira e traseira) 1,42 m. Pneu traseiro 15-30 e 15-34, bitola (dianteira e traseira) 1,52 m. Assim, a roda dianteira trabalhará no centro do sulco deixado pelo corte do último disco do arado, possibilitando ao operador condições de corrigir a direção do trator, no sentido de obter uniformidade de corte do primeiro disco. 2) lastragem do trator: a aração exige muita força de tração e, para impedir o deslizamento, mantendo a estabilidade de direção, é necessário colocar pesos frontais e nas rodas, além de água nos pneus traseiros. O trator deve ser preparado consultando-se o seu manual de operação. 3) a largura de corte do arado pode ser modificada pela posição da barra transversal, pela inclinação da roda-guia e pela posição do trator em relação ao sulco.

Pela posição da barra transversal, deslocada para a esquerda, diminui a largura e, para a direita, aumenta. A posição da barra transversal afeta a estabilidade de direção do trator. Se ele desvia para a esquerda, a barra se desloca para a direita e vice-versa.

Pela inclinação da roda-guia, nesse caso, o maior ângulo horizontal (ângulo horizontal da roda-guia) contribui para diminuir a largura de corte e o menor aumenta. Se a frente do trator puxar para a esquerda, direciona a roda-guia para a esquerda, diminuindo o ângulo e vice-versa. A roda-guia deve forçar contra a parede do sulco, resistindo aos esforços transmitidos ao arado pelos discos. A pressão da mola da roda-guia influi na profundidade de trabalho.

Pela posição do trator em relação ao sulco. Se o tratorista andar com as rodas direitas mais perto ou mais afastado do sulco, consegue-se maior ou menor largura de corte do primeiro disco. Contudo deve-se dirigir de maneira que o pneu traseiro tenha boa aderência no fundo e na parede do sulco.

Para que o trabalho de corte do solo seja eficaz, há necessidade que os discos se mantenham sempre o mais limpo possível e para tanto, é indispensável o uso dos limpadores, uma vez que nem sempre se consegue arar o solo com o seu teor de umidade ideal, principalmente quando se trata de áreas extensas.

Além das angulações e concavidades dos discos, são os limpadores que proporcionam um perfeito tombamento da camada arada, ou seja, são os limpadores dos discos que conduzem a uma perfeita inversão da leiva.



Os discos devem se manter sempre limpos.

Em condições normais, os limpadores deverão ser regulados de maneira que sua borda inferior fique um pouco acima dos centros dos discos e posicionados de tal forma a deixar uma pequena folga que permita que os discos girem livremente.

Para se ter um trabalho de aração uniforme, todos os limpadores devem ser regulados na mesma posição.

As marchas recomendadas para os trabalhos de aração poderão ser a primeira simples a terceira reduzida, dependendo das condições de terreno e do deslocamento que se deseja dar ao solo cortado pelos discos. Dando maior velocidade ao trator, a terra será atirada a uma maior distância e vice-versa. Para se obter uma aração uniforme, a velocidade do trator deverá permanecer invariável durante o trabalho.

Obtém-se a profundidade de corte desejada por meio da alavanca de

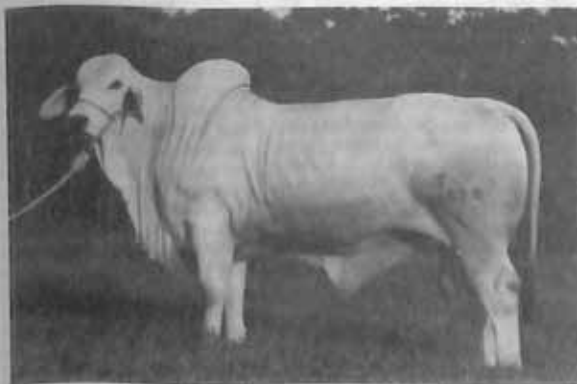
controle de profundidade, situada no quadrante do hidráulico do trator, de acordo com os manuais de instruções. Obtida a profundidade satisfatória, a alavanca de profundidade deverá ser fixada na posição. A operação de baixar e levantar o arado deverá ser feita exclusivamente com a alavanca operacional (alavanca maior) que deverá ter também sua posição delimitada no setor de reação, por meio de porca limitadora.

Aconselha-se a escolha de arados que apresentem as posições da barra transversal, ângulo de disco, roda-guia e suporte dos discos variáveis, em função das condições de solo duro, semiduro, intermediário e mole, o que facilita bastante a regulação do arado.



Com maior velocidade do trator o solo será atirado a maior distância.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Ciclone de Tabapuã T-K 5820
734 kg aos 24 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Cuiabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembleia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

Ibagé selecionando há 40 anos

Restrito até pouco tempo apenas ao Rio Grande do Sul, a raça Ibagé já ganha espaço fora do Estado de origem: diversos pecuaristas de outros Estados já estão criando o Ibagé. É uma raça para corte, resultado do cruzamento das raças Nelore e Aberdeen Angus. Iniciado há 40 anos, a seleção conseguiu produzir um animal com a rusticidade do Nelore e precocidade do Aberdeen Angus. O Ibagé já ganhou uma associação, que tem 71 sócios no RS e 1 em São Paulo. Nesses últimos 3 anos, foram registrados 7.300 animais com grau de sangue 3/8 Nelore e 5/8 Angus. Informações sobre a raça podem ser obtidas em Bagé: BR 153, km 141, C.P. 242, CEP 96.400, Bagé, RS.

Instituto Cândido Tostes comemora 50 anos

Um dos mais importantes centros de pesquisas e ensino sobre a industrialização do leite, o Instituto de Laticínios Cândido Tostes, que incorpora ainda a Escola de Indústrias Agrícolas e o Centro de Pesquisa e Ensino pertencente à Epamig, comemora 50 anos de fundação. O centro foi criado pelo governador de Minas, Benedito Valadares, que escolheu o nome de Cândido Tostes, em homenagem ao brilhante advogado e grande proprietário de terras, homem de grande corajosa, benemerito e de muita prestígio na sociedade e na agropecuária. Hoje, denominado Centro de Pesquisa e Ensino Instituto de Laticínios Cândido Tostes, é pioneiro em pesquisa, formação de recursos humanos e implantação de diretrizes tecnológicas na indústria nacional de laticínios.

Volta exporta equipamentos para inseminação e animais

A Volta — Indústria Agropecuária Ltda. fechou recentemente duas exportações para países da América do Sul. Vendeu, para a Agropecuária Del Oriente, de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, um lote de 116 Nelores — 111 fêmeas e 5 machos. Os animais exportados foram de Hiroshi Yoshio, da Fazenda Limoeiro, de Presidente Prudente, e Paulo Meneses, da Fazenda Indiana, do Rio de Janeiro. Os animais foram transportados por rodovia até Campo Grande e de lá, por ferrovia. É a primeira exportação de Nelore registrado para a Bolívia.

Outra exportação significativa da Volta foi a de acessórios para a inseminação artificial para a Argentina: a Volta vendeu botijão da Cryometal e de fabricação própria, luvas de plástico, pipetas, aplicadores, espécies e bainhas. O importador é a empresa Reprodutores SRL, de Buenos Aires. O volume de dinheiro — US\$ 2 mil — é pequeno, admite Marco Antônio Volta, diretor da Volta Indústria Agropecuária Ltda. Porém, para ele, tem um valor especial: é a primeira vez que o Brasil faz esse tipo de exportação. Mais do que isso: a exportação de bainhas, cujo principal fornecedor mundial é a França, um produto que o Brasil continua importando. E a Volta já tem consultoria do Peru, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, Equador, Panamá e Chile.

Exposição de Gatos

Foi realizada, de 20 a 21 de julho, no Estádio de Remo da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, a 1.ª Exposição Internacional de Gatos de Raça, organizada pelo Clube Brasileiro de Gato, entidade filiada à Federação Internacional de Felino (FIFP). A mostra contou com a participação

de criadores brasileiros e estrangeiros. O evento teve como patrono o professor e naturalista Augusto Ruschi e do juiz belga.

Instituto Zootecnia completa 80 anos

O Instituto de Zootecnia, vinculado à Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, comemorou 80 anos de fundação. Fundado como Posto Zootécnico Central, desde o início o IZ dedica-se à pesquisa animal e de plantas forrageiras no Estado de São Paulo. Atualmente, ele desenvolve 193 projetos — destacando-se sobre a alimentação animal (83 projetos), melhoramento animal (38), técnicas de manejo (31) e sanidade (11). Por produtos, os programas distribuem-se em gado de leite (47 projetos), forragicultura (47), gado de corte (37), suínos (19), sericicultura e abelha (12), pequenos e médios animais (11).

Fascioloze provoa perdas econômicas

As estatísticas do Serviço de Inspeção Federal (SIF), do Ministério da Agricultura, vêm mostrando a crescente incidência da fascioloze no gado bovino brasileiro, particularmente no Rio Grande do Sul, nos últimos anos. Este órgão, que controla os abates nos estabelecimentos frigoríficos, cataloga todas as condenações por tuberculose, cisticercose, actinomicose, hidatidose e fascioloze, entre outras doenças.

Os números do SIF mostram que, em 1982, os fígados de 13,5% dos bovinos abatidos foram condenados. Em 1983 este índice subiu para 14,64% e para 1984 estima-se (os números finais ainda não foram oficialmente divulgados) que será superior a 15%. Em ovinos a evolução é também crescente e, em 1984, deverá ser o dobro da de 1982. Em 1983, foram condenados 3% dos fígados. Este número menor de fígados ovinos condenados, em

relação aos bovinos, é explicada por dois fatores: os abates são geralmente realizados em animais de menor idade, que ainda não tiveram tempo para contrair a fascioloze, além de não incluírem os miúdos de ovinos que anualmente são abatidos para consumo das estâncias.

Este é um dos poucos dados concretos que permitem equalizar as perdas elevadas provocadas pela fascioloze. Mesmo em outros países isto é difícil: um relatório da FAO aponta a dificuldade de definir em quantas dezenas de milhões de libras esterlinas (ou de bilhões de cruzeiros) fica o prejuízo.

Clinicamente, a fascioloze se manifesta sob as formas aguda e crônica, porém muitos animais podem abrigar a fascioloze sem demonstrarem qualquer sintoma clínico. O abate de milhares de bois gordos em boas condições e que têm os seus fígados condenados confirmam isto.

A fascioloze aguda é causada pela migração de um número elevado de fasciolas imaturas jovens e imaturas pelo tecido hepático, provocando uma hepatite de origem essencialmente traumática. A morte é quase sempre o resultado inevitável, entre seis e oito semanas após a infestação. Não é normal a fascioloze aguda ocorrer anualmente, porém quando estes surtos ocorrem, as perdas são grandes. Na Europa foram apontados pelo menos 27 surtos nos últimos quatrocentos anos. O de 1879/80, na Inglaterra, provocou a perda de 10% de seus ovinos (cerca de 3 milhões de animais). Nesse mesmo país, em 1958, perdeu-se 80 mil ovelhas, dizimando completamente os plantéis em grande número de propriedades.

A fascioloze crônica aparece quando há números relativamente reduzidos de parasitas adultos. Nas regiões de clima temperado, como o Rio Grande do Sul, a doença ocorre tipicamente no outono/inverno, caracterizando-se por queda de estado, anorexia, emagrecimento progressivo e finalmente morte dos animais. Em geral apenas quando os sintomas se manifestam clinicamente é que os animais são submetidos o tratamento. Deixam de ser

tratados aqueles sem sintomatologia, portadores da fasciolose subclínica, juntamente a forma mais comum da doença em bovinos.

As perdas nas infestações subclínicas em bovinos são estimadas em até 8% de retardamento de ganho de peso e da produção de leite. Ovinos sem tratamento têm sua produtividade significativamente reduzida em relação às ovelhas tratadas. Na Austrália (não existem dados sobre o Brasil) foram detectadas quebras na produção de lã da ordem de 30 a 35%, independentemente de idade ou nutrição. A redução da fertilidade e menor peso ao nascer são também consequências da fasciolose.

Para atender as necessidades dos pecuaristas, em busca de um produto que atingisse por igual todas as formas de fasciolas, e não apenas as adultas, Sub-Divisão Saúde Animal da Ciba-Geigy introduziu recentemente no mercado Fasinox, um fasciolicida baseado no triclabendazole (ingrediente ativo testado e aprovado em mais de 30 países ao redor do mundo, com mais de um milhão de animais já tratados). Este é o primeiro — e único — produto fabricado no Brasil com ação sobre fasciolas imaturas jovens, imaturas e adultas.

Sal, uréia, energia e mineral. Como balancear?

Fábio Arruda Guidolin e
Lauriston Bertelli Fernandes (*)

A utilização de uréia se faz necessário toda vez que o teor de fibra da dieta é exageradamente alto e o teor de proteína é exageradamente baixo, condição esta encontrada na seca e agravada quando de uma geadá.

Habitam o rúmen bactérias e protozoários que são os responsáveis pela degradação dos alimentos grosseiros, isto torna o criatório dos ruminantes uma atividade viável economicamente. Esta microflora se reproduz e se mantém ativa graças à absorção de amino-

ácidos, energia, ácidos graxos, carboidratos, minerais e nitrogênio que retiram da parte protéica na dieta e quanto mais perfeito for o equilíbrio destes nutrientes mais ativa será a microflora, conseguindo degradar os alimentos e prepará-los para serem absorvidos em quantidades satisfatórias. Quando, durante a seca, o nível de proteína cai drasticamente e portanto o teor de nitrogênio se reduz, a população microbiana do rúmen não consegue se reproduzir com a mesma intensidade. Por sua vez isto acarreta uma diminuição de ingestão de matéria seca pois gasta muito mais tempo para ser digerida.

Para corrigir este problema é preciso de tempo, até que se recomponha a microflora e esta passe a ser atuante novamente.

Como solução utilizamos a uréia junto ao sal mineralizado em função de praticidade e economia.

É importante, todavia, que ao fazermos uso desta prática não abandonemos a tecnologia da mineralização em si, ou seja, macro e micro-elementos bem balanceados, que somados à fração energética da mistura, a própria uréia e ao cloreto de sódio, devem estar no mais perfeito equilíbrio para que consigamos tirar o maior proveito técnico-econômico da utilização da uréia.

Esta tecnologia deve vir acompanhada ainda de coadjuvantes para seu maior aproveitamento.

A intoxicação através da uréia ocorre em função de que o pH do úmen do animal que é superior a 7 favorece a passagem de uma quantidade intensa e rápida de amônia para a corrente circulatória não permitindo ao rim e fígado a eliminação da amônia e intoxicando o animal.

O uso de acidificante ruminal clina este problema pois, oferecendo uma condição mais ácida ao rúmen, não permite que grandes quantidades de amônia passem rapidamente à corrente circulatória.

A degradação da uréia produz amônia e este sim é altamente interessante para o animal. A amônia, embora se forme, é muito pouco favorável. Um elemento mineral que favorece a produção de amônia é o níquel e então este

elemento passa a ter uma função vital dentro de uma mistura de uréia e sal mineralizado.

Quando da utilização da uréia, o fígado e o rim desempenham um papel preponderante no metabolismo da uréia. O rim, por exemplo, excreta uma quantidade apreciável de potássio, associado a isto temos que as forrageiras tropicais são muito pobres neste elemento, principalmente neste período, e além disto o animal diminui muito a ingestão de matéria seca. Por tudo isto, na mistura mineral-uréia deve constar a presença abundante deste elemento.

O fornecimento de uma fonte energética concomitante ao uso da uréia é fundamental para o bom desempenho da microflora ruminal, porém é importante a escolha da fonte energética, as fontes tradicionais, o farelo de trigo, de arroz, o milho, sem dúvida nenhuma, contribuem ao fornecimento de energia. Porém estudos e experimentos recentes descobriram uma nova fonte de energia, não convencional, superior em desempenho 78% às tradicionais e já incorporada ao produto Premihop uréia.

Já verificamos então que o perfeito equilíbrio entre o mineral, a uréia, o sal, o níquel, o potássio e energia são indispensáveis ao bom funcionamento da uréia e já temos portanto uma microflora reestabelecida, em condições de produzir proteína. Devemos lembrar então a importância do enxofre para a produção de aminoácidos sulfurados, que por sua vez entram na composição da molécula da proteína.

Por todas as razões expostas até agora é que nem sempre o fazendeiro, através de método caseiro de obtenção deste produto, consegue um bom desempenho do seu rebanho. Além disso, como não contém nenhum coadjuvante torna-se indispensável se fazer adaptação da microflora ruminal para evitar a intoxicação, perdendo-se um tempo precioso, pois até que a adaptação esteja concluída já decorreram 60 dias mais ou menos. Como a seca tem o período de 5 meses, é lógico imaginar que os animais não terão tempo hábil para tirar o melhor proveito da mistura. Além disso, o tipo de mão-de-obra, nem sem-

pre especializada, torna esta prática muito perigosa pois se sujeita a muitos erros de manipulação.

É freqüente depararmos com formulações onde se discute qual a porcentagem ideal da uréia a ser utilizada na mistura. Alertamos que isto não é fundamental, pois o importante mesmo é o quanto o animal está ingerindo e aproveitando deste produto.

Uma mistura mineral bem equilibrada, contendo digamos 30% de uréia, deve ser consumida em pelo menos 80 g/cabeça/dia (em média de período e de rebanho), só assim estaremos conseguindo fornecer quantidades equilibradas e ideais de sal, uréia, energia e mineral.

Temos portanto condições técnicas altamente satisfatórias para a utilização da uréia em nossas pastagens, porém é de um bom manejo que vai depender o sucesso ou insucesso deste produto, aguadas em boas condições, cochos em quantidades e localizações corretas, recolocação periódica do produto e a presença de macega, são condições indispensáveis para o início da utilização deste produto.

Devemos começar a usar a mistura na época da formação da sementeira e interromper quando a rebrota for total dos pastos.

O uso da uréia é obrigatório em nossas condições. Porém, chamamos à atenção que a uréia não é um fim, e sim um meio. Usar este produto, pura e aleatoriamente, pouco ou nada de benefício trará à nossa pecuária.

História da raça Guernsey

O veterinário Ivens Sathler conta a história que levou os ingleses a possuírem da raça Guernsey. De acordo com ele, a história remonta à 2.ª Guerra Mundial. Explica que a ilha de Guernsey tinha sido invadida pelos alemães. E lá, entre os bovinos de alto valor, estava a vaca mais famosa e valiosa pela sua pureza racial e produção da raça Guernsey — a Vênus de L'Abbey. Estava prestes a dar cria e geraria um produto de um touro igualmente excepcional. Os

(*) Os autores são zootecnistas.

REGISTRO

alemaes estavam bem informados da qualidade do animal e pretendiam apoderar-se daquele patrimônio de indiscutível valor, levando-o para a Alemanha. Porém, os ingleses também queriam o animal e numa ação rápida e inteligente conseguiram apoderar-se dele: um comando composto de homens arrojados e bem treinados chegou à ilha e aproveitando a escuridão da noite, iludindo guardas e sentinelas, conseguiu retirar a vaca. Em seu lugar, deixou um animal parecido, também amojando. Assim, os ingleses continuaram dominando a raça Guernsey no mundo.

Pesquisador da Embrapa assume a SBZ

O engenheiro-agrônomo Arthur da Silva Marante, pesquisador da área de melhoramento animal do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Zootecnia (SBZ). A solenidade de posse ocorreu no Centro de Convenções do balneário Camboriú, durante a 22.ª Reunião Anual da SBZ, realizada entre os dias 15 e 19 de julho, que contou com a presença do ministro da Agricultura, Pedro Simon e do presidente da Embrapa, Luiz Carlos Pinheiro Machado.

"Período de gestação em bovinos da raça Chianina no Estado de São Paulo"

Roberto Santos Azevedo

O presente trabalho foi realizado a partir dos dados encontrados na Associação Brasileira de Criadores de Chianina e conferidos com os arquivos das fazendas estudadas. As fazendas foram escolhidas dentre as que apresentavam maior organização no controle de dados. A fim de reduzir a margem de erro, foram desprezados os dados coletados na Associação que estavam em discrepância com os das fazendas.

Em seis fazendas, no Estado de São Paulo, foram levantados dados de 297 fêmeas (99 nacionais e 198 importadas), perfazendo um total de 768 períodos de gestação. Além dos grupos nacionais e importados, foram separados o sexo dos produtos e os partos gemelares de matrizes importadas. Os gêmeos de matrizes nacionais foram desprezados por só terem sido observados 03 casos, insuficientes para uma análise.

Foram obtidos os seguintes resultados para médias de períodos de gestação em dias: machos nacionais — 291,31 ± 3,66; fêmeas nacionais — 291,23 ± 2,44; machos importados — 292,30 ± 3,21; fêmeas importadas — 291,24 ± 3,24; gêmeos importados — 292,12 ± 3,53; machos nacionais e importados — 291,98 ± 3,42; fêmeas nacionais e importadas — 291,24 ± 2,95; machos e fêmeas nacionais — 291,27 ± 3,15; machos, fêmeas e gêmeos importados — 291,84 ± 3,22 e; média geral — 291,66 ± 3,19. A análise de variância não apresentou resultados significativos, quando se compararam os grupos segundo sexo e origem, confirmando VILLARES (1973).

As médias observadas no presente trabalho revelaram-se ligeiramente superiores às encontradas por VILLARES (1973), com elevações de 4,48, 3,11 e 3,89 dias, respectivamente para machos, fêmeas e total, independente da origem das matrizes. Por outro lado, encontrou-se um encurtamento no período de gestação, comparando-se com os dados da raça na Itália, segundo BORDI, PROTO & GATTI (1966) da ordem de 6,42, 6,26 e 6,04 dias, respectivamente para machos, fêmeas e total.

TABELA I

Número de fêmeas estudadas, de acordo com a nacionalidade no período de 1964 a 1977.

Discriminação	Número
Nacionais	99
Importados	198
TOTAL	297*

* Corresponde a — 31,00% das fêmeas registradas no Brasil, em idade de reprodução.

TABELA II

Estimativas de parâmetros, de acordo com o sexo dos produtos e a nacionalidade das fêmeas, no período de 1964 a 1977.

Discriminação	N.º de gestações	Média	Desvio padrão	Coefficiente de variação (%)	Erro padrão da média
Machos nacionais	132	291,31	10,68	3,66	0,92
Fêmeas nacionais	113	291,23	7,12	2,44	0,67
Machos importados	282	292,30	9,40	3,21	0,55
Fêmeas importadas	225	291,24	9,43	3,24	0,62
Gêmeos de importados	16	292,12	10,33	3,53	2,58
Machos nacionais e importados	414	291,98	9,97	3,42	0,49
Fêmeas nacionais e importadas	338	291,24	8,60	2,95	0,47
Machos e fêmeas nacionais	245	291,27	9,20	3,15	0,58
Machos, fêmeas e gêmeos importados	523	291,84	9,39	3,22	0,41
TOTAL GERAL	768	291,66	9,31	3,19	0,34

TABELA III

Comparação dos resultados obtidos na Itália e em São Paulo, com as respectivas diferenças.

Autores Discriminação	Santos		Bordi, Proto & Gatti (1966)		Diferença	
	N.º	Média	N.º	Média	N.º	Média
Machos	414	291,98	—	298,40	—	6,42
Fêmeas	338	291,24	—	297,50	—	6,26
TOTAL	768	291,66	—	297,70	—	6,04



Reprodutora Chianina e seus gêmeos.

TURBANTE J.O. - Gerações 1974/1975

DR. ARTUR PAGLIUSI GONZAGA
Criador em Getulina - SP

I — Explicações

Estudamos as sete progênes principais da Raça Mangalarga, derivadas de Colorado, o pilar da Raça no passado. De Colorado vieram, sucessivamente, Pensamento, Abaré e Gigante J.O., sendo este o moderno pilar da Raça.

Já publicamos, das sete pesquisas a serem feitas, cinco delas (Urucum J.O., Estádio J.O., Atleta J.O., Folião J.O. e Curio J.O.). Restam ser publicadas as progênes de Turbante J.O. e de Cocar J.O., dois irmãos próprios que têm se rivalizado pela alta qualidade de seus produtos.

Embora Cocar já tenha morrido e Turbante não, mantemo-nos fiel à disciplina de trabalho que nos impusemos a nós próprios e, assim, publicamos as pesquisas anteriores, e as futuras também, estritamente pela ordem de nascimento dos animais pesquisados.

E, chegou a hora do TURBANTE J.O., nascido em 23/12/69, registro 1849, alazão, 1,61 m de altura de cernelha, 1,88 m de perímetro torácico, 0,23 m de perímetro de canela, classificação ótima com 96 pontos de registro, tendo sido Campeão Potro em S.P.-72 e Reservado de Grande Campeão na mesma Exposição, e Campeão Cavalito em S.P.-73 e, desde que foi instituído o prêmio de Melhor Reprodutor do Ano pela ABCCR Mangalarga, Turbante J.O. tem ganho o prêmio, o que já ocorreu em 1982, 1983 e 1984.

Sua progênie é extensíssima e deverá aumentar ainda mais, pois está no auge de sua forma (esperando nós que seu proprietário, a Associação e o Ministério da Agricultura-CCCN tenham o bom senso de permitir coleta e armazenamento do sêmen dele, para que não se perca, pela burocracia, o grande semental moderno da Raça).

Tal a quantidade de filhos e filhas de Turbante J.O., que resolvemos dividir a publicação da pesquisa sobre ele, por anos de produção.

Assim, nesta publicação, cuidaremos apenas (dada a primeira monta de Turbante J.O. ter ocorrido em 1973, com nas-

cimentos em 1974) dos produtos nascidos em 1974 e 1975.

II — Turbante J.O. — Produção 1974 e 1975

Em 1974, nasceram seis machos e duas fêmeas; em 1975, nasceram cinco machos e oito fêmeas, com pencas de prêmios e ótimas produções.

III — Seus filhos de 1974

1) Pirão J.O., registro 3195, nascido em 1-9-74, alazão, 1,57 m e 1/2 de cernelha, classificação boa, filho de Tapioca, registro 5525 (sangue de Astuto e de Absintho), irmão próprio de Beijú J.O., propriedade do Espólio de Antônio Inácio Pupo, R.T.P.F./80, Reservado Campeão Potro em Bragança Paulista em 1977 e Campeão Cavalito em Piracicaba em 1981.

2) Armistício J.O., registro 2721, nascido em 2-10-74, alazão, 1,59 m de cernelha, classificação boa, filho de Moratória J.O., registro 6247 (sangue de Gigante J.O. e de Astuto), irmão-próprio de Trêgua J.O. e de Férias J.O., propriedade de Frederico Sampaio Edelweiss, Campeão Junior em Itapetinga-BA de 1975, Reservado Campeão Potro em Itapetinga-BA de 1976, Campeão da Raça em Ipiatuba-BA de 1977, Campeão e Grande Campeão da Raça em Vitória da Conquista-BA de 1979, Campeão e Grande Campeão da Raça em Ipiatuba-BA de 1981, Campeão e Grande Campeão da Raça em Jequié-BA de 1982, Campeão e Reservado de Grande Campeão da Raça em Salvador-BA de 1982, e Campeão e Grande Campeão da Raça em Recife-PE de 1983.

3) Rodeio T., registro 2822, nascido em 11-10-74, alazão tostado, 1,57 m de cernelha, classificação MUITO BOA, filho de Serenata, registro 4183 (sangue de Sul-americano e de Invasor) propriedade de Carlos André Valentim, Campeão Potro em São João da Boa Vista e Ourinhos de 1976, com 1,82 m de p. torácico e 0,19 m de p. canela.

4) JK-JB, registro 2962, nascido em 29-



TURBANTE JO

10-74, preto, 1,53 m de cernelha, classificação boa, filho de Carioca, registro 6.000 (sangue de Sargento e de Sertão), propriedade de Urbano de Andrade Junqueira-MG, Campeão Potro em Caxambu-MG.

5) Ogum J.O., registro 2962, nascido em 13-11-74, alazão, 1,55 m de cernelha, classificação boa, filho de Argila J.O., registro 5022 (sangue de Astuto e de Pensamento), propriedade de Olinto Marques de Paula, irmão próprio de Bauxita, de Turbo e de Ardísia, 1.º Prêmio Potro em São João da Boa Vista em 1977, tendo MORRIDO em 1977, durante a Exposição de Belo Horizonte-MG.

6) SABRE J.O., registro 3666, nascido em 6-12-74, alazão tostado, 1,54 m de cernelha, classificação MUITO BOA, filho de Gazela J.O., registro 6105 (sangue de Chapéu J.O. e de Pensamento), propriedade de Armando Bueno dos Santos, irmão próprio de Adonis, Belo, Branca e Corsa J.O., Reservado Campeão Cavalito em Ourinhos de 1982 e CAMPEÃO CAVALO NACIONAL SENIOR DE BAURÃO de 1982.

IV — Suas filhas de 1974

1) Pavana J.O., registro 8314, nascida em 1-10-74, alazã, 1,55 m de cernelha, classificação boa, filha de DANÇA J.O., registro 5572 (sangue de PALADINO e de Pensamento), propriedade de Grano Agropastoril Ltda., irmã própria de Pagode J.O., 1.º Prêmio Potra em S.P.-76, com

quatro produtos inscritos no Stud Book, até 1984 (Havana CEF, Ichô CEF, Fatura HM e Gorro HM).

2) **TASCA J.O.**, registro 9304, nascida em 28-10-74, alazã fúlvica, 1,56 m de cernelha, classificação **ÓTIMA**, filha de Bauru, registro 6158 (sangue de Astuto e de Absintha), propriedade de José Oswaldo Junqueira, irmã própria de Jambalaia, Campeã Potra em São João da Boa Vista de 1977, Campeã Egua em Bauru de 1978, Campeã Egua de São João da Boa Vista em 1979, Campeã Egua em Mococa de 1979, Campeã Egua em Ourinhos de 1979 e **CAMPEÃ NACIONAL EGUA DE BAURU DE 1982**, com três produtos inscritos no Stud Book até 1984 (Pensamento J.O., Trunfo J.O. e Apurado J.O.).



PAGODE JO

V — Seus filhos de 1975

1) **Capacete J.O.**, registro 2667, nascida em 24-8-75, alazã, 1,55 m de cernelha, classificação **MUITO BOA**, com mãe de sangue de Absintha, propriedade de José Eduardo Kuntgen, Campeão Cavalista em São José do Rio Preto de 1978, Campeão Cavalista de Avaré de 1978, Campeão Cavalista de Bragança Paulista de 1979 e Campeão Cavalista de Bauru de 1979, irmão próprio de Figurino J.O.

2) **Beijú J.O.**, registro 3608, nascida em 12-9-75, alazã, 1,57 m de cernelha, classificação **MUITO BOA**, irmão próprio de Pirão J.O., propriedade de Jerônimo Martin Neto, 1,84 m dep. torácico e 0,20 m e 1/2 de p. canela, Campeão Cavalista em Caxambu de 1980 e Campeão Cavalista de Bauru e de Bragança Paulista de 1981.

3) **PAGODE J.O.**, registro 3586, nascida em 12-9-75, alazã tostada, 1,59 m de cernelha, classificação **MUITO BOA**, irmão próprio de Pavana J.O., 1,80 m de p. torácico e 0,20 de p. canela, propriedade do Haras Alô Brasil, **CAMPEÃO CAVALISTA NA NACIONAL DO MANGALARGA DE 1981**.

4) **Ebano J.O.**, registro 2925, nascida em 15-11-75, zaino, 1,58 m de cernelha, classificação **boa**, filho de Penumbra J.O., registro 5573, (sangue de Pensamento e de Absintha) 1,58 m de p. torácico e 0,19 m e 1/2 de p. canela, irmão próprio de Parâmetro J.O., Campeão Potro Nacional em Salvador-BA de 78, tendo **MORRIDO** em 1979.

5) **KIBOM J.O.**, registro 3571, nascida em 20-11-75, alazã tostada, 1,57 m de cernelha 1,84 m de p. torácico e 0,19 de p. canela, classificação **MUITO BOA**, irmã



SABRE JO

própria de Figurino J.O. e de Q'Boa J.O., filho de Baioneta, registro 7044 (sangue de Astuto e de Absintha), propriedade de Jafer Felício Jorge-PR, Campeão Cavalista em Paranavai e em Londrina de 1979 e de Paranavai de 1981.

VI — Suas filhas de 1975

1) **Faxineira J.O.**, registro 8945, nascida em 19-8-75, alazã tostada, 1,59 m de cernelha, classificação **boa**, filha de Faxina, registro 1551 (sangue de Astuto e de Padredo), irmã própria de Capuz de Avaré, Chris J.O. e Noz Moscada J.O., com cinco crias inscritas no Stud Book até 1984 (Humor CEF, Isca CEF, Lançador CEF, Demeter Daimar e Medéia Daimar), propriedade de Marco Antônio Pádua.

2) **Trégua JO**, registro 9362, nascida em 17-9-75, alazã tostada, 1,59 m de cernelha, classificação **boa**, irmã própria de Armistício J.O., propriedade de Roberto Prado Kujawsky, 1.º Prêmio Potra em Bauru de 1977, com seis crias no Stud Book até 1984 (Grito RS, Herói RS, Iemanjá RS, Limoeiro RS, Afetiva RK e Bonifácio RK).

3) **Fantasia AC**, registro 8693, nascida em 10-10-75, alazã tostada, 1,52 m de cernelha, classificação **boa**, filha de Adocada, registro 4663 (sangue de Astuto e de Sul-americano), propriedade de Vida Vale Inhambupe, com quatro crias no Stud Book até 1984 (Mard Greta, Apolo V. Inhambupe, Atriz V. Inhambupe e Fantástico V. Inhambupe).

4) **Bauxita II MJ**, registro 9066, nascida em 21-10-75, alazã tostada, 1,55 m de



TASCA JO

cernelha, classificação **boa**, irmã própria de Ogum J.O., Ardisia e Turbo, propriedade de Nelson Frota e outro, com cinco crias no Stud Book até 1984 (Batre MJ, Boldrie MJ, Blainy MJ, Burkan MJ e Aluminio NF).

5) **Jandaia RC**, registro 9600, nascida em 10-11-75, alazã, 1,56 m de cernelha,



KIBOM JO

classificação **MUITO BOA**, filha de Yapi- ra, registro 6155 (sangue de Astuto e de Absintha), propriedade de Francisco Carlos de Lúcia, com uma cria inscrita no Stud Book até 1984 (Jamaica da Alvorada).

6) **Jambalaia RC**, registro 9591, nascida em 15-12-75, alazã tostada, 1,58 m de cernelha, classificação **MUITO BOA**, irmã própria de Tasca J.O., propriedade de Rubens Corsi, nenhuma cria inscrita no Stud Book, até 1984.

7) **Garoa JA**, registro 9382, nascida em 19-12-75, pampa de preto, 1,54 m de cernelha, classificação **boa**, filha de Balalaia, registro 6669 (sangue de Gigante e de Capitel), propriedade de Irmãos Atalla, com duas crias inscritas no Stud Book até 1984 (Karani JA e Marquesa JA).

8) **Corsa J.O.**, registro 10.017, nascida em 29-12-75, alazã, 1,53 m de cernelha, irmã própria de Sabre JO, Adonis JO, Belo JO e Branca JO, propriedade do Haras Barretos, com quatro crias inscritas no Stud Book até 1984 (Jequietmar HB, Ilusão HB, Lafit HB e Mateira HB).

VII — Conclusão

Considerando-se os 21 produtos de Turbante J.O., nascido em 1974 e 1975, temos: a) média de altura de cernelha dos machos (= 1,56 m e 1/2) e das fêmeas (= 1,56 m); b) porcentagem de classificação zootécnica para os machos (= 54,5% Muito Bons, e 45,5% Bons) e para as fêmeas (= 10% Ótima, 20% Muito Boas e 70% Boas).

Esses 21 produtos conquistaram 30 Campeonatos Regionais, um Campeonato Nacional da ABCRRM (SP-81-Pagode JO) e dos Campeonatos Nacionais da CCCCN (Bauru: 82 — Sabre JO e Tasca JO).

Assim, desde as duas primeiras gerações, Turbante J.O. já se mostrou dos melhores reprodutores da Raça Mangalarga, o verdadeiro cavalo de sela nacional.

A VALORIZAÇÃO DO MANGALARGA MARCHADOR

Confirmando o **slogan** da Associação do Mangalarga Marchador — o Cavalinho sem Fronteiras —, dia 1.º de junho de 1985 houve o II LEILÃO R.B., na Fazenda das Colinas, município de São Lourenço, MG.

Presentes criadores de praticamente todos os Estados, viu-se acirrada disputa a cada animal que se oferecia. E o resultado só poderia ser a apoteose de uma raça brasileira.

Abaixo um quadro demonstrativo do movimento de leilões de várias raças realizados a partir daquela data, em que se verifica que o Mangalarga Marchador passou com o II LEILÃO R.B. a liderar as estatísticas de todas as raças no tocante a valores de comercialização.

II.º LEILÃO R.B.	— 01.06.85 —	56 animais registrados —	40.982.000
25.º Leilão do PSA	— 06.06.85 —		— 38.824.000
Anglo-Árabe NA	— 01.06.85 —		— 25.902.000
7.º Mangalargão	— 25 a 30/06.85 —		— 28.076.923
19.º Oficial Manga.	— 01/02.6.85 —		— 7.863.000
2.º Mangalarga 53	— 16.06.85 —		— 10.574.000
1.º QM da Estância	— 22.06.85 —		— 33.722.000
Leilão Cadillac (MM)	— 27.07.85 —		— 27.000.000

Estão de parabéns todos os criadores do
brasileiríssimo MANGALARGA MARCHADOR.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO

CAVALO MANGALARGA MARCHADOR

IV Exposição: bons negócios e muitos prêmios marcam o encontro dos criadores em Minas.

UMA NOVA
COMUNIDADE

A IV Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador será realizada de 07 a 15 de setembro, em Belo Horizonte, no Parque de Exposições Bolívar de Andrade, sob o patrocínio da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador e apoio dos Diários e Emissoras Associados, Ministério da Agricultura/Governo da Minas, Secretaria de Agricultura/MG e Prefeitura Municipal, entre outros.

O objetivo principal do evento é a divulgação da raça Mangalarga Marchador, mas um acontecimento dessa amplitude abrange vários aspectos, segundo o vice-presidente da Associação, Sérgio Araújo: "A Exposição reúne a alta linhagem do Mangalarga Marchador, propiciando o desenvolvimento do cavalo, aprimoramento da raça e divulgação das reais qualidades desse animal. O conagração entre criadores, expositores e visitantes de todo o País, é também um incentivo, principalmente aos jovens, para uma prática de vida saudável, utilizando o Mangalarga Marchador, não só para os serviços, mas também no esporte e no lazer".

A infra-estrutura que a Associação criou inclui um convênio com a Varig/Cruzeiro para fornecimento de passagens — a custo reduzido — aos visitantes e expositores. Foi firmado também um convênio com o Real Palace Hotel para hospedagem dos participantes do evento, em condições especiais. A Localiza vai colocar seus carros à disposição, nos aeroportos, hotéis e nas agências, com taxas reduzidas, além de um esquema para anfitrião os participantes nesses locais, através de um grupo de recepcionistas.

A Nacional Turismo estuda uma programação turística para os associados interessados, com visitas às cidades históricas de Minas mais próximas de Belo Horizonte e principais pontos turísticos da região. Está prevista ainda uma visita às confecções de moda da capital que farão na ocasião o lançamento de suas coleções primavera-verão.

Estarão funcionando diariamente no Parque de Exposições Bolívar de Andrade dois restaurantes, de manhã à noite, com o tradicional churrasco e os famo-

sos pratos típicos mineiros. A pista de aquecimento dos animais que vão participar do evento será montada nos fundos do Parque, e as baias vão ser distribuídas antecipadamente. Na própria fazenda o criador tomará conhecimento do local de alojamento de seu animal. O forrageamento para os cavalos está sendo objeto de cuidados por parte da Associação que realiza um trabalho cuidadoso na composição da infra-estrutura para a IV Exposição Nacional do Mangalarga Marchador.

ATRAÇÕES

Durante a IV Exposição Nacional acontecerá o encerramento do I Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais do Mangalarga Marchador. Na VI e última etapa — uma prova de obstáculos com três modalidades, incluindo cross e maneabilidade — será conhecido o vencedor do Campeonato. A premiação será uma surpresa para os concorrentes que ainda estão no páreo, prestigiando a competição e aguardando com muita expecta-

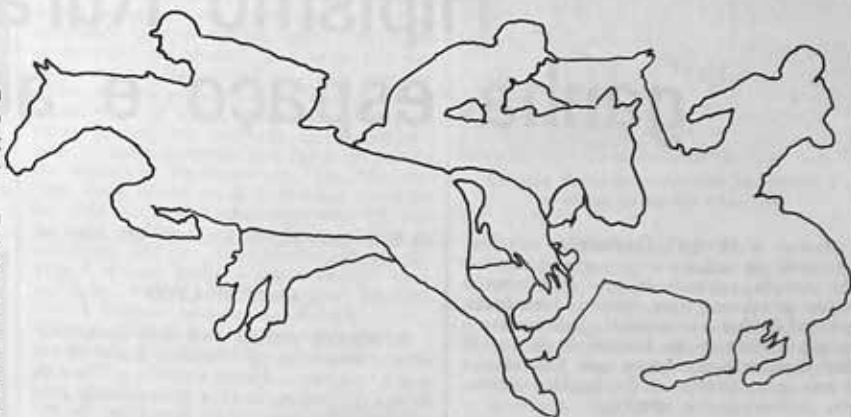
tiva os resultados. No sábado, dia 14, uma novidade para o público: infant-juvenil até os 14 anos: um Campeonato especial de provas funcionais.

Um stand de 300 metros será construído para receber os associados, criadores e visitantes da exposição, em ponto privilegiado, perto da pista central do Parque de Exposições. Com poltronas, água mineral, folhetos ilustrativos, a obra foi projetada para acolher os participantes em um ambiente de conforto nos momentos de descanso. Uma atração diferente será o lançamento da Boutique do Mangalarga Marchador, ao lado do stand, onde estarão sendo vendidas toalhas de praia, camisetas, bonés, chaveiros, blusões e outras lembranças da IV Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador.

Fazem parte do programa da Exposição dois grandes leilões de elite, com a venda de animais de alto nível zootécnico, em condições de servir a qualquer criatório nacional. Já estão inscritos para os leilões vários cavalos premiados e campeões da raça Mangalarga Marchador. A Associação enviará para seus associados mais de 200 mil malas diretas, contendo dados sobre os leilões e demais informações.

CONCURSO DE MARCHA

Um dos pontos principais da exposição é o Concurso de Marcha, que acontece paralelamente ao evento, no próprio Parque. O Concurso é em nível nacional, incluindo duas categorias — Júnior e Sênior — com fases seletivas e classificatórias, para a escolha de quatro campeões e respectivos reservados. Além dos prêmios de praxe — taças, troféus, medalhas — os proprietários dos primeiros colocados do Concurso receberão o prêmio máximo da Exposição, oferecido



pelo jornal "Estado de Minas": uma viagem pelo território nacional e também pelo exterior. Para os proprietários dos animais reservados, estadia de uma semana no Hotel Glória de Camambú/MG.

Para a diretoria da Associação, o Concurso representa o elo da exposição, justificando essa ênfase "por ser a marcha o ponto forte do Mangalarga Marchador, única raça onde predominam a comodidade, resistência e estilo, que serão medidos nesse Concurso". A explicação para o apuro da marcha encontra-se no histórico do cavalo, em suas características, angulação dos membros, porte, originários do cruzamento da raça Alter com as éguas crioulas, na época do Barão de Alfenas. "Hoje nós podemos dizer que o Mangalarga Marchador é a maior raça de equinos no Brasil" assegura Sérgio Araújo.

Rodeios, shows de cantores e artistas famosos, músicas "country" e sertaneja ao vivo e um parque de diversões para crianças formam as atrações da IV Exposição. Um famoso grupo humorístico infantil foi convidado para se apresentar na ocasião.

REGULAMENTO

Várias modificações no regulamento da exposição foram feitas a fim de incentivar, diversi-

ficar e premiar os expositores. Nas exposições passadas havia apenas cinco Campeonatos dentro das 14 categorias, premiando-se até o terceiro lugar. Eram contemplados ainda o melhor criador, melhor expositor e melhor conjunto Progenie de Pai e de Mãe.

A Comissão Organizadora da IV Exposição e a diretoria da Associação instituíram para este ano as seguintes premiações: 07 (sete) Campeonatos e seus respectivos reservados; 22 categorias premiadas até o 5º lugar, mais 3 menções honrosas; 3 melhores criadores e expositores; Progenie de Pai (Júnior e Sênior) até o 3º lugar; Progenie de Mãe até o 3º colocado. Foram introduzidos os prêmios para melhor peão (1º e 2º lugares); tratador mais antigo com o mesmo padrão (1º e 2º lugares); e criatório melhor apresentado (1º e 2º lugares).

A expectativa dos organizadores é de que cerca de 600 animais compareçam para a Exposição, leilões e provas. A visitação prevista é em torno de 10 a 20 mil criadores, de todos os Estados do País.

Hipismo Rural ganha espaço e adeptos

Juntar a "tropa" (homens e cavalos) no final de semana e percorrer canaviais da fazenda, saltando troncos e circulando entre as árvores para testar a resistência, manobrabilidade, mansidão, habilidade e grande esportividade do homem e do cavalo foi uma prática comum nas fazendas e haras principalmente do interior paulista, durante muito tempo.

Há cerca de uns 12 anos, numa dessas fazendas, em Mococa, um grupo de pessoas que se reunia para fazer esse tipo de atividade resolveu convidar mais pessoas ainda e estabelecer certas metas, ou regulamento, para que todos pudessem disputar em pé de igualdade desse tipo de lazer à cavalo. Começou a nascer um esporte que posteriormente foi "batizado" de "Hipismo Rural".

Quando o envolvimento do pessoal já era grande, os criadores de cavalos Árabes começaram a participar mais ativamente e em maior número. A ideia de se formalizar um esporte com regulamento próprio e a nível oficial se tornou realidade na Associação dessa raça.

Reuniram-se os entusiastas e aficionados do "hipismo rural", ou "hipismo do campo" e nasceu o Campeonato do Cavalo Árabe. Nos fins de semana a estância de Campos do Jordão-SP começou a receber cavaleiros e amazonas para as provas de resistência que aconteciam sempre em percursos difíceis, por entre o bonito cenário de pinheiros. As exigências da prova aqueciam o frio cortante daquela região montanhosa. Quando a prova terminava os cavaleiros partiam rumo ao cross, ou corta-mato; ao steeple-chase, ou corrida com obstáculos; e a prova de picadeiro. Nascia, definitivamente, as bases do que seria um dos esportes mais dinâmicos do momento: o hipismo rural.

Desse grupo de cavaleiros que participavam do Campeonato Árabe, alguns proprietários resolveram fundar uma associação onde se centralizasse os cavaleiros do hipismo rural, independentemente de raças. Assim, em 82, nasceu a ABHIR — Associação Brasileira dos Cavaleiros de Hipismo Rural, com a finalidade de organizar, promover, patrocinar, orientar e regulamentar tudo para que o hipismo rural se desenvolvesse em todo o país.

A ABHIR, com características próprias, provas bem definidas, tem buscado a cada dia aprimorar o regulamento afim de propiciar a seus associados, hoje em n.º

de 500, mais atividades, com um bom nível técnico.

CAMPEONATOS

A ABHIR realiza hoje três campeonatos: o Brasileiro de Hipismo Rural já em sua 3.ª versão, o Horse Cross e a Copa de Rédea, ambos realizados oficialmente pela 1.ª vez. O Campeonato Brasileiro de Hipismo Rural, disputado este ano em seis etapas, é constituído de 4 provas básicas: resistência, steeple-chase, Picadeiro e Cross, que objetivam simular condições idênticas às vividas no campo, na lida diária, onde o animal tem condições de mostrar seu preparo e provar diante de situações diversas, sua coragem, rapidez e docilidade. A prova de Resistência consiste de percurso pré-determinado, através de campos ou quaisquer caminhos com ou sem obstáculos. A distância pode variar entre 5 e 30 mil metros, o tempo normalmente é de 350 m/min. Nessa prova não há bonificação para quem termina o percurso abaixo do tempo estipulado, porém, sofre penalização quem chega acima do tempo concedido. Steeple-chase ou corrida com obstáculos, também realizada com percurso pré-determinado, distância entre 500 e 3.000 m. Há um tempo máximo e um mínimo para a realização do percurso, onde o concorrente receberá um ponto positivo para cada segundo abaixo do tempo máximo, mas nenhum por terminar abaixo do tempo mínimo. Prova de Cross. Essa prova se realiza para as categorias Força Livre, Performance e prévias. Com obstáculos fixos, percurso pré-determinado, visa testar a funcionalidade do cavalo no campo, mostrando sua coragem e firmeza frente a obstáculos naturais, e a de-



Gilzinho Mario Rossetti, equipe Pernambucana

envolver velocidade em terreno acidentado. A prova de Picadeiro, destinada a todas as categorias, é realizada em percurso pré-determinado, obstáculos montados, baliza, tambor, recuo e saltos, onde o animal pode mostrar suas características de flexibilidade, energia e obediência, demonstrando sua docilidade em relação ao cavaleiro, atendendo prontamente ao seu comando. As quatro provas reunidas numa etapa de campeonato, realizadas em apenas dois dias, acumulando todos esses esforços, fará sobressair ao final um conjunto completo: cavaleiro/cavalo.

O Campeonato Horse e Cross, realizado em quatro etapas, tem por objetivo lembrar as dificuldades e percalços de uma autêntica caçada. Com obstáculos os mais naturais possíveis, onde travessias de brejos, águas serão uma constante, e os obstáculos com altura máxima de 1 m.

O Campeonato Copa de Rédea, também disputado em quatro etapas simultaneamente ao Campeonato Horse Cross, tem quatro modalidades diferentes, sendo: simultânea de 5 tambores com salto; simultânea de baliza e obstáculos — perseguição; simultânea de picadeiro e simultânea de baliza com obstáculos, disputadas sempre por dois cavaleiros. Esse campeonato classificará os 20 melhores conjuntos que irão participar nos eventos comemorativos de Esteio, no Rio Grande do Sul, em setembro próximo, onde acontece a maior Feira Agropecuária da América Latina.

Os conjuntos classificados terão uma ajuda de custo da própria ABHIR, como incentivo pelo bom nível técnico alcançado e, efetiva participação dentro dos campeonatos.



Matheus Bannwart, o mais jovem cavaleiro do hipismo rural. É da equipe Pernambucana.

MIRIM E MINI-MIRINS

A ABHIR não incentiva apenas adultos dentro do hipismo rural. Com muito carinho, a criançada conquistou também o seu espaço e tem competido em pé de igualdade com o adulto, quer a nível de competição ou técnica, e a cada dia torna-se mais difícil vencê-los. São considerados Mirins os cavaleiros com a idade entre 9 e 12 anos, sendo facultativo a esses jovens, no ano em que completarem 12 anos, optarem por fazer as provas da categoria Performance. Os Mini-mirins, com idade de 5 a 9 anos, também no ano em que completam seu 9.º aniversário podem optar por fazer provas da categoria Mirim. O trabalho desses jovens é levado muito a sério: estudo, brincadeiras, treino, faz parte do dia-a-dia desses futuros grandes cavaleiros.

Com a finalidade de se organizarem e manterem um nível de informação igual



Henrique Caran Seibel — Equipe Chemitec.

ao dos pais e centralizar os mesmos, resolveram criar a AFICAR — Associação dos Filhos dos Cavaleiros de Hipismo Rural. Eleitos os membros que comporiam a primeira gestão, arregaçaram as mangas e foram à luta.

Para Nesinho Alipertti, cavaleiro consagrado, ex-técnico da Abhir e atual juiz de provas, a criançada só terá sucesso se se investir nelas desde pequena idade, ou seja, colocá-la em contato com as provas, fazer nascer interesse pela competição. A medida em que se vai estimulado o gosto e aprimorando a técnica no esporte que ela pratica, esse trabalho fará com que no futuro haja um bom número de cavaleiros e amazonas em condições de competirem em provas similares a nível internacional.



Olimpio Rossetti, presidente da ABHIR e cavaleiro da equipe Chemitec.

PATROCINADORES

Um dos grandes trunfos do hipismo rural foi em relação ao patrocínio. Inicialmente patrocinando provas ou eventos inteiros, pequenas, médias e grandes empresas, ligadas ou não à área rural passaram a ter seus nomes em mantas, bonés, camisetas, culotes etc. Nascia o apoio e a aprovação do meio empresarial a um esporte que desde o berço foi marcado por seu dinamismo e espírito democrático: participam todos os amantes do cavalo; o aprendizado de pista vai acontecendo na medida em que cavaleiros e amazonas intensificam sua participação. Hoje, na ABHIR, onde cerca de 200 cavaleiros participam das provas organizadas pela Associação, existem 25 equipes patrocinadas já formadas, em crescimento considerável em se tratando de um esporte jovem e uma Associação de apenas 2 anos e meio.

Prossegue Copa Itaú de Hipismo Rural

Prosseguiu, nos dias 3 e 4 de agosto, a IV Etapa do Campeonato Brasileiro de Hipismo Rural — Copa Itaú — em Alfenas, na Fazenda Monte Alegre e Cidade Monte Belo, que pertence a Gustavo Abel de Lemos Vieira e irmãos. No mês de agosto, ocorrem mais duas provas de Hipismo Rural (ABHIR). Nos dias 10 e 11, ocorreu a Prova Regional, em Ribeirão Preto, durante a Feapam. No dia 11, a Abhir promoveu o 1.º Torneio Estadual de Hipismo Rural em Piracununga, no Cizip.

NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S

Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite, desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157

Cx. Postal 405 — PENÁPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçam-nos grátis prospecto com fórmula e planta de piquete para confinamento de 100 animais com cocho para volumoso e bebedouro.

O berço da marca "F"

125 ANOS
DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DAS RAÇAS
MANGALARGA MARCHADOR,
CAMPOLINA,
PONEY PIQUIRA E
JUMENTO PEGA

A marca "F" significa
agilidade, comodidade
beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO
DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDEMOS
REPRODUTORES BUBALINOS JAFFARABADI E
MURRAH, CAPRINOS TOGGENBURG, OVINOS
DESLANADOS SANTA INEZ, SUINOS PIAU E
PASSA TEMPO E CANINOS FILA BRASILEIRO
TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passa Tempo - MG



Sereno, da raça Mangalarga e com 20 anos continua em grande forma
nas provas hípias. Montado por Ricardo de Almeida Moura, da
Fazenda São Sebastião, Areias.

Areias, SP, promoveu Torneio e Prova de Hipismo Rural

Situado no extremo Norte do Estado de São Paulo, já próximo à divisa do Estado do Rio de Janeiro, e importante bacia leiteira paulista, o município de Areias promoveu de 25 a 28 de julho o 1.º Torneio Leiteiro, que contou com a participação dos criadores da região. No dia 28, ocorreu, ainda, a 1.ª Prova de Hipismo Rural de Areias.

No Torneio Leiteiro, a classificação geral apontou as seguintes colocações: Categoria A (três ordenhas), 1.º lugar, a vaca Jangada, do criador João da Silva Carvalho, da Fazenda Regato, de Queluz, SP, com 108,390 kg; 2.º lugar, Amanda, do mesmo proprietário, com 105,260 kg; 3.º lugar, Valadares, de Avelino Antunes, Fazenda São Miguel, de Areias, com 100,760 kg; 4.º lugar, Vanda, de João da Silva Carvalho, com 100,4 kg; 5.º lugar, Mancinha, de Nilton Pinto Costa, da Fazenda Subquadra, de Areias, com 89,780 kg; 6.º lugar, Curitiba, de José Aurélio M. F. Leite, Fazenda Boa Vista, Areias, com 88,630 kg; 7.º lugar, Ciranda, de Gandyr Zeraick, da Fazenda Morada do Sol, de Areias, SP, com 85,710 kg e 8.º lugar, Andréia, de Getúlio Ferreira Leite, da Fazenda Boa Vista, de Areias, com 83,180 kg.

Na Categoria B (6 dentes), a campeã foi Lembrança, de Nilton Pinto Costa, da Fazenda Subquadra, de Areias, com

62,130 kg. Na Categoria C (4 dentes), a campeã foi Bela Vista, de Avelino Antunes, da Fazenda São Miguel, de Areias, com 54,520 kg. Na Categoria D (2 dentes), a campeã foi Prestação, de Avelino Antunes, da Fazenda São Miguel, de Areias, com 86,940 kg. E na Categoria E (Curralheira), em 2 ordenhas, a campeã foi Última Hora, de José Zeraick, do Sítio Rancho Alegre, de Areias, com 69,750 kg e a vice-campeã, Florista, de Sebastião de Souza Serafim, da Fazenda Santa Rosa, de São José dos Barreiros, com 68,800 kg.

HIPISMO RURAL

Na 1.ª Prova de Hipismo Rural de Areias, a classificação geral foi a seguinte: 1.º lugar, Foguete, de Milton Soares Martinelli, da Fazenda Santa Terezinha, de Areias; 2.º, Arizante, de José Aurélio M. F. Leite, da Fazenda Boa Vista, de Areias; 3.º lugar, Sereno, de Ricardo Almeida Moura, da Fazenda São Sebastião, de Areias e em 4.º e 5.º, Apolo e Loira, ambos de Avelino Antunes, da Fazenda São Miguel, de Areias.

Os dois eventos foram promovidos pelo Sindicato Rural e Prefeitura de Areias. Participaram da organização o médico-veterinário Carlos José Zercuck, Celso Guimarães Rodrigues, Sebastião de Souza Serafim, José Aurélio M. F. Leite e Francisco Rodrigues Neto. Um dos mais entusiasmados com o evento e satisfeito com o sucesso das duas promoções, Rodrigues Neto, secretário do Sindicato Rural, que promete, para o próximo ano, dar uma grande projeção ao evento.

CATERPILLAR USA MATEMÁTICA PARA FALAR PORTUGUÊS CLARO.

Estamos falando de matemática financeira, a que mais interessa para quem investe num trator.

Aí a Caterpillar toma a palavra para falar do aproveitamento da potência. Cada vez mais importante devido ao preço do combustível.

Como se sabe, apenas uma parte da potência no volante do motor é utilizada como trabalho útil — através do implemento engatado na barra de tração.

Para começar, na transmissão, as perdas nos tratores de rodas podem chegar a 14%, enquanto que nos de esteiras, equipados com transmissão direta de engrenagens deslizantes, a perda é de, no máximo, 12%.

As bombas hidráulicas que acionam os implementos consomem aproximadamente a mesma potência em ambos os tipos de tratores, até 4%.

E mais. Nos tratores de rodas, a média de perda de potência, devido à patinação, resistência ao rolamento e atrito com

o solo, é muito alta, cerca de 35%, mesmo considerando os vários tipos de pneus e lastragens empregados. Nos tratores de esteiras, devido à sua maior capacidade de tração, as perdas relativas à patinação e atritos dos componentes das esteiras não passam de 8%.

Por aí já dá para perceber que o aproveitamento da potência do motor num trator de esteiras é muito superior.

Agora, é só uma questão de soma.

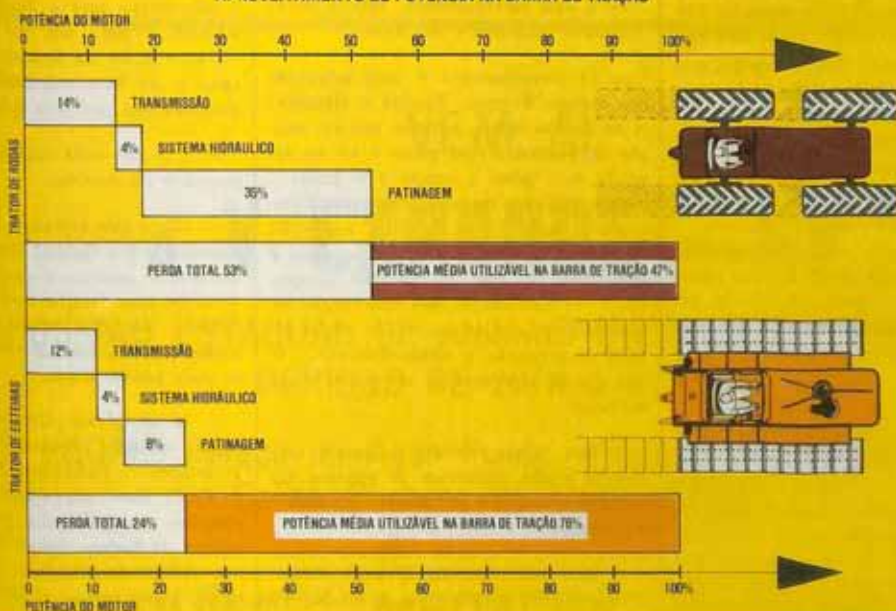
As perdas de potência desde o volante do motor até a barra de tração de um trator de rodas são, em média, de 53%, enquanto que, no trator de esteiras, a soma das perdas fica em torno de 24%.

Exemplificando, o D4E SA tem disponível 74 HP na barra de tração para uma potência no volante de 97 HP (uma perda de 24%). Um trator de rodas com os mesmos 74 HP na barra de tração deverá ter uma potência no volante do motor em torno de 140 HP (devido às perdas de 53%), muito superior à do trator de esteiras, porém sem o mesmo aproveitamento.

Toda essa matemática concorre para diminuir os custos de produção através de um menor consumo de combustível e, conseqüentemente, com menor custo por hectare preparado.

Ainda existe um último número muito importante. A Caterpillar tem 80 anos de tradição na agricultura. Para aumentar o seu lucro todos os dias.

APROVEITAMENTO DE POTÊNCIA NA BARRA DE TRACÇÃO



TRATORES DE ESTEIRAS: A OPÇÃO AGRÍCOLA MATEMATICAMENTE CORRETA.



CATERPILLAR

Seu investimento em valor

As empresas da Sudene e o que representam no Norte de Minas

FRANCISCO TEATINI

— Olha! me interpelou o Zé Antônio — "Eu li no jornal que a Calnorte Pecuária S.A. é um dos poucos projetos aprovados pela Sudene que vem obtendo lucro com capacidade produtiva. O jornal diz que dos 253 projetos na Sudene, somente 19 projetos estão produzindo e que somente seis conseguiram superar as metas iniciais, sendo que vocês estão incluídos nessas últimas. Como é que vocês fizeram?"

— Foi trabalhando duro e seguro, economizando, adaptando experiências que adquirimos em outras fazendas. Talvez — falei — tenha sido porque trabalhamos um pouco diferente.

— Mas o que vocês têm feito nestes anos? Insistiu o Zé Antônio.

— Vou lhe contar: Muitas empresas no afã de formar rapidamente as suas pastagens, derrubaram o mato, destocaram, colocaram fogo e plantaram tudo em dois ou três anos. Foram anos difíceis, anos de estresse, não conseguiram formar. A verdade é que a falta de experiência e a preocupação em executar o projeto a ferro e a fogo levou muitos ao fracasso.

— Conosco foi diferente. Formamos pouco a pouco, com técnicas simples, porém adequando as gramíneas de acordo com o solo, sem contrariarmos o clima com as novas variedades e com sistema de formação. Estudando... Estudando!

— Adotamos diversos critérios, por exemplo: formamos pastagens em terras boas com gramíneas mais apropriadas — Colonião, guiné, green-panic, buffel, etc. Nas terras duvidosas nós variamos com humidicola, decumbens, andropogon, atualizando sempre. Chegamos a atrasar o nosso programa, mas sempre alicerçado em pesquisas. Sempre trabalhamos em convênios com o EPAMIO e EMBRAPA, seguindo os melhores caminhos.

— O que mais vocês fizeram? — Insistiu novamente o Zé Antônio.

— Bom!... Para formar as pastagens, primeiramente retiramos da mata a madeira de serraria, de cerca, utilizamos o carvão e fazemos carvão, depois formamos a pastagem e, anos depois da pastagem formada, ainda aproveitamos os tocos apodrecidos para fazer carvão.

— E este carvoejamento, vale a pena? Tornou a perguntar o Zé Antônio.

— O carvoejamento é uma atividade que sempre tivemos. Facilita o transporte de muitas coisas, permite melhor seleção de pessoal e você passa a ter na fazenda mais gente a tempo e a hora... para um plantio na hora certa, para batelagem de pastagem, etc... Olha, a seleção de pessoal dentro das próprias fazendas é importante — que dá trabalho sempre dá... — Mas sempre nos deu resultados mais seguros para estruturar os vários setores de produção e administrativa... O que nos dá segurança de um pouco mais de lucro.

— Mas, outros também adotaram este sistema e não obtiveram os mesmos resultados alcançados por vocês — falou o Zé Antônio.

— Bom nós tínhamos diversas coisas. No projeto nós selecionamos a raça Nelore aprimorado e sofisticado, pois já tínhamos experiências antigas e tradicionais, e nisso levamos vantagem. Vai lá para ver que a nossa seleção é das melhores. Temos sempre touros e temos mercado. Paralelo à monta natural de nossos touros, ainda temos inseminação com sêmen dos melhores touros reprodutores no plano nacional.

Veja Zé, sempre produzimos leite... Sim senhor! Vendemos leite para a Niterói... Criamos linhas de leite... Dá trabalho... Mas uma linha de leite é sempre bom.

Veja outro exemplo: na semana passada estive com o Dr. Nelson Seiffert que é um agrônomo especializado — pesquisador da EMBRAPA — em forrageiras. Foram 6 dias de estudos, correção, modificação, novas idéias, melhorando uma coisa e outra... E esta não foi a primeira ou segunda vez que ele nos assessorou. Isto é importante para o Brasil, para a EMBRAPA e para nós que vemos aquela região mineira da Sudene, como um desafio a ser bem enfrentado, através das procuras das melhores soluções.

— E o que mais você me conta? Perseguiu o Zé Antônio.

— Não temos segredo... José. O nosso empresário é o Gabriel Donato de Andrade, que é fazendeiro desde os 14 anos. Vem de uma família tradicional de agricultura. Acredita, estuda e sabe que em agricultura as coisas são mais difíceis. Não se pode perder rendas...

— Já sei, já sei. Carvão, leite, touros, carne, madeira, economias, trabalho... Tudo bem... Tudo certo! Mas a Folha de S. Paulo disse que a má aplicação dos recursos por parte dos projetos agropecuários da Sudene causou um prejuízo de um trilhão de cruzeiros. São acusações sérias, muito sérias. O jornal afirma que este sistema é uma agressão ao recurso do fundo, que são originados no Tesouro Nacional. E o jornal foi taxativo ao afirmar que dos 253 projetos do FINOR, 234 não estão produzindo e nem faturando. Vocês são dos poucos que se salvam dessa situação considerados pela Folha de S. Paulo.

— Está bem! A Folha de S. Paulo está corretíssima; mas aqui no Norte de Minas existe um outro lado que é necessário ser olhado. Existem muitos projetos que fizeram muita coisa, embora faltasse estruturas e pesquisas de tudo: do que

platar, que adubo usar, quais as melhores formas de administração e de rigidez da Sudene.

Houve erros que já não existem mais... Porque todos nós aprendemos e estamos conscientizados, os técnicos da Sudene e nós. Os técnicos da Sudene estão muito melhores tecnicamente agora. Sabemos mais, com as implantações de projetos, construíram-se muitas estradas que viabilizaram muito o desenvolvimento regional; a energia elétrica foi levada para um mundo de propriedades. Enfim, o crescimento da pecuária foi graças aos projetos da Sudene.

Veja os paraenses — nossos vizinhos — construíram uma estrada num percurso de 50 km. Muitos outros também construíram. Fizemos e estamos fazendo ainda infraestrutura no Norte de Minas. Veja o nosso caso! Provocamos e criamos linhas de leite... de 60 e 100 km. Estas linhas de leite provocam o progresso. Os

projetos agropecuários são assim mesmo. Nos trabalhos de instalação geram muito emprego, depois diminui, mas gera produção e movimentação que acaba criando emprego mais adiante, em Janaúba, na Jarba, em Montes Claros, são mais bancos, mais técnicos, mais telefones, mais comércio, mais funcionários públicos. As cidades mudam... Veja Janaúba nestes últimos 15 anos...

Olha José Antônio, não quero contar prosa, mas veja: Começamos lá no Norte de Minas com o Projeto Colonial — que é a nossa empresa mãe — em 1971, e terminamos o projeto em 1973. Abrimos outros hoje temos normalmente 900 pessoas que trabalham conosco e já fizemos um mundo de coisas. Venha nos visitar. O nosso Grupo no Norte de Minas entrega em torno de 6.000 bois gordos todo ano, desde 1979. Vendemos de 600 a 700 touros nore ótimos por ano. Nós estamos hoje com 470 ha de feijão lindos, bem irrigados, para entregar ao mercado 10.000

sacas em setembro... Quero pelas 2 bilhões...

Temos 6 pivots funcionando de fato. O Leonardo Ferreira já tem 2 pivots funcionando. O Antunes também já tem. Existe outros projetos bons, como o de Clecy Frauches, Ney Bruzzi, Antunes — Banco Progresso e outros.

A nossa venda de algodão este ano nós rendeu 2 bilhões de cruzeiros. Este ano colhemos um mundo de arroz, de milho, de sorgo... A nossa seleção de nore e outras raças merecem respeito...

Fizemos nossas experiências: irrigamos, trigo, alho, sorgo, farináceo, amendoim, plantamos mamona, fazemos carvão, tiramos leite. Temos uma produção diversificada.

Tudo isto já foi feito. Se hoje existimos, é porque tivemos também o apoio da Sudene para realizar isto. Venha cá e traga os amigos para ver o que nós e a Sudene fizemos.

VEM AÍ A V EXPANDE - SP

EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS
PERÍODO DE 20/11 À 1/12/85

LOCAL: Parque da Água Funda - Recinto de Exposições
Salvio Pacheco de Almeida Prado

LEILÕES = MEDALHA DE OURO

Inscrições Abertas:

Fones: (011) 275-1177 e 577-8600

Promoção:

Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Revista dos Criadores na Austrália Nova Zelândia e Itália

Criadores de Chianina dos Estados de São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro e Distrito Federal marcam presença ao IV Congresso Internacional da Raça Chianina que se realiza em Brisbane, Austrália. O Vice Presidente da International Chianina Association, Bernhard Winkler, Rio de Janeiro, não mediu esforços para que a nossa delegação se apresente como das mais numerosas e atuantes.

Aproveitando a viagem de mais de 30 dias, o grupo de brasileiros visitará criatórios de Chianina e de outros bovinos de raças de corte na Nova Zelândia (Auckland), Austrália (Brisbane, Darwin, Alice Springs e Melbourne). Antes do retorno ao Brasil, na Itália visitarão o Centro Genético da Associação Italiana de Criadores de Bovinos de Carne (ANABIC), a Exposição Nacional de Chianina em Bastia, fazendas na região de Pérugin e a sede da ANABIC em Roma.

A Revista dos Criadores, visando a bem informar seus leitores, enviou seu colaborador Dr. Luiz Paulin Neto para, com exclusividade, realizar completa cobertura desse extenso programa, que será publicada em próximo número desta.



Luiz Paulin Neto, Dr.

Festa das Cabras em Sabinópolis

Dia 5 de outubro, será realizada, no município de Sabinópolis, MG, a 3.ª Festa das Cabras, com exposição e concurso leiteiro dos animais incluídos no Programa de Caprinocultura Comunitária, desenvolvido no município. No dia, serão realizadas palestras sobre a criação doméstica de cabras. A Igreja Pentecostal, responsável pelo programa de Caprinocultura Comunitária, recebeu, recentemente, 40 animais jovens da raça Saanen importados da Holanda. No dia, alguns dos animais serão vendidos.

Asbia distribuiu Nitrogênio e atende 5.500 fazendas

Iniciado em 1978, o Serviço de Distribuição de Nitrogênio Líquido, mantido pela Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia) já atinge quase 10% dos municípios brasileiros e atende 5.500 produtores brasileiros. O Serviço, que vem se ampliando, cobre, atualmente, municípios dos Estados de Goiás, Distrito Federal, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e chegou agora a Rio Grande do Norte. Brevemente, deverá ser estendido a Rio Grande do Sul e Ceará.

Com base de apoio em São Paulo, Recife e São Paulo, o Serviço Conta com 9 caminhões-tanques e tanque estacionário nas cidades de Goiânia, Londrina, Presidente Prudente, Sertãozinho, Barra do Piraí, Nanaque e Itororó, onde há grande consumo de nitrogênio para botijões de sêmen. Os nove caminhões do Serviço percorreram de janeiro a maio 203.564 quilômetros, uma média de 50 mil por mês. Para cobrir esse trajeto, gastou 56 mil litros de óleo diesel.

O Serviço de Distribuição

de Nitrogênio Líquido foi instituído por um convênio firmado entre a Asbia e o Ministério da Agricultura, porém, hoje, é inteiramente custeado pela entidade. De acordo com Marco Antônio Volta, coordenador de abastecimento, Asbia ao implantar o serviço o órgão procurou eliminar um dos maiores problemas dos produtores que faziam inseminação artificial: o encarecimento do nitrogênio líquido em regiões distantes dos principais centros — o que tornava o uso da inseminação impraticável. E, por causa disso, a expansão da Inseminação Artificial, também, ficava bloqueada, caindo num círculo vicioso perverso. O serviço foi adotado de tal forma que o preço fosse praticamente uniforme em todos os pontos do país — método semelhante à distribuição de derivados de petróleo, que tem preços unificados em todo o Brasil. Esse preço só foi conseguido, segundo Volta, porque a Asbia não visa lucro e mantém o serviço como suporte ao estímulo ao emprego da inseminação em maior escala.

Para estabelecer a rota e o calendário da distribuição, a Asbia contou com valiosa colaboração dos Sindicatos e Cooperativas rurais. Assim, o calendário foi estabelecido em 4 e 8 semanas, dependendo da densidade do consumo. O calendário, com dia e hora que o caminhão estará na localidade, é estabelecido trimestralmente. De acordo com Volta, o caminhão sai de sua base com a rota traçada e na hora marcada estaciona em frente ao Sindicato Rural e faz a distribuição do nitrogênio. No caminho, também abastece os tanques estacionários. Com a expansão do atendimento, a Asbia pretende reduzir a relação litros distribuído por km rodado. Hoje, essa relação está em 910 m por litro de nitrogênio distribuído. Até o final do ano, o objetivo é atingir 800 m por litro distribuído. "Já atingimos o equilíbrio na relação. Porém, quanto mais a relação cair dessa proporção nos permite reduzir

o custo do nitrogênio", explica.

Para comprar mais barato, a Asbia promove, de três em três meses, concorrência entre as empresas que fornecem nitrogênio líquido: a White Martins, Oxigênio do Brasil e Air Productor. Do preço conseguido, são adicionados as despesas de transportes e mais 10% aproximadamente para um fundo, que é usado para a ministração de custos, preparação de manual do inseminador e a divulgação da inseminação artificial.

Marco Antônio Volta explica que a Asbia quer ampliar os produtores atendidos. Assim, os produtores que precisarem de sêmen devem comunicar-se com a Asbia ou com o Sindicato Rural do município. Se estiver na rota, será atendido prontamente. Se não, a Asbia estudará a possibilidade de sua inclusão no roteiro: dependendo da distância e da viabilidade o Serviço irá atendê-lo. Volta explica que o ideal são os produtores se unirem e juntos solicitarem a inclusão do município na rota do Serviço de Distribuição do Nitrogênio Líquido.

Congresso do Leite em Campinas

De 7 a 11 de outubro, será realizado, em Campinas, o Congresso Brasileiro de Gado Leiteiro, para discutir, entre outros temas, o potencial das pastagens, suplementos alimentares, confinamento, sistema para classificação de animais, sistema de escolha de touros provados, transferência de embriões, cruzamentos para a produção de leite, informática, contribuição da pesquisa na produção de leite, análise técnico-econômica de sistemas de produção, problemas clínicos e sanitários, distribuição e consumo, discussão de uma nova política para

o leite. Coordenada pela Fealq, terá participação da Faculdade de Engenharia de Alimentos e Agrícolas da Unicamp, Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, Esalq, Secretaria da Agricultura de São Paulo e Sociedade Brasileira de Zootecnia e apoio da Prefeitura de Campinas, Socl e Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Campinas. Da organização do Congresso não consta a participação de nenhuma das associações de criadores de gado leiteiro. O Congresso, segundo os organizadores, pretende discutir vários aspectos da produção de leite e uma nova política para o setor, quando então técnicos e especialistas pertencentes a instituições ligadas à produção poderão apresentar seus trabalhos.

Gir Leiteiro fará Teste de Progenie

Por um acordo de cooperação, a Embrapa e a Associação Brasileira de Criadores de Gir Leiteiro iniciarão brevemente o Teste de Progenie dos touros da raça. O Teste de Progenie será coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, da Embrapa, situado em Coronel Pacheco, em Minas Gerais. O resultado do teste só será encerrado dentro de 6 anos.

O Programa de Teste de Progenie foi proposto pela ABCGIL à Embrapa e esta solicitou à Finpep, órgão financiador de pesquisa do Banco do Brasil, recursos para desenhar o trabalho. O Finpep aprovou tecnicamente o programa, porém, em razão da conjuntura atual de escassez de recursos públicos, informou que, por hora, era impossível atender. Mas, mesmo não obtendo recursos do governo, os produtores, contratados pela ABCGIL, resolveram, eles mesmos, custear o Teste de Progenie com os touros da raça.

Cada produtor pagará, para seu touro ser testado, 250 CRNs. O teste será feito nas fazendas da região e a coordenação e a avaliação serão feitas pelos pesquisadores da Embrapa. Por outro lado, as centrais de inseminação artificial se comprometeram a fazer a coleta dos sêmen de touros testados e entregá-los às fazendas que farão o teste de Progenie dos touros do Programa.

Alimentação de Ruminantes

De 3 a 5 de setembro, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz promove, em Piracicaba, SP, Curso de Atualização em Utilização de Resíduos Agro-Industriais da Cana-de-Açúcar na Alimentação de Ruminantes. Nele, serão abordados os seguintes temas: obtenção de leveduras, composição e uso de levedura, tratamento industrial do bagaço na alimentação, método para elevar o valor nutritivo da cana-de-açúcar e seus subprodutos. Informações: (0194) 22-3491 e 22-6600.

Mais uma Expoflora na Holambra

Será realizada, de 30 de agosto a 15 de setembro, a V Expoflora, em Jaguariúna, SP, a 40 km de Campinas. Este ano, serão expostas apenas as flores produzidas pelos associados da Cooperativa Agropecuária da Holambra, que investiu, no evento, Cr\$ 200 milhões. No ano passado, a Expoflora foi visitada por 75 mil pessoas e este ano os organizadores — além da cooperativa, conta com apoio das Prefeituras de Arthur Nogueira,



Bulbos de palmas apresentados na 4.ª Expoflora.

Cosmópolis, Jaguariúna e Santo Antônio da Posse, onde situam as terras da Holambra — esperam a presença de pelo menos 150 mil visitantes.

Rama da mandioca para colorir frangos

O feno da parte aérea da mandioca pode ser uma excelente alternativa para feno de alfafa como fonte de pigmento para a coloração de frangos de corte, como demonstra um estudo feito pela Escola Superior de Agronomia de Lavras. O feno pode substituir, segundo os pesquisadores, como fonte de pigmento a alfafa nas rações à base de milho e sorgo. O feno, no estudo, foi preparado com a parte aérea da mandioca triturada e seca ao sol por três dias, sendo ministrado às aves com parte igual de uma mistura de milho/soja de igual valor protéico. Essa ração, segundo os resultados da Esal, melhorou a coloração das carcaças e das canelas das aves, resultando num produto dentro dos padrões exigidos pelo mercado. Informações: Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, km 18 da BR 020, rodovia Brasília-Fortaleza, CP 70023, CEP 73300, Planaltina, DF.

Vermes intestinais causam sérios prejuízos à pecuária de corte

Embora sem quantificar o montante dos danos provocados por vermes intestinais nos bovinos de corte, os pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisas de Gado de Corte estimam que os helmintos são um dos principais responsáveis pelo baixo desempenho da pecuária do país. Os seus efeitos sobre os animais são os mais variados e dependendo do grau de infestação tem provocado mortes maciças. Por considerar de fundamental importância econômica, o

CNPGC está distribuindo um trabalho sobre o assunto: "Epidemiologia e controle de helmintos gastrointestinais em bovinos de cortes no Cerrado", que pode ser pedido ao CNP GC (C.P. 154, CEP 79.100 — Campo Grande, MS).

Micro avalia pastagens

Os pesquisadores Zenith João de Arruda e João Baptista Esmela Curvo, do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), resolveram introduzir um microcomputador na avaliação econômica de pastagens. O resultado da pesquisa está publicado no boletim "Avaliação Econômica das pastagens: método da taxa interna de retorno como uso de microcomputador". No trabalho, estão avaliados a baixa qualidade e disponibilidade das pastagens, sobretudo na estação seca. No trabalho, os técnicos fazem uma série de avaliações e sugestões para melhorar a oferta de alimentos. O trabalho pode ser solicitado ao CNPGC: C.P. 154, CEP 79.100, Campo Grande, MS.

Bezerros podem ser intoxicados por pentacloronaftaleno

Bezerros estabulados ou mantidos em pastagens artificiais, segundo o veterinário Ivens Sathler, podem ser intoxicados e até morrer com resíduos de pentacloronaftaleno. Dosagens mínimas são suficientes para propiciar sintomas de intoxicação em bezerros, representadas especialmente por hiperqueratose (engrossamento da pele) às vezes em todo o corpo, podendo, às vezes, ir à morte. O pentacloronaftaleno advinha de óleos lubrificantes das máquinas de rações ou de vazamento do óleo de carter de tratores que lavram as pastagens. Esse elemento compõe os óleos lubrificantes, daí a suposição da origem da contaminação.

Legislação Trabalhista Rural

Trabalhador de campo de usina de açúcar — salário-família — férias — pericia em folha de pagamento para apuração de frequência

— Perícia em folhas de pagamento, no ambiente rural, não constitui meio idôneo à apuração de frequência do empregado.

TRT. 6.ª Reg. RO-1.451/84 — Ac. 1.ª T. 24-7-84

Rel. desig. Juiz Alfredo Duarte Neto

Requerem Natalício Valentim de Souza, reclamante, e Usina Catende S.A., reclamada, da decisão da Junta de Conciliação e Julgamento de Catende-PE que, ao julgar reclamação em que contendem, decidiu pela procedência em parte do pedido para ordenar a reclamada a pagar ao reclamante diferença salarial, diferença de 13,9% salários, férias em dobro e salário-família (a partir da data do ajuizamento da reclamação).

Ataca o recurso do reclamante (fls. 20) apenas a parte da condenação que diz respeito ao salário-família, que pretende seja pago nos termos da inicial (a partir dos registros de nascimento, até o trânsito em julgado da sentença), e não como determinou a sentença.

Contra-razões da reclamada a fls. 22.

Objetivo o recurso da reclamada (fls. 24) reformar a sentença a fim de excluir da condenação o pagamento do salário-família (no argumento de que é indevido ao trabalhador rural) e das férias (alegando-as indevidas em face da má frequência do reclamante, apontada em laudo pericial).

Contra-razões do reclamante a fls. 28.

As formalidades legais estão cumpridas.

Opina a d. Procuradoria Regional, em parecer a fls. 30, pelo não provimento do recurso do reclamante e pelo provimento do recurso da reclamada a fim de excluir-se da condenação o salário-família.

E o relatório.

Isto posto: Recurso do reclamante:

Nega-se provimento. Não se pode conceder o salário-família ao reclamante, na forma do pedido, em virtude da sentença anterior, cuja cópia se encontra a fls. 15.

Recurso da reclamada:

Nega-se provimento. O reclamante é trabalhador de campo de usina de açúcar

e, portanto, industrial. A sua condição de industrial, aliás, já não mais pode ser discutida, em face da sentença de fls. 13. Relativamente ao outro item do recurso, correto igualmente a sentença. Perícia em folhas de pagamento: meio idôneo à apuração da irregular frequência do empregado.

Acordam os Juizes da 1.ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região, por maioria, negar provimento ao recurso da reclamada, contra o voto do Juiz Relator que, de acordo com o parecer da Procuradoria Regional, lhe dava provimento parcial para excluir da condenação o salário-família; por maioria, de acordo com o parecer da Procuradoria Regional, negar provimento ao recurso do reclamante, contra o voto do Juiz Relator, que julgava prejudicado este recurso.

Recife, 24 de julho de 1984. — Alfredo Duarte Neto, Juiz Presidente, Revisor designado para redigir o acórdão — Cient. Maria Thereza L. de A. Bitu, Procuradora Regional do Trabalho. (Revista LTr, 49 — 3/316, março de 1985).

Horas extras ao Administrador

O Tribunal Regional do Trabalho, da 3.ª Região de Belo Horizonte, MG, julgou improcedente a reclamação de horas extraordinárias feita pelo administrador, dando ganho de causa à fazendeira, firmando jurisprudência.

— Se a proprietária rural reside em outro Estado da Federação e encarrega o obreiro de administrar a Fazenda, executar serviços gerais, fiscalizar e pagar os demais empregados, sem qualquer ingerência externa e controle de horário, não lhe são devidas horas extraordinárias.

TRT. 3.ª Reg. RO-899/84 — Ac. 1.ª T. 13-8-84

Rel. Juiz Luiz Philippe Vieira de Mello

Visto, relatados e discutidos os presentes autos de recurso ordinário interposto de decisão da MM. 2.ª Junta de Conciliação e Julgamento de Juiz de Fora, MG, em que figuram como Recorrente Maria

de Lourdes Reis Barbosa Mello (Fazenda do Engenho) e, como Recorrido Euclides dos Reis.

Relatório — A MM. 2.ª JCI de Juiz de Fora julgou procedente a ação, inconformando-se a reclamada.

Aduz que o obreiro, empregado rural, era o administrador da Fazenda, com amplos poderes, não sendo dispensado e não negados os recibos de férias e 13.º salários.

Contra-razões e a d. Procuradoria, fls. 53, em parecer subscrito pelo Dr. José Hosken, oficia pelo desprovimento do apelo.

E o relatório.

Voto — Como expressado pelo douto Procurador do Trabalho, as razões do recurso são singelas e sem maiores pretensões.

Porém, conjugadas com o depoimento pessoal do reclamante, fls. 34, e as demais provas dos autos, de procedência parcial e significativa.

A reclamada, proprietária da Fazenda, reside no Rio de Janeiro e, portanto, lá comparece para acerto de contas.

O reclamante era e continua a ser o seu administrador e homem de confiança, encarregado de fiscalizar e pagar os demais empregados.

Esclarece o recorrido que ninguém fornecia recibos à reclamada e que ele próprio se pagava.

Nem o reclamante ou seus testemunhos fizeram a menor menção ao trabalho em horas extraordinárias.

Residindo na Fazenda e usufruindo de ampla autonomia de ação e nenhuma ingerência externa ou controle de horário, é até mesmo possível que, vez por outra, o recorrido excedesse a sua jornada de trabalho. Todavia, a condição específica de encarregado ou administrador da Fazenda desde 1977, como assevera sua segunda testemunha, desautoriza o deferimento de horas extras a partir dessa data.

O reclamante continua trabalhando na propriedade e entre as partes inexistiu

Legislação Trabalhista Rural

animosidade, tendo a reclamada confessado ser ele um bom empregado "que continua recebendo o numerário para pagamento dos encargos e gerindo a propriedade" (fls. 7).

Sem negar a sua condição de encarregado, o autor nega possuir poderes para admitir e despedir empregados, muito embora tal posição faça pressupor tais poderes.

Para justificar a despedida indireta a r. sentença recorrida valeu-se do fato de não estar anotada a Carteira de Trabalho do obreiro e inexistir nos autos comprovação de pagamento de férias e 13.º salários, salvo os recibos de fls. 16/18.

Quando muito, a falta de anotação na CTPS justificaria o tempo de serviço alegado na inicial, porém, não se presta para motivar a rescisão indireta do contrato de trabalho de antigo empregado, com suas danosas e vultosas consequências.

O princípio da proporcionalidade entre a falta e a punição é válido tanto para o empregado quanto para o empregador e as relações de trabalho rural nos mostram que a não anotação da CTPS não resume, pela sua natureza, aspecto de maior gravidade, em face dos costumes observados nos meios rurais.

Também não se afigura justo que o obreiro, por longos anos admita a inobservância rigorosa de obrigações, no que tange às férias e 13.º salários, para, re-

pentinamente insurgir-se, sem demonstrar, mercê da tolerância, aquela situação de insustentabilidade de solução por outra via. Outro entendimento importaria em aceitar-se que o empregado guardasse — cultivasse a falta — para usá-la, como o fez o recorrido, na oportunidade que entendeu de seu interesse, quando, sendo estável, nada obstava sua ação.

Ainda que se admita não ocupar o reclamante cargo de confiança nos moldes do entendimento jurisprudencial predominante e, mesmo assim, não se lhe pode deferir horas extraordinárias, como salientado, principalmente num contínuo e exaustivo horário de trabalho de 12:00 horas diárias, sem intervalo para refeições, sem férias e aos domingos e feriados, já que não se submetia, como visto, a qualquer tipo de fiscalização de horário e ele próprio se pagava.

De igual modo, também não se mostra correto conceder-lhe uma vultosa indenização por tempo de serviço, porque a reclamada não anotou sua CTPS, o que pode e deve ser feito com retroação ao período reconhecido na r. sentença recorrida, assegurando-se ao obreiro a propriedade do emprego, através da estabilidade legal.

Com exceção dos pagamentos comprovados a fls. 16/18, são devidas as parcelas de 13.º salários e férias, merecendo confirmada a r. sentença a quo, também neste particular.

Por fim, tendo em vista a arguição da prescrição biennial na assentada do julgamento, é de se considerá-la em relação às parcelas que se tornaram exigíveis em período anterior ao advento ETR, mas cujo respectivo prazo já se consumara. Quanto a esse período anterior ao ETR, prevalece a regra que se extrai do art. 11, da CLT, fluindo a prescrição a partir da correspondente lesão, ficando assim excluídas as parcelas que, porventura, tenham sofrido a incidência daquele instituto.

Por estes fundamentos, garantindo a permanência do autor no emprego, dou provimento parcial ao recurso, para excluir da condenação as horas extraordinárias a partir de janeiro de 1977, a indenização dobrada e as parcelas cuja prescrição, porventura, haja se consumado antes do advento do ETR mantendo, quanto ao mais, a r. sentença recorrida.

Fundamentos pelos quais, acordam os Juízes do Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região, pela sua 1.ª Turma, por maioria de votos, em dar provimento parcial ao recurso, para excluir da condenação as horas extras a partir de janeiro de 1977 e a indenização dobrada, vencido parcialmente o Exmo. Juiz Revisor; por unanimidade, em determinar a aplicação da prescrição biennial, no que couber.

Belo Horizonte, 13 de agosto de 1984.
— Luiz Philippe Vieira de Mello, Presidente e Relator — José Hosken p/ Procuradoria Regional. (Revista LTr, 49-3/302, março de 1985).

Acidente do trabalho — benefícios

1. ACIDENTE DO TRABALHO — CONCEITO

Acidente do trabalho rural é aquele que:

— ocorre pelo exercício do trabalho rural, a serviço do empregador, provocando lesão corporal, perturbação funcional ou doença que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho;

— ligado ao trabalho, embora não tenha sido a causa única, contribui diretamente para a morte ou a perda ou redução da capacidade para o trabalho.

Equiparam-se ao acidente do trabalho as doenças profissionais inerentes às seguintes atividades:

2. BENEFICIÁRIOS

Fazem jus aos benefícios por acidente do trabalho rural, na condição de trabalhadores rurais:

Agentes patogênicos	Atividades profissionais
1 - Compostos organoclorados, organofosforados, carbâmicos, arsenicais, cúpricos, mercuriais, de fluoroacetato de sódio, de pentaclorofenóis, de fosfina, de estricnina e de dinitrofenóis.	Formulação, manipulação e aplicação de defensivos agropecuários à base desses compostos (inseticidas, herbicidas, fungicidas, rodenticidas, acaricidas, carrapaticidas etc.). Aplicação destes compostos e operações em armazéns e silos de cereais onde estes compostos tenham sido aplicados.
2 - Compostos de brometo de metila	
a) quem presta serviços de natureza rural diretamente a empregador, em estabelecimento rural ou prédio rústico, mediante salário pago em dinheiro ou parte in natura e parte em dinheiro, ou por intermédio de empreiteiro ou organização que, embora não constituídos em empresa, utilizam mão-de-obra para produção e fornecimento de produto agrário in natura;	lho dos membros da família indispensável à própria subsistência e exercido em condições de mútua dependência e colaboração;
b) o produtor, proprietário ou não, que, sem empregado, exerce atividade rural, individualmente ou em regime de economia familiar, assim entendido o traba-	c) quem, trabalhando individualmente ou em regime de economia familiar ou ainda sob a forma de parceria, faz da pesca sua profissão habitual ou meio principal de vida, compreendendo:
	c.1) o trabalhador por conta própria, sem vínculo empregatício, na condição de pequeno produtor, utilizando ou não embarcação própria ou de terceiro;

Legislação Trabalhista Rural

c.2) o homem ou mulher que, sem utilizar embarcação pesqueira, exerce atividade de captura ou extração de elementos animais ou vegetais que tenham na água seu meio normal ou mais freqüente de vida, na beira do mar, rio ou lagoa;

c.3) o produtor que utiliza embarcação de pesca, própria ou de terceiro, de até duas toneladas brutas;

d) o garimpeiro autônomo, assim entendido o trabalhador que, em caráter individual e por conta própria, exerce as atividades de garimpagem, fiação e cata, e está matriculado no órgão competente do Ministério da Fazenda;

e) os empregados que prestam serviços de natureza rural às empresas agroindustriais ou agrocomerciais, excluídos os que, pelo menos, desde 25.05.71 venham contribuindo para a Previdência Social Urbana,

os quais permaneceram sob o regime da Lei n.º 5.316/67 até 31.12.76 e sob o regime da Lei n.º 6.367/76 a partir de janeiro/77.

3. DIREITOS

Além da assistência médica, são os seguintes os benefícios devidos em decorrência do acidente no trabalho do trabalhador rural:

4. COMUNICAÇÃO DO ACIDENTE

O INPS será comunicado do acidente do trabalhador rural, através:

a) do empregador, que providenciará o encaminhamento do acidentado ao serviço médico predeterminado pelo INAMPS;

b) do serviço médico, que o acidentado foi encaminhado ou se apresentou diretamente;

c) do próprio acidentado, se estiver em condições e não puder comunicar-se antes com o empregador;

d) da autoridade que teve ciência do acidente;

e) de qualquer pessoa que teve conhecimento do acidente.

Nos casos previstos nas letras "c", "d" e "e", o INPS, devidamente informado do acidente, encaminhará o acidentado ao INAMPS, e providenciará, em todos os casos, o benefício pecuniário cabível.

5. UNIDADE FAMILIAR, CHEFE E ARRIMO — CONCEITOS

a) Por unidade familiar entende-se o conjunto de pessoas vivendo, total ou

BENEFÍCIOS	CARACTERÍSTICAS	RENDA MENSAL	INÍCIO DO PAGAMENTO	CESSAÇÃO DO PAGAMENTO
AUXÍLIO-DOENÇA	Importância devida ao beneficiário que, em decorrência de acidente do trabalho, sofre lesão corporal, perturbação funcional ou doença que o incapacite temporariamente para o trabalho. O auxílio-doença será complementado pela reabilitação profissional, encaminhando-se o acidentado ao Centro de Reabilitação Profissional da Previdência Social mais próximo de sua localidade de trabalho, visando sua reintegração a alguma outra atividade compatível com o meio rural. Independentemente das prestações cabíveis, o INPS fornecerá aparelho de prótese ou órtese, na perda ou redução da capacidade poder ser atenuada pelo seu uso.	75% do salário mínimo	A partir do dia seguinte ao do acidente, ficando a cargo do empregador o pagamento do dia do acidente.	Pela recuperação da capacidade de, pela habilitação para uma outra atividade do meio rural ou por agravamento que incapacite o beneficiário definitivamente, convertendo-se o auxílio-doença em aposentadoria por invalidez.
APOSENTADORIA POR INVALIDEZ	Importância devida ao beneficiário que, em decorrência de acidente do trabalho sofre lesão corporal, perturbação funcional ou doença que o incapacite total e definitivamente para o exercício de qualquer atividade.	75% do salário mínimo	No dia do acidente ou no dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença que tiver precedido a aposentadoria.	Verificada a recuperação da capacidade de trabalho, o benefício cessa no último dia do segundo mês seguinte ao da verificação.
PENSAO	Importância devida aos dependentes do beneficiário falecido em decorrência de acidente do trabalho. Havendo mais de um dependente, o valor é rateado, em partes iguais.	75% do salário mínimo	A partir da data do óbito.	Pela perda da qualidade de dependente havendo mais de um, o pagamento cessará quando se extinguir o direito do último pensionista.
AUXÍLIO-FUNERAL	Importância devida por falecimento do trabalhador rural, chefe ou arrimo da unidade familiar, ou de seu cônjuge dependente, e pago a quem houver comprovadamente promovido, a suas expensas, o sepultamento. É devido, também pelo falecimento do rural que não faça parte de nenhuma unidade familiar, nem tenha dependentes. (Ver item Substante)	Pagamento único equivalente a um salário mínimo.	-0-	-0-

Legislação Trabalhista Rural

parcialmente, sob a dependência econômica de um trabalhador rural;

b) Por chefe da unidade familiar entende-se:

— o cônjuge do sexo masculino, ainda que casado apenas segundo rito religioso e sobre o qual recaia a responsabilidade econômica;

— o cônjuge do sexo feminino, nas mesmas condições do cônjuge do sexo masculino, quando este estiver em lugar remoto ou não sabido, em cárcere por mais de dois anos ou for judicialmente declarado interdito e não tenha sido aposentado por velhice ou invalidez;

— o cônjuge sobrevivente ou aquele que, em razão de divórcio, separação judicial, desquite ou anulação do casamento civil, tem filhos menores sob sua guarda;

— a companheira, quando sobre ela recair a responsabilidade econômica da unidade familiar;

c) Por **arrimo da unidade familiar** entende-se, na falta do respectivo chefe, o trabalhador rural que dela faça parte e sobre o qual recaia, exclusiva ou preponderantemente, o encargo de mantê-la, entendendo-se igualmente, nessa condição, a companheira, se for o caso, quando à outra parte do casal não houver sido con-

cedida aposentadoria por velhice ou invalidez.

Nota:

Os benefícios não decorrentes de acidente de trabalho, devidos ao trabalhador rural e dependentes, constam do Bol. IOB n.º 16/84, pág. 214, desta Seção. Referidos benefícios, constituídos à base de 50% do salário mínimo, são: aposentadoria por velhice, por invalidez, pensão por morte e renda mensal vitalícia. O auxílio-funeral corresponde a um salário mínimo, pago uma única vez.

(FUND.: além dos citados no contexto, o Dec. n.º 83.080, de 24.01.79, e Portaria MPAS n.º 3.427, de 07.03.85 — Bol. IOB n.º 9/85, pág. 254, Cad. TL).

PREVIDÊNCIA SOCIAL

Administrador de fazenda — Conceituação — filiação a Previdência Social Urbana

Administrador de fazenda é aquele que comanda, supervisiona, gerencia e fiscaliza todo trabalho no estabelecimento rural, bem como exercita outras tarefas fora dele, igualmente inerentes ao cargo, cujas características diferem das exercidas pelos trabalhadores rurais.

Estabelecimento rural ou prédio rústico é o imóvel destinado principalmente ao cultivo da terra, à extração de matéria-prima de origem animal ou vegetal, ou à criação, recreação, invernagem ou engorda de

animais (art. 276, § 2.º, do RBPS — Decreto n.º 83.080, de 24.01.79).

Considerando as dúvidas existentes quanto a correta filiação no sistema previdenciário do Administrador de Fazenda, a Previdência Social adotou como fator determinante da vinculação, a atividade registrada na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS).

Assim é segurado obrigatório da Previdência Social Urbana, aquele com registro de **Administrador de Fazenda** na CTPS e como beneficiário

da Previdência Social Rural, aquele cujo registro de atividade seja **Trabalhador Rural**.

Em caso de dúvida ou na falta da CTPS, será adotado qualquer outro elemento de convicção, que possibilite determinar a real atividade do interessado, para fins de filiação ao sistema.

(FUND.: além do mencionado no contexto, Circular n.º 75, de 17.09.82, do Secretário de Benefícios do INPS).

Fonte: Boletim IOB 12/85 — Trabalhista.

DIREITO TRABALHISTA RURAL

Previdência urbana x Previdência rural

O advogado Geraldo de Castilho Freire, que há 20 anos trabalha exclusivamente em defesa das empresas na questão previdenciária, alerta que a Previdência Social vem se avariando em discussões judiciais com reduzidas chances de vitória e que acabam por agravar sua situação financeira. Como exemplo, lembra que o Ministro da Previdência Social, Waldir Pires, ao assumir em março, se queixara de que a Previdência perdeu Cr\$ 22 bilhões de honorários advocatícios no ano passado, obrigada a pagar judicialmente nos processos em que saiu derrotada.

"Boa parte dessas perdas se refere a processos discutindo a cobrança de contribuição urbana pelas empresas rurais",

exemplifica ele. "É um exemplo drástico de desperdício de esforços e recursos é a Previdência continuar discutindo teses fracassadas como essa", comenta. "O mais prudente é a Previdência Social voltar suas atenções para aumentar sua arrecadação e impedir o desvio de receitas através de fraudes", sugere.

Freire vem representando judicialmente inúmeras produtoras de açúcar e álcool na justiça, que contestaram a Previdência Social. Muitos dos casos, segundo ele, já foram decididos em última instância pelo Tribunal Federal de Recursos que proferiu doze decisões contrárias à cobrança pretendida pela Previdência Social. Entende o advogado que as empresas rurais e agro-

industriais são contribuintes do Fundo de Previdência e Assistência Social (FPAS/IAPAS) pelo valor comercial dos produtos vendidos. Estão, de acordo com ele, expressamente excluídas do regime de custeio da Previdência Social urbana e de contribuições para outras entidades e fundos arrecadados pelo IAPAS. O inciso II do artigo 4.º da Consolidação das Leis da Previdência Social estabelece que a "previdência social urbana não abrange o trabalhador e o empregador rurais". "A legislação é tão clara que não dá para entender a razão de a Procuradoria do IAPAS insistir em executar essas contribuições", observa o advogado. "A única explicação possível é o vício da máquina", desabafa.

Vitexin, novo soro da Pfizer

A Divisão Agropecuária da Pfizer lançou o Vitexin, soro hidratante, energético e antitóxico para suínos, equinos e bovinos. O produto é fruto de uma associação medicamentosa para o tratamento de estados patológicos que frequentemente acometem os animais e é indicado para os casos de convalescença ou como coadjuvante nos tratamentos de doenças infecto-contagiosas, parasitárias em geral e, segundo o fabricante, é indispensável depois de desidratação, caquexias e parvovirose.

Intraco fornece equipamento para a Polícia Federal

A Telecomunicações Intraco venceu a concorrência pública feita pela Polícia Florestal do Estado de São Paulo para fornecimento de 30 estações de radiocomunicação em HP-SSB, modelo TT 109/B. Totalmente desenvolvido e produzido pela Intraco, em sua fábrica de São Paulo, o equipamento TT 109/B tem transistóriação total, componentes selecionados para funcionamento em locais de clima adverso, operação extremamente simples e em estações fixas e móveis, terrestres e marítimas. O contrato já foi assinado entre a empresa e a Polícia Florestal.

Série 10 da Ford, ganha mercado

Lançado no final do ano passado, a Série 10 da Ford Brasil S/A — Operações de Tratores deu à empresa, no 1.º semestre de 1985, maior participação no mercado. No período, as vendas da empresa cresceram e a Ford Tratores já domina 24,5% do mercado. "Com esta grande aceitação da Série 10 dos tratores Ford por parte do agricultor



As vendas dos tratores agrícola Ford Série 10 cresceram 24,6% no primeiro semestre deste ano, em relação a igual período de 84.

brasileiro, estamos plenamente confiantes de que atingiremos com facilidade a participação de mercado projetada para o ano de 1985", afirma Roberto Maristary, gerente geral da Ford Tratores no Brasil.

Colheitadeira colhe sementes caídas no chão

A GBW Implementos Agrícolas, de Campinas, lançou a colheitadeira de sementes de forrageira "Suga-Seed Turbo 200", cuja principal característica é colher sementes caídas no solo. Equipada com duas turbinas de alta pressão e duas peneiras vibratórias de limpeza, a colheitadeira, que pode ser acoplada nos três pontos do trator e acionada pela tomada de força, recolhe do solo, por sucção pneumática, sementes de capim, arroz, soja, café em coco e outros produtos granulados, já limpos e ensacados. Informações, à av. Orozimbo Maia, 618, CEP 13.100, tel.: (0192) 31-8555, Campinas, SP.

Ivomec injetável para Suínos

O Laboratório Merck Sharp & Dohme Agvet lançou, no Brasil, o Ivomec Injetável para Suínos para o combate de vermes internos, sarna e pio-

lhos do animal. De acordo com o fabricante, é de uso simples, já que não precisa de equipamentos de alto custo, como aspersores, lavagens, reduzindo custos de investimentos e de mão-de-obra. O Ivomec Injetável, segundo o laboratório, oferece segurança ao operador, aos animais e ao meio ambiente.

Computação na fazenda

Fundada inicialmente como uma empresa de consultoria e administração rural, onde buscou o seu aperfeiçoamento técnico, a Ruraltec, de Campinas, ingressou, em 1983, na área da informática rural. "É um serviço complementar que vínhamos prestando na área de consultoria e administração de Fazendas", observa Hans Peter Fishcer, agrônomo e presidente da empresa. Antes de lançar o programa de software para a agropecuária, o empresário acumulou experiências práticas do dia-a-dia da rotina da fazenda e levou consigo um grupo de técnicos igualmente familiarizados com o assunto. Hoje, a Ruraltec dá assessoria às fazendas que exploram pecuária leiteira e de corte, granjas avícolas e suínulas e da agrofitia. Além disso, dá assessoria a empresas do exterior, como Áfri-

ca Ocidental, Honduras, El Salvador, Venezuela, Paraguai.

Schering lança produtos no Congresso

Com a participação de pesquisadores dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Suíça, Canadá, México, Argentina, Espanha e Brasil, o Laboratório Schering lançou, no início de agosto, no Hotel Glória, Rio de Janeiro, durante o XI Congresso Internacional de Parasitologia, o Hapadex, anti-helmíntico para combate a endoparasitas de bovinos e ovinos, entre outros animais. O Hapadex é fruto de seis anos de pesquisa da empresa.

Novas colheitadeiras da New Holand

A Sperry New Holand lançou, em Londrina, no dia 26 de julho, sua nova linha de colheitadeiras para a safra 85/86; trata-se dos modelos automotrizados 4040 e 5050, que vêm com uma série de aperfeiçoamentos, entre eles, nova plataforma flexível. Na apresentação das novas colheitadeiras, a empresa, situada em Curitiba, PR, reuniu os revendedores de seus equipamentos dos Estados de São Paulo e Paraná.



Novas colheitadeiras da New Holand em serviço.

Leilões e Exposições

Leilão de Búfalos vende 94 animais

O 1.º Leilão de Búfalos Kapuaba, realizado no dia 13 de julho, em Itu, SP, vendeu 94 animais, com movimento de 722,500 milhões de cruzeiros. O destaque do leilão foi o macho PO Neveiro, comprado por Cr\$ 38 milhões por Carvalho Vidigal de Thales F. Fagundes. Ele também vendeu o segundo animal mais caro do leilão, Rajah da Rothak, macho PO, comprado pela Santa Rosa Mercado Agrícola, por Cr\$ 32,500 milhões.

Sucesso do Quarto de Milha em Barra Bonita

O 1.º Leilão Quarto de Milha da Estância, realizado em Barra Bonita, no dia 22 de julho, foi um sucesso e confirmou a expectativa dos organizadores. Foram vendidos todos os 64 animais colocados no leilão e o movimento superou Cr\$ 2 bilhões. Foram vendidas 25 fêmeas PO por Cr\$ 1,285 bilhão, com média de Cr\$ 51,4 milhões; 31 machos PO por Cr\$ 726,5 milhões e média de Cr\$ 23,435 milhões; 3 fêmeas cruzadas por Cr\$ 67,5 milhões e média de Cr\$ 22,5 milhões e 4 machos por Cr\$ 45,5 milhões, média de Cr\$ 11,375 milhões.

O animal que obteve melhor preço foi Mistie Miss, importada, vendida pelo Espólio de Valentim Lopes Filho a José Castro Aguiar, de Dracena, SP, por Cr\$ 87,5 milhões. O macho de melhor cotação foi Sabido SKR vendido pelo mesmo espólio a Wagner Lúcio Jacintho, de Uberlândia, por Cr\$ 50 milhões. Porém, outros animais alcançaram preços excepcionais no leilão: a fêmea importada Lady War-top, do Espólio de Valentim foi comprada por Arnold Fioravante, de São Paulo, por Cr\$ 85 milhões; a fêmea Miss Suzinon CRC, de Carlos Raul Contoni foi vendida para Marcus Vinícius F. Machado,



O Leilão QM apresentou grandes garanhões.

de Bauru, por Cr\$ 80 milhões e Blondy Bar, fêmea, do Espólio de Valetim foi vendida para Eronides Neves Filho, de Tupaciguara, MG, por Cr\$ 70 milhões. Os dois maiores vendedores do leilão foram o Haras Luar (Espólio de Valentim Lopes Filho), com total de Cr\$ 722 milhões, e Haras e Fazenda Pouso Alegre (Donato Francisco Sassi), com Cr\$ 436 milhões.



Aspecto do Leilão QM.

Grandes opções em Marília

Será realizado, durante a Exposição Agropecuária de Marília (Examar), no dia 13 de outubro, o Leilão Grandes Opções, com vendas de 60 lotes de Nelore PO e POI e 30 lotes de equinos das raças Árabe, Quarto de Milha e Mangalarga Marchador, dos criadores Jaime Miranda, Ubaldo Olea, Peter Schweizer, Jorge Schweizer e Nelson Pineda. Leiloeiro: Programa. Informações, tel. (011) 262-8377.

Leilão Atalla em Jaú

No dia 7 de setembro, na Fazenda São Francisco do Barreiro, em Jaú, SP, (km 335, rodovia Jaú-Araraquara), será

realizado o Leilão Atalla de Reprodutores e Matrizes, com venda de animais das raças Nelore, Santa Gertrudis, Quarto de Milha e Appaloosa. Leiloeiro: Trajano Silva. Tel.: (0422) 24-8057.

Nelore Especial VR em São Paulo

No dia 11 de novembro, às 19 horas, no Clube Paineiras do Morumby (av. dr. Alberto Pentecoste, 350, São Paulo), será realizado o 1.º Leilão Nelore Especial VR, com vendas de 70 produtos machos e fêmeas POI e PO. Participam, Torres Homem Rodrigues da Cunha, Joaquim Vicente Prata Cunha (Tetente), Vicente Rodrigues da Cunha, José Olavo Borges Mendes, Torres Lincoln Prata Cunha e José Carlos Prata Cunha do grupo VR e os convidados Agropecuária Bonfiglioli, Embra Agropecuária, Fazenda Morro Vermelho, Roberto Calmon de Barros Barreto e Werner F. Jost. Leiloeiro: Djalma B. de Lima. Informações (011) 543-3300.

Nelore Mocho e Quarto de Milha em Presidente Prudente

Será realizado, nos dias 25 e 26 de outubro, no Parque de Exposições de Presidente Prudente, o 1.º Leilão Internacional de Nelore Mocho e Quarto de Milha. O Quarto de Milha vai a leilão no dia 25, às 19 horas, e o Nelore Mocho às 10 horas, do dia 26. Leiloeiro: Remate. Informações (011) 872-1722.

Nelore da Estância em Barra Bonita

No dia 19 de outubro, às 17 horas, em Barra Bonita, SP, será realizado o 1.º Leilão Nelore da Estância, com vendas de 70 produtos machos e fêmeas PO e POI, dos criadores

Achilles Scatena Simioni, Cia. Agropecuária Rio Pardo, Torres Homem Rodrigues da Cunha e Filhos e Werner F. Jost. Leiloeiro: Djalma B. de Lima.

Top de Quarto de Milha no Palace

No dia 16 de setembro, às 20 horas, será realizado o Leilão Top do Cavalo Quarto de Milha, com vendas de 50 produtos puros e selecionados para conformação, corrida e trabalho. O leilão será no Palace, av. Jamaris, 213, Moema. Leiloeiro: Remate.

2º Leilão VR em Ituiutaba

No dia 21 de setembro, às 19 horas, no Parque de Exposições de Ituiutaba, MG, será realizado o 2.º Leilão VR, com a venda dos animais de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Torres Lincoln Prata Cunha, José Carlos Prata Cunha, Udelson Prata Cunha, Agropecuária João de Freitas Barbosa, Beatriz Rodrigues Campbell e José Villela Martins.

Guaratinguetá realiza exposição

De 4 a 8 de setembro, será realizada, no Parque de Exposições Manoel Soares Azevedo, km 60 da rodovia Presidente Dutra, a XII Exposição de Animais e Produtos Derivados de Guaratinguetá, a 1.ª Exposição de Equinos da raça Mangalarga e 1.º Leilão do Vale do Paraíba.

Sucesso no leilão da Manah

O 21.º Leilão de Nelore da Fazenda Manah do Mundo

Novo, realizado em Brotas, foi um sucesso. Com presença de 300 pecuaristas, foram vendidos 485 animais em lotes de bezerras entre 7 e 10 meses e novilhas com 18 a 30 meses. Foi obtido Cr\$ 370 milhões e o preço médio alcançou Cr\$ 732 mil para os bezerras e Cr\$ 890 mil para as fêmeas. Para outubro, foi marcado outro leilão para a venda de tourinhos e novilhas de elite para reprodução.

Durante o leilão, foi apurado o resultado do III Concurso de julgamento de Ganho de Peso do Gado Nelore linhagem Lengruber (LB), variedade selecionada pela fazenda. Rosane Laudissi Lombardi foi a vencedora: o animal mais pesado do concurso alcançou 652 kg (23,5 arrobas) aos dois anos, em regime de pasto e suplementado com 1,5 kg/dia de ração balanceada. Foram apresentados, ainda, os 20 bezerras que farão parte do próximo concurso e os cavalos da raça Tenessi Marchador (TM).

Appaloosa na Exposição Camaru em Uberlândia

Durante a V Exposição do Camaru, no Parque de Exposições de Uberlândia, de 30 de agosto a 8 de setembro, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Campolina (ABCCAP) promoverá o II Leilão Oficial Appaloosa e a III Etapa do Campeonato Nacional do Cavallo Appaloosa de Conformação, cujos resultados contarão ponto para o I Campeonato Nacional. A taxa de inscrição para a exposição (até 5 de agosto) é de Cr\$ 200 mil e para leilão Cr\$ 120 mil (leilão e exposição Cr\$ 200 mil). O prazo de inscrição para o concurso de conformação termina no dia 12 de agosto. Quem inscrever mais de 3 animais para o concurso terá 10% de descontos. As inscrições devem ser feitas, por escrito na Associação: av. Francisco Maturazzo, 445, CEP 05001.

Grand Expo 85 de Bauru em novembro

De 9 a 17 de novembro, será realizada a XII Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Bauru (Grand Expo 85). A preparação para o evento já iniciou, segundo o presidente da comissão organizadora, Jayme Nogueira Miranda. As inscrições de bovinos, equinos e suínos estão sendo feitas junto à Comissão organizadora.

Exposição de Presidente Prudente

Do dia 6 a 15 de setembro, será realizada a 22.ª Exposição de Animais de Presidente Prudente. O evento será no Recinto de Exposições, situado a rodovia Raposo Tavares, km 563. A Exposição é promovida conjuntamente pela Sociedade Rural do Sudoeste Paulista, Divisão Regional Agrícola de Presidente Prudente, Sindicato Rural e Prefeitura Municipal.

Julgamento da Campolina na Exposição de Belo Horizonte

Durante a 27.ª Exposição Estadual de Agropecuária, realizada em Belo Horizonte, foram feitos o julgamento dos animais da raça Campolina. O julgamento foi feito pelo juiz Dr. José Eugênio Dutra Câmara. São estes os animais campeões.

MACHOS

Campeão Potro: XIMBURE DE PASSA TEMPO — prop. Bolivar de Andrade — Espólio — Faz. Campo Grande — Passa Tempo — MG. **Res. Campeão:** DESEJO DE ITAREMA — prop. Silvano Dutra — Faz. Mata Grande — Sete Lagoas — MG.

Campeão Júnior: FURACÃO DO TIGUARA — prop. Guaracy Engel Vieira — Faz. Campinho — Alfenas — MG. **Res. Campeão:** GALANTE

DO CAMPO NOVO — prop. Epaminondas Cunha Melo — Faz. Campo Novo — Jequitinhonha — MG.

Campeão Cavallo: CLARIM DO KILOMBO — prop. Sylvio Barbosa Filho — Faz. Kilombo — Carmo da Mata — MG. **Res. Campeão:** CALIFA DAS ARÁBIAS — prop. Dêlzio de Moura Bicalho — Faz. Esperança — Esmeraldas — MG.

Campeão Sênior: GAS MOMENTO — prop. Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho — Faz. Palestina — Entre Rios de Minas — MG. **Res. Campeão:** TUPYARA DA LAGOA NEGRA — prop. Sylvio Barbosa Filho — Faz. Kilombo — Carmo da Mata — MG.

Campeão da Raça: GAS MOMENTO — prop. Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho — Faz. Palestina — Entre Rios — MG. **Res. Campeão da Raça:** FURACÃO DO TIGUARA — prop. Guaracy Engel Vieira — Faz. Campinho — Alfenas — MG.

FÊMEAS

Campeã Potranca: NEFERITE DAS ARÁBIAS — prop. Emir e Lycio Cadar — Faz. das Árábias — Betim — MG. **Res. Campeã:** GAROTA DO TIGUARA — prop. Guaracy Engel Vieira — Faz. Campinho — Alfenas — MG.

Campeã Júnior: XUXA DAS ARÁBIAS — prop. Emir e Lycio Cadar — Faz. das Árábias — Betim — MG. **Res. Campeã:** NATUREZA DA PALMEIRA — prop. Fernando Diniz Olivé — Faz. Palmeiras — Carmo da Mata — MG.

Campeã Égua: PANTERA DAS ARÁBIAS — prop. Aloisio Barbosa Viana — Faz. Rancho Macunaima — Bacaxá — RJ. **Res. Campeã:** ASTECA DA MATA GRANDE — prop. Aloisio Barbosa Viana — Rancho Macunaima — Bacaxá — RJ.

Campeã Sênior: POP ATRIZ — prop. Aloisio Barbosa Viana — Faz. Rancho Macunaima — Bacaxá — RJ. **Res. Campeã:** ERIKA DAS ARÁ-

BIAS — prop. Emir e Lycio Cadar — Faz. das Árábias — Betim — MG.

Campeã da Raça: XUXA DAS ARÁBIAS — prop. Emir e Lycio Cadar — Faz. das Árábias — Betim — MG. **Res. Campeã:** PANTERA DAS ARÁBIAS — prop. Aloisio Barbosa Viana — Faz. Rancho Macunaima — Bacaxá — RJ.

Campeonato de Marchas

Machos — campeão — Mohamed Ali das Árábias, de Antônio Carlos Pires Soares, fazenda Lua Brava, de Carmo da Mata, MG.

Fêmeas — campeã — Pop Ilha, de Adalino Ribeiro Maia, fazenda Micaela, de São Braz do Suaçuí, MG.

Melhor Conjunto de Progenie de Pai

Frevo de Santarem (pai) e filhos: Cinderela das Árábias, Pantera das Árábias, Kênia das Árábias, Malvina das Árábias, Xuxa das Árábias, de Emir e Lycio Cadar, fazenda das Árábias, Betim, MG.

Melhor Conjunto de Progenie de Mãe

Mãe — Tiroleza das Árábias e filhos Kênia das Árábias, Pantera das Árábias, Alessa das Árábias e Cinderela das Árábias, dos mesmos proprietários.

Leilão de Mestiço Quarto de Milha

Dia 21 de setembro, será realizado o Leilão de Cavalos Mestiços Quarto de Milha, que tem apoio da Associação Brasileira dos Criadores de Quarto de Milha (ABQM). Leiloeiro oficial: Djalma B. Lima. O leilão será no Parque da Água Branca.

Leilão Top de Quarto de Milha

Dia 16 de setembro, às 20 horas, no Palace, em São Paulo, a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Quarto de Milha promove o Leilão Top do Quarto de Milha. Serão colocados à venda 30 animais puros e rigorosamente selecionados para conformação, corrida e trabalho.

Leilão King Ranch vende Cr\$ 1,79 bilhão em Presidente Prudente

Realizado pela décima quinta vez, o leilão da King Ranch do Brasil, em Presidente Prudente, vendeu 33 animais puros e 26 mestiços da raça Quarto de Milha por Cr\$ 1,79 bilhão. Uma potranca, comprada por Carlos Raul Consolani, atingiu Cr\$ 140 milhões. Dois machos alcançaram a cotação de Cr\$ 70 milhões e outra fêmea foi vendida por Cr\$ 95 milhões.

Jan Taj grande campeão em Araçatuba

O touro Jan Taj de São Marco, pertencente à Agropecuária Bonfiglioli, uma empresa da Corporação Bonfiglioli, foi o grande campeão da XXVI Exposição de Animais e Produtos Derivados de Araçatuba, realizada de 4 a 14 de julho. Foram destaques, ainda, outros animais do plantel da Bonfiglioli: Marajá de São Marco (2.º grande Prêmio), Massilia de São Marco (1.º prêmio e campeã bezerra) e Hidra II de São Marco (1.º prêmio e campeã vaca adulta).

Descendentes de Cadillac faturam Cr\$ 1 bilhão em BH

Um leilão reunindo pela primeira vez apenas descendentes do famoso padreador da raça Mangalarga Marchador — Cadillac — realizado em Contagem, nos arredores de Belo Horizonte, vendeu 39 produtos de 18 Haras por Cr\$ 1,679 bilhão. A média do leilão alcançou Cr\$ 27,4 milhões. Três desses produtos do Cadillac destacaram-se no leilão: Natalina HB, neta de Cadillac, de Hélio Bello Cavalcanti, foi vendida a Adão Cláudio da Silveira, de São Leopoldo, RS, por Cr\$ 87,5 milhões. Opalina HB, do mesmo criador, foi vendida para Alair de Paiva, de Patrocínio, MG, por Cr\$ 80 milhões. E Bacharel do Porto Azul, o macho mais ca-



Cadillac, cujos descendentes batem todos os recordes em preços.

ro, foi vendido por Luís Mury para João Maurício Ferraz, de Belo Horizonte, por Cr\$ 35 milhões. Uma cobertura de Herdade Cadillac foi vendida por Cr\$ 40 milhões ao criador Fernando Elias de Souza. Com 27 anos, Herdade Cadillac considerado um dos melhores reprodutores da raça no país, gerou e ainda gera animais excepcionais, confirmando a máxima do seu proprietário Hélio Bello Cavalcanti, do Haras Paraíso, do Rio de Janeiro: "Em cada exposição um descendente campeão".

Em Carmo de Minas leilão vende Cr\$ 597 milhões

Realizado no dia 28 de julho, o 2.º Grande Leilão Carmo de Minas vendeu Cr\$ 597,550 milhões. Foram vendidos 548 produtos — equinos, bezerros de leite e corte — com média de Cr\$ 1,7 milhão. O destaque do leilão foi a fêmea Katia, campeã do Torneio Leiteiro, arrematada por Sérgio Motta Guimarães, de Itamonte, MG, por Cr\$ 16 milhões. O animal pertencia a José Dias Castro Primo.

Resultado da exposição e leilão de Maracaju, MS

Foram os seguintes os resultados do julgamento da Exposição de Maracaju, MS: na raça Nelore, Eximporã, Fazenda 3 Coxilhas, Ponta Porã, 1.º lugar, 340 pontos; Rachid Saldanha Derzi, Fazenda Dois de Ouro, de Bela Vista, com 321 pontos; Yassou Morichita, da Fazenda Glória, de Glória de Dourados, com 291 pontos, Pedro Pedrossian, da Fazenda Petrópolis, de Miranda, com 146 pontos, Arthêmio O. de

Souza, da Fazenda Água Tiçada, de Maracaju, com 109 pontos, Acelino R. Ferreira, da Fazenda Quitandinha, de Siderolândia, com 74 pontos, Pedro Paulo Pedrossian, de Miranda, com 20 pontos e João H. de A. Carvalho, da Fazenda São Francisco, de Dourados, com 18 pontos. Na Nelore, variedade Mocha, Li Teixeira de Resende, da Fazenda S. Domingos, de Dourados, com 609 pontos e João Humberto de A. Carvalho, da Fazenda São Francisco, de Dourados, com 86 pontos.

Melhores conjuntos da raça: Nelore Mocho, Progenie de Pai, Kardiat — Kaxanga da Li, Ladairo da S. Domingos, Limpado da Li e Leguleiro da Li — animais de Li Teixeira de Resende. Na raça Nelore, progenie de mãe, Koshelia VII DC 327 — Esparta e Gosakia — da Eximporã Agropecuária. Progenie de Pai, Belur — Esparta, Fragância, Firagi e Façanha — também da Eximporã.

No leilão, foram vendidos 713 animais por Cr\$ 469 milhões. Foram vendidas 210 bezerras Nelore, de 8 a 12 meses, por Cr\$ 92,7 milhões e 30 de 12 a 18 meses por Cr\$ 14 milhões. Foram vendidas 40 novilhas de 18 a 24 meses por Cr\$ 27,7 milhões. Foram vendidos ainda 200 bezerros Nelore de 8 a 12 meses por Cr\$ 109,1 milhões, 50 de 12 a 18 meses por Cr\$ 24,5 milhões, 100 garrotes Nelore de 18 a 24 meses por Cr\$ 58,2 milhões e 23 de 24 a 30 meses por Cr\$ 16,7 milhões e 35 garrotes Nelore para reprodução por Cr\$ 78 milhões; 09 fêmeas Girolianda, de 38 meses, por Cr\$ 17,3 milhões; 06 equinos para lida por Cr\$ 19,8 milhões, 10 ovinos de lã por Cr\$ 10 milhões.

Resultados do Campeonato ABQM

Realizado em julho, a V Etapa do VIII Campeonato Nacional do Cavalo Quarto de Milha de Conformação realizada em Araçatuba apresentou os seguintes resultados

Categoria fêmea: grande campeã Shady Double Bars, de Douglas Ferro, de Bandeirantes, PR; na categoria de 12 a 24 meses, Dream Bab HJS, de Jacintho Ferreira e Sá, de

Ourinhos; de 24 a 36 meses, Marylin, de Imagem Imov Admin e Vendas, de São Paulo; de 36 a 48 meses, Shady Double Bars, de Douglas Ferro e de 48 meses ou mais, Nevada Jet HJS, de Jacintho Ferreira e Sá.

Categoria Machos: Grande Campeão, Smokey Jet RR, de Renato Xavier Simões, de Londrina, PR; de 12 a 24 meses, Jet Dream HJS, de Júlio Alberto de O. Fuganti, de Maringá, PR; de 24 a 36 meses, President Bars Cody, de Francisco José F. Jacintho, de Presidente Prudente, SP; de 36 a 48 meses, Smokey Jet RR, de Renato Xavier Simões, de Londrina; de 48 meses ou mais, MR Poco Chicle, de Domingos de Souza Meireles, de Presidente Prudente.

Conjunto de Progenie de mãe, Wimpy's Range Boss — produtos Impressivo Wimpe e New Wave DF — de Douglas Ferro. Conjunto de Progenie de pai, Impressivo Yours — Miss Ellen GR, Bare Impressivo GR e Sana Impressivo GR — de Geraldo Ribeiro de Souza, Presidente Prudente, SP. Douglas Ferro foi considerado o melhor expositor.

No campeonato Potro do Futuro — conformação — os resultados foram os seguintes:

Categoria fêmea: grande campeã, Super Starpar Pbl, de José Carlos Delfim Miranda. Na categoria Machos, grande campeão Abrigo Chicks RT, Ruy Moraes Terra.

No campeonato Potro do Futuro — Trabalho — (Geração de 1985):

Prova das Seis Balizas, Red Devil, do Haras 4 Irmãos, de Bauru; Prova dos Três Tambores, Red Devil; Prova de Laço de Bezerro, Changai JG, de Wilson Vitorio Dosso, de Mariópolis, SP; Prova de Rédeas, Deka, Haras 4 Irmãos, de Bauru.

Prova de seis balizas, categoria Mirim, Alabam II, cavaleiro Patrick Ferro, dono do cavalo Douglas Ferro; categoria Infantil, Alabam II, de Douglas Ferro, cavaleiro Rodrigo Ferro; Categoria Juvenil, Alabam II, de Douglas Ferro, cavaleiro Douglas Ferro Jr.; Categoria Adulto, Old Hondo, de William Koury, cavaleiro, Paulo Koury Neto.

Prova de Três Tambores; categoria Mirim, Trick Trick HJS, de Douglas Ferro, cavaleiro Patrick Ferro; Categoria Infantil, Blenda do Guará, de Douglas Ferro, cavaleiro Rodrigo Ferro; categoria juvenil, Blenda de Guará, de Douglas Ferro e cavaleiro Douglas Ferro Jr.; categoria adulto, Old Hondo, de William Koury, cavaleiro Paulo Koury Neto.

Prova de Maneabilidade e Velocidade, categoria infantil,

Second Bar 42, da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, cavaleiro Marcos R. Soares; categoria juvenil, Fancy Top EW, da Cia. Agro Florestal Monte Alegre, cavaleiro Carlos Polidoro; categoria adulto, Dilúvio da UF, de Ady Gilberto Zambon, cavaleiro Aldevino Rodrigues.

Prova do laço em dupla:

Categoria Livre, SAC's Narshulla, de Wilson Pulzato e

Fase Back RC do mesmo proprietário, com os cavaleiros Ricardo Pulzato e Jailson de Oliveira.

Prova do Laço, categoria Juvenil, Changai JG, de Wilson Vitorio Dosso, cavaleiro Wilson Flávio S., categoria adulto, Changai JG, do mesmo proprietário, cavaleiro Carlos M.S. Mescua;

Corrida dos 5 tambores, categoria livre: Alabama II, de

Douglas Ferro, cavaleiro Douglas Ferro Jr.;

Prova de Western Pleasure, Segredo SKR, do Haras São Francisco, cavaleiro Benedito Araújo. Prova de Rédeas, Brubaker FF, de Hélio E.D. Costa Curta, cavaleiro Moacyr Costa e Prova de Apartação, Segredo SKR, do Haras São Francisco, cavaleiro José Marcario Peres Pira.

1001 Noites registra vendas de Cr\$ 3,519 bilhões

Cercado de uma monumental festa, regada a uisque importado e caviar, o Leilão 1001 Noites, realizado no Clube Sírio, em São Paulo, vendeu 39 animais da raça Árabe por Cr\$ 3,519 bilhões, no dia 6 de agosto. O leilão reuniu animais dos plantéis dos Haras Cinzel (Paulo César e Celso Ribeiro), Maktub (Kalil e Roberto Dabdad), São Judas Tadeu (Agropecuária São Judas Tadeu), Sapucaí (Kalil Rocha Abdalla) e Verona (Paulo Pacheco Prates Filho).

Keila, fêmea de três anos e filha do famoso garanhão importado "Dewajtis", do empresário Cláudio Bardella e que leva o direito de ser coberta pelo reprodutor polonês Alladd que é, por sua vez, filho do grande campeão americano de 1984 "Aladdin", foi o animal mais caro do leilão. Ela foi vendida pelo Haras São Judas Tadeu para o criador Osvaldo Aranha por Cr\$ 220 milhões.

O segundo animal mais caro do leilão foi o macho "Varazdac", importado dos EUA. O animal foi vendido pelo criador Paulo Pacheco Prates Filho para Luiz Carlos D'Alfonseca Claro, de Sorocaba, por Cr\$ 216 milhões — igualando-se ao preço de um animal da raça Anglo Árabe leilado em junho. O leilão registrou média de preço de Cr\$ 90,23 milhões — 273,1% acima da média do leilão do ano passado.

A média para as fêmeas alcançou Cr\$ 109,92 milhões — 275% acima do alcançado no ano passado — e os machos Cr\$ 55 milhões — 251,5% superior ao do ano anterior. Todas as médias alcançadas superaram folgadoamente a inflação, que foi de 217%.

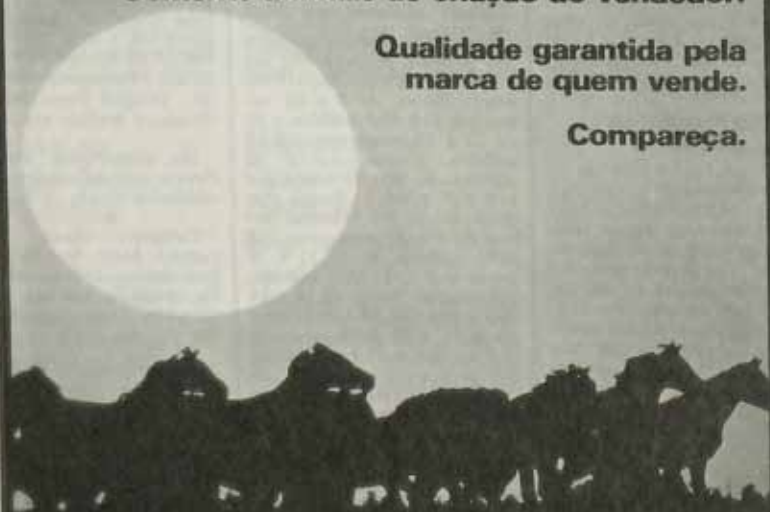
II MANGALARGA DO CRIADOR

A ABCCRM reabre um dos mais importantes espaços para quem quer comprar Mangalarga de qualidade. Para isso escolheu uma época especial. a Primavera, onde o comprador poderá adquirir animais das mais expressivas linhagens da Raça, no estado ideal.

Somente animais de criação do vendedor.

Qualidade garantida pela
marca de quem vende.

Compareça.



28 e 29 de setembro de 1985 (sábado e domingo) - 13h

Parque de Exposições Sálvio P. de Almeida Prado (Água Funda)

São Paulo (SP)



Apoio:
CREFISUL
BANCO DE INVESTIMENTOS

Dolma B. de Lima
Organização de vendas
Rua Nefrassa, 423 - São Paulo
Tel. (011) 543-3300 - Cep 04560

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

MIRAGEM PEGSSUS DE MEIRELLES, Rg. RAJ/851, Pai/S.J.T.SUDORANA CIT. PEGAS-SUS RED Rg./ HBB/LAA-46, mãe/MADRINHA TRANSMITTER DE MEIRELLES Rg. GHB/399, REPRODUTORA EMÉRITA, com novo LIVRO DE ESCÓL.

2a10m	-	2x	-	4.946	-	176,0	-	3,55%
3a10m	-	2x	-	5.419	-	178,8	-	3,29%
4a10m	-	2x	-	5.483	-	183,1	-	3,33%
7a2m	-	2x	-	5.926	-	215,8	-	3,64%

Prop. ELZA RIBEIRO MEIRELLES & FILHOS

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

MELISIO EUTERPE BOOTMAKER, Rg. HBB/B53188, PO, PACLAMAR BOOTMAKER Rg. HBB/Al1338, mãe/ MARIA HELENA 756 DORIAN DOMINÓ Rg. HBB/B41571, obteve "LE" aos:

4a3m	-	2x	-	6.198	-	225,2	-	2,62%
5a3m	-	2x	-	5.905	-	217,7	-	3,68%
6a2m	-	2x	-	6.527	-	243,4	-	3,72%

Prop: MÁRCIO ELISIO DE FREITAS

HOLANDESA - variedade vermelha e branca

CORONA NARA JASPER, Rg. HBB/BB-6583, PO, Pai/C.ROMANDALE JASPER RED, Rg. HBB/LAA/130, mãe/ FOXEARTH NATALIE 3 RD Rg. HBB/BB-3270, obteve "LE" aos:

2a5m	-	3x	-	8.164	-	228,7	-	2,80%
3a6m	-	3x	-	6.461	-	197,2	-	3,05%



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



4a5m - 3x - 8.301 - 256,6 - 3,09%

Prop.: AMILCAR FARID YAMIN

MEIRELLES RECORDAÇÃO JASPER RED, Rg. HBB/BB-6229, PO, Pai/C.ROMANDALE JASPER RED, Rg. HBB/LAA-130, mãe/ VERMELHA RUBI CENTURION Rg. HBB/BB-4112, - obteve "LE" aos:

2a4m - 2x - 5.190 - 181,7 - 3,50%
3a6m - 2x - 4.701 - 167,0 - 3,55%
4a7m - 2x - 5.742 - 184,4 - 3,21%

Prop.: ELZA RIBEIRO MEIRELLES & FILHOS

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
					Tres Ordenhas (3x)			
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos	PO	2-1	79800	303	9.557	284,6-12	2,97	Fazenda Fortaleza Ltda.
A.F. Fortaleza Neata-B/71953	OC1	2-4	79170	305	6.527	251,9-12	3,85	Paragon Agropec. Ltda.
Balaia Sultão Paragon-SP/164263	POC	2-4	79953	298	6.096	202,0	3,32	Lázaro de M. Brandão
Leila Cesar-Kiev-Diana S.S. Esp. SP/170702	PO	2-2	79470	305	5.707	196,5	3,44	Oswaldo Ass. e Outros.
J.F.R. Quarta	GBS	2-1	79955	305	5.272	164,5	3,45	Lázaro de M. Brandão.
Tecnia H.L. Rubia S. Esp. RJ/2665								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos	OC1	2-7	79536	281	5.968	209,6	3,51	Paragon Agropec. Ltda.
Bramilla Sultão Par. SP/164253								
CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos	PO	3-2	79464	305	6.760	254,8-12	2,90	F.S. Ma. Pomes Ag. Past. Ltda.
P. Redenção Bastarda C. Star-B/71073	PO	3-4	75413	305	8.648	242,3-12	2,60	Faz. S. Ma. Pomes Agr. e P. Ltda.
P. Quarticita Mount-B/68052	PO	3-2	75807	305	7.327	245,0-12	3,34	Joaquim Pelinto Rocha.
J.F.R. Palmeira	PO	3-1	75368	296	7.015	214,5	3,05	Faz. Fortaleza Ltda.
AP. Fortaleza Azevêdo B/62047	31/32	3-2	79682	274	6.417	204,4	3,10	Lázaro de M. Brandão.
Galana de S. Esp. SP/172378								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos	PO	5-1	67905	299	7.216	212,7	2,94	Faz. S. Ma. Pomes Ag. Past. Ltda.
F. Neuila Kamella Erin-B/60647	PO	5-4	66000	305	6.269	219,1	3,49	Faz. S. Ma. Pomes Ag. Past. Ltda.
P. Outrora Piranha B.-B/57665								
					Duas Ordenhas (2x)			
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos	OC4	2-3	78963	305	5.438	188,6-12	3,43	Joaquim de A. Campos
Malita 3 de Steffen-APC/71992	PO	2-3	79142	294	5.318	189,4-12	3,56	Lair Antonio de Souza.
Color Valiant Cadmus-B/71690								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos	PO	2-9	79112	303	6.787	206,2-12	3,63	Guilherme Walter S. Caldas.
WPR. Atrebel Mar-Vigo-B/71645	POC	2-10	79949	298	6.382	206,5-12	3,23	Fernando A. Kiehl e co.
Pegasi Jack - SP/160244	GBS	2-11	79897	292	5.639	193,6-12	3,43	Maria Aparecida F. Borba.
Cassella M.A.B. - RJ/2749	PO	2-11	790-7	305	5.626	192,0-12	3,41	João A. Salgado N. e Filhos.
S.M.C. Lema SXX S. J. Setar-B/70111								
CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos	PO	3-0	79616	305	6.371	255,7-12	4,01	Fernando A. Kiehl e co.
F. Redoma Cda Murven-B/69949	PO	3-3	75258	283	5.813	194,3-12	3,33	Guilherme e Walter S. Caldas.
Caldas Varcos Anita - B/71646	PO	3-2	79326	309	5.674	207,1-12	3,63	Hélio Moreira Salles.
R.V. Jaturu Kimal - SP/8/25.990								
CLASSE BI - de 3 1/2 a 4 anos	PO	3-9	79734	305	7.180	234,0-12	3,25	Guilherme Walter S. Caldas.
WPR. Kimmel Lybil P. Antares-B/71652	OC1	3-10	75397	305	7.570	231,3-12	3,05	Maria Lucia F. S. Dias.
Merlin Victor H.L. - SP/153542	OC2	3-6	80306	302	6.470	201,5	3,11	Agrícola S/A E. Ag. Pastoral.
Pitucha Agrícola - HBB/SP-156442	OC1	3-11	75756	273	5.897	189,7	3,21	Carlos A. J. Lohmann.
Benny Honey H. de Francisco-SP/154050	GBS	3-6	75715	305	5.890	228,6-12	3,88	Sementes Agropec. S/A.
Vigosa Boybrook Star-A.G.-RJ/2379	POC	3-10	75387	305	5.548	195,1-12	3,88	Hélio Moreira Salles.
Indiãta Corinto R.V. - RJ-SP/94823								



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos							
Wella Gay Ribeiro P.D'Alho-RAJ/1653	GBB	4-0	75420	227	7.050	213,6-1E	3,02 Jacob Rosier Dutilh.
Melindrosa Elev.Cinax M.L.-SP/153549	POD	4-2	74219	305	6.991	265,7-1E	3,80 Maria Lucia P.S.Dias.
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos							
Imyrna M.Quantiosa P.D'Alho-GBB/1714	GBB	4-8	71845	302	6.832	190,0	2,78 Jacob Rosier Dutilh.
Floel Agrindus - BB/SP-134722	OC1	4-11	80294	305	6.279	179,9	2,86 Agrindus S/A E.Ag.Pastoril
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Barbora Magnet SS-GBB/1413	GBB	7-0	69349	305	9.272	295,3-1E	3,15 João Figueiredo Prota.
Lisa Kit Bulder M.L.-SP/153535	OC1	5-0	73129	305	7.930	242,7-1E	3,06 Maria Lucia P.S.Dias.
Crescent.Gay Dora - B/49229	PO	7-7	57360	304	7.755	264,5-1E	3,41 Carlos A.J.Lohmann.
Senaide S.Quirino-GBB/1356	GBB	7-11	57378	305	7.442	220,7	2,96 Pecuária Arzamas Ltda.
Ventura Rosafé Jr.do Par-GBB/572	GBB	10-4	46339	305	7.210	246,3-1E	3,41 Maria Lucia P.S.Dias.
Silma Ouro Verde S.B.	GBB	9-0	49649	301	7.031	281,9-1E	4,00 João Figueiredo Prota.
Paraiso Chacota Fidalgo-B/43930	PO	0-0	55673	305	6.747	237,3-1E	3,51 Maria Lucia P.S.Dias.
Salve Proad Milagrosa P.D'Alho-RAJ/1255	GBB	5-2	67477	303	7.706	203,0	3,02 Jacob Rosier Dutilh.
Q.Africana Gay Jacara-B/51971	PO	6-3	61514	291	6.565	187,3	2,85 Pecuária Arzamas Ltda.
Mel. Interpe Rec.-B/53188	PO	6-2	63559	305	6.527	243,4-1E	3,72 Marcio Eliseo de Freitas.
Valley C.Chief Della-B/53413	PO	7-4	69267	305	6.507	210,7	3,23 Lair Antonio de Souza.
Seiado Jli Elba A.Ideal -B/58974	PO	5-2	67667	305	6.426	217,0-1E	3,37 Lair Antonio de Souza.
Rita da Esplanada-29507	11/32	8-1	79558	235	6.358	176,1	2,77 Agropoc.S.Ochrore S/A.
Mike North Den.Harroe-B/49195	PO	7-2	50068	305	6.297	217,1	3,44 Lair Antonio de Souza.
Emetina do Melisio-GBB/1810	GBB	5-4	66746	305	6.243	136,2	2,90 Marcio Eliseo de Freitas.

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

CLASSE A - de 2 1/2 a 3 anos							
Albert.HB Tanos TB-HB/7569	PO	2-7	79489	305	5.727	170,5-1E	2,97 Pedro Conde.
G.A.J.Hennessy Cit.Red-BB/7992	PO	2-7	79629	305	4.979	163,1	3,27 Olympio A.S.A.Stockler.
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos							
E.L.Melissa Mendol.S.Beb.-HB/3062	PO	3-1	79920	305	6.120	187,4	3,05 Olympio A.S.A.Stockler.
Albert.MK Turquia - BB/7716	PO	3-0	80253	305	5.968	138,3	3,15 Pedro Conde.
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos							
Corona Mira Jasper -HB/6583	PO	4-5	72216	287	6.301	256,6-1E	3,09 Anilcar Farid Yamin.
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos							
Corona Anna Chief -HB/6565	PO	4-9	70830	277	6.025	193,7	3,21 Anilcar Farid Yamin.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Edgins Wood Cit.Becky Red-BB/6021	PO	5-0	71545	300	6.282	202,6	3,22 Geraldo Figueiredo Fortes.
Capo Verde Lindon Ulmanita-LBB/811	PO	5-7	79531	305	5.765	190,2	3,29 Olympio A.S.A.Stockler.

umas Ordenhas (2x)

CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos							
Artista Nancy da Quil.SP/160094	OC1	3-7	75732	305	5.403	191,2-1E	3,53 Henricus A.Wopereis-Hol.
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2							
Sheila VIII B.Van de Groen-SP/147424	OC2	4-1	74595	305	6.496	232,7-1E	3,56 Johannes W.M.V.Groen-Hol.
São Sisto de Lúcia-BB/6812	PO	4-1	79840	277	5.440	208,2-1E	3,32 Antonio de T.Lara Neto.
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos							
Lúcia Jasper da Sol.-SP/145992	PO	4-7	75730	304	7.334	236,5-1E	3,22 Henricus A.Wopereis-Hol.
Meir,Recreação Jasper Red-BB/6229	PO	4-7	70223	300	5.742	164,4-1E	3,21 Elza Ribeiro M.ª Filhos.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Octia Baby S.Beb.SP.-SP/64957	OC1	9-10	51786	225	6.348	260,0-1E	4,22 Johannes W.M.Van de Groen-Hol.
Agente-Guie J Colleen-Red-BB/5377	PO	5-10	67693	305	6.042	212,0-1E	3,50 Antonio de T.Lara Neto.
Miragem Pequena de Meir.-RAJ/851	GBB	7-2	60026	305	5.926	215,8-1E	3,64 Elza Ribeiro M.ª Filhos.
Sandy-Lane Jasper Becky-Red-126/673	PO	6-10	66373	305	5.913	184,0	3,11 Antonio de T.Lara Neto.

Raça Jersey

CLASSE A - de 2 1/2 a 3 anos							
Wapenley Title do Buel-16605-C	PO	2-6	80250	283	4.154	204,8-1E	4,93 José Arnold Bertagnoli.

Raça Parda Suíça (Schwyz)

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos							
Corona Janet Improver- 7995	PO	3-2	75338	301	4.530	169,3	3,43 Anilcar Farid Yamin.
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos							
Corona Anna Improver-7672	PO	3-11	75340	295	6.746	238,0-1E	3,52 Anilcar Farid Yamin.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Corona Flora Medalist-5433	PO	6-6	64101	291	6.249	197,8	3,16 Anilcar Farid Yamin.
Corona Vanja Captain-6253	PO	7-6	61144	301	6.180	226,9-1E	3,68 Anilcar Farid Yamin.

Raça Gir

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos							
Caravela A-8096	RE	9-11	64001	305	3.740	156,2-1E	4,17 Arthur S.Maier Filizola.

Cruzamento Dirigido

CLASSE D - de 5 a 6 anos							
P.T.R.Campina Grande -13665	MI	5-5	76878	261	3.477	138,6	3,98 Paulo de T.Bittencourt.
P.T.R.Mérola -13657	MI	5-3	79294	305	3.267	135,8	4,27 Paulo de T.Bittencourt.
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos							
P.T.R.Hattis -12992	MI	7-9	79286	305	4.548	159,0-1E	3,71 Paulo de T.Bittencourt.
P.T.R.Locília-13620	MI	7-8	80567	268	3.280	160,6	4,59 Paulo de T.Bittencourt.
P.T.R.Graciosa -13633	MI	7-10	79293	269	3.225	135,7	4,20 Paulo de T.Bittencourt.
P.T.R.Arcade-13618	MI	0-0	80565	215	3.090	121,5	3,97 Paulo de T.Bittencourt.



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEITE
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactaçãoProdução
Leite kg

Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

Raça Holandesa — variedade preta e branca

Tres Ordenhas (3x)

CLASSE AJ - até 1 1/2 anos									
Paragon Camila Ad. Star - B/72400	PO	2-3	80243	325	8.121	276,7-1M	3,40	Paragon Agropec. Ltda.	
P. Sonia Sibelista J.4 - B/73485	PO	2-3	79804	343	7.421	214,1-1M	2,80	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
P. Sora Picadora Leader - B/73477	PO	2-5	80282	307	7.276	202,9	2,78	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
S. Super. Elev. Frosty Nativa - B/58770	PO	2-4	79951	338	6.569	209,1-1M	3,18	Lázaro de M. Brandão	
P. Sora Picadora Mount - B/73476	PO	2-3	80277	322	6.492	218,1-1M	3,36	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
Paragon Conchita P. Penstar - B/73225	PO	2-4	79050	365	6.125	220,2-1M	3,59	Paragon Agropec. Ltda.	
CLASSE AS - de 1 1/2 a 3 anos									
Elrika Guarany Ned JVP-RN/2303	GRB	2-9	80099	365	9.439	305,0-1M	3,23	Luiz Augusto Sacchi	
Drlica Rápida U. Imperor - B/71505	GRB	2-11	80099	365	7.146	212,9	2,97	Luiz Augusto Sacchi	
Xarquerá B. Demand Aj. - B/2293	GRB	2-9	80440	322	6.395	185,2	2,89	Sementes Agroceres S/A	
Detrada Demand S. Ondina - B/166179	GC1	2-8	80156	325	6.330	197,2	3,11	Araldo Mendes de Oliveira	
CLASSE BZ - de 3 a 3 1/2 anos									
P. Rápida Oca Leader - B/69946	PO	3-4	75884	295	8.503	238,2-1M	2,80	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
J.P.R. Paragosa - B/67874	PO	3-3	76685	305	7.119	243,0-1M	3,41	Joaquim Peluso Rocha	
J.P.R. Parenta - B/68503	PO	3-1	80373	320	6.681	237,2-1M	3,55	Joaquim Peluso Rocha	
A.P. Portalesa Adego - B/68046	PO	3-3	75703	365	6.516	239,1-1M	3,65	Oswaldo Assam e Outros	
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos									
J.V.P. Monica Guarany Ned - B/65049	PO	3-6	74844	365	7.337	272,9-1M	3,72	Luiz Augusto Sacchi	
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos									
Arizona Superior Rockport - B/143344	GC1	4-2	72615	332	8.020	262,0-1M	3,26	Paragon Agropec. Ltda.	
M.S. Dun Sidra Antrolo - B/65133	PO	4-3	76307	290	7.876	261,6-1M	3,32	Dorval Antonio Gaiotto	
JVP. Burtira Maple Astronaut - B/63568	PO	4-3	73254	365	7.598	287,8-1M	3,78	Luiz Augusto Sacchi	
Marlene S. Esperança - B/160017	GC2	4-3	77003	297	7.352	205,7	2,79	Lázaro de M. Brandão	
Macia Perfeta P. Mirian - B/65593	PO	4-5	80480	307	7.095	200,5	2,82	José Domingos da Silva	
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos									
J.P.R. Moninha - B/61363	PO	4-7	71530	335	8.770	246,9	2,81	Joaquim Peluso Rocha	
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos									
Kingsy Harvey Blacky - B/59521	PO	5-6	67597	365	10.707	334,2-1M	3,12	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
Car. Westering Alam Mine - B/39412	PO	10-11	68026	365	10.121	335,0-1M	3,31	Paragon Agropec. Ltda.	
Strathburn T. Bunker - B/44453	PO	12-2	51534	365	5.473	296,0-1M	3,12	Luiz Augusto Sacchi	
Rafaelina Metzer Refic - B/49942	PO	7-1	75040	365	8.907	268,5	3,01	Luiz Augusto Sacchi	
Charco Yola Vigosa Boet. - B/42786	PO	8-7	54298	340	8.889	263,7	2,96	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
Reshore Gay Sedes Norma - B/47625	PO	7-6	70169	365	8.392	242,7	2,89	Luiz H.U.C. de Mello	
AP. Portalesa Norma - B/58795	PO	9-9	45928	356	8.337	303,6-1M	3,64	Faz. Portalesa Ltda.	
SE. Norma Astronaut - B/58215	PO	5-4	75323	357	8.274	292,0-1M	3,52	Luiz Augusto Sacchi	
Melody B. Profit Spark - B/53421	PO	7-5	80481	365	8.200	253,8	3,09	José Domingos da Silva	
Jany. Oronoa N. Dutch - B/58057	PO	6-0	80094	365	8.100	280,2-1M	3,45	Luiz Augusto Sacchi	
Dun-Did Ned Banquira - B/61049	PO	6-5	63634	333	8.041	285,4-1M	3,54	Geraldo F. Forbes	
Apoje Pury Salvaje Pury - B/55669	PO	5-8	80089	365	8.024	250,0	3,11	Luiz Augusto Sacchi	
Vanessa S. Esperança - B/125410	POOD	6-3	68351	322	7.978	231,2	2,69	Lázaro de M. Brandão	
P. Oronoa N. Complete - B/56923	PO	5-9	70901	365	7.939	243,2	3,06	Faz. S. Ma. Posse Ag. Past. Ltda.	
S. Cec. Christie Bol. I. M. Ned	PO	5-5	74996	327	7.711	279,9-1M	3,57	Araldo Mendes de Oliveira	
Romaldale C. Loma - B/57239	PO	5-5	71632	365	7.565	242,6	3,20	Luiz H.U.C. de Mello	

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos									
Paragon Harvey Fava	PO	2-3	80268	365	9.231	284,4-1M	3,08	Donald Graber	
P.D. Albo Validade R. Catby - B/73073	PO	2-2	80032	365	7.473	222,2-1M	2,97	Jacob Reuter Dutilh	
Color Valiant Casala - B/72786	PO	2-2	80060	365	7.466	243,6-1M	3,26	Leir Antonio de Souza	
Ig. Bol. Glen. I. Lúcia - B/72451	PO	2-3	80166	365	7.423	226,6-1M	3,18	Willertbroeck Groot-Hol.	
Paragon Astronaut Fátima - B/44405	PO	2-3	80286	319	7.320	240,0-1M	3,01	Donald Graber	
Condessa Sina 55 - B/71356	PO	2-4	79661	365	6.984	221,4-1M	3,17	Leendert Noordegraaf-Arap.	
H.S. Citi Pioneer Cav. - B/73317	PO	2-2	80261	365	6.683	193,2-1M	2,89	Faz. Shiguero Izda	
P.D. Albo Veleira C. Norma - B/78079	PO	2-4	80388	300	6.648	201,4-1M	3,02	Jacob Reuter Dutilh	
CLASSE AI - de 2 1/2 a 3 anos									
Condessa Sandra 5 - B/71355	PO	2-6	79662	365	7.522	234,0-1M	3,11	Leendert Noordegraaf-Arap.	
Elak Vahyria Imperor - B/74752	PO	2-11	80067	308	7.187	229,5-1M	3,19	Dorval Antonio Gaiotto	
R.V. Oina Olini Ned - B/12813	PO	2-10	40042	365	7.000	235,8-1M	3,36	Hélio Moreira Salles	
Paragon Agrius - B/265348	GC1	2-6	80303	365	6.960	253,4-1M	3,64	Agrius S/A E. Ag. Past.	
Condessa Elake 35 - B/71353	PO	2-6	79909	365	6.895	201,0-1M	2,91	Leendert Noordegraaf-Arap.	
Garavelo Dulce Milestone - B/69185	PO	2-11	80715	303	6.679	226,2-1M	3,39	Garavelo Agropec. S/A	
Paragon Oina Elisei - B/71278	PO	2-8	80345	314	6.657	194,3-1M	2,92	Donald Graber	
CLASSE BI - de 3 a 3 1/2 anos									
P.D. Kynalbi C. Astronaut - B/73531	PO	3-2	80501	365	9.165	267,1-1M	2,91	Guilherme W. Soares Caldas	
Paragon Tippy Dora - B/67445	PO	3-5	76198	365	8.778	261,7-1M	2,98	Donald Graber	
Paragon Chief Bva - B/67428	PO	3-4	76225	322	7.833	231,8-1M	2,95	Donald Graber	
Uncia Elabillio Bepa P.D. Adego - B/2044	GRB	3-3	76240	290	7.585	212,9-1M	2,80	Jacob Reuter Dutilh	
Artico Monica Milest. - B/62158	PO	3-2	80711	352	7.200	249,1-1M	3,46	Garavelo Agropec. S/A	
P.D. Albo Ovali R. Norma - B/70326	PO	3-3	76726	237	7.076	196,9-1M	2,78	Jacob Reuter Dutilh	
Artico Oina Milestone - B/69182	PO	3-0	80712	333	7.054	242,7-1M	3,44	Garavelo Agropec. S/A	
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos									
IG-Fine Tippy Dora - B/66991	PO	3-7	76202	365	8.423	264,8-1M	2,81	Donald Graber	
Chasholm Wilton Silene - B/66976	PO	3-9	75273	365	8.730	273,7-1M	3,13	Donald Graber	
Maio 9 Jeta B. Norma - B/65287	GC4	3-7	75814	330	8.511	258,1-1M	3,03	Cor. J. de Jonge (B) - Arap.	
Gerdina 3 Leader B. Norma	GC1	3-10	75818	339	7.815	262,0-1M	3,35	C.J. de Jonge (B) - Arap.	
Detrada Oina W. Norma - B/16932	GC1	3-7	80038	365	7.383	228,8-1M	3,09	Gabriel e Sérgio Simão	
Prinzevill Iva - B/64438	PO	3-8	79907	361	7.322	234,2-1M	3,19	Jan Kok - (21) - Arapoti	
Willow Thor. Portine Carol - B/67007	PO	3-6	75531	351	7.318	253,5-1M	3,46	Donald Graber	
Prinzevill Maripat. 20 - B/66440	PO	3-11	79908	327	7.102	229,9-1M	3,23	Jan Kok - (21) - Arapoti	

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Ord. kg	PROPRIETÁRIO
Gabola do Melisso SP/157817	GBB	3-6	75290	347	7.022	233,3-1M	3,32
Wengales F. Daisy-It -B/67002	PO	3-8	74928	299	6.973	220,3-1M	3,15
GL.Conek Marxes Muiden-B/66997	PO	3-8	76203	305	6.881	193,8	2,81
CLASSE CI - de 4 a 1/2 anos							
Condessa Doudena 10-B/64485	PO	4-3	75873	339	8.392	260,8-1M	3,10
Melisso Glida Astro Elmo-B/64265	PO	4-4	72644	323	7.739	230,0-1M	2,97
Jilca Astronaut Desc.-SP/161465	OC2	4-2	74654	322	7.692	263,0-1M	3,41
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos							
F.D'Alho Sincera C.Thelma-B/66605	PO	4-10	68858	365	10.990	289,6-1M	2,63
Desc. IF Bootzner-B/64116	PO	4-8	71626	365	8.687	294,2-1M	3,83
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Gamela Rico M.L.-SP/87055	POCD	11-4	55670	365	10.859	341,5-1M	3,14
Julita First Million M.L.-142531	OC1	5-8	69534	365	10.652	311,2-1M	2,92
Arap. L.L. Japellon 645 Star-B/57512	PO	6-6	62700	365	10.014	302,0-1M	3,01
Carvala Villor Carrio-B/61637	PO	7-5	67677	365	9.884	308,0-1M	3,11
Gerinda 3 Northbroft-GBB/1278	GBB	7-5	58292	365	9.743	331,5-1M	3,40
Arap. Grande Doudena 15-B/54453	OC2	6-5	62364	365	9.658	289,3-1M	2,59
Arap. Grande Trankje-41021	OC1	6-5	63084	338	9.187	265,9-1M	2,89
Outora Root-Milonga P.D'Alho-GBB/553	GBB	6-10	51643	365	9.186	320,9-1M	3,49
Maidland Commander El-B/56087	PO	5-10	75189	365	8.967	311,4-1M	3,47
Carvala Apollis Brenda-B/53593	PO	7-2	68472	365	8.797	281,9-1M	3,20
Har Ann Rise Twinkle-B/53917	PO	6-6	64239	365	8.300	261,1-1M	3,14
P. Imbolia Million-B/55741	PO	6-4	60737	365	8.267	289,9-1M	3,50
SQ. Balada Gay Kereta-B/53856	PO	7-3	64071	337	8.137	270,0-1M	3,41
Jardineira First Million M.L.-SP/117471	POCD	6-3	65695	337	8.014	249,4-1M	3,11
Sorata Almagre-SP/754248	POCD	5-4	75436	289	7.777	300,0-1M	3,77
Indolinda Rosalee Jr. do Paraíso-GBB/1687	GBB	6-2	68642	273	7.777	224,8	2,89
Fial Urupiaia C. Rosalee Jr. -B/44447	PO	9-5	51223	304	7.767	227,0-1M	2,92
Darsono C. Lucinda-B/53428	PO	7-4	70787	360	7.730	252,0-1M	3,25
Sony Meadow H. Maggie-B/49201	PO	7-8	63173	288	7.668	247,3-1M	3,22
Blasia São Quirino-GBB/1661	GBB	5-8	66271	355	7.633	250,1-1M	3,27
Wood Hill Negency Trapper-B/56212	PO	6-2	67787	327	7.557	220,0	2,91
Mozilo Elev. Virginia-B/59546	PO	5-9	67303	365	7.546	276,2-1M	3,66
P. Catiana Rosalee Jr. -B/43918	PO	8-4	56119	365	7.508	257,5-1M	3,42
Mananet B. Dina Jessie-B/56185	PO	6-1	73110	365	7.421	264,7-1M	3,56
Lara Browner M.L.-117491	POCD	6-11	66613	286	7.417	227,2-1M	3,06
Campeão São Quirino-GBB/1745	GBB	5-0	70309	365	7.337	223,5-1M	3,18

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

							Tres Ordenhas (3x)
CLASSE AI - até 2 1/2 anos							
Malva de Bragança -SP/189581	OC2	2-5	79926	365	7.032	222,4-1M	3,16
Corona Hanna Roberson -BB/8544	PO	2-3	80947	275	6.724	209,3-1M	3,11
Corona T.H. Barry Jasper-BB/7952	PO	2-5	80509	316	6.636	230,1-1M	3,46
Corona Calina Yurden-BB/8537	PO	2-2	80745	305	6.124	221,2-1M	3,61
Corona Barlas Jasper-BB/7950	PO	2-5	80748	308	5.873	226,0-1M	3,84
Corona Olivetty Yurden-BB/8011	PO	-24	80753	266	5.749	199,3-1M	3,46
Corona Lottie Spinnier-BB/7940	PO	2-5	80949	281	5.729	187,1	3,26
CLASSE AI - de 2 1/2 a 3 anos							
GF. Carmelo Meyer-RR-B/61393	PO	2-6	80037	359	6.821	230,1-1M	3,37
CLASSE AI - de 3 a 3 1/2 anos							
Corona Jangada Roberson-BB/7499	PO	3-0	80512	365	7.954	257,7-1M	3,23
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos							
Ilissa Fopeira J. Red. Jobi-SP/164720	OC2	4-0	75760	328	7.367	193,8	2,63
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos							
Fina Jasper Corona-135562	POCD	4-10	73745	365	10.200	308,3-1M	3,02
GF. Aquelma Hood -BB/6679	PO	4-9	70819	365	8.217	269,4-1M	3,27
Corona Lola Jasper-BB/6578	PO	4-7	72458	289	8.127	275,1-1M	3,38
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
Corona Prima Lancer-BB/5442	PO	6-5	64515	329	9.844	315,0-1M	3,20
Indolinda Royal Corona-GBB/790	GBB	9-6	50451	365	9.244	300,3-1M	3,24
Lago View M. Ned Whity-GBB/687	PO	6-0	68319	285	7.822	268,9-1M	3,43
Elly Olivia T. Barilone-BB/6406	PO	5-1	70211	365	7.258	237,7-1M	3,27
CLASSE AI - de 2 1/2 a 3 anos							
São Simão de Camellita-BB/7674	PO	2-9	80186	365	6.010	179,6-1M	2,90
CLASSE AI - de 3 a 3 1/2 anos							
Una Cavalier Opinions P.D'Alho-RAJ/2447	GBB	3-4	75956	316	8.595	217,4-1M	2,52
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos							
Japona de São Simão-GBB/1004	GBB	4-1	79841	365	6.958	238,7-1M	2,43
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos							
CR. Vio da Holanda-GBB/1021	GBB	4-8	71803	325	7.685	254,9-1M	3,31
Indolinda Jasper Red Nubi-GBB-SP/152448	OC2	4-11	72160	355	7.001	233,6-1M	3,33
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos							
CR. Lina-SP/129467	OC1	5-7	67366	330	8.896	282,2-1M	3,17
J.P. Doudena Royal S. Nubi-GBB/263	GBB	9-10	53677	365	7.680	251,6-1M	3,27
Tris da Holanda-SP/750227	OC7	6-0	72292	297	7.462	253,9-1M	3,40
Indolinda Jasper Red-BB/6228	PO	5-0	71798	257	6.987	252,3-1M	3,61
Raça Jersey							
CLASSE AI - de 3 1/2 a 4 anos							
Nemí Apolito do Butif-16621-C	PO	3-3	80251	333	6.447	228,6-1M	5,13

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEITE
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Coord. kg	PRODUTÃO	PROPRIETÁRIO
CLASSE D - de 5 a 6 anos Uniskillen Supreme Rosebud-11269-C	PO	5-2	74890	365	5.107	260,0-1M	5,09	João Ronald Bertagnoli.
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Tres Ordenhas (3x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos Corona Allary Improver-8286	PO	2-10	80950	277	4.924	176,8	3,59	Anilcar Farid Yamin.
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos Corona V.E. Rafael Tallman-7874	PO	3-6	75342	352	6.477	205,1-1M	3,16	Anilcar Farid Yamin.
Corona Yoda Tallman-7824	PO	3-8	75341	365	6.162	217,8-1M	3,53	Anilcar Farid Yamin.
Corona Selkian Improver-7760	PO	3-10	74697	308	5.003	191,3	3,82	Anilcar Farid Yamin.
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos Corona Trans-lila 19 Harry	PO	4-2	72221	262	5.378	193,3	3,59	Anilcar Farid Yamin.
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos Corona Ella Twin-7436	PO	4-6	72220	294	6.177	216,9-1M	3,51	Anilcar Farid Yamin.
S.C. Franchosa El Brito IV-207353	PO	4-7	79770	365	4.900	209,6	4,20	Fernando Prado Rêgo.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos S.C. Palma Topper II-205405	PO	10-1	46570	365	7.802	308,1-1M	3,94	Belmetal-Ind. e Com.
SE Ros. Greia Garbo -5364	PO	9-3	55208	267	6.100	196,3	3,21	Anilcar Farid Yamin.
VB Favorite Uncomer-5571	PO	9-6	49530	118	5.953	189,3	3,18	Anilcar Farid Yamin.
NM Princess Ramonda-5362	PO	8-9	54807	330	5.910	188,7	3,19	Anilcar Farid Yamin.
Duas Ordenhas (2x)								
Lina Roper da Lixeira	GC1	-	72413	324	6.198	273,8-1M	4,41	Giovani B. Grossi.
GC Jacta Ella - 205641	PO	9-9	67171	353	5.140	172,5	3,35	Agro. Por. H. São João do Lda.
Raça Gir								
Tres Ordenhas (3x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos Princesa de Brasília-1933	SE	7-8	80214	349	4.616	213,5-1M	4,62	Rubens Resende Porto.
Rosa de Brasília - B-2007	SE	7-1	68797	365	4.307	207,3-1M	4,81	Rubens Resende Porto.
Roger de Brasília - Cont. 1715	SE	9-8	55695	341	4.173	207,1-1M	4,96	Rubens Resende Porto.
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos Valência	NR	4-3	80008	365	3.504	171,8-1M	4,50	Rena Ag. e Pecuária Ltda.
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos Princesa de Brasília-T-2966	NR	8-5	63421	340	4.358	195,2-1M	4,47	Arthur S. Maior Filizola.
Tijolada - 1781	NR	6-0	73174	321	4.257	190,0-1M	4,46	Rena Ag. e Pecuária Ltda.
Nesalia - B-674	NR	10-7	48797	365	3.635	181,4-1M	4,98	Rena Ag. e Pecuária Ltda.
Floreeta - A-8273	NR	-	65835	343	3.508	159,9	4,55	Arthur S. Maior Filizola.
Sedila - 5/5	NR	7-6	68027	303	3.486	173,2-1M	4,96	Rena Ag. e Pecuária Ltda.
Cruzamento Dirigido								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos F.T.B. Canália - 22997	NI	4-2	80583	344	4.121	181,2-1M	3,91	Paulo de T. Bittencourt.
F.T.B. Barbozema - 23007	NI	4-4	76682	275	3.434	129,1	3,76	Paulo de T. Bittencourt.
CLASSE D - de 5 a 6 anos F.T.B. Tinha Bela - 13683	NI	5-7	80910	274	5.877	213,2-1M	3,62	Paulo de T. Bittencourt.
IM LIVRO DE MÉRITO LE LIVRO DE ESCOL								

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %
Raça Holandesa — variedade preta e branca					
Theodora Jacovina J. Vencem. (Belcaras 117) - Pecuária de São Paulo, Controle em 07/08/85. Segue de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
T.A. J.V. Remanejo Inocente	PO	3-8	30	74	31,0 3,06
Pecuária Africana Ltda. (Cariacás, Bat. de São Paulo, Controle em 28/08/85. Segue de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
S.O. Vilagrosa N. Temperado	PO	5-7	10	38	25,8 2,5
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	5-7	10	32	23,0 2,7
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	6-0	19	20	28,0 2,5
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	5-6	19	18	24,5 2,8
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	6-0	19	4	24,0 2,1
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	7-8	2	27,0 2,8	
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	5-7	38	26,0 2,8	
S.O. Caracalla F. Quirino	GB	7-2	20	38	27,0 3,0
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	3-11	20	33	24,0 2,1
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	7-10	38	74	28,0 2,9
Pecuária Africana Ltda. (Cariacás, Bat. de São Paulo, Controle em 28/08/85. Segue de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
S.O. Dana Tender Agata	PO	4-4	20	73	31,0 2,5
Therios S. Quirino	GB	4-3	20	33	29,0 1,3
Cometaria S. Quirino	GB	6-1	19	32	32,0 3,4
Maternal S. Quirino	GB	4-11	19	31	26,9 2,8
S.O. Barbaça Gay Unirama	PO	6-8	68	177	28,0 2,5
S.O. Barbaça Gay Unirama	PO	9-11	50	149	34,0 3,2
S.O. Barbaça Gay Unirama	PO	4-10	50	141	27,0 2,5
S.O. Barbaça Gay Unirama	PO	9-6	49	137	28,0 3,2
Acrescda S. Quirino	GB	7-10	49	134	33,0 2,8
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	5-11	49	113	34,0 3,2
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	8-6	49	111	29,0 2,7
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	7-10	49	109	28,0 2,6
Amelia S. Quirino	GB	8-0	49	102	31,0 2,4
Carolina S. Quirino	GB	7-10	49	95	28,0 2,8
Cometaria S. Quirino	GB	4-9	39	89	26,0 2,1
Episódio S. Quirino	GB	3-10	39	78	28,0 2,5
Bravada S. Quirino	GB	3-9	39	74	24,0 2,1
Acrescda S. Quirino	GB	8-0	39	68	24,0 2,4
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	6-8	29	52	31,0 2,8
S.O. Caracalla F. Quirino	PO	7-6	29	48	28,0 2,7



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Cubão Advantista Brasília, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 06/05/93, Regime de semi extensivo, 2 Ordenhas.						
C.A.B. Veletrária Antares	PO	4-9	119	311	14,0	3,8
C.A.B. Veletrária Chris	PO	2-8	49	75	15,0	3,7
C.A.B. Veletrária Neco Star	PO	4-3	29	43	15,0	3,6
C.A.B. Veletrária Neco Star	PO	4-10	49	81	15,0	3,9
C.A.B. Freges Neco Star	PO	4-10	19	18	16,0	3,1
C.A.B. Veletrária Telstar	PO	3-10	19	14	23,0	3,0
Brasão	-	-	70	174	13,0	1,6
Marque Neco Star	PO	8-1	29	37	27,0	4,1
C.A.B. Contopêdo H. Marquês	PO	4-2	109	59	20,0	3,9
C.A.B. Freges Neco Star	PO	10-2	79	185	15,0	3,8
C.A.B. Freges Neco Star	PO	2-4	59	118	13,0	4,3
Weller Glória Glória Neco	PO	2-3	49	86	21,0	4,3
C.A.B. Neco Star	PO	2-3	49	72	17,0	3,0
C.A.B. Neco Star	PO	6-7	69	159	14,0	3,0
C.A.B. Neco Star	PO	6-7	69	221	18,0	3,6
C.A.B. Neco Star	PO	7-8	79	20	23,0	3,2
C.A.B. Neco Star	PO	5-3	29	40	22,0	3,8
C.A.B. Neco Star	PO	6-3	69	178	22,0	3,8
C.A.B. Neco Star	PO	4-2	49	78	16,0	3,7
C.A.B. Neco Star	PO	4-1	49	113	16,0	3,9
C.A.B. Neco Star	PO	2-2	49	113	16,0	3,9
C.A.B. Neco Star	PO	2-5	49	146	13,0	3,7
C.A.B. Neco Star	PO	2-5	29	52	20,0	3,1
C.A.B. Neco Star	PO	5-2	29	38	11,0	3,5

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Roberto Alegria Neto Chist						
Alegraria Paragon	PO	4-4	39	131	21,0	0,8
Alegraria Paragon	PO	4-5	29	61	26,0	0,5
Alegraria Paragon	PO	4-6	29	31	27,0	1,6
Alma Citron M. H. Mary	GBR	10-9	19	10	40,0	2,1
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-7	19	10	33,0	2,7
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-7	19	10	21,0	2,5
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	3-8	19	8	28,0	3,3
Rico Baitão Paragon	OCI	3-5	39	47	33,0	1,4
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-5	39	117	24,0	0,7
Paragon Baitão P. Cavalier	OCI	3-9	39	99	23,0	2,4
Paragon Baitão P. Cavalier	OCI	3-7	49	172	24,0	1,3
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	7-8	29	51	34,0	2,5
Paragon Baitão P. Cavalier	OCI	3-9	29	58	31,0	1,7
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	2-7	19	11	30,0	2,9
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	2-7	29	33	21,0	2,1
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	6-8	29	40	32,0	3,6
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	5-11	19	16	42,0	2,4
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	7-8	29	48	31,0	3,3
Paragon Baitão P. Cavalier	PO	6-4	29	40	26,0	2,1

Favara Santa Esperança, Brasília, Est. de São Paulo, Controle em 17/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Belinda Baitão Paragon	POD	6-4	49	140	20,0	3,0
Belinda Baitão Paragon	PO	7-11	39	84	34,0	3,0
Belinda Baitão Paragon	PO	6-7	19	25	12,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	6-4	29	41	21,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	POD	9-2	29	29	25,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	4-7	69	144	28,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	3-3	19	25	20,0	2,2
Belinda Baitão Paragon	PO	6-8	69	152	30,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	5-0	39	40	20,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	POD	8-7	39	64	34,0	2,3
Belinda Baitão Paragon	11/PO	4-1	19	29	36,0	2,2
Belinda Baitão Paragon	PO	3-2	39	79	33,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	3-7	39	79	33,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-2	19	17	27,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	OC1	7-5	50	120	21,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	6-10	29	52	31,0	2,6
Belinda Baitão Paragon	11/PO	3-2	39	68	38,0	2,0
Belinda Baitão Paragon	OC1	4-2	29	40	38,0	2,4
Belinda Baitão Paragon	POD	3-2	70	206	22,0	4,3
Belinda Baitão Paragon	POD	3-7	70	47	38,0	2,6
Belinda Baitão Paragon	PO	3-2	49	38,0	2,5	
Belinda Baitão Paragon	PO	-	39	83	31,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	POD	3-2	49	91	29,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	PO	3-1	10	1	27,0	2,2
Belinda Baitão Paragon	GBR	7-5	10	4	27,0	2,9
Belinda Baitão Paragon	OC1	2-6	69	156	27,0	2,4
Belinda Baitão Paragon	OC1	2-11	10	1	27,0	2,1
Belinda Baitão Paragon	OC1	2-6	69	152	22,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	PO	2-7	70	68	27,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	PO	2-7	70	43	30,0	2,7
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	19	27	33,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	POD	2-4	19	31	35,0	2,5

Dorval Antonio Galvão, Campolide, Est. de São Paulo, Controle em 06/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Belinda Baitão Paragon	OCI	2-4	29	52	25,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	2-7	29	29	31,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	6-7	29	40	30,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	2-3	29	79	23,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	OCI	2-3	50	154	18,0	-
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-3	59	124	23,0	3,6
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-7	49	118	24,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	PO	6-3	70	235	13,0	3,7
Belinda Baitão Paragon	PO	4-4	30	42	21,0	3,0
Belinda Baitão Paragon	PO	4-1	30	114	24,0	4,0
Belinda Baitão Paragon	PO	4-1	30	78	28,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-5	30	142	19,0	5,0
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-5	29	35	32,0	2,5

Gulherme Walter Soares Caldas, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 23/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Belinda Baitão Paragon	PO	3-11	19	14	39,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	4-9	19	8	30,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	PO	4-10	19	8	30,0	3,0
Belinda Baitão Paragon	PO	2-10	19	13	21,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	PO	4-4	19	29	29,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	PO	3-4	19	14	21,0	3,6
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	19	29	29,0	3,6
Belinda Baitão Paragon	PO	7-1	19	21	33,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	PO	6-10	49	172	27,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	PO	5-4	69	172	25,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	119	340	21,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	PO	7-1	119	119	30,0	3,7
Belinda Baitão Paragon	PO	4-9	39	85	22,0	2,4
Belinda Baitão Paragon	PO	3-7	29	91	20,0	2,6
Belinda Baitão Paragon	PO	2-11	89	231	21,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-5	89	167	22,0	3,3
Belinda Baitão Paragon	PO	2-5	49	160	20,0	3,7
Belinda Baitão Paragon	PO	2-6	19	35	26,0	3,3
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	79	221	25,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	79	356	22,0	4,1
Belinda Baitão Paragon	PO	7-4	29	32	46,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	PO	3-8	19	50	23,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-5	19	20	22,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	PO	3-11	19	29	22,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	PO	4-7	19	119	28,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	7-6	59	152	24,0	2,6
Belinda Baitão Paragon	PO	2-3	79	227	24,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	PO	2-4	29	69	25,0	2,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-6	29	47	29,0	2,2
Belinda Baitão Paragon	PO	6-8	69	187	24,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	PO	4-9	59	135	24,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	PO	2-8	29	87	23,0	2,2
Belinda Baitão Paragon	PO	4-4	50	103	23,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	PO	3-8	29	40	20,0	2,6
Belinda Baitão Paragon	PO	7-3	79	218	20,0	3,0

H. Ricardo Chavesky, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 05/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Belinda Baitão Paragon	OCI	10-2	29	33	26,0	3,8
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-0	49	95	22,0	2,9
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-0	49	95	22,0	2,9
Belinda Baitão Paragon	OCI	4-0	19	9	23,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	2-0	59	107	21,0	3,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	-	31	77	24,0	1,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	30	61	26,0	1,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	30	61	26,0	1,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-1	18	13	23,0	3,2
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-12	30	70	25,0	2,9
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-0	49	95	21,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	OCI	3-10	39	69	23,0	2,9
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	29	47	24,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	7-7	49	89	23,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-0	10	26	25,0	3,4
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	39	69	26,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	39	69	26,0	2,5
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-1	29	37	26,0	3,3
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	10	40	26,0	3,3
Belinda Baitão Paragon	OCI	5-0	49	95	21,0	3,1
Belinda Baitão Paragon	OCI	6-0	89	85	21,0	2,9

Favara Santa Esperança, Brasília, Est. de São Paulo, Controle em 09/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
S.P. Jucatares Avera	PO	4-1	39	82	30,0	3,0

Zezé Roberto, Brasília, Est. de São Paulo, Controle em 16/05/93, Regime de pastagem com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Favara Santa Esperança, Brasília	PO	9-2	39	105	24,0	3,0
Favara Santa Esperança, Brasília	PO	5-0	39	85	24,0	2,1

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEITE PROLEITINA GL LACTINA GL

Purina

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Antes do parto: Bessoli, Campinas, Det. de São Paulo, Controle em 15/05/75, Registro de parto com raça suplementar, 2 Ovelhas.					
Ronda Cal. Ocaso de P. d'Almeida	GB	6-8	40	105	26,0
Quilmes de Vilas, Dourado	IO	4-4	50	138	10,0
Após o parto: de Freitas, Ilópolis, Det. de São Paulo, Controle em 07/05/75, Registro de parto com raça suplementar, 2 Ovelhas.					
Quilmes Alamosi	POCO	7-2	48	92	18,0
Alamosi, Ilópolis, Bessoli	PO	7-10	40	93	21,0
Adelândia B. Quilmes	GB	7-9	40	101	31,0
Ilópolis Alamosi	POCO	6-10	19	7	26,0
Ilópolis Alamosi	POCO	5-9	50	120	18,0
Alma Antenorini Alamosi	GB	8-6	40	90	24,0
Bessoli de Almeida	IO	7-7	40	133	24,0
Quilmes Belmont Alamosi	GB	4-4	30	62	21,0
Bessoli Atlas	IO	-	30	79	29,0
Alamosi Alana Sharline	PO	4-8	30	71	18,0
Alamosi Anacora, Freitas	PO	5-6	20	40	22,0
Alamosi, Ilópolis, Ilópolis	PO	7-8	60	160	21,0
Alamosi Bessoli de Almeida	PO	7-6	40	100	18,0
Alamosi Bessoli de Almeida	PO	7-10	20	49	21,0
Bessoli B. Quilmes	IO	6-6	50	140	25,0
Ilópolis Belmont, Ilópolis	IO	-	50	131	20,0

[illegible]

Análise Regressora de Regressão de Quadrados Mínimos de 2ª Ordem. Contorno no 27/05/01. Descrição do posto em razão sagittaria. 1. Ordenado.						
Neils-Jacobsen, Permar	PO	5-5	18	28	12,5	3,10.
Neils-Valentine Permar	PO	3-6	80	238	10,5	3,30.
Neils-Neilson Chasen	PO	6-5	89	224	11,5	4,09.
Neils-Scott Hansen	PO	3-5	80	222	10,4	4,31.
Neils-Charles Permar	PO	7-5	131	202	11,5	3,40.
Neils-Eum Permar	PO	2-6	69	133	11,6	3,45.
Neils-Quenter Antonsen	PO	6-11	89	167	12,5	3,25.
Neils-Teg Idem	PO	3-7	69	161	11,5	3,38.
Neils-Tyge Idem	PO	4-6	70	126	11,6	3,29.
Neils-Quahly Chasen	PO	7-6	90	125	10,5	3,40.
Neils-Clara Fride	PO	4-6	49	120	16,5	3,05.
Neils-Fredrik Idem	PO	8-9	39	67	12,0	3,69.
Neils-Thoms Idem	PO	6-11	29	62	28,0	3,09.
Neils-Tola Nordstrom	PO	4-11	29	51	16,0	3,03.
Neils-Jeff Idem	PO	3-10	29	45	29,0	3,39.
Neils-Eum Nordstrom	PO	2-4	29	31	19,0	3,05.
Neils-Geistada P. Permar	PO	5-5	29	39	21,0	3,75.
Neils-Schmidt P. Permar	PO	5-6	29	47	17,0	4,05.
Neils-Patricia Idem	PO	6-10	24	34	28,0	3,40.
Neils-Idem	PO	3-5	19	23	28,0	3,25.

15/05/2016 Registro de pontos em Filadelfia, Flóres de Goiás, Fátima, São João, Contenda e São José, Região de fronteira com o Estado de Goiás						
Valentim Marcondes	11/23	8-1	19	21	24,0	2,40
Sérgio Luis 2001 Elias Jettatur	20	4-1	18	24	21,0	0,40
João Valério Gomes Soares Travassol	20	5-0	20	48	22,0	2,00
André Luis Mendes	21	2-1	20	44	21,0	0,40
Artur Gomes 1001 Indistintos	20	3-10	28	42	20,0	2,00
João J. Sampaio Gomes Ribeiro	20	4-0	28	38	20,0	1,80
Marcelo Marcondes	20	4-0	28	38	20,0	1,80
João J. Brigido Orellana Ribeiro	20	4-0	28	38	19,0	2,00
Travassol	28	8-7	29	88	17,0	2,20
João J. Romão Mendes Travassol	20	3-0	48	103	18,0	0,40
João J. Almeida Gomes Filho	20	4-10	38	121	18,0	0,40

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole	Dias de Leite de lactação	%
Jang, 1. Senhora Feste Boot.	PO		8-8	50	158	18,4
Anguelina Marajo	31/32			79	230	17,2
Jang, 1. Saralhanta Oferenda	Hap.	PO	3-11	36	79	16,2
Rossely 29 da Jona	GC3		4-2	20	81	12,5
Jang, 1. Bekala U.Boot.	PO		3-11	20	37	20,2
Dekora 12 da N.Vida	GC2		3-7	20	126	14,8
1. Star Marica 7 da Jona	GC1		6-1	20	37	17,9
Angotti Boa Esperança C. 671 S.A.	GC3		6-7	20	101	25,0
Angotti Salomona G. Juana	GC2		6-1	39	109	15,0
Jang, Danitaba Juana Milner	PO		6-10	59	133	17,0
Jang, 1. Brava Marica Dymka	PO		3-0	39	17	17,0
Jang, 1. Mikira Guelmo Cit.	PO		5-0	49	100	21,0

5/A. Fazenda Faria Agropec. São João da Boa Vista, Est. de São Paulo, Censim. de 11/05/55, Registro de pasto com capão suplementar. 2. Ordenação.						
Par. Gabriela Leal	PO	5-1	19	19	19,0	1,3
Par. Gerantilide Rocha	PO	5-0	19	19	29,0	1,4
Par. Glória Ruyalator	PO	5-0	10	15	29,0	1,7
Par. Iracemaideia Penetate	PO	4-2	10	12	26,0	4,1
Par. Jacinta Mado Rato	PO	2-0	10	12	19,0	2,0
Par. Justina Rosafrs Júnior	PO	10-18	10	11	27,0	1,3
Par. Juzeila William	PO	2-8	10	7	19,0	4,0
Par. Imperial Standant	PO	4-2	10	6	19,0	1,5
Par. Jena Marcus	PO	10-0	10	6	19,0	6,0
Par. Nociara Rosafrs Júnior	PO	7-5	10	4	21,0	3,8
Par. Sadini Elegance	PO	2-10	10	4	19,0	1,4
Par. Javiana Reliance	PO	2-4	20	35	19,0	1,1
Par. Doraci Ivesher Star	PO	7-4	20	35	21,0	1,4
Par. Jandilla Nabo Rato	PO	3-5	20	31	24,0	1,8
Par. Jandilla Reliance	PO	2-7	20	32	22,0	3,7
Par. Candira Ultramar Fidalgo	PO	8-4	20	32	19,0	1,7
Par. Japarta Bland	PO	3-2	20	31	19,0	1,4
Par. Verulinda Ronson	PO	11-8	10	29	21,0	7,5
Par. Juzeila William	PO	2-10	10	20	19,0	1,7
Par. Iracema Elegance	PO	3-7	10	25	24,0	1,3
Par. Impermodoni Maple Pans	PO	4-1	19	23	27,0	1,9
Par. Jaina Pál	PO	2-11	10	30	21,0	1,7
Par. Cefaina Rosafrs Jr.	PO	6-10	10	29	26,0	2,0
Par. Magnaaura B. Jr.	PO	9-10	40	109	24,0	1,3
Par. Impulveli Milstone	PO	3-10	40	125	29,0	2,8
Par. Caneça Rosafrs Jr.	PO	8-11	30	87	24,0	1,3
Par. Crispata Armstrong	PO	6-7	30	87	24,0	1,4
Par. Cangelina B. Jr.	PO	8-2	30	77	22,0	1,4
Par. Iracemaideia Rocha Fidalgo	PO	6-11	30	84	31,0	2,4
Par. Gela IV Star	PO	4-11	30	83	31,0	2,4
Par. Gloria Devon	PO	0-3	30	76	18,0	1,4
Par. Imulajocia Roneyville	PO	3-6	30	67	25,0	1,7
Par. Purpura Kennedy	PO	5-10	30	67	31,0	3,2
Par. Idiograma Danella	PO	4-1	30	63	31,0	2,8
Par. Justina Penetate	PO	9-5	30	62	19,0	1,4
Par. Juzeila Standant	PO	3-9	30	63	25,0	4,3
Par. Ilmaria Penetate	PO	4-11	20	51	16,0	1,2
Par. Florencia Mission	PO	5-10	20	50	25,0	1,3
Par. Fuchida Ultimate	PO	6-0	20	49	29,0	1,4
Par. Caneça Rosafrs Jr.	PO	8-5	20	47	29,0	1,1
Par. Fuchida William	PO	9-0	20	46	38,0	1,5
Par. Jaina William	PO	2-8	20	43	18,0	1,2
Par. Jaina B. Doreau	PO	2-8	20	41	19,0	1,3
Par. Jaina Otonaro	PO	2-9	20	35	21,0	1,7
Par. Jandilla B. Jandir	PO	10-6	20	34	18,0	1,5
Par. Caneça Wm. Citation	PO	8-5	50	127	24,0	1,3
Par. Encorpado IV Star	PO	6-10	50	124	30,0	1,4
Par. Iracema Bland	PO	3-9	50	124	19,0	1,4
Par. Caneça Citation B.	PO	2-10	50	167	25,0	1,3
Par. Iracema Bland	PO	3-9	60	157	27,0	1,1
Par. Grita Ruyalator	PO	4-6	60	156	22,0	1,7
Par. Grita Rosafrs Jr.	PO	7-9	60	176	18,0	1,2
Par. Caneça Rosafrs Jr.	PO	9-0	60	218	26,0	1,3
Par. Jaina B. Jandir	PO	10-2	60	213	20,0	1,3

Tais Augusto de Melo, José dos Crespo, Tat. de São Paulo, Contador em 25/05/95, de idade de pouco mais do que 40 anos. 2 Ordens.						
Wesley C.A.V.	11/12	7-10	20	44	12,5	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	4-6	10	4	19,0	1,3
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	3-4	10	13	19,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	3-4	10	18	19,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	4-6	10	19	19,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	5-6	20	71	17,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	3-4	20	56	18,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	3-4	20	61	18,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	7-8	20	227	17,0	1,4
Wesley 1990 Editora Uniao C.A.V.	01/1	8-9	20	256	17,0	1,4

Dada Auguste no 191. Pedralina, lat. do Minas Gerais, contendo em 22.500.000. Segundo passo com rápido salientar. 3. Arquivos.					
Vinhete Chancelaria Mala Indica	PO	6-2	47	106	27,0
Vinhete Chancelaria The Ford	PO	6-3	49	152	26,0
Vinhete Estafete Daisy Arremon	PO	5-0	49	111	26,0
Assist. Dalmira Deryn H.	PO	7-4	50	125	32,0
Patela 111 Refletor de Arremon	QMB	5-3	49	115	26,0
St. Valença H.S.	PO	5-0	50	171	33,0
Troca Arremon S.	QMB	5-0	50	20,0	
Notificação Dalmira H. Marcos	PO	3-0	49	120	22,0
Normeiza Dalmira Paul Frazee	PO	-	78	288	38,0
Normeiza Dalmira	PO	-	78	78	22,0
Normeiza Arremon	PO	-	78	111	27,0
Normeiza Vito H. Arremon	PO	5-4	49	28	28,0
Paul Dalmira Dalmira	PO	3-0	48	104	27,0
Paul Dalmira Dalmira M.L.	PO	6-11	49	187	27,0
Circ. 221 Bell. Min. C.S.	OCJ	5-1	48	200	22,0
Arrete Min. Emission	PO	3-0	29	18	22,0
St. Paul H.S. Dalmira C. Dalmira	PO	3-0	24	84	22,0
Paul Dalmira Dalmira	PO	3-0	48	111	22,0
Dalmira Dalmira S. Dalmira	PO	4-7	50	127	22,0

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**


Purina

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fai, Negro Ana Bela (TAMING)	PO	7-7	20	90	24,0	1,7
Fai, Negro Olívia Prestige	PO	5-2	50	119	22,0	1,2
Fai, Negro Olívia Hughes	PO	5-0	40	145	22,0	1,0
Fai, Negro Royal Hughes	PO	5-2	50	142	24,0	1,9
Narcissia Azul, Reala	PO	1-1	50	114	27,0	2,9
Grayson Wilson, Carey	PO	1-7	30	80	35,0	1,0
Ana Paula 102 Lilly S. Paul	PO	5-6	10	25	26,0	3,1
John S. Jefferson de S. Antonio	PO	0-1	10	7	23,0	1,9
Ellen, Hazel, Ford Apollo	PO	5-0	10	24	32,0	3,4
Arlene, Victor, Schneider	PO	6-0	10	14	30,0	1,3
Michael 10, André S. Ribeiro	OT	5-10	10	7	25,0	3,0

Ernesto Gruber, Campinas, Estado de São Paulo, Controle em 11/05/05, Registro de parto com recém-nascidos, 2 Ovelhas.

Barry, William Francis	PO	2-3	19	10	19.0	3.1
Barron, William Stephen	PO	2-4	10	22	22.0	3.2
Barron, James Donald	PO	5-0	10	29	29.0	2.2
Barron, Stephen Estelene	PO	4-0	10	23	24.0	2.8
Barnes, William James	GC3	4-7	40	26	37.0	2.0
Barnes, Freddy George	PO	2-3	10	30	29.0	3.3
Barron, John Geddis	PO	2-1	10	3	27.0	3.0
Bart, Guy Benjamin	GC4	5-7	10	29	33.0	2.0
Barron, David Graham	PO	4-0	40	58	27.0	3.2
Barron, John Francis	PO	2-7	10	5	26.0	3.4
Barron, Thomas Florida	PO	2-5	40	114	24.0	2.7
Barron, William Gerald	PO	2-1	20	79	29.0	2.6
Barron, William Earl	PO	2-7	30	74	26.0	3.0
Barron, James George	PO	2-3	30	72	26.0	3.0
Baskin's S. L. Star Sandra	PO	11-4	20	67	32.0	3.0
Bass, Joe Louis	PO	2-0	20	67	25.0	3.5
Bass, John Clinton	PO	2-9	20	42	44.0	2.0
Bass, Chad Ivan	PO	2-6	30	36	30.0	3.0
Bass, William Geneva	PO	2-1	20	39	19.0	3.3
Bass, Marcus Camela - TE	PO	2-1	20	38	22.0	2.9
Bass, Freddy James	PO	2-2	20	40	24.0	3.1
Bass, William George - TE	PO	2-0	20	40	22.0	2.7
Bass, Chuck Armstrong	PO	7-4	40	145	33.0	2.7
Chascholine Midhurst Sign	PO	4-6	30	129	36.0	3.4
Bass, Penelope Anita	PO	5-0	30	126	29.0	2.6
Bass, Arthur Louis	PO	4-0	40	96	25.0	3.3
Bass, Amy Louise	PO	4-7	40	87	27.0	3.4
Bass, Ronald Debra	PO	4-2	40	100	24.0	3.6
Bass, Arthur Douglas	PO	4-4	40	120	32.0	3.2
Bass, Neil Travis Dennis	PO	10-4	40	115	13.0	4.2
Bass, Fay Ann Sophie	PO	4-0	40	40	23.0	3.0
Le-Pine Artin News	PO	4-3	40	113	29.0	3.5
Bass, Jeff Shattuck Jay	PO	4-4	30	113	23.0	3.0
Barr, Norma Patricia	GC3	5-5	40	103	33.0	2.8
Barr, William Francis	PO	2-0	40	111	19.0	3.0
Barr, Glen Fines	PO	2-1	40	101	19.0	3.5
Barr, L. Sue Dallas	PO	4-6	40	162	24.0	3.0
Barr, Glen Milan	PO	3-0	40	176	19.0	3.4
Barr, Harold Balise	PO	3-0	40	174	23.0	2.9
Barrington Terence Julia	PO	3-0	30	154	19.0	1.5
Le-Pine Ann Wilson	PO	4-2	30	95	20.0	3.4
Barr, Carlos Dennis	PO	4-7	30	141	11.0	2.8
Barr, Kim Impholids	PO	3-7	30	139	29.0	2.8
Barr, Cecilia Thelma	PO	2-3	30	123	27.0	2.8
Barr, Amy Ruth	PO	2-3	40	133	19.0	3.0
Barr, Russell Paula	PO	2-1	40	103	23.0	2.4
Wilde Herman J. Haffin	PO	3-10	30	149	26.0	2.5
Barr, Chief Christine	PO	4-11	30	253	22.0	1.1
Conductor Walter Elgie	PO	3-11	30	132	15.0	2.7
Barr, Ray Camela	PO	5-7	30	245	25.0	2.8
Barr, Roger Dennis	PO	3-3	30	227	20.0	1.8
Le-Pine William Irving Ray	PO	4-0	30	222	19.0	3.6
Barr, Chief Robert	PO	2-2	30	227	44.0	2.8
Barr, J. Ellis	PO	3-7	30	230	21.0	3.6
Barr, Chief David	PO	4-9	30	217	18.0	2.7
Barr, Marcus Paul	PO	2-3	110	352	19.0	1.2
Barr, Charles James	PO	3-3	30	217	19.0	3.2

pt. Múrmio Nísio de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 14/05/85. Numa de junho com racha malfeitor. 2 Obitos.

[illegible]

Paróquia Santa Maria da Piedade Agrícola e Pastoral Ltda. Itaguava, Set. do São Paulo.
Cidade em 24.05.93. Regime de pastoreio com rações suplementares. 1 Cochoalho.

Nome	Idade	Sexo	Tempo	Velocidade	Altura	Peso
Nome: Helena Hilgert e Neto	PO	5-11	50	138	30,0	2,3
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	4-7	50	123	34,0	2,3
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	113	31,0	2,7
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	101	29,0	2,6
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	104	27,0	2,5
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	101	24,0	2,8
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	86	25,0	2,5
Nome: Helina Hilgert e Neto	PO	5-11	50	137	23,0	3,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Burns's Somena Charlie Ben	PO	5-1	29	67	33,0	2,4
Posses Paula Naomi Willow	PO	5-10	20	89	27,0	3,3
TR Har Iesta Silver	PO	1-1	17	29	38,0	2,4
Posses Portia Isabel Willow	PO	6-1	10	29	36,0	2,4
Posses Redigação Barbara (Maracatu)	PO	4-2	10	22	34,0	2,4
Posses Rosina Marlene Reg.	PO	2-6	50	127	24,0	2,9
PTB Rochaelle Elly-Astro	PO	2-7	59	118	21,0	2,9
Burns's Tilla Daisy Milestone	PO	2-6	58	22	11,0	2,9
PTB Astrolol Elmo Hill	PO	2-3	40	101	26,0	2,9
Posses Edina Olga M. Futuna	PO	2-3	40	106	20,0	3,3
Posses Lenita Marleneben	PO	3-0	30	103	27,0	2,4
PTB Elisevethel Pudel Paint	PO	2-7	30	24,0	7,9	
Barjeta Quetola L-da Posses	GBB	2-0	30	75	31,0	2,4
Posses Severa Quilina Electro	PO	2-5	30	68	10,0	2,6
Siena Ostiga Maxineben Posses	PO	2-6	30	36	21,0	2,6
Posses Berje Gloria Eric	PO	2-9	10	31	31,0	2,8
Posses Rosana Pedrola Gamble	PO	2-5	100	270	22,0	3,1
Burns's Queti Angel Milestone	PO	3-2	110	129	20,0	2,6
Posses Silvia Paula Corvino	PO	3-2	90	272	26,0	2,7
Barjeta Onyia Lecher da Posses	GBB	2-0	90	208	21,0	2,8
Serlinha Malacacheta 3-4 da PossesGB	PO	2-3	80	230	24,0	2,7
Posses Solange Barbara 3-4	PO	2-5	80	233	23,0	3,5
Posses Sonia G. Vonneth	PO	2-3	80	223	22,0	3,6
Silvia Quira 3-4 Posses	POCC	2-4	80	213	27,0	2,9
Posses Salina Lina Nervos	PO	2-7	80	223	29,0	2,8
Posses Serra Isabela Nervos	PO	2-7	80	218	21,0	3,1
Kinney Nervos Blacky	PO	5-6	120	360	20,0	4,3
Posses Neridica M. Posses	PO	4-0	80	213	22,0	4,0
Posses Quana Karolina Naomi	PO	4-0	80	213	22,0	4,0
Posses Quetia Rattina Cavalier	PO	4-8	70	189	33,0	2,6
Painagem Baracura M da Posses	GBB	5-5	80	192	27,0	2,0
Posses Redigação Berjeta Jay	PO	5-5	50	171	25,0	2,6
Arnold Acres Starlink May	PO	8-5	50	148	33,0	3,3
Posses Lina Regis Nervos	PO	9-1	50	155	23,0	3,4
Posses Rosina Woodhills Leader	PO	2-4	70	195	28,0	2,9
Posses Selma Portia 3-4	PO	2-4	80	233	22,0	3,7
Posses Sarda Quilina Westmaster	PO	2-5	80	214	21,0	3,3
Elmer Acres Nena	PO	5-5	50	122	20,0	3,3
Posses Faltaba Niaz Nervos	PO	7-0	80	262	20,0	3,7
Burns's Jennifer TR Astro Miles-TR	PO	3-5	10	21	24,0	2,6
Posses Schania Catalina Vonneth	PO	4-5	10	6	24,0	3,3
Posses Quetaria Rufa Naomi	PO	4-5	20	6	11,0	3,1

Jacki Nester Artid, Gegerow, Est, de São Paulo, Curitiba em 24/05/85. Regime de pag
to em razão emplesment. 2 Odeobus.

[illegible]

Osvaldo Assis e Wilson Assis, Espírito Santo do Pinhal, Det. de São Paulo, 10/05/2015. Recebido do plantão com pedido supletivo. 1 cópia.

[illegible]

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL

 **Purina**

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
P. Florinda Maslon	PO	5-5	89	223	14,0	3,3
Piel. Sionista Zila D. Osem	PO	7-9	89	211	12,0	3,9
T.A. Lucy Huxner Trachet	PO	4-1	89	211	14,0	4,4
PO. Piel. Sionista	PO	5-2	79	207	12,0	4,3
Sageta S. Quirino	OC1	5-3	79	204	16,0	2,2
PO. Florinda	PO	5-6	79	203	13,0	4,3
PAC. Bodegala	OCB	3-2	70	188	17,0	4,1
Aradia Mark Valmore	OCB	5-6	79	194	20,0	4,2
Chionna Nova Valmore	OC1	3-5	60	162	14,0	3,8
Leipida da Bodegala	OC1	5-6	60	155	17,0	4,5
G. J. Clara Rodman Aetir.	PO	4-8	50	147	14,0	3,8
Centella Antenor Valmore	OC1	3-7	50	143	15,0	3,5
Aradia Clara Valmore	OC2	4-1	90	142	15,0	3,6
Sageta S. Quirino H. Bort.	PO	5-10	80	234	13,0	4,3
Aradia Valmore	POCD	11-1	10	17	20,0	3,2
Aradia Valmore	PO	-	19	14	22,0	3,8

Yakult S/A. Ind. e Comércio. Bragança Paulista. Est. de São Paulo. Controle em 16/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordeiras.

Yakult Osmia Neward	PO	3-5	10	1	21,0	3,1
Ting da Yakult	PO	5-6	20	56	16,0	3,0
Vania da Yakult	POCD	5-6	20	55	28,0	3,2
Yakult da Bodegala	PO	4-11	50	120	25,0	3,1
Yakult da Osmia	PO	4-10	50	112	16,0	3,1
Ilkora's Alia Yakult	PO	2-1	50	101	16,0	3,0
Magelhar G.L. Sany	PO	8-0	50	111	18,0	3,8
Clara da Yakult	POCD	6-11	10	2	16,0	3,2
Lapetela da Yakult	POCD	6-3	39	64	25,0	3,0
Yakult Linda Nova Bodegala	PO	6-3	30	72	19,0	3,3

Dr. Luiz Roberto Monteiro Porto. Cordilheira. Est. de Minas Gerais. Controle em 08/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordeiras.

Jang. I. Barista Damasceno Pac. PO.	PO	3-5	89	227	11,0	4,0
Tronadora Albany	12/12	3-5	89	225	13,0	3,4
Amora 125 Albany	11/12	3-5	89	221	12,0	4,0
Gowra Albany	PO	3-4	50	133	10,0	2,7
Bolivia 144 Albany	POCD	5-7	50	143	14,0	3,5
Vicia Albany	POCD	2-10	50	143	11,0	2,7
Isadora Arapua Albany	OC1	3-5	40	108	11,0	3,6
Jang. I. Rucitona Bodegala Pacar	PO	3-4	39	89	14,0	3,3
Berovia Arapua Albany	OC1	3-8	39	88	13,0	3,6
Alisa 131 Albany	11/12	6-1	38	81	18,0	3,5
Mina Albany	11/12	3-6	39	73	12,0	3,4
Isadora Arapua Albany	OC1	3-4	29	11	14,0	3,1
Jang. I. Rucitona Bodegala Pacar	PO	3-10	19	28	10,0	3,5
Isadora Albany	POCD	3-3	19	14	21,0	3,9
Cadapa 270 de Santa Ana	PO	-	19	7	18,0	2,8
Barina 14 de Santa Ana	OC1	3-6	19	3	20,0	3,6

Boys Melody Bato. Cruzeiro. Est. de São Paulo. Controle em 24/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordeiras.

Jang. Lisa Daniel Aetir.	PO	-	19	4	21,0	3,2
Jang. Lisa Bato Bato	PO	-	19	25	15,0	3,0
Jang. Melody Bato Bato	PO	6-10	20	43	27,0	2,9
Jang. Lisa Bato Bato	PO	6-10	20	43	27,0	2,9

Olímpio Jovani Bato. Bato. Bragança Paulista. Est. de São Paulo. Controle em 26/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordeiras.

El. Alisa Bato Bato	PO	-	20	63	21,0	3,4
El. Bato Bato Bato	PO	-	60	178	19,0	3,5
El. Bato Bato Bato	PO	2-2	60	172	16,0	3,3
El. Bato Bato Bato	PO	2-2	60	172	13,0	3,2
El. Bato Bato Bato	PO	3-0	60	178	21,0	4,0
El. Bato Bato Bato	PO	3-2	70	182	17,0	4,0
El. Bato Bato Bato	PO	3-2	50	186	18,0	2,9
El. Bato Bato Bato	PO	4-2	20	33	22,0	3,8
El. Bato Bato Bato	PO	3-11	20	59	27,0	3,8

Nélio Moreira Bato. Bato. Bragança Paulista. Est. de São Paulo. Controle em 27/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordeiras.

R.V. Bato Bato	PO	4-0	50	168	14,0	3,9
R.V. Bato Bato	PO	10-5	50	181	21,0	4,5
R.V. Bato Bato	PO	6-3	50	177	16,0	4,2
R.V. Bato Bato	PO	6-3	80	145	13,0	3,4
R.V. Bato Bato	PO	10-11	40	137	13,0	3,2
R.V. Bato Bato	PO	5-9	40	106	13,0	3,7
R.V. Bato Bato	PO	7-11	40	102	19,0	3,7
R.V. Bato Bato	PO	4-6	40	102	13,0	3,2
R.V. Bato Bato	PO	6-7	20	86	13,0	4,1
R.V. Bato Bato	PO	6-7	30	88	15,0	4,1
R.V. Bato Bato	PO	3-6	20	65	18,0	3,6
R.V. Bato Bato	PO	4-5	20	48	17,0	3,8
R.V. Bato Bato	PO	10-3	20	41	15,0	3,9
R.V. Bato Bato	PO	6-1	20	38	25,0	3,1
R.V. Bato Bato	PO	5-4	20	32	22,0	3,4
R.V. Bato Bato	PO	11-10	10	29	20,0	3,6
R.V. Bato Bato	PO	12-2	10	25	18,0	3,2
R.V. Bato Bato	PO	5-2	10	18	16,0	3,0
R.V. Bato Bato	PO	3-2	10	15	14,0	3,0
R.V. Bato Bato	POCD	9-11	40	104	14,0	3,2
R.V. Bato Bato	POCD	8-6	30	72	17,0	3,3
R.V. Bato Bato	POCD	7-2	20	59	17,0	3,3
R.V. Bato Bato	POCD	4-11	20	63	21,0	3,8
R.V. Bato Bato	POCD	10-4	20	47	24,0	3,3
R.V. Bato Bato	POCD	5-8	10	46	17,0	3,6
R.V. Bato Bato	POCD	5-8	20	44	21,0	3,3
R.V. Bato Bato	POCD	5-2	20	36	20,0	3,7
R.V. Bato Bato	POCD	4-9	10	28	16,0	4,0
R.V. Bato Bato	POCD	4-9	10	25	22,0	2,7
R.V. Bato Bato	POCD	4-9	10	21	14,0	3,2
R.V. Bato Bato	POCD	4-12	10	12	20,0	3,0
R.V. Bato Bato	POCD	3-7	10	9	15,0	3,4
R.V. Bato Bato	PO	-	10	4	17,0	3,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
PO. Filada Brasil	PO	4-4	109	302	14,8	3,4
PO. Cortesão titon	PO	3-2	69	182	15,0	3,5

Sementes Agrícolas S/A. Santa Cruz das Palmeiras. Est. de São Paulo. Controle em 20/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordeiras.

Seaf AG.	OCB	2-9	40	87	25,0	3,7
Seaf AG.	OCB	3-7	30	83	21,0	4,5
Seaf AG.	OCB	2-6	30	70	18,0	4,5
Seaf AG.	OCB	5-10	20	52	28,0	3,8
Seaf AG.	OCB	5-3	20	47	32,0	3,8
Seaf AG.	OC2	4-7	20	43	27,0	3,8
Seaf AG.	OCB	6-11	20	35	31,0	3,9
Seaf AG.	OCB	5-7	20	31	21,0	4,2
Seaf AG.	OCB	5-0	19	19	30,0	2,5
Seaf AG.	OCB	4-4	19	9	37,0	4,6
Seaf AG.	OCB	3-8	19	2	31,0	4,5
Seaf AG.	OCB	7-11	90	273	17,0	3,1
Seaf AG.	OCB	6-5	90	280	17,0	4,4
Seaf AG.	OCB	3-2	90	260	17,0	4,7
Seaf AG.	OCB	2-4	90	266	18,0	3,4
Seaf AG.	OCB	5-3	90	170	21,0	2,4
Seaf AG.	OCB	3-4	50	151	13,0	4,4
Seaf AG.	OCB	2-3	50	153	19,0	3,1
Seaf AG.	OCB	2-2	50	168	20,0	4,2
Seaf AG.	OCB	4-10	89	94	28,0	4,2

Fazenda Portaleira Ltda. Nova Odessa. Est. de São Paulo. Controle em 27/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordeiras.

AP. Portaleira Portaleira	PO	8-9	40	107	27,0	3,2
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-0	40	105	27,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	7-7	40	104	39,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	9-9	40	95	25,0	3,9
AP. Portaleira Portaleira	PO	8-3	40	104	27,0	3,9
AP. Portaleira Portaleira	PO	6-8	40	92	30,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-10	39	72	30,0	3,1
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-10	39	67	27,0	3,9
AP. Portaleira Portaleira	PO	7-1	39	52	38,0	3,9
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-5	29	44	31,0	2,5
AP. Portaleira Portaleira	PO	4-3	29	42	31,0	3,1
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-0	29	35	30,0	3,3
AP. Portaleira Portaleira	PO	4-1	29	25	29,0	3,3
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-8	29	33	31,0	3,4
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-5	29	30	29,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	4-9	19	38	28,0	3,2
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-9	19	28	31,0	3,4
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-8	19	21	30,0	2,7
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-1	19	21	36,0	3,3
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-0	19	18	36,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	4-1	19	14	39,0	2,4
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-1	19	12	39,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	2-0	19	10	39,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	6-7	70	300	27,0	3,3
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-9	50	145	38,0	3,0
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-6	40	109	32,0	2,8
AP. Portaleira Portaleira	PO	3-5	20	244	25,0	3,3

Agrícola S/A. Agrícola. e Pastoral. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 28/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordeiras.

agrícola Agrícola	OC1	3-11	19	25	37,0	3,4
agrícola Agrícola	OC2	6-4	10	28	33,0	2,8
agrícola Agrícola	OC1	5-4	10	14	33,0	3,5
agrícola Agrícola	OC2	4-5	20	65	31,0	3,3
agrícola Agrícola	OC1	4-8	20	60	34,0	3,0
agrícola Agrícola	OC2	3-9	10	11	34,0	3,3
agrícola Agrícola	OC1	5-10	40	124	33,0	2,5
agrícola Agrícola	OC1	5-11	19	26	38,0	2,9
agrícola Agrícola	OC1	3-6	20	62	34,0	2,1
agrícola Agrícola	OC1	4-9	20	71	34,0	2,5

Elze Agropecuária Ltda. Piracicaba. Est. de São Paulo. Controle em 21/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordeiras.

Elze Agropecuária	PO	3-0	20	58	36,0	2,8
Elze Agropecuária	PO	-	50	143	33,0	4,3
Elze Agropecuária	PO	4-8	50	122	31,0	4,3
Elze Agropecuária	PO	4-8	40	125	33,0	4,3
Elze Agropecuária	PO	6-2	10	8	36,0	2,7
Elze Agropecuária	PO	5-6	10	24	26,0	3,4
Elze Agropecuária	PO	8-0	10	24	26,0	3,4
Elze Agropecuária	PO	6-6	60	127	14,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	7-5	40	103	14,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	7-9	20	80	15,0	3,7
Elze Agropecuária	PO	7-6	20	51	17,0	3,7
Elze Agropecuária	PO	6-3	90	116	14,0	3,9
Elze Agropecuária	PO	5-3	60	109	17,0	3,9
Elze Agropecuária	PO	7-4	50	151	13,0	3,9
Elze Agropecuária	PO	3-9	10	25	44,0	2,7
Elze Agropecuária	PO	7-11	90	167	29,0	2,9
Elze Agropecuária	PO	6-0	30	69	27,0	3,1
Elze Agropecuária	PO	9-10	40	60	33,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	5-0	30	78	33,0	3,5
Elze Agropecuária	PO	3-2	30	84	33,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	3-2	30	82	33,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	3-2	30	10	33,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	-	10	4	33,0	3,3
Elze Agropecuária	PO	6-5	10	18	33,0	3,3

Fazenda Colares S/A. Aracruz. Est. de São Paulo. Controle em 28/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordeiras.

Elze Agropecuária	PO	3-7	20	44	33,0	3,4
Elze Agropecuária	PO	3-0	20	196	26,0	3,4
Elze Agropecuária	PO	3-4	20	14	33,0	3,4
Elze Agropecuária	PO	3-4	20	80	33,0	3,4

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL



Purina

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%
Thomas Dynisk, (Coop. Agro Pec. Holanda), Jaguaruna, Est. de São Paulo, Controle em 24/05/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Salvia Silvana da Holanda	OC2	5-2	30	58	20,0 3,8
Doadora Sylla B.	OC2	3-5	29	35	22,0 2,9
Theodoras H. J. Mene, (Coop. Agro Pec. Holanda), Jaguaruna, Est. de São Paulo, Controle em 24/05/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
P.O'Alho Saneubela F. Topper	PO	5-7	50	150	23,0 3,0
P.O'Alho Quecena F. Tempa	PO	7-6	50	136	24,0 3,2
Sadã's R. Nogueir Gúlia	PO	4-9	30	81	27,0 2,5
Sant. Floreia Harvest Thin	PO	3-3	50	209	19,0 3,8
Sad's Boot-Gola	PO	5-7	29	54	21,0 3,1
Gerardus N. Groot, (Coop. Agro Pec. Holanda), Jaguaruna, Est. de São Paulo, Controle em 29/05/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Glensarti Hignena 6 IG Hol.	OC2	3-3	80	252	11,0 3,4
Jacq. T. Broeira U. Lentez	PO	3-9	30	220	16,0 3,3
IG Tina 7 da Holanda	OC1	5-10	50	135	16,0 2,2
Tereza 5 IG da Holanda	OC1	2-9	50	132	20,0 2,0
Leontici's Azuleta IG Holanda	OC1	5-6	40	110	20,0 2,9
Glensarti Dora 6 IG Holanda	OC2	5-9	40	99	26,0 3,4
IG Hol. Glensarti Lea	-	-	30	64	29,0 1,1
IG. Azevêdo Paol. Salinas	PO	7-11	20	30	26,0 3,7
IG. Cobra II da Hol.	OC1	7-6	10	10	26,0 3,4
Norley Colombini, Araras, Est. de São Paulo, Controle em 24/05/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
F.H.C. Horenore	PO	5-3	40	145	13,0 3,8
F.H.C. Oliveira	PO	3-7	30	47	26,0 1,7
F.H.C. Hérédia	PO	4-11	50	192	16,0 4,0
F.H.C. Herminia	PO	5-9	10	22	31,0 2,6
F.H.C. Hermi	PO	-	10	25	27,0 1,5
F.H.C. Tara	PO	4-18	30	81	18,0 5,1
Rob. Perseusder Insaur	PO	2-3	20	50	17,0 2,4
Rob. Dynamis Inoa	PO	2-3	10	34	23,0 1,7
Intima	-	-	10	50	20,0 2,9
F.H.C. Invidiia	PO	6-1	10	7	30,0 3,2
F.H.C. Jozeim	PO	4-9	10	38	21,0 3,0
Mella Corret. Clandia	PO	4-10	20	80	23,0 1,8
Madre Color	OC2	2-9	20	49	29,0 1,9
Dary Agostic Elev. Shaken	PO	4-11	20	30	25,0 1,1
SS. Ultima Respalder	PO	7-11	40	143	21,0 1,0
SS. Verisiana Reder	PO	6-9	30	162	16,0 1,5
Rob. Boot. Baliza	PO	6-10	50	245	19,0 3,1
Rob. Boot. Genaria	PO	6-3	50	170	23,0 2,1
Rob. Boot. Cocuda	PO	6-3	30	106	25,0 2,8
Rob. Pal. Braximo	PO	4-4	30	64	23,0 1,9
Rob. Miles. Faceira	PO	4-9	40	220	13,0 1,8
Rob. Pioneer Fafa	PO	3-2	30	81	18,0 2,8
Fusa Sobradinho	OC2	3-6	30	148	15,0 2,7
Sob. Barrett Faleiro	PO	3-3	20	70	24,0 1,8
Sob. Vallant. Canada	PO	2-9	20	51	22,0 2,1
Sob. Friend Gernapa	PO	3-0	20	53	21,0 2,1
Sob. Vallant. Gwda	PO	2-3	20	70	18,0 2,7
Glebia Sobradinho	OC2	2-9	20	37	27,0 2,5
Glennia Robinson Sda.	OC2	2-4	40	151	17,0 2,4
Sob. Nara Goiva	PO	3-4	30	39	16,0 2,0
Sob. Electra Gola	PO	2-4	20	80	23,0 2,4
Sob. Tradition Gravalia	PO	2-2	60	227	19,0 1,0
Gravalia Wilke Sda.	OC2	2-6	30	72	18,0 2,9
Sob. Vallant. Gravalia	PO	2-4	30	164	15,0 1,2
Sob. Milstone Gruta	PO	2-5	30	118	15,0 1,2
Sob. Vallant. Guaira	PO	2-2	90	292	23,0 1,2
Sob. Pal. Guarania	PO	2-1	60	184	15,0 3,3

José Vitor Pereira - Juncal, Bat. de São Paulo, Controle em 23/05/85, Regime de pagamento regular, 2 Orelhas.					
Nome	SEX	-	29	29	29,0
Nome 20	PCOD	6-0	10	10	10,0
Nome 20	HR	-	40	105	16,0
Nome 21	-	-	50	110	16,0
Nome 21	-	-	50	110	15,0
Nome 22	HR	-	40	106	16,0
Nome 22	HR	-	20	44	19,0
Nome 23	HR	-	40	100	16,0
Nome 23	HR	-	40	90	15,0
Nome 24	HR	-	40	90	22,0
Nome 24	PCOD	5-2	40	93	20,0
Nome 25	PCOD	3-0	40	102	19,0
Nome 25	PCOD	8-1	40	83	21,0
Nome 26	HR	-	60	150	19,0
Nome 26	PCOD	6-0	60	150	20,0
Nome 27	PCOD	5-0	60	150	2,0
Nome 28	PCOD	-	70	184	17,0
Nome 29	PCOD	2-0	70	196	14,0
Nome 30	PCOD	2-0	240	240	15,0
Nome 31	PCOD	3-0	240	237	13,0
Nome 32	HR	-	60	150	13,0
Nome 33	PCOD	7-0	70	224	14,0
Nome 34	PCOD	1-0	70	212	14,0
Nome 35	PCOD	-	90	254	13,0
Nome 36	PCOD	3-1	100	114	14,0
Nome 37	PCOD	-	100	317	15,0
Nome 38	PCOD	-	40	83	18,0

Barra-Apofonia - Cnt. H/A. Descalvado, Pte. de São Paulo, Control. em 11/03/95, Repre- se de posto, com Enq. emq. anterior, 2 tabelados.						
Wlfrs Descalvado	11/32	6-0	18	23	19,0	2,8
Galeria Poudonist Resita	OC1	8-0	90	120	19,0	2,8
Resita Gregg Root	PO	7-10	39	106	23,0	2,9
Gratisha Root, Resita	OC1	7-10	39	38	24,0	1,3
Resita Ariza Aetromack	PO	7-7	30	118	16,0	1,0
Arizinda Aetromack	OC1	7-0	40	121	13,0	1,1
Hologisa Ariza Resita	PO	6-0	60	140	17,0	1,0
Desc. Arizinda Aetromack	PO	6-2	90	250	17,0	1,8
Wlfrs Arizinda Resita	OC1	6-0	90	127	14,0	1,1
Desc. Wlfrs Ariza Resita	PO	6-0	90	127	22,0	2,2
Inocenta Descalvado	11/32	6-18	40	155	12,0	1,5
Ipaci Wlfrs Descalvado	OC2	4-0	10	13	20,0	3,4
Arizinda Wlfrs Descalvado	OC1	3-7	40	149	25,0	2,5
Ariza Wlfrs Descalvado	OC1	5-0	50	13	15,0	1,0
Ariz. Aetromack Descalvado	OC2	5-2	29	52	27,0	1,8
Ariz. Aetromack Descalvado	OC2	5-9	20	42	32,0	3,1
Desc. IF Descalvado	PO	4-8	110	259	18,0	2,4
Arizinda Arizinda Descalvado	OC2	4-0	10	117	17,0	2,8
Desc. Arizinda Root	PO	4-5	79	223	18,0	2,7
Desc. Jornalista Ariz.	PO	4-10	39	115	22,0	3,0
Arizinda Arizinda Descalvado	OC2	4-9	19	31	20,0	2,2
Arizinda Ariza Descalvado	OC1	4-0	40	148	14,0	1,5
Desc. Lady Root	PO	3-11	29	39	21,0	2,0
Arizinda Hinda Descalvado	PO	3-0	40	128	22,0	2,3
Lali Starline Descalvado	OC2	3-11	19	23	23,0	2,3
Luzinda Hinda Descalvado	OC2	3-0	29	32	18,0	1,0
Arizinda Hinda Descalvado	OC2	3-0	29	32	17,0	1,0
Luzinda Hinda Descalvado	OC2	3-0	29	32	23,0	2,4
Lali Starline Descalvado	OC1	3-10	10	14	17,0	2,4
Desc. Lura Zinda	PO	3-0	20	68	17,0	2,8
Lali Geli Star Descalvado	PO	3-0	20	36	16,0	1,0
Desc. Wlfrs Hinda Gelly	PO	3-3	20	69	15,0	2,1
Maria Justar Descalvado	OC2	3-4	19	7	11,0	1,0
Mallus Hinda Descalvado	OC2	2-6	79	232	14,0	3,4
Mallus Hinda Descalvado	OC2	2-6	79	232	22,0	2,0
Mallus Hinda Descalvado	OC2	2-6	79	232	15,0	1,2

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros



URUGUAIANA — Reg. M 6811
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg LE

Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (031) 661-1312
Belo Horizonte — Rua Santa Rita Durão, 1.160
Fone: (031) 212-5011

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite	%
Norma Pomeroy Desc.	OC2	2-3	40	128	15,0	2,1
Norma Pomeroy Desc.	OC1	3-4	20	21	19,0	3,3
Norma Pomeroy Desc.	OC1	3-4	70	232	14,0	3,0
Norma Pomeroy Desc.	OC1	3-4	40	153	19,0	3,1
Norma Pomeroy Desc.	OC2	2-4	40	212	16,0	3,0
Norma Pomeroy Desc.	OC2	3-4	18	42	18,0	2,1
Norma Pomeroy Desc.	PO	3-4	40	158	17,0	2,5
Norma Pomeroy Desc.	OC2	3-4	20	65	15,0	2,3
Norma Pomeroy Desc.	OC2	2-3	18	3	17,0	2,2
Norma Pomeroy Desc.	OC1	3-4	10	20	15,0	2,7

Paraná Arroz Sólido e Virgínia Corralino Sólido, Corralino, Est. de São Paulo, Controle em 18/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 2 Ordenas.

Arroz Jay Jack	PO	4-11	20	58	26,0	3,3
Arroz Jay Jack	11/32	2-9	18	18	15,0	2,8
Arroz Jay Jack	11/32	-	10	28	18,0	2,6
Arroz Jay Jack	11/32	-	20	58	21,0	3,8
Arroz Jay Jack	11/32	2-9	18	100	15,0	3,0
Arroz Jay Jack	11/32	2-10	18	28	21,0	3,4
Arroz Jay Jack	PO20	4-11	40	201	15,0	3,3
Arroz Jay Jack	PO20	3-4	20	44	17,0	3,8
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	40	21,0	2,4
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	71	24,0	3,3
Arroz Jay Jack	PO20	3-4	40	147	18,0	3,4
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	91	21,0	3,0
Arroz Jay Jack	11/32	2-10	18	95	25,0	3,7
Arroz Jay Jack	11/32	2-10	18	42	17,0	3,5
Arroz Jay Jack	PO	6-7	10	13	24,0	3,7
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	5	17,0	3,4
Arroz Jay Jack	PO20	3-4	40	148	20,0	3,6
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	20	18,0	3,4
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	68	25,0	3,5
Arroz Jay Jack	PO20	3-4	10	2	17,0	3,1
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	20	126	21,0	3,1
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	14	20,0	3,9
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	15	18,0	3,5
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	15	22,0	4,9
Arroz Jay Jack	PO	4-10	10	27	23,0	3,5
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	27	18,0	3,5
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	47	18,0	3,6
Arroz Jay Jack	PO20	4-7	10	213	20,0	2,7
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	168	15,0	3,3
Arroz Jay Jack	11/32	3-4	10	3	17,0	4,5
Arroz Jay Jack	PO20	3-4	10	212	16,0	3,5

SP, Pedro Corde, Corralino, Est. de São Paulo, Controle em 18/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 3 Ordenas

Alcantara's M8 Tado TE	PO	2-12	40	243	21,0	3,8
Alcantara's M8 Tado TE	PO	3-7	40	207	21,0	3,7
Alcantara's M8 Tado TE	PO	2-4	40	118	22,0	3,0
Alcantara's M8 Tado TE	PO	3-2	40	49	23,0	3,5
Alcantara's M8 Tado TE	PO	-	20	52	22,0	4,1
Alcantara's M8 Tado TE	PO	3-1	18	19	21,0	2,7
Alcantara's M8 Tado TE	PO	-	20	25	28,0	3,4
Alcantara's M8 Tado TE	PO	3-2	20	43	26,0	3,8
Alcantara's M8 Tado TE	PO	2-2	50	172	21,0	3,3
Alcantara's M8 Tado TE	PO	2-4	40	142	22,0	3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite	%
Garrafin Agn. Rec. S/A, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 31/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 3 Ordenas						
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-4	40	229	15,0	2,4
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-10	20	41	12,0	3,3
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-1	10	237	17,0	2,8
Lina Sola 2 Bartilha	PO	4-6	20	84	14,0	3,4
Lina Sola 2 Bartilha	PO	4-5	10	24	10,0	3,4
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-3	20	138	21,0	3,4
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-4	20	147	15,0	4,1
Lina Sola 2 Bartilha	PO	4-7	30	170	28,0	1,3
Lina Sola 2 Bartilha	PO	6-11	110	340	24,0	2,3
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-3	20	213	14,0	2,4
Lina Sola 2 Bartilha	PO	3-0	20	209	14,0	2,2

Lina Sola 2 Bartilha, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 17/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 3 Ordenas

Lina Sola 2 Bartilha	OC2	5-6	10	4	20,0	2,1
Lina Sola 2 Bartilha	OC2	2-1	10	26	14,0	3,0
Lina Sola 2 Bartilha	PO	4-2	20	58	12,0	3,3

Walter Jureira de Andrade, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 21/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 3 Ordenas

Lina Sola	PO	3-11	10	14	14,0	3,5
Lina Sola	PO	4-0	10	3	21,0	4,1
Lina Sola	PO	7-10	10	3	21,0	3,4
Lina Sola	PO	4-10	20	38	16,0	3,4
Lina Sola	PO	6-10	20	36	18,0	4,4
Lina Sola	PO	2-9	20	45	14,0	4,3
Lina Sola	PO	4-3	20	66	16,0	3,4
Lina Sola	PO	7-4	20	74	16,0	3,9
Lina Sola	PO	-	10	29	14,0	3,4
Lina Sola	PO	3-11	10	29	14,0	3,4
Lina Sola	OC2	4-1	10	14	18,0	3,7
Lina Sola	PO	-	10	19	16,0	3,8
Lina Sola	PO	-	10	14	12,0	3,2
Lina Sola	OC2	3-11	10	14	12,0	4,1
Lina Sola	PO	-	10	21	17,0	3,4
Lina Sola	OC2	3-11	10	27	12,0	3,9
Lina Sola	OC2	5-10	10	30	44,0	4,3
Lina Sola	PO	3-4	10	4	12,0	3,4
Lina Sola	PO	6-8	20	40	12,0	3,4
Lina Sola	11/32	10-1	30	70	12,0	3,9
Lina Sola	OC2	5-4	60	143	12,0	3,9

Dr. Geraldo Figueiredo Farias, Lina, Est. de São Paulo, Controle em 24/05/85, Região de pasto com ração suplementar. 3 Ordenas

G.F.F. Sola Sola	PO	4-8	10	64	12,0	4,4
G.F.F. Sola Sola	OC2	3-8	30	74	28,0	1,3
G.F.F. Sola Sola	OC2	3-7	20	10	28,0	2,9
G.F.F. Sola Sola	OC2	1-8	10	21	28,0	3,0
G.F.F. Sola Sola	PO	3-6	10	19	12,0	3,3
G.F.F. Sola Sola	PO	-	20	17	22,0	3,4
G.F.F. Sola Sola	PO	-	20	49	20,0	3,4
G.F.F. Sola Sola	PO	4-9	20	140	20,0	4,3
G.F.F. Sola Sola	PO	5-7	20	37	12,0	3,1

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Fazenda de Boa Vista, Itapetininga, Est. de São Paulo. Controle em 14/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
João J. A.L.	OC3		3-7	50	164	15,0 2,8
Granja do Sítio da Moura, São Paulo. Controle em 18/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
A.S. Mendes Mili Betty Mall	PO		3-11	10	26	21,0 2,8
A.F. Mendes Rosa	PO		11-3	19	10	36,0 3,5
De Aguiar, sempre Inf. em Itapetininga, Est. de Minas Gerais. Controle em 22/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ovelhas						
J. Mendes	OC3		6-5	19	11	38,0 3,0
Wendy Mendes	OC4		6-10	29	32	34,0 2,8
J. Mendes	OC3		3-10	19	14	17,0 3,5
Wendy Mendes	OC8		9-9	59	119	21,0 3,3
José P. Victor dos Santos, Elói Mendes, Est. de Minas Gerais. Controle em 04/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ovelhas						
J. Mendes	OC4		3-0	39	72	15,0 3,35
Wendy Mendes	OC4		3-2	59	120	15,0 3,24
Wendy Mendes	OC2		2-7	39	75	17,0 3,29
Wendy Mendes	OC3		2-5	39	86	15,0 3,09
Wendy Mendes	PO		7-4	59	120	22,0 3,01
Wendy Mendes	OC2		8-2	39	74	20,0 3,51
Wendy Mendes	OC3		7-8	39	44	25,0 3,46
Wendy Mendes	OC3		2-0	29	34	17,0 3,21
Wendy Mendes	PO		3-4	29	38	19,0 3,32
Wendy Mendes	OC3		2-5	20	35	19,0 3,42
Wendy Mendes	OC2		3-3	39	59	19,0 3,13
Wendy Mendes	OC3		-	19	11	19,0 2,96
Wendy Mendes	OC2		2-5	49	95	17,0 3,20
Wendy Mendes	OC3		2-11	29	106	17,0 3,32
Wendy Mendes	OC3		5-9	29	33	23,0 3,64
Wendy Mendes	OC3		12-8	49	95	19,0 3,68
J. Mendes	OC3		4-6	79	200	13,0 3,32
Muniz, sempre, Oliveira Paulista, Est. de São Paulo. Controle em 28/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
Muniz, sempre	PO		8-3	19	36	18,0 3,7
Muniz, sempre	PO		6-4	19	35	18,0 2,8
Muniz, sempre	OC1		6-6	10	14	19,0 2,6
Muniz, sempre	OC2		9-3	5	5	29,0 3,2
Muniz, sempre	PO		3-10	19	141	15,0 3,1
Muniz, sempre	PO		7-11	39	90	14,0 2,1
Muniz, sempre	PO		7-7	30	31	16,0 2,8
Muniz, sempre	PO		8-9	39	135	17,0 3,1
Muniz, sempre	SL/12		0-11	29	62	19,0 3,3
Muniz, sempre	SL/12		6-5	29	74	17,0 2,6
Muniz, sempre	PO		6-3	29	87	13,0 3,1
Muniz, sempre	PO		3-4	59	147	15,0 3,4
Muniz, sempre	OC1		8-9	59	148	14,0 2,0
Muniz, sempre	OC1		6-5	39	91	18,0 2,5
Muniz, sempre	OC1		6-2	39	94	14,0 2,6
Muniz, sempre, Fátima, Est. de São Paulo. Controle em 28/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
Muniz, sempre	PO		2-1	30	82	25,0 3,2
Muniz, sempre	OC1		3-3	30	78	17,0 2,8
Muniz, sempre	OC1		6-6	20	87	25,0 3,3
Muniz, sempre	PO		2-0	29	37	23,0 3,4
Muniz, sempre	PO		2-0	10	22	18,0 3,0
Muniz, sempre	PO		2-3	19	19	30,0 2,8
Muniz, sempre	PO		3-1	19	11	24,0 2,9
Muniz, sempre	OC8		3-11	10	12	36,0 3,8
Muniz, sempre	PO		4-4	10	3	23,0 3,3
Muniz, sempre	OC1		1-11	89	245	15,0 3,6
Muniz, sempre	PO		2-2	49	193	14,0 3,6
Muniz, sempre	PO		1-10	49	180	18,0 4,1
Muniz, sempre	PO		2-2	49	148	25,0 3,4
Muniz, sempre	PO		2-3	59	119	25,0 3,1
Muniz, sempre	PO		6-5	59	131	22,0 3,7
Muniz, sempre	OC1		1-10	54	128	14,0 2,9
Muniz, sempre	OC3		2-3	59	125	20,0 3,2
Muniz, sempre	OC8		2-3	59	125	20,0 3,7
Muniz, sempre	PO		2-0	49	114	21,0 3,7
Muniz, sempre	PO		2-0	49	123	24,0 3,5
Muniz, sempre	PO		2-2	49	135	17,0 4,0
Muniz, sempre	OC8		2-1	39	82	11,0 2,9
Muniz, sempre	PO		2-7	39	88	20,0 3,1
Muniz, sempre	PO		9-10	120	359	15,0 4,1
Muniz, sempre	OC1		3-5	100	280	16,0 4,4
Muniz, sempre	PO		3-4	69	285	22,0 4,6
Muniz, sempre	OC1		10-0	284	26	16,0 4,2
Muniz, sempre	OC2		3-0	280	280	17,0 4,0
Muniz, sempre	OC1		2-4	89	226	15,0 3,6
Muniz, sempre	OC1		3-0	89	262	17,0 4,3
Muniz, sempre, Fátima, Est. de São Paulo. Controle em 24/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
Muniz, sempre	PO		2-3	29	71	15,0 3,0
Muniz, sempre	PO		5-3	29	15	16,0 3,1
Muniz, sempre, Fátima, Est. de São Paulo. Controle em 02/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas						
Muniz, sempre	OC8		4-8	19	36	13,0 3,1

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
SS,Talanta Perneus	PO	9-1	10	32	36,0	3,52
Uleida Sculptor SS	GBB	7-9	19	33	32,0	2,95
Sulira Ouro Verde - SS	GBB	10-0	19	8	11,0	1,39
Barbarica Nogueira SS	GBB	10-2	19	49	42,0	3,50
Vanilha Astronaut SS	GBB	6-2	70	204	23,0	2,79
Veronica Astronaut SS	GBB	6-9	20	48	34,0	3,42
SS,Violeta Chief.	PO	6-5	40	108	33,0	3,32
SS,Iselândia Zion	PO	5-0	50	129	25,0	3,17
SS,Initia Astronaut SS	OC5	5-0	50	129	23,0	2,84
SS,Corale Nogueira Red SS	5-0	50	129	25,0	3,17	
SS,Quetilde Mac	PO	11-2	60	167	24,0	3,88
Urea Astronaut SS	GBB	7-2	70	209	23,0	3,89
SS,Vanda Astronaut SS	PO	6-10	40	114	11,0	2,15
SS,Drugi Red	PO	6-10	90	252	21,0	4,61
SS,Adília Silianate	PO	5-10	20	93	27,0	4,59
Adriene Penstar SS.	GBB	3-18	70	252	27,0	3,92
Alia Ouro Verde SS	GBB	5-3	20	46	31,0	3,04
Alissa Sereu J.33	OC1	4-11	20	43	28,0	3,75
SS,Areonga Helstar	PO	4-0	20	41	29,0	3,70
Angela Astronaut SS	GBB	4-7	40	170	21,0	4,48
SS,Aninha Thureu	PO	4-6	50	135	27,0	3,66
Antonia Superior PP	GBB	4-7	30	91	27,0	2,44

Valdir Spinelli de Oliveira e Irmãos,Lavradores,Est.de São Paulo,Controle em 23/05/85
Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ordenhas.

Johi Deanna Red Foot.	PO	2-4	40	110	21,0	3,4
Johi Lourada Red.Jatro	PO	2-0	30	70	29,0	2,4
Johi Nogueira Nargyle Jostar	PO	2-0	50	213	21,0	2,7
Dalva J.J.	POCC	5-0	50	125	23,0	4,0
Johi Alino King Elevation	PO	5-7	20	45	24,0	4,4
Combata Sonly Johi	GBB	3-4	20	49	20,0	2,7
Johi Gercia Cit. Pioneer	PO	5-0	70	179	21,0	2,7
Johi Gália Red,Valstar	PO	4-2	20	65	21,0	2,9
S.Pietros 301 Royalstar Sky.	PO	7-10	70	199	21,0	2,8
Johi Dobradinha Al.Naple	PO	3-11	10	1	20,0	1,9
Johi Gercia Red,Valstar	PO	3-7	10	7	20,0	1,6
Salvo Sharpness N.Western	PO	2-10	10	10	20,0	1,6
P.S.B.Hetania Jay Standart	PO	2-2	10	10	21,0	3,6
Ch.Fernosa Annabelle P.Mark	PO	7-3	10	10	23,0	2,6

Dr.Carlos Alberto João Lechner,Jaguariara,Est.de São Paulo,Controle em 24/05/85.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas

Doralda Huxon de Francis	POCC	5-10	40	92	16,0	3,5
Guacari Very de Francis	OC1	2-6	60	161	15,0	3,5
Otagondra Fotes Lady	PO	8-1	70	183	16,0	4,4
Geometra de Francis	PC	2-6	60	166	14,0	3,1
Genela Titian de Francis	PO	3-0	30	67	17,0	3,2
Imet Rina Joyo	PO	11-0	50	136	18,0	1,9
Graca Duke de Francis	OC2	2-10	50	118	17,0	3,5
Francis Basile N.Royalty	PO	3-0	40	94	19,0	3,8
Francis Garcia Red,Palat	PO	2-0	30	54	16,0	3,5
Galbo Duke de Francis	OC1	3-0	40	109	20,0	2,7
Francis Girafa Tippy Valiant	PO	2-4	30	213	17,0	3,3
Nurdade Bravo de Francis	OC2	2-3	10	18	17,0	3,6
Principidade Duke de Francis	OC1	3-4	40	120	24,0	2,1
Francis Frita Vexurus	PO	2-1	30	67	17,0	1,8
Francis Nello-Mae Cavalier	PO	2-1	20	27	27,0	1,4
Francis Homopnea N.Chief-TE	PO	2-6	20	51	25,0	3,7
Grussa Vennati de Francis	POCC	3-2	20	38	26,0	3,1
Nodesta O.de Vincopus	OC2	3-8	30	38	23,0	3,0
Francis Helena Horcio Chief	PO	2-1	20	60	27,0	2,5
Francis Nogueira Chief-TE	PO	2-2	20	47	29,0	2,5
Harpa Dempo de Francis	POCC	2-11	20	58	25,0	1,8
Companheira Black de Francis	POCC	6-11	20	34	29,0	1,4
Glyto-Red-Nick	PO	3-0	40	94	24,0	2,5
Gleidy Dempo de Francis	OC1	2-7	60	167	22,0	2,2
Gula Duke de Francis	PC	3-0	30	67	20,0	2,4
Pondank Performer Lotta	PO	7-4	70	191	21,0	2,9
Quacari Very de Francis	OC1	2-6	50	119	23,0	2,4
Vernese Vipo de Francis	OC2	3-0	30	19	18,0	1,7
Hedra Vennati de Francis	POCC	2-4	10	5	21,0	1,3
Richman Pioneer Ideal Hamit	PO	6-8	10	15	40,0	1,2
Kingway Marxus Horcio	PO	6-8	10	13	39,0	2,2
Hervia Duke de Francis	OC2	2-0	30	35	15,0	2,9
Veredida Huxon de Francis	OC1	6-0	10	15	26,0	1,9
Berry	OC1	4-11	19	17	28,0	3,2
Crescentwood Gay Dora	PO	8-7	10	6	27,0	3,1
Epada Muro M.de Francis	OC1	4-6	50	116	20,0	3,6
Francis Huxon Revive Chief-TE	PO	2-2	40	41	22,0	3,0
Francis Elba Dove Astronaut	PO	4-7	70	250	21,0	4,1
Fava Performer de Francis	OC2	3-1	50	118	22,0	3,6
Hilda Duke de Francis	OC2	3-2	10	10	22,0	2,0

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Eiza Ribeiro Nirelles e Filhos,Batatais,Est.de São Paulo,Controle em 16/05/85,Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.

Nirelles Nerecandja J.Ned	PO	5-9	10	38	30,0	2,5
Niragom Pogomus de M.	GBB	8-3	10	40	27,0	2,5
Maria Nargessa de Nirel.	GBB	4-1	10	40	29,0	1,9
Uia Jasper Red Nirel.	GBB	6-4	10	37	30,0	3,0
Pauliana Jasper Red Nirel.	GBB	2-0	10	17	20,0	1,9
Marcia Nabel de Nirel.	GBB	6-6	50	157	20,0	3,6
Acoura Jasper Red de Nirel.	OC3	5-0	50	155	25,0	3,5
Fernatuna Jasper de Nirel.	GBB	5-11	30	123	28,0	3,7
Acada Vipo de Nirelles	PC	2-0	20	37	22,0	2,7
Leandra Pogomus de Nirel.	PC	-	20	6	26,0	1,3
Paririva Agacnyro de Nirel.	GBB	4-1	20	52	27,0	3,9
Ada Jasper Red de Nirel.	GBB	5-2	20	51	24,0	3,8
Luz Nobile de Nirelles	GBB	8-4	20	46	29,0	2,9

Afonso Nereira de Freitas,Jaguira,Est.de São Paulo,Controle em 07/05/85,Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.

Alcayari Red Buiyoca	PO	3-4	50	136	22,0	3,0
----------------------	----	-----	----	-----	------	-----

Raca Holandesa — variedade vermelha e branca

Elina Ribeiro Nereelles e Filhos, Sotatals, Est. de São Paulo, Controle em 16/05/81. Sujeito de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Marcelino Recordado, Jefe	VO	5-9	19	30	39.5	2.1
Miguel Paganosa de M.	G3B	8-3	19	48	27.0	2.7
Maria Paganosa de Meinel.	G3B	4-1	10	40	28.0	1.9
José Jaimes Rod Meinel.	G3B	6-6	16	30.5		
Polidoro Jaimes Rod Meinel.	G3B	1-9	19	25.0		
Marcelina Robel de Meinel.	G3B	6-6	50	157	20.0	1.6
Áncora Jaimes Rod de Meinel.	G3B	8-1	50	155	21.0	1.6
Formisano Jaimes de Meinel.	G3B	5-11	38	113	28.0	1.1
Alonso Viera de Meinel.	PC					
Luisada Paganosa de Meinel.	PC	-	20	56	21.0	2.1
Marina Sanguero de Meinel.	G3B	4-1	20	52	27.0	1.4
Jaimes Rod de Meinel.	G3B	8-3	20	54	28.0	1.4
De Meinel de Meinel.	G3B	8-4	20	55	28.0	1.4

Afonso Nogueira de Freitas, Itapira, Est. de São Paulo, Contato em 07/05/93, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.

Altayvengi Sea Breeze	NO	3-4	50	136	12.0	3.0
-----------------------	----	-----	----	-----	------	-----

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %						
Antonio de Toledo Lara Neto, São Paulo, SP, 22/05/85. Registro de parto em raço experimental. 2 Ordens.								Denise de Bragança							PC	9-6	60	176	19,0	3,3
C. Leobrock Classic Nodul Red	PO	7-4	30	72	22,0	4,3		Deleir de Bragança	PC	-	40	115	22,0	3,7						
C. Lins de 2.ª fila Red	PO	7-10	30	122	23,0	2,8		Deleir de Bragança	PC	8-7	60	163	22,0	3,7						
C. Lins de 3.ª fila	PO	8-8	30	97	23,0	2,7		Flora do Campo de Bragança	PC	7-6	50	143	23,0	3,2						
William Crisselle Joazeiro Red	PO	8-1	30	113	22,7	3,1		GAJ, Genove Trigue Red	PO	4-9	60	171	15,0	1,8						
Cleiton Sarda N. Nodul Red	PO	10-0	50	180	34,0	2,7		GAJ, Genove Trigue Red	PO	3-0	10	13	20,0	1,1						
C. Lins de 4.ª fila	PO	6-10	30	83	23,0	3,5		GAJ, Genove Trigue Red	PO	3-2	30	61	16,0	2,8						
Haymilton Japer Petal-Red	PO	7-5	50	169	20,0	2,7		GAJ, Genove Trigue Red	PC	1-1	30	92	24,0	3,2						
Quarenta de 2.ª fila	PO	2-6	30	86	22,0	2,1		GAJ, Genove Trigue Red	PC	1-3	30	93	24,0	2,8						
C. Lins de 5.ª fila	PO	3-11	10	12	17,0	2,8		GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-3	50	119	22,0	3,4						
Regina Dale J. Collier-Red	PO	7-0	10	30	22,0	2,9		GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-5	60	165	21,0	3,4						
Princípio de 2.ª fila	PC	4-3	10	8	24,0	3,6		GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-4	50	121	20,0	2,8						
C. Lins de 6.ª fila	PO	6-4	10	17	23,0	3,0		GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-7	50	122	22,0	2,8						
Valéria de 2.ª fila	PO	5-0	10	30	20,0	3,2		GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-7	20	41	17,0	3,4						
C. Lins de 7.ª fila	PO	5-1	10	13	19,0	3,6		GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-11	60	176	15,0	2,8						
C. Lins de 8.ª fila	PO	8-0	10	14	33,0	2,5		GAJ, Genove Trigue Red	PC	8-11	60	170	17,0	2,8						
C. Lins de 9.ª fila	PO	7-11	10	22	22,0	3,4		GAJ, Genove Trigue Red	PC	8-6	50	134	33,0	3,1						
C. Lins de 10.ª fila	PO	6-4	10	8	23,0	2,9		GAJ, Genove Trigue Red	PC	6-4	50	140	19,0	3,4						
C. Lins de 11.ª fila	PO	6-1	50	168	18,0	4,3		GAJ, Genove Trigue Red	PC	7-10	10	13	25,0	3,2						
William Crisselle Joazeiro Red	PO	5-2	80	203	25,0	3,3		GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-1	10	17	20,0	3,4						
C. Lins de 12.ª fila	PO	3-18	40	138	21,0	3,8		GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-3	20	14	22,0	3,4						
Portela Trigue Nodul-Red	PO	5-4	30	125	19,0	3,4		GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-3	50	128	17,0	4,6						
Portela Trigue Nodul-Red	PO	6-7	20	54	20,0	3,6		GAJ, Genove Trigue Red	PC	-	30	76	24,0	2,8						
Portela Trigue Nodul-Red	PO	4-5	20	55	18,0	2,9		GAJ, Genove Trigue Red	PC	12-7	30	76	23,0	3,2						
C. Lins de 13.ª fila	PO	3-11	20	42	22,0	2,9		GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-1	50	135	22,0	3,1						
C. Lins de 14.ª fila	PO	3-10	20	58	18,0	2,3		GAJ, Genove Trigue Red	PC	1-0	20	24	2,0	2,2						
C. Lins de 15.ª fila	PO	3-10	20	49	20,0	3,5		GAJ, Genove Trigue Red	PC	7-2	30	82	8,0	1,7						
C. Lins de 16.ª fila	PO	3-7	20	59	20,0	3,2		GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-9	40	107	18,0	3,4						
C. Lins de 17.ª fila	PO	7-0	40	148	20,0	3,4		GAJ, Genove Trigue Red	PC	6-1	50	152	20,0	3,2						
C. Lins de 18.ª fila	PO	6-10	40	127	18,0	2,8		GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-7	60	180	17,0	3,8						
C. Lins de 19.ª fila	PO	5-1	30	71	23,0	2,9		GAJ, Genove Trigue Red	PC	6-4	50	121								
Remota de São Paulo	PC	5-3	30	112	19,0	4,2		GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-7	50	153	17,0	3,3						
Harvey Fox T. Nancy Red	PO	7-2	50	171	33,0	3,5		GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-5	10	16	28,0	3,2						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-5	60	176	20,0	3,4						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	6-1	20	60	21,0	3,1						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	20	-	26	26,0	3,7						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-6	50	145	22,0	3,1						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-11	10	11	22,0	3,2						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-10	30	84	22,0	3,2						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	11	40	22,0	2,8							
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-3	20	39	24,0	3,4						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	-	20	30	23,0	3,0						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	2-11	50	117	16,0	1,5						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	9	20	9	20,0	2,9						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	2-7	60	239	16,0	2,7						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	3-2	50	117	22,0	3,2						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-3	50	128	20,0	3,1						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	4-3	60	165	24,0	2,9						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	5-10	40	118	25,0	2,8						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	-	40	109	21,0	2,7						
								GAJ, Genove Trigue Red	PC	6-7	10	8	23,0	3,8						

Guilherme Walter Soares Caldas-Sup-Mento do Pibol-Set. de São Paulo-Controle em 13/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Roberto Orsini Matar Red	10	2-10	20	42	17,0	3,9			
Joazeira Ulrich José Leme	028	6-6	20	52	27,0	3,4			
Joazeira Legião Del	10	6-1	20	11	16,4	4,1			
Roberto Givão Tardim	70	6-6	12	19,6	6				
Mar Transalva Ribeiro	023	6-2	19	2	12,0	3,8			
Joazeira Nival Ribeiro	023	6-6	60	154	13,0	3,8			
Joazeira Nival F. Leme	024	7-3	30	123	19,0	1,8			
Joazeira Joazeira Américo Del	70	6-6	20	101	6,8	3,3			
Roberto Joazeir Ribeiro	023	6-6	20	63	16,0	3,8			
Olivia Matar Ribeiro	028	3-6	20	42	15,0	4,1			
Luiz Adriano Pereira do Oliveira-Luiz Antonio-Set. de São Paulo-Controle em 21/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
E.S. Maripossas Pequenas do SR.	80	7-6	90	180	21,8	2,8			
Chaz Japier Nival	70	2-11	30	66	12,8	2,7			
E.S. Japier Oliveira	80	6-6	20	19	17,0	2,8			
E.S. Japier Pequenas do S.R.	80	6-6	40	185	12,0	4,0			
E.S. Japier Fony do SR.	70	7-9	90	111	13,0	3,7			
E.S. Japier Pequenas do SR.	70	6-1	20	100	11,0	3,1			
E.S. Japier Japier	70	6-6	70	81	19,0	2,4			
Boia Cruz	11/72	2-9	20	74	12,0	2,8			
Chaz Japier do Nival	70	2-10	20	68	11,0	2,8			
SR-Japier Pequenas do SR.	70	7-11	20	97	14,0	2,7			
Apoque - e Nival Pires Lathury-Luiz Apolito-Set. de São Paulo-Controle em 18/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Clotilde Nival Nival	71/73	10-0	40	88	24,0	1,7			
Nivalina S.R.	022	6-3	20	50	21,0	2,3			
Brenda Superior de Agripino-Luiz Castro-Piracicaba-Set. de São Paulo-Controle em 25/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Roberta J. Nival	PCD	-	60	163	14,0	3,11			
Nival Del Nival	PCD	6-3	30	139	15,0	2,53			
Nival Agripino Nival	PCD	5-9	50	123	15,1	2,45			
Nival Agripino Nival	PCD	7-6	60	99	20,0	2,70			
Nival Del Nival	PCD	6-12	30	82	13,0	2,60			
Nival Agripino Nival	PCD	2-11	20	90	24,0	1,95			
Nival	PCD	7-10	50	112	5,0	2,5			
Mago Detizado Bueno-Cruzado-Set. de São Paulo-Controle em 24/01/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Cruzado Roberto Luiz Ray Red	PO	7-9	10	18	15	23,0	3,1		
Luiz Mago Del SR.	GBR	7-9	80	255	16,0	1,5			
Roberto Japier Red SR.	PC	7-9	40	49	16,0	2,8			
Flora Del SR.	GBR	4-8	30	42	13,0	3,7			
Mago's Princesa J. Sovereign	PO	7-3	50	120	14,0	3,7			
Roberta Rocky Japier	PC	-	40	81	14,0	2,8			
Cruzado Del	PO	-	60	63	13,0	1,6			
J. Princesa Royal S. Inla	GBR	9-10	100	305	14,0	2,8			
Roberta Rock do Japier	PC	-	30	59	15,0	3,1			
Agripino e Pasterio Santa Cruz S/A-Ogipino-Set. de São Paulo-Controle em 28/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Albertina's SR Pasterio	PO	7-4	90	226	20,0	3,1			
Albertina's SR Pasterio	PO	7-4	90	111	22,0	4,7			
William-G-Past Red	PO	9-11	90	362	10,0	2,8			
ISC. Santa	PO	4-4	60	160	15,0	3,1			
ISC, RAB Gila	PO	4-4	30	97	14,0	4,0			
ISC, RAB Lynda	PO	3-3	20	60	18,0	3,1			
Dr. Luiz Roberto Mariano Porto-Contabilizãda-Set. de Minas Gerais-Controle em 09/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ovinhas.									
Rubens Albany	11/72	3-7	70	219	12,0	3,4			
Roberto Gila do Pedro	4-11	40	161	18,0	1,6				
Roberta Thelmo Albany	021	1-6	80	179	10,0	3,1			
Flaviana 156 Albany	PCDD	4-11	50	158	10,0	3,4			
Roberta Albany	PCDD	3-7	50	131	14,0	3,1			
Aurélia Okoloko Albany	PCDD	3-6	30	111	11,0	3,1			
Okoloko Thelmo Albany	021	3-10	40	124	12,0	3,4			
Roberta 060 Albany	PCDD	8-6	20	51	10,0	3,0			
Georgina 140 Albany	PCDD	4-8	10	39	20,0	2,8			
Filipina 1000 Albany	021	1-10	20	28	15,0	3,7			
Joaze Thelmo Albany	021	1-4	17	17	16,0	3,7			
Al-Ci-14 0500 do Pedro	PC	7-9	10	29	13,0	3,7			
Roberta Albany	PCDD	3-9	10	18	10,0	2,8			
Terra S.H.	022	5-3	10	24	10,0	3,1			
Tilly Gila Vinda marinho	PO	6-3	10	2	22,0	3,1			
Anelise Porto Viana-Porto-Pedra-Set. de São Paulo-Controle em 26/05/85-Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ovinhas. PIRABO: 0352,63,21,22.									

PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC



**CARNE
LEITE
RUSTICIDADE
PUREZA RACIAL**

**FAZENDAS
PINDAYBA E FORQUILHA**

José Cláudio Condé
Fone: (032) 532-2066
UBÁ - MG

CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)	205	365	550	730
0001	Carla Rosa Jasper	PO	5-5	19	20	31,0	3,0
0002	Carla Rosa Jasper	PO	5-4	49	109	36,0	3,6
0003	Carla Rosa Jasper	PO	5-2	39	89	25,2	3,5
0004	Carla Rosa Jasper	PO	6-7	40	130	34,0	3,3
0005	Carla Rosa Jasper	PO	6-5	40	109	30,0	2,5
0006	Carla Rosa Jasper	PO	4-0	10	31	34,0	2,7
0007	Carla Rosa Jasper	PO	3-9	39	42	29,0	3,0
0008	Carla Rosa Jasper	PO	7-8	29	89	26,0	4,7
0009	Carla Rosa Jasper	PO	4-5	40	106	28,0	3,1
0010	Carla Rosa Jasper	PO	11-3	70	223	25,0	3,2
0011	Carla Rosa Jasper	PO	6-2	10	10	25,0	2,8
0012	Carla Rosa Jasper	PO	4-5	59	171	30,0	3,8
0013	Carla Rosa Jasper	PO	5-0	49	112	25,0	3,5
0014	Carla Rosa Jasper	PO	3-9	19	10	27,0	3,5
0015	Carla Rosa Jasper	PO	12-10	19	24	26,0	3,9
0016	Carla Rosa Jasper	PO	4-2	29	39	27,0	4,6
0017	Carla Rosa Jasper	PO	5-9	29	54	29,0	3,6
0018	Carla Rosa Jasper	PO	4-11	29	58	27,0	4,1
0019	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0020	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0021	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0022	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0023	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0024	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0025	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0026	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0027	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0028	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0029	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0030	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0031	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0032	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0033	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0034	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0035	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0036	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0037	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0038	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0039	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0040	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0041	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0042	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0043	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0044	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0045	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0046	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0047	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0048	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0049	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0050	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0051	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0052	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0053	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0054	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0055	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0056	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0057	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0058	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0059	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0060	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0061	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0062	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0063	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0064	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0065	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0066	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0067	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0068	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0069	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0070	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0071	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0072	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0073	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0074	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0075	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0076	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0077	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0078	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0079	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0080	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0081	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0082	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0083	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0084	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0085	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0086	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0087	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0088	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0089	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0090	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0091	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0092	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0093	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0094	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0095	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0096	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0097	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0098	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0099	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6
0100	Carla Rosa Jasper	PO	5-11	20	15	25,0	3,6

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Purina

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Albertina's MBR Sharpy	PO	-	60	174	26,0	4,0
Albertina's MBR Martina	PO	4-2	30	92	29,0	2,8
Albertina's MBR Samadi	PO	4-9	30	80	31,0	4,2
Albertina's MBR Tanguara-TE	PO	3-10	100	316	20,0	3,0
Lisa MBR Marina's	QCB	11-1	110	339	23,0	3,9
Orcina ANU Albertina's	QCB	8-5	20	44	39,0	3,7
Ofelia OCB Marina's	QCB	8-9	30	60	35,0	3,0
Albertina's OCB Polonesa	PO	7-10	50	142	30,0	3,5
Albertina's OCB Polona	PO	7-9	50	142	29,0	4,4
Albertina's MBR Polara	PO	7-10	50	142	28,0	2,9
Albertina's MBR Primitiva	PO	7-10	50	141	25,0	3,3
Quilma MBR Marina's	QCB	6-9	70	218	25,0	4,6
Quilma MBR Marina's	QCB	6-8	40	111	25,0	4,8
Albertina's OCB Quindela	PO	6-10	40	97	24,0	2,1
Quintira MBR Albertina's	QCB	7-2	20	36	35,0	3,4
Albertina's MBR Reliquiosa	PO	4-10	90	278	24,0	3,6
Quera MBR Albertina's	QCB	5-7	50	153	24,0	3,0
Welma MBR Marina's	QCB	5-9	30	90	31,0	3,1
Natália MBR Albertina's	QCB	6-0	20	44	32,0	2,3
Albertina's MBR Tampa	PO	2-10	20	78	22,0	3,4
Albertina's MBR Tampa-TE	PO	2-11	20	36	26,0	4,7
Albertina's MBR Tampa	PO	3-10	40	122	24,0	4,1
Albertina's MBR Tanguara	PO	3-8	40	108	26,0	4,0
Tiana MBR Albertina's	QCB	3-2	30	90	20,0	2,7
Albertina's MBR Tampa	PO	4-0	20	71	28,0	3,4
Tatiana MBR Albertina's	QCB	5-9	30	90	20,0	3,1
Albertina's MBR Tatarina-TE	PO	4-2	20	57	35,0	3,4
Albertina's MBR Tiro	PO	3-9	20	51	27,0	3,0
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	4-1	20	45	40,0	3,3
Albertina's MBR Trelata	PO	-	10	17	27,0	2,8
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	3-9	10	10	35,0	3,7
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	-	10	4	21,0	3,0
Albertina's MBR Trelata	PO	2-3	80	229	23,0	3,8
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	2-4	70	115	24,0	3,4
Albertina's MBR Trelata	PO	4-0	60	172	26,0	4,1
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	2-11	50	147	30,0	4,5
Albertina's MBR Trelata-TE	PO	-	40	128	20,0	3,1
Piper-Maria Jap Lisa-Red-OT	PO	5-1	70	243	23,0	3,5
Verdena Cailo Primitiva-Red	PO	7-4	40	96	36,0	4,0
J.T. Hudson Nogueira-Red	PO	7-3	10	27	24,0	3,4
Rio-Henry Lisa Cit-Red	PO	6-8	90	278	20,0	4,3

Lilias Guimarães Alcantara, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 17/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Beliziana Gelp de Jaramim, QCB, 9-5, 20, 49, 15,0, 2,7.

Waldir Jureira de Andrade, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 23/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Delce Lina Lina	POCB	4-11	10	5	15,0	3,3
Delce Lina Lina	QCB	3-10	10	29	15,0	3,4
Lilias Lina	QCB	4-11	10	2	15,0	3,8
Delce Lina	QCB	4-6	20	58	14,0	3,6
Verena Lina	POCB	6-11	20	50	13,0	3,5
Lilias Lina	QCB	3-2	30	70	13,0	3,8
Lilias Lina	QCB	3-11	30	71	14,0	3,6
Clotilde Lina	QCB	3-11	30	78	13,0	3,0
Geneta Lina	QCB	4-1	30	70	15,0	3,6
Uelal Lina	QCB	5-8	30	120	16,0	3,1
Lina Lina	QCB	2-9	30	74	15,0	3,2

Verônica Natal, MBR Marina, São Paulo, Red, de São Paulo. Controle em 18/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ordenhas.

2 Ordenhas							
Wolider MBR Nancy Red	PO	6-4	50	144	42,0	3,3	
2 Ordenhas							
Verena MBR Nancy Red	PO	6-4	30	91	24,0	3,6	
QCB Marina's MBR Nancy	PO	3-1	20	90	17,0	3,1	
Verena MBR Nancy Red	PO	-	20	49	22,0	3,2	
QCB Marina's MBR Nancy	PO	-	20	41	20,0	3,0	
QCB Marina's MBR Nancy	PO	8-5	20	36	23,0	3,0	
Verena MBR Nancy	PO	8-5	10	14	28,0	3,4	
Verena MBR Nancy	PO	8-0	80	224	17,0	4,6	
Verena MBR Nancy	POCB	6-11	80	221	17,0	3,5	
Verena MBR Nancy	QCB	4-9	50	138	21,0	3,5	
Verena MBR Nancy	QCB	3-3	50	136	17,0	4,5	
Verena MBR Nancy	PO	2-7	50	133	17,0	3,9	

Fernanda de Souza, Lina, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 14/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Verena MBR Nancy	QCB	4-6	10	22	18,0	3,2
Verena MBR Nancy	QCB	4-3	20	70	13,0	2,9
Verena MBR Nancy	QCB	3-5	80	184	10,0	2,8
Verena MBR Nancy	QCB	3-10	10	18	14,0	2,5
Verena MBR Nancy	QCB	3-10	10	42	13,0	2,9
Verena MBR Nancy	QCB	3-8	10	21	16,0	2,5
Verena MBR Nancy	QCB	3-8	10	20	16,0	2,7
Verena MBR Nancy	QCB	5-10	10	43	22,0	1,9
Verena MBR Nancy	QCB	4-11	30	25	14,0	2,5
Verena MBR Nancy	QCB	8-11	10	71	18,0	2,4
Verena MBR Nancy	QCB	4-11	80	248	14,0	2,5
Verena MBR Nancy	QCB	4-0	30	91	13,0	3,0
Verena MBR Nancy	QCB	3-1	60	199	13,0	1,9
Verena MBR Nancy	QCB	7-10	90	289	15,0	1,9
Verena MBR Nancy	QCB	3-10	90	112	15,0	1,3
Verena MBR Nancy	QCB	6-11	20	58	15,0	2,8
Verena MBR Nancy	QCB	10-2	30	252	14,0	2,8
Verena MBR Nancy	QCB	8-9	50	195	15,0	3,1
Verena MBR Nancy	QCB	10-2	90	307	14,0	3,1

Genêdo Figueiredo Farias, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 24/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

QCB Marina's MBR Nancy PO | - | 10 | 25 | 28,0 | 3,8 |

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Marcela Jettator QCB	PO	-	10	21	17,0	1,3
Aristocrata Jasper QCB	QCB	5-3	60	158	25,0	3,8
Ofelia Jasper QCB	QCB	3-11	20	49	27,0	3,9
QCB Jasper QCB	PO	3-10	30	68	27,0	3,3
Ofelia Jasper QCB	QCB	2-1	20	70	34,0	4,5
Desocada Orçada Jasper QCB	PO	-	20	42	34,0	2,2
QCB Jasper QCB	PO	-	20	31	17,0	2,7
Hedges Wood Cit R. Nancy Red	PO	6-1	10	21	30,0	4,1

Conf. de Gabriel Dias Pereira, Clotilde Noronha, Red, de Minas Gerais. Controle em 09/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ordenhas.

1. Ordenhas						
Elisete MBR de Sant'Ana	QCB	12-3	10	17	19,0	5,0
Verena MBR de Sant'Ana	QCB	9-11	10	19	25,0	3,0
Lilias Jasper de Sant'Ana	QCB	4-5	10	13	27,0	3,9
Verena MBR de Sant'Ana	QCB	12-11	40	114	23,0	3,6
Verena MBR de Sant'Ana	QCB	7-4	20	193	23,0	3,5
Verena Jasper de Sant'Ana	QCB	5-9	70	190	17,0	3,8
Pereira Geobal Gerente	PO	13-1	20	44	17,0	3,0
Pereira Marina Jap	PO	3-1	100	225	13,0	3,9
Pereira Tereza Novador	PO	10-6	60	175	22,0	4,8
Lilias MBR Jasper de Sant'Ana	PO	8-0	40	113	14,0	3,1
Verena MBR de Sant'Ana	QCB	8-1	30	76	27,0	3,3
Verena MBR de Sant'Ana	QCB	8-8	20	45	11,0	3,7
Verena Jasper de Sant'Ana	QCB	6-9	50	140	12,0	3,8
Verena Jasper de Sant'Ana	QCB	5-4	20	38	25,0	2,8

Verônica Jasper Pereira	QCB	3-6	20	38	21,0	2,86
2 Ordenhas						
Corneilina Univ. de Sant'Ana	QCB	6-5	20	34	17,0	3,44
Gláucia MBR de Sant'Ana	QCB	8-0	10	4	14,0	1,74
Verônica Juno de Sant'Ana	QCB	8-1	10	18	11,0	1,58
Abigail Jasper de Sant'Ana	QCB	5-2	10	6	19,0	1,18
Francineia MBR de Sant'Ana	QCB	10-3	40	85	11,0	3,74
Pereira Nátalia Mendonça	PO	8-5	30	84	11,0	3,77

Valmir Spinnelli de Oliveira e Inácio Larrinhas, Red, de São Paulo. Controle em 23/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Fênix	PO	-	10	3	22,0	1,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	7-9	40	28	21,0	4,4

Raça Jersey

Escola Superior de Agricultura de Coimbra, Fimicosta, Red, de São Paulo. Controle em 07/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-7	10	10	14,0	1,68
Verena MBR de Sant'Ana	PO	7-9	10	9	24,0	1,18
Verena MBR de Sant'Ana	PO	7-9	10	8	12,0	2,48

Verena e Cabelos MBR de Sant'Ana, (Bertagalli e Filhos), Povoado Povo, Red, de São Paulo. Controle em 17/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-5	30	48	27,0	3,28
Verena MBR de Sant'Ana	PO	6-0	30	41	26,0	3,38
Verena MBR de Sant'Ana	PO	3-5	10	19	20,0	3,08
Verena MBR de Sant'Ana	PO	2-3	80	220	14,0	3,1
Verena MBR de Sant'Ana	PO	3-0	40	180	17,0	3,1
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-11	90	263	17,0	3,87
Verena MBR de Sant'Ana	PO	7-4	40	91	20,0	3,31
Verena MBR de Sant'Ana	PO	3-6	40	90	18,0	4,75
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-0	30	81	18,0	4,88
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-4	30	69	20,0	3,28

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Agropecuária e Povoado Povo, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 14/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Verena MBR de Sant'Ana	PO	10-8	60	153	13,0	3,4
Verena MBR de Sant'Ana	PO	-	20	58	14,0	3,5
Verena MBR de Sant'Ana	PO	-	60	142	15,0	3,1
Verena MBR de Sant'Ana	PO	-	40	87	19,0	3,2
Verena MBR de Sant'Ana	PO	6-8	80	217	16,0	3,5
Verena MBR de Sant'Ana	PO	8-8	110	210	20,0	2,5
Verena MBR de Sant'Ana	PO	6-9	18	2	21,0	2,3
Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-9	30	68	17,0	2,3
Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-5	20	41	20,0	2,3
Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-3	40	87	13,0	3,5
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-4	70	68	17,0	2,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-8	40	89	16,0	3,3
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-7	30	82	17,0	2,7
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-4	70	180	11,0	3,4
Verena MBR de Sant'Ana	PO	3-10	80	211	13,0	2,5
Verena MBR de Sant'Ana	PO	8-10	70	180	17,0	3,1
Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-1	30	69	15,0	3,3

De Fimicosta Povo, Povoado Povo, Lina, Red, de Minas Gerais. Controle em 14/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ordenhas.

3 Ordenhas							
MC Cláudio Kluge, III	PO	8-4	30	79	40,0	3,1	
Box Two Jones 1 MC	QCB	4-2	30	99	22,0	4,8	
MC Gisela Baptista II	PO	4-8	30	78	24,0	3,1	

2 Ordenhas	Verena MBR de Sant'Ana	PO	4-5	20	31	24,0	3,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-3	20	34	23,0	3,5	

Genêdo Figueiredo Farias, Lina, Red, de São Paulo. Controle em 14/05/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Verena MBR de Sant'Ana	PO	7-2	60	220	18,0	3,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	5-9	50	174	20,0	3,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	-	40	161	16,0	3,8
Verena MBR de Sant'Ana	PO	-	40	48	16,0	4,1



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Línea de São João	PO	3-1	29	62	21,0	3,7
Colônia de São João	OC3	4-6	19	13	24,0	3,5
Ferreiro Prado Fátima Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 13/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.						
MC-Francina Bello II	PO	5-1	79	182	18,0	4,3
MC-Romana Egeiro II	PO	5-9	79	206	25,0	4,6
Guilherme M. Egeiro I	PO	4-4	69	150	30,0	5,3
MC-Claudia Egeiro III	PO	8-4	39	77	31,0	3,8
MC-Clitilde El Bero	PO	3-9	29	77	16,0	3,5
MC-Clitilde Egeiro II	PO	4-5	29	37	16,0	5,3
MC-Teresa II Costa	PO	12-4	19	3	31,0	2,3
Interagro S/A, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 06/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.						
Guarita Kate M. Ritzsch	PO	2-9	59	147	17,0	3,2
Wellow Farid Amin, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 28/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.						
Carina Maurici Delo	PO	5-8	39	91	26,0	4,0
PS Carly	PO	7-6	19	4	31,0	3,5
Ma Ma Egeiro Bero	PO	8-4	39	73	27,0	5,0
Carina Egeiro Bero	PO	8-4	39	130	26,0	3,8
Carina Bero	PO	8-1	92	36	3,0	5,8
Carina Fátima Bero	PO	7-4	19	2	28,0	2,7
Carina Bero Bero	PO	7-4	39	73	31,0	4,3
Carina Bero Bero	PO	8-0	19	23	32,0	3,1
Carina Bero Bero	PO	4-11	19	27	3,0	4,9
EL-Bernardos José	PO	10-6	39	77	31,0	4,6
Delmar Ind. e Com. Ltda, Est. de São Paulo, Controle em 11/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.						
MC-Veloso Tapper II	PO	10-0	129	365	13,0	4,5

Raça Guernsey

Bacia Superior de Agr. Lda de Oitavas, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 07/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Belaq Gerta Berry	PO	7-1	50	152	10,0	3,44
Belaq Gerta Berry	PO	4-11	29	59	15,0	4,00
Belaq Vera Martin	PO	3-6	29	56	13,0	3,65
Belaq Bero Bero	PO	6-0	19	21	11,0	3,40

Dr. Antônio Cólari de Almeida, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 23/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

CONTROLE ESTABELECIDA PELA ASSOCIAÇÃO FILIPINENSE DE CRIADORES DE BOVINOS.

Pantasia M-3 D'Almeida	1/8	-	29	57	15,0	5,02
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	29	41	12,0	4,89
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	29	43	18,0	4,35
Guilherme M-1 D'Almeida	1/4	-	29	46	13,0	5,12
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	-	29	50	15,0	4,86
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	14-1	29	40	10,0	4,50
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	19	38	20,0	4,74
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	19	26	19,0	4,84
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	7-7	19	14	21,0	4,74
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	8-9	19	10	17,0	4,93
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	3-11	19	9	20,0	5,00
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	19	8	20,0	5,01
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	19	4	15,0	5,03
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	19	5	21,0	4,99
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	5-5	19	5	21,0	4,97
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	8-11	89	260	18,0	5,49
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	9-11	59	142	24,0	4,90
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	4-0	49	122	15,0	5,14
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	49	114	15,0	5,12
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	49	85	19,0	4,98
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	87	19,0	4,68
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	85	17,0	5,18
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	84	15,0	5,06
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	82	13,0	5,22
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	80	19,0	4,93
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	78	15,0	5,04
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	76	17,0	5,34
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	74	14,0	5,13
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	39	65	17,0	5,03
Guilherme M-1 D'Almeida	1/2	-	19	4	18,0	4,81
Guilherme M-1 D'Almeida	PO	5-11	19	3	17,0	4,88
Guilherme M-1 D'Almeida	-	-	19	2	20,0	4,96

Raça Gir

Est. Brasília Agrop. Ind. São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/04/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Guilherme M-3 D'Almeida	RE	13-8	19	20	15,0	5,06
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	4-4	19	23	12,0	4,61
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-4	19	13	26,0	4,11
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	6-8	49	109	12,0	4,71
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	11-8	19	7	20,0	4,50
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	13-0	19	17	12,0	5,02
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	3-11	19	20	11,0	4,44
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	10-11	79	201	11,0	5,77
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-5	29	42	11,0	5,31
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	9-7	59	136	10,0	4,49
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	2-11	59	113	11,0	4,58
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	3-5	99	253	11,0	4,10
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-9	119	314	11,0	4,78
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	7-12	119	306	10,0	5,00
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	10-1	119	307	13,0	5,00

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Rodessa de Brasília	RE	7-3	79	208	18,0	4,91
Olmar de Brasília	RE	3-10	99	271	11,0	5,28
Taga de Brasília	RE	7-5	59	137	12,0	4,88
Romana de Brasília	RE	6-11	09	216	10,0	5,09
Romana de Brasília	RE	7-2	79	172	13,0	4,94
Romana de Brasília	RE	6-11	79	207	10,0	4,41
Prenda de Brasília	RE	3-6	39	75	17,0	4,60
Videira de Brasília	RE	4-1	19	19	12,0	4,88
Clitilde de Brasília	RE	4-11	49	89	12,0	4,72
Delma de Brasília	RE	5-7	29	43	14,0	4,56
Tamara de Brasília	RE	5-7	59	134	12,0	4,22
Delma de Brasília	PC	7-8	19	25	16,0	4,61
Taga de Brasília	RE	5-5	39	70	11,0	4,98
Delma de Brasília	RE	6-6	89	221	12,0	4,49
Polipa de Brasília	RE	6-0	19	22	11,0	5,55

Rena Agrícola e Pec. Ind. Mococa, Est. de São Paulo, Controle em 24/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 Ordenhas.

3 Ordenhas

Guilherme M-3 D'Almeida	RE	11-0	29	40	15,0	3,2
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-5	29	25	13,0	1,4
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-5	29	34	11,0	3,9
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-7	29	32	14,0	3,5
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-1	19	29	18,0	3,2
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	13-11	19	27	12,0	3,5
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-8	19	26	14,0	4,7
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	15-0	19	21	16,0	3,8
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-7	19	12	15,0	4,7
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-8	19	18	15,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-6	19	18	14,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-6	19	15	14,0	5,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-7	19	13	17,0	4,5
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-7	19	13	13,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-7	19	13	11,0	4,9
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	5-8	19	9	14,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	7-9	19	9	15,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	13-8	19	7	12,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	7-0	19	4	15,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	6-1	29	54	13,0	3,7
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	14-5	29	51	10,0	5,1
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-6	19	4	12,0	5,7
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-6	19	4	13,0	5,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	14-3	19	3	18,0	3,9

2 Ordenhas

Guilherme M-3 D'Almeida	PC	13-5	29	46	14,0	3,4
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	4-0	29	41	13,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	4-8	19	29	10,0	4,1
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	4-1	19	27	11,0	4,1
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	7-11	19	22	10,0	3,8
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	5-0	19	17	10,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	4-7	19	12	13,0	3,5
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	14-5	29	47	13,0	3,6
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	7-0	19	31	11,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	9-1	39	61	13,0	4,6
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	10-0	29	54	13,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	13-0	69	175	14,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	14-3	69	168	10,0	5,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	13-2	49	109	11,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	LA	7-10	89	89	10,0	4,9
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	11-2	39	83	11,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-8	89	82	11,0	4,9
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	9-8	79	264	10,0	3,7

Antonio José Iorio de Oliveira Costa, Santa Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 13/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-0	39	99	10,0	4,1
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	3-10	39	97	13,0	3,2
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	5-5	39	86	10,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	7-11	39	85	10,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	11-10	39	87	14,0	4,5
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-1	19	24	12,0	4,1
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	10-0	19	5	15,0	3,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	8-9	19	1	14,0	4,5
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-9	19	1	13,0	4,8
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	7-10	19	1	17,0	4,1

João Góes da Costa Noronha e Costa, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 21/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-3	39	56	12,0	4,9
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	12-7	29	55	11,0	3,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	7-7	29	46	11,0	4,1
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	12-4	19	22	12,0	5,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PCOD	9-4	19	22	25,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	-	19	22	20,0	3,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	-	19	21	18,0	4,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-10	19	20	11,0	4,4
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	8-4	49	114	10,0	4,2
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	10-7	49	113	11,0	4,6
Guilherme M-3 D'Almeida	PCOD	11-6	49	99	20,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	8-10	49	88	11,0	4,4
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	10-4	39	86	12,0	4,7
Guilherme M-3 D'Almeida	PC	10-9	39	78	10,0	4,6
Guilherme M-3 D'Almeida	PCOD	5-9	39	72	12,0	3,0
Guilherme M-3 D'Almeida	PCOD	10-1	19	22	11,0	4,3
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	4-0	19	13	11,0	5,0
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	6-0	59	156	11,0	4,8
Guilherme M-3 D'Almeida	RE	5-6	89	129	10,0	4,2

João Roberto Costa Noronha, São João do Rio Verde, Est. de São Paulo, Controle em 16/05/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

14/05/05, Recibo de ponto com rápido suplementar, 2 Colônias.						
Cl. Martins	PC	9-4	49	97	10,0	4,4
Cl. Miranda	RE	13-0	39	89	11,0	4,7
Cl. Nequitos	PC	5-5	29	80	11,0	4,0
Cl. Rognira	RE	5-4	29	80	10,0	4,5
Cl. Sampaio	PC	10-1	19	26	10,0	4,1
Cl. Tardilova	RE	-	19	19	11,0	4,1

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA. FAZENDA SANTANA DA SERRA

Em meio século na seleção de Gir Leiteiro, desenvolvemos um controle leiteiro dirigido de todo o rebanho, e não apenas de vacas escolhidas.

Todo o plantel está sob controle oficial da A.B.C., e obtivemos no ano de 1983 em 114 lactações a produção de 301.078 kg de leite, resultando um peso médio de 2.641 kg por vaca e prazo médio de 325 dias de lactação.

Conheça o gado certo para o clima certo. Faça-nos uma visita.

CONHEÇA O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO. faça-nos uma visita.



LANCHEIRA — Reg. 5136 — SCL 52025

Produção: 6.351.000 kg de leite. Média: 17.400 kg.

Obs.: Alcançou Livro de Mérito (LM) nesta lactação.

VENDE DE SÊMEN NA FUNDAÇÃO BRADESCO - PECPLAN LAGOA DA SERRA INS. ARTIFICIAL

FAZENDA - KM 295 da Rod. Mococa-Cajuru (SP). Tels.: (0196) 55-0801 — (011) Canoas (SP) 98-1164

MOCOCA - R. Barão de Monte Santo, 1.230 - Tel.: (0196) 55-0083
S. PAULO - R. 15 de Novembro, 193, 5.º and - Tel.: (011) 36-1681

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
----------------	----------------	---------------	----------------	------------------	---------

Lactação	RE	11-1	19	11	10,8	4,7
José Carlos Almeida e Quirino Henriques, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Maria	RE	-	79	186	10,8	5,12
Clotilde	RE	5-8	49	87	11,4	4,40
Terrence	RE	10-11	49	141	11,0	3,71
Trêsde	RE	9-10	59	131	11,4	3,46
Trêsde	RE	-	39	63	10,9	3,71
Clara	RE	6-6	50	123	11,0	3,63
Alfina	RE	9-11	50	153	12,0	5,46
Agueda	RE	6-6	89	205	10,0	4,99
Isolina	RE	4-4	39	83	10,0	4,81
Thalocoma	RE	10-10	39	72	12,0	3,63
Versada	RE	3-3	49	87	10,0	4,05
Alcage	RE	5-5	59	138	11,0	3,70

Ore-Renard e José João da Silva, Rodrigues dos Reis, Rio de Janeiro, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE
CENTRO DE ESTUDO PARA ADOÇÃO DE PRINCÍPIOS DE CRIADORIA DE BOVINOS.						
Baron, Domingos, Paraíba	RE	8-8	89	177	14,8	6,84
Baron, José, Paraíba	RE	7-7	89	175	10,0	5,59
C.A. Barro, São Paulo	RE	10-10	89	188	15,0	5,94
Barro, Carlos, Ceará	RE	13-14	59	159	10,0	5,40
C.A. Barro, Ceará	RE	14-12	59	150	12,0	5,20
Barro, José, Paraíba	RE	8-8	49	119	13,0	5,55
Barro, José, Paraíba	RE	7-7	49	108	14,0	5,28
Barro, José, Paraíba	RE	6-6	39	91	11,0	5,43
Barro, José, Paraíba	RE	3-3	29	51	12,0	4,98
Barro, José, Paraíba	RE	10-10	29	50	25,0	5,26
Barro, José, Paraíba	RE	7-7	59	140	11,0	6,14
Barro, José, Paraíba	RE	5-5	10	10	15,0	4,87
Barro, José, Paraíba	RE	3-3	10	12	13,0	4,70
Barro, José, Paraíba	RE	3-3	10	11	15,0	4,67

Dr. Arthur de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE
Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Alfina	RE	10-11	29	30	15,0	3,62
Clotilde	RE	10-11	29	25	14,0	3,71
Clotilde	RE	8-8	29	21	17,0	4,61
Clotilde	RE	9-9	39	30	15,0	3,65
Clotilde	RE	-	29	8	12,0	3,37
Clotilde	RE	-	29	5	14,0	3,71
Clotilde	RE	12-12	39	74	13,0	3,75
Clotilde	RE	-	29	41	15,0	4,32
Clotilde	RE	7-7	29	18	10,0	3,12
Clotilde	RE	11-11	39	183	10,0	3,74
Clotilde	RE	8-8	39	139	10,0	4,61
Clotilde	RE	5-5	39	235	13,0	5,70
Clotilde	RE	9-9	39	215	10,0	4,38

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %
----------------	----------------	---------------	----------------	------------------	---------

RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE
Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Reynard dos Poços	RE	-	49	117	12,0	4,40
Reynard	RE	9-9	49	179	10,0	4,40
Reynard	RE	12-11	79	204	10,0	4,40
Reynard	RE	-	69	183	12,0	4,38
Reynard	RE	4-3	18	14	10,0	3,46
Reynard	RE	6-1	89	235	10,0	3,71
Reynard	RE	-	19	8	11,0	3,71
Reynard	RE	5-5	29	128	10,0	4,40
Reynard	RE	4-1	69	144	10,0	4,40
Reynard	RE	4-4	39	128	10,0	4,40
Reynard	RE	4-11	29	48	12,0	5,46
Reynard	RE	3-10	49	181	10,0	4,70
Reynard	RE	9-10	39	63	10,0	3,46
Reynard	RE	-	29	40	10,0	4,70
Reynard	RE	-	69	170	11,0	4,40

Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE
Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Reynard	RE	5-5	49	103	11,0	5,46
Reynard	RE	6-4	29	53	10,0	4,40
Reynard	RE	6-5	29	52	10,0	4,40
Reynard	RE	4-11	59	119	10,0	4,40
Reynard	RE	6-11	10	20	10,0	3,74
Reynard	RE	9-4	29	41	14,0	4,98
Reynard	RE	13-0	29	47	10,0	4,40
Reynard	RE	6-10	10	3	17,0	4,40
Reynard	RE	6-8	59	139	10,0	4,40
Reynard	RE	6-5	29	72	10,0	4,40
Reynard	RE	5-9	129	344	10,0	4,40
Reynard	RE	8-10	119	321	10,0	4,40
Reynard	RE	10-1	129	337	10,0	4,40
Reynard	RE	7-5	69	167	10,0	4,40
Reynard	RE	4-1	29	49	10,0	4,40
Reynard	RE	13-9	29	30	14,0	4,40
Reynard	RE	7-9	29	55	14,0	3,74
Reynard	RE	6-6	99	251	10,0	3,74
Reynard	RE	7-9	29	302	10,0	4,40
Reynard	RE	11-5	29	37	10,0	4,40
Reynard	RE	9-4	49	105	10,0	4,40
Reynard	RE	5-7	29	71	12,0	4,40
Reynard	RE	5-7	49	184	12,0	3,74

Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE
Dr. Antônio de Melo, Filomena, Paraíba, Set. de Minas Gerais, Outubro de 1983/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.						
Reynard	RE	5-5	19	30	11,0	4,40
Reynard	RE	9-9	19	11	11,0	4,40
Reynard	RE	5-5	19	35	11,0	4,40
Reynard	RE	5-7	19	3	10,0	4,40
Reynard	RE	10-5	29	57	10,0	4,40
Reynard	RE	6-2	29	43	14,0	3,74



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



GRANJA D'ABADIA

PROP.: CUSTODIO DE ALMEIDA FILHO



criação e seleção de GUERNSEY PO

O GADO DO LEITE DOURADO

VENDE DE REPRODUTORES

FAZENDA: Estrada de Piranema, 731
Fone: (021) 788-1206 — ITAGUAÍ - RJ
ESCRITÓRIO: Cx. Postal 3386
Fone: (021) 240-2341 — RIO DE JANEIRO - RJ

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
Nelore da Cal.	HE	9-9	20	53	11,0	4,0
Nelore da Cal.	HE	8-9	19	11	12,0	3,7
Quilina da Cal.	PC	7-1	20	73	11,0	4,3

Cruzamento Dirigido

Reino de Theres Rittmann, Quilina Oscar, Net. de São Paulo, Controle em 11/5/85
Região de pasto com raço experimental, 2 Ordenhas, CRES. DIRIGIDO X GIB

P.T.B. Nelsa	M-1	8-9	49	99	21,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	8-8	19	18	24,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	8-8	59	144	11,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	8-11	19	27	25,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	8-10	29	43	21,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	8-11	19	18	24,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	8-7	19	17	20,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	8-4	59	124	19,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	8-5	39	66	20,0	2,8
P.T.B. Nelsa	M-1	10-10	29	40	14,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	7-8	39	57	16,0	4,5
P.T.B. Nelsa	M-1	7-4	39	75	12,0	3,5
P.T.B. Nelsa	M-1	6-8	79	200	13,0	4,3
P.T.B. Nelsa	M-1	6-10	49	102	13,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	6-6	39	68	20,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	6-5	39	65	19,0	3,4
P.T.B. Nelsa	M-1	6-7	19	20	22,0	3,1
P.T.B. Nelsa	M-1	6-4	39	83	15,0	4,0
P.T.B. Nelsa	M-1	6-1	59	131	13,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	6-1	49	119	12,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	6-2	39	88	15,0	3,1
P.T.B. Nelsa	M-1	6-3	29	58	20,0	2,8
P.T.B. Nelsa	M-1	6-4	19	13	19,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	5-11	39	152	11,0	3,5
P.T.B. Nelsa	M-1	5-11	59	129	18,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	5-3	49	96	13,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	5-4	39	79	17,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	4-7	19	7	15,0	3,5
P.T.B. Nelsa	M-1	5-0	29	60	18,0	3,2
P.T.B. Nelsa	M-1	4-1	79	150	8,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	4-11	29	38	16,0	3,9
P.T.B. Nelsa	M-1	3-6	39	86	8,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	3-4	39	115	10,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	3-11	39	47	12,0	3,1
P.T.B. Nelsa	M-1	3-11	39	68	11,0	3,4
P.T.B. Nelsa	M-1	3-10	29	53	11,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	3-10	49	100	16,0	2,8
P.T.B. Nelsa	M-1	3-11	19	10	17,0	2,8
P.T.B. Nelsa	M-1	3-7	89	194	10,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	3-5	49	204	8,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	3-9	39	40	18,0	3,1
P.T.B. Nelsa	M-1	3-6	19	20	15,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	6-0	29	57	11,0	3,6
P.T.B. Nelsa	M-1	8-4	19	32	15,0	3,4
P.T.B. Nelsa	M-1	7-5	19	34	14,0	3,2
P.T.B. Nelsa	M-1	6-6	49	97	16,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	5-11	19	8	14,0	3,4
P.T.B. Nelsa	M-1	5-2	69	189	14,0	3,0
P.T.B. Nelsa	M-1	5-7	69	178	9,0	3,2
P.T.B. Nelsa	M-1	3-6	49	115	12,0	3,4
P.T.B. Nelsa	M-1	3-5	29	45	11,0	3,3
P.T.B. Nelsa	M-1	3-10	19	30	11,0	2,9
P.T.B. Nelsa	M-1	4-9	19	11	13,0	3,6

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
P.T.B. Nelsa	31/32	4-4	69	186	12,0	2,9
Nelsa	31/32	3-9	69	162	10,0	2,7
Nelsa	31/32	5-2	18	22	25,0	3,0
Nelsa	31/32	4-9	59	124	14,0	3,3
Nelsa	31/32	5-4	59	142	11,0	3,2
Nelsa	31/32	4-4	69	173	8,0	3,4
Nelsa	31/32	5-2	19	6	17,0	3,6
Nelsa	31/32	4-2	19	7	10,0	3,0
Nelsa	31/32	4-3	29	76	12,0	3,1
Nelsa	31/32	3-4	29	123	11,0	3,1
Nelsa	31/32	4-3	29	162	11,0	3,0
Nelsa	31/32	3-3	29	60	15,0	2,9
Nelsa	31/32	3-3	29	162	9,0	2,9
Nelsa	31/32	3-4	59	155	11,0	3,2
Nelsa	31/32	3-6	29	46	12,0	3,0
Nelsa	31/32	3-9	69	198	10,0	3,1
Nelsa	31/32	5-7	19	4	14,0	3,0
Nelsa	31/32	3-5	79	218	11,0	3,2
Nelsa	31/32	4-10	29	60	16,0	3,5
Nelsa	31/32	2-5	69	162	10,0	3,4

Fazenda Vargas do Marejo Ltda., Varginha, Net. do Rio de Janeiro, Controle em 12/5/85.
Região de pasto com raço experimental, 2 Ordenhas.

CONTROLE ESPERADO PARA ASSOCIAÇÃO FLEISMEIROS DE CRIADORES DE NINOS.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
Nelsa	M1	5-11	99	251	10,0	4,82
Nelsa	M1	3-10	89	235	11,0	4,73
Nelsa	M1	3-7	89	230	12,0	4,36
Nelsa	M1	3-7	79	212	13,0	4,04
Nelsa	M1	3-6	59	147	13,0	4,13
Nelsa	M1	3-9	79	205	13,0	3,78
Nelsa	M1	3-6	39	61	34,0	3,53
Nelsa	M1	3-6	29	44	27,0	4,12
Nelsa	M1	3-2	19	21	28,0	3,68
Nelsa	M1	4-2	19	13	30,0	3,44

Raça Nelore

Colonial Agropecuária Ltda., Jandaia, Net. de Minas Gerais, Controle em 28/04/85.
Região de pasto com raço experimental, 2 Ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
Nelsa	1A	4-5	39	65	8,0	4,36
Nelsa	1A	4-5	39	63	8,0	5,57
Nelsa	1A	4-5	39	56	8,0	3,63
Nelsa	1A	4-5	39	11	11,0	4,83
Nelsa	1A	4-5	39	71	8,0	5,75
Nelsa	1A	4-5	39	207	8,0	3,16
Nelsa	1A	4-5	39	113	8,0	4,75
Nelsa	1A	4-5	39	47	8,0	3,20

FAZENDA PINHALZINHO - Araras - SP

Tel. (0195) 41-5567

Venda permanente de matrizes holandesas PB
— registradas e cruzadas prenhas e tourinhos —
oriundos de inseminação de touros provados.

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEITE
PROLEITINA GL
LACTINA GL



Declaração à praça

SERQUEI SILVA NUNES
CPF 323 418 307/49
RG. 81240010/1
RES.: Rua Duque de Caxias, 291
79.900 — PONTA PORÃ-MT

Com a presente comunicamos que a pessoa acima não faz e nunca fez parte do quadro de funcionários da EDITORA DOS CRIADORES LTDA., com redação e oficinas à rua Venâncio Ayres, 31 — SÃO PAULO - SP, portanto não está autorizada, a trabalhar em nosso nome ou fazer qualquer recebimento. Aproveitamos a oportunidade para solicitar a qualquer pessoa que tenha sido procurada por este indivíduo, dizendo trabalhar para a Editora dos Criadores Ltda., que nos comunique imediatamente para que possamos tomar as devidas providências legais.

Nossos telefones: DDD-011 — 263-8400 e 263-8685.

LUIZ DE ALMEIDA PENNA
Diretor

OBS.: A este respeito a Editora dos Criadores Ltda., já apresentou queixa crime no 33.º Distrito Policial de São Paulo (Perdões) e todos aqueles que se sentirem lesados solicitamos que nos escrevam e nos enviem cópias autenticadas de recibos ou qualquer outro documento para juntarmos ao processo.

As autorizações de anúncio só são aceitas quando feitas no respectivo original, conforme modelo ao lado. O original é em duas vias e em duas cores. Não aceitamos autorizações de anúncio em "xerox", ou em outro qualquer sistema de reprodução, ou em uma só cor e ou assinadas por pessoas que não constem na página do Expediente da Revista (pág. 2). A Direção não aceita recibos passados na autorização. Ninguém está autorizado a fazer recebimentos em nome da Editora

Srs. Criadores

Ultimamente, Revista dos Criadores tem sido vítima de um elemento inescrupuloso que se faz passar por seu corretor de publicidade e ou assinaturas.

A esse respeito já fizemos várias publicações em jornais e na própria Revista, conforme reprodução ao lado, e já demos parte na 23.ª Delegacia de Polícia de São Paulo.

Esse elemento continua solto e ludibriando o próximo. Vendo ou sabendo de qualquer coisa desse indivíduo é favor comunicarem-se com esta redação ou com a Delegacia de Polícia mais próxima.

REVISTA
DOS
CRIADORES

Publicação da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Rua Venâncio Ayres, 31 - C.E.F. 05024 - SÃO PAULO - SP

Tel.: 263-8400

C.O.C. 61.163.406/0001-41 — Inscrição N.º 109.063.290

AUTORIZAÇÃO DE ANÚNCIO 1985

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST.
C.E.P. CGC INSC.
PUBLICAR NOS MESES

ESPAÇO	N.º DE VÉZES	PREÇO POR VEZ	TOTAL CR\$

AUTORIZO A PUBLICAÇÃO DO ANÚNCIO ACIMA, CONCORDANDO COM AS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:

% — CR\$ — NESTE ATO
% — CR\$ — ATÉ 30 DIAS DA DATA DA
NOTA FISCAL.

.....
Data Assinatura do anunciante

A presente autorização só é válida quando feita neste original, não valendo portanto, autorização feita em "xerox" ou fotocópia desta. Não vale como recibo e não identifica o representante.

Obs.: Impedir a presente autorização em:

REPR.

COM.

O Sal da Vida e da Saúde e da Fartura.

Rigorosamente formulado para suprir às reais necessidades da criação animal, segundo largo e profundo conhecimento da matéria - adquirido e experimentado no Brasil - o Sal Mineralizado ABC é o que há de mais completo e de mais atual.

Pela simples razão de que cavalo não dá leite, boi não serve para ser montado e vaca não pica e nem ganha corridas, temos uma fórmula para cada espécie, respeitando o que a natureza de cada um requisita em macro e micronutrientes para viver, ter saúde, produzir e reproduzir.

O ideal seria os animais obterem tudo diretamente dos alimentos naturais que ingerem. Mas como nenhum alimento é completo o Sal Mineralizado ABC é o fator compensador insubstituível para manter o seu rebanho sempre forte, vistoso, produtivo.

Experimente e comprove a eficiência do Sal Mineralizado ABC - especialmente recomendado para quem já cansou de experiências.

Fórmula da Associação Brasileira de Criadores, elaborada pelo Prof. João Soares da Veiga.

A ABC não tem finalidade lucrativa: existe para servir.

Sal Mineralizado ABC para Leite - Engorda - Equinos.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 671 - fone: 826-3033 - Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas.

S.J. BOA VISTA: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3716.
RIO DE JANEIRO: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 7 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377.



ORGANIZAÇÃO:

ROTALEILÕES

034-333-3433

GILBRALTAR

FERNANDO DE NORONHA

CAMPO
GRANDE

BARRETO
SANTOS

HAVA MARHAL



LOTES		
	FÊMEAS	MACHOS
PO	20	20
POI	26	39
MOCHOS		
FÊMEAS	- 04	
MACHOS	- 20	

5 PAGAMENTOS
SEM JUROS



FAZENDA NOVA ÍNDIA

BR 163 - Km 381 - Fones: (067) 624-2070 /
(067) 624-9394 e (067) 382-1173

CAMPO GRANDE - MS